

Salambô

Gustave Flaubert

Em Megara, parte baixa de Cartago, e nos jardins de Amílcar achavam-se os soldados que ele comandara na Sicília, festejando com lauto banquete o aniversário da batalha de Eryx; e a numerosa soldadesca, na ausência de Amílcar, comia e bebia em ampla liberdade.

Os capitães, calçados com coturnos de bronze, haviam-se colocado na álea central, debaixo de um toldo de púrpura com franjas de ouro, que se estendia na parede das cavaliças até ao primeiro terraço do palácio; os soldados estavam espalhados por debaixo do arvoredado, por entre o qual se distinguia grande quantidade de edificios de telhados planos, e que eram lagares, celeiros, armazéns, padarias e arsenais, um grande pátio para elefantes, outro para as feras, e uma prisão para os escravos.

As cozinhas eram rodeadas por figueiras, e dali estendia-se fechada mata de sicómoros até grandes massas de verduras, onde as romãs resplandeciam por entre os tufos brancos de algodoeiros. Pelos troncos e ramagens de pinheiros entrelaçavam-se atrevidamente enormes vides carregadas de cachos; por baixo dos plátanos formavam as rosas, completamente desabrochadas, compacto tapete; sobre os bancos de relva balouçavam-se, de espaço a espaço, as flores-de-lis; as áleas eram cobertas com uma areia preta, misturada com pó de coral, e no centro delas formava a avenida dos ciprestes uma como que dupla colunata de obeliscos verdes.

O palácio, construído de mármore numídico, manchado de amarelo, apresentava, ao fundo, assentes em amplas bases e sobrepostos uns aos outros, os seus quatro andares de terraços. Este palácio, com a sua grande escada de um só lanço, feita de ébano, tinha nos ângulos de cada degrau a proa de uma galera vencida; com as suas portas vermelhas esquarteladas por uma cruz preta, as suas grades de bronze, que, na base, o defendiam dos escorpiões, e as suas rótulas de varinhas douradas, que lhe fechavam as aberturas pela parte superior, parecia aos olhos da soldadesca tão solene e impenetrável na sua feroz opulência como o próprio rosto de Amílcar.

Fora o Conselho quem designara a casa de Amílcar para nela se efetuar o festim. Os convalescentes, recolhidos no templo de Eschmoun, pondo-se a caminho ao romper de alva, haviam-se arrastado até ali nas suas muletas. A cada instante chegavam mais, desembocando de todos os caminhos, como torrentes que se precipitavam num lago. Por entre as árvores viam-se correr os escravos das cozinhas, assustados e seminus. O Sol tocava o seu ocaso e o perfume dos limoeiros tornava ainda mais pesadas as exalações daquela multidão escorrendo suor.

Havia ali homens de todas as nações: lígures, lusitanos, baleares, negros e fugitivos de Roma. Ao lado do pesado dialeto dórico, ouviam-se retinir as sílabas celtas, ruidosas como carros de batalha; e as terminações jónicas embatiam-se com as consoantes do deserto, ásperas como gritos de chacal. O grego reconhecia-se à primeira vista pelo delgado da cintura, o egípcio pela elevação dos ombros, o cântabro, pela grossura das barrigas das pernas. Os cários balouçavam orgulhosamente as plumas dos seus capacetes, os archeiros da Capadócia haviam pintado com sucos de ervas grandes flores por todo o corpo, e alguns lídios cobertos com vestidos de mulher comiam de chinelos e com grandes brincos nas orelhas. Outros que, por sumptuosidade, se haviam pintado de vermelhão pareciam estátuas de coral. E todos se estendiam sobre as almofadas ou comiam acorados à roda de grandes estrados, ou então, deitados de bruços, puxavam para si os pedaços de carne e saciavam-se, apoiando-se nos cotovelos, na postura pacífica dos leões despedaçando a presa. Os últimos que tinham chegado, em pé e encostados às árvores, contemplavam as rasteiras mesas, desaparecendo quase sob os tapetes escarlates, e esperavam a sua vez.

Como as cozinhas de Amílcar não eram suficientes, o Conselho enviara escravos, baixela e leitões; e no meio do jardim viam-se, como num campo de batalha quando nele se queimam os mortos, grandes fogueiras em que se assavam bois inteiros. Os pães, polvilhados de anis, alternavam com os grandes queijos, mais pesados que discos, com as crateras cheias de vinho, e cântaros cheios de água, junto de açafates de filigranas de ouro, contendo flores. A alegria de poderem enfim saciar-se com a maior comodidade dilatava todos os olhos, e por todos os lados começavam as canções.

Em primeiro lugar foram-lhes servidos, em pratos de barro vermelho com desenhos pretos, muitas aves com molho verde; depois, em pratos de âmbar amarelo, toda a espécie de mariscos que se apanham nas costas púnicas, cozidos de frumento, de favas e de cevada, e caracóis temperados com cominhos.

Em seguida foram as mesas cobertas de carne; os antílopes com chifres, os pavões com todas as penas, carneiros inteiros cozidos com vinho doce, gigotes de camelos e de búfalos, ouriços de escabeche, cigarras fritas e arganazes em calda. Em gamelas de madeira de Tamrapanni nadavam, no meio de açafão, grandes pedaços de gordura, tudo trasbordava de salmoura, de trufas e de assa-fétida. As pirâmides de fruta esboroavam-se sobre os bolos de mel; e nem sequer haviam esquecido alguns dos cãesinhos de grande ventre e de pelo rosado, que eram engordados com bagaço de azeitonas, e constituíam um manjar cartaginês, muito abominado pelos outros povos. A surpresa causada por alimentos desconhecidos excitava a cobiça dos estômagos. Os gauleses, com os compridos cabelos enrolados e presos no alto da cabeça, arrancavam uns aos outros as melancias e os limões, que logo comiam, mesmo com a casca. Os negros, que nunca tinham visto lagostas, feriam-se no rosto com os seus picos vermelhos. Mas os gregos, barbeados, mais brancos que mármore, lançavam para trás de si os sobejos de seus pratos, ao passo que os pastores do Brutium, vestidos com peles de lobos, devoravam silenciosamente, tocando quase o seu quinhão com o rosto.

Entretanto ia anoitecendo. Retiraram o velário estendido na avenida dos ciprestes e trouxeram fochos.

Os clarões vacilantes do petróleo, ardendo em vasos de pórfito, assustavam, no mais alto dos cedros, os macacos consagrados à Lua, os quais soltavam agudos gritos, para grande alegria da soldadesca.

Nas couraças de bronze refletiam-se os trémulos reflexos das oblongas chamas. Os pratos incrustados de pedras preciosas produziam toda a espécie de cintilações. As crateras, cujas bordas convexas eram de espelho, multiplicavam, aumentando-a, a imagem de todas as coisas. Os soldados juntavam-se em torno delas e miravam-se, cheios de pasmo, nos espelhos, fazendo caretas para lhes provocar o riso. Arremessavam uns aos outros, por cima das mesas, os escabelos de marfim e as espátulas de ouro. Bebiam, sem conta nem medida, de todos os vinhos contidos nos odres, os de Campânia, fechados em ânforas, o dos cântabros, conduzidos em tonéis, e do de açufateira, de cinamomo e de lódão. No solo havia poços de vinho, em que muitos escorregavam.

O fumo das carnes elevava-se por entre a folhagem, de envolta com os vapores de tantos hálitos. Ouvia-se simultaneamente o ruído da mastigação, o das palavras e o das taças, o dos vasos campanianos quebrando-se em mil bocados ou o som vibrante de algum tabuleiro de prata.

À medida que aumentava a embriaguez dos soldados, mais eles se recordavam da injustiça de Cartago.

Com efeito, a República, exausta pela guerra, deixara acumular na cidade todos os bandos que regressavam dela. Giscon, seu general, tivera, contudo, a prudência de os despedir, uns depois dos outros, para assim facilitar o pagamento de seus soldados, e o Conselho acreditava que eles consentiriam em alguma diminuição. Depois detestava-os, por não poder pagar-lhes. Esta dívida confundia-se no espírito do povo com os três mil e duzentos talentos eubóicos exigidos por Lutatius, de sorte que aqueles bandos eram, como Roma, inimigos para Cartago. Os mercenários compreendiam-no; assim a sua indignação manifestava-se em ameaças e arrebatamentos de toda a espécie. Por fim, pediram que os deixassem reunir com o fim de celebrarem uma das suas vitórias, e o partido da paz, vingando-se de Amílcar, que tanto sustentara a guerra, acedeu ao pedido.

A guerra terminara, a despeito de todos os seus esforços, e de tal modo que, perdendo a sua esperança em Cartago, entregaram a Giscon o comando dos mercenários.

O partido da paz, designando o palácio de Amílcar para receber os mercenários, lançava sobre ele parte do ódio que estes últimos lhe votavam. Depois, a despesa era excessiva, e seria ele quem a faria quase toda.

Os mercenários, pois, arrogantes por terem feito vergar a República, julgavam que iam, enfim, regressar aos seus lares, levando no regaço dos mantos o preço do seu sangue. Mas as fadigas que haviam suportado, encaradas de novo através dos vapores da embriaguez, pareciam-lhes prodigiosas e mal recompensadas. Mostravam uns aos outros as feridas que haviam

recebido e descreviam os combates, as viagens e as caçadas dos seus países; e nisto imitavam os gritos e os saltos das feras. Depois, sucederam-se imundas apostas: mergulhavam as cabeças nas ânforas e bebiam assim por muito tempo, sem se interromperem, como dromedários sequiosos. Um lusitano, que parecia gigante, com um homem suspenso em cada mão, percorria as mesas lançando fogo pelas ventas. Os lacedemónios, que não haviam tirado as couraças, davam pesadíssimos saltos. Alguns afetavam maneiras de mulher e faziam gestos obscenos; outros punham-se nus para combaterem, no meio das taças, à maneira dos gladiadores, e um grupo de gregos dançava em roda de um vaso, cujos relevos representavam ninfas, enquanto um negro batia com uma canela de boi num escudo de bronze.

De repente, ouviram um canto queixoso, um canto forte e suave que baixava e se elevava nos ares como o bater de asas de uma ave ferida. Era a voz dos escravos no ergástulo.

Muitos soldados, com a ideia de libertá-los, levantaram-se de repente e desapareceram.

Pouco depois voltaram, impelindo, no meio da vozeria, e arrastando-os pelo pó, uns vinte homens, que se diferenciavam bem dos outros pela extrema palidez. Pequenos barretes de feltro preto e de forma cônica cobriam-lhes as cabeças rapadas; calçavam todos sandálias de madeira, mas produziam um ruído de ferragens, como o das carroças em movimento.

Chegados à avenida dos aciprestes, perderam-se por entre a multidão, que os interrogava.

Um deles conservara-se em pé, a certa distância. Pelos rasgões da túnica, viam-se-lhes os ombros retalhados por fundos golpes. Encostando o peito ao queixo, olhava à roda de si com ar desconfiado, cerrando um tanto as pálpebras, que não podiam suportar o clarão dos fochos. Mas quando viu que ninguém, de toda aquela gente armada, tinha intenção de hostilizá-lo, soltou do peito amplo suspiro, balbuciando, e ao mesmo tempo rindo, por baixo das lágrimas que lhe lavavam o rosto.

Depois pegou pelas asas num cântaro cheio até às bordas, ergueu-o com os braços estendidos, carregados de grilhões de ferro, e, olhando para o céu e conservando elevado o cântaro, disse:

— Eu te saúdo, Baal-Eschmoun libertador, a quem as gentes da minha pátria chamam Esculápio! E vós, deuses ocultos sob as montanhas e nas cavernas da terra! E vós, homens fortes de resplandecentes armaduras, que me destes a liberdade!

Deixou em seguida cair o cântaro e passou a contar a sua história. Chamava-se Spendius e fora aprisionado pelos cartagineses na batalha de Eginenses; e, falando as línguas gregas, ligúrica e púnica, tornou a agradecer aos mercenários, beijando-lhes as mãos, felicitando-os, enfim, pelo banquete, e mostrando-se ao mesmo tempo muito admirado por não ver nele as taças da Legião Sagrada.

Essas taças, que tinham em cada uma das suas seis faces de ouro uma vide de esmeralda, pertenciam a uma milícia exclusivamente composta de jovens patricios, de mais elevada estatura.

O uso daquelas taças constituía um privilégio, quase uma honra sacerdotal. Assim, não havia nos tesouros da República coisa que fosse mais cobiçada pelos mercenários, que detestavam por isso a Legião, tendo chegado alguns deles a arriscar a vida pelo inconcebível prazer de beber por elas.

Os mercenários ordenaram imediatamente que lhes trouxessem as taças, que se achavam depositadas nas Syssitas, companhias de comerciantes que comiam em comum. Os escravos voltaram sem elas; a tal hora, todos os membros das Syssitas dormiam.

— Despertem-nos! — gritaram os mercenários.

Os escravos, depois de terem ido segunda vez, em vão, explicaram aos mercenários que as taças se achavam fechadas num templo.

— Abram-no! — replicaram eles.

E quando ainda os escravos, tremendo, lhes confessaram que as taças estavam nas mãos do general Giscon, exclamaram:

— Traga-as ele!

Dentro em pouco, apareceu Giscon no extremo do jardim, escoltado por uma força da Legião Sagrada. O seu amplo manto preto, preso no alto da cabeça por uma mitra de ouro, coberta de pedras preciosas, pendendo em torno dele até aos cascos do seu cavalo, confundia-se, de longe, com a cor da noite. Não se distinguia no meio da escuridão senão a sua barba

branca, a cintilação da mitra e o tríplice colar de largas lâminas azuis, que lhe caía sobre o peito.

Os soldados, vendo-o entrar, saudaram-no todos com estridente aclamação, gritando:

— As taças! As taças!

Giscon começou por declarar-lhes que, atendendo à sua coragem, eram assaz dignos de beber por elas. A multidão uivou de alegria, aplaudindo-o.

Sabia-o bem, ele, que os havia comandado e que regressara com a última coorte na derradeira galera.

— É verdade! É verdade! — diziam eles.

— A República — continuou Giscon — respeitara-lhes as suas divisões por povos, costumes e cultos: eram livres em Cartago. Mas, quanto às taças da Legião Sagrada, nada podia fazer, por quanto eram elas uma propriedade particular.

De repente, junto de Spendius, ergueu-se um gaulês, e, correndo sobre as mesas, foi direito a Giscon, ameaçando-o e gesticulando com uma espada nua em cada mão.

O general, sem se interromper, ergueu o seu pesado bastão de marfim e descarregou-lhe forte pancada na cabeça. O bárbaro caiu. Os gauleses vociferaram, e o seu furor, comunicando-se a todos os outros, ameaçava os legionários.

Giscon encolheu os ombros, vendo-os empalidecer, lembrando-se de que seria inútil a sua coragem contra aquelas feras exasperadas. Era preferível vingar-se deles, mais tarde, por meio de astúcia. Assim, fez sinal à sua escolta e afastou-se vagarosamente. Depois, quando chegou á porta, voltou-se para os mercenários e gritou-lhes que se arrependeriam do que tinham feito.

A soldadesca recomeçou o festim. Mas Giscon podia voltar, e, cercando o arrabalde que confinava com as últimas trincheiras, esmagá-los de encontro às muralhas. Então, sentiram-se isolados, apesar do seu subido número; e a grande cidade, que dormia a seus pés, envolta em sombras, inspirou-lhes de repente medo, com a sua acumulação de escadarias, as suas elevadas e negras habitações e os seus vagos deuses, mais ferozes ainda que o seu povo. Ao longe, avistavam-se alguns faróis, que iluminavam o porto, e viam-se luzes no templo de Khamon. De repente, lembraram-se de Amílcar. Onde estava ele? Porque os havia abandonado, depois de concluída a paz? As suas dissensões com o Conselho não eram, decerto, senão um jogo para os perder. Então, lançaram sobre ele todas as explosões do seu ódio insatisfeito, amaldiçoando-o e exasperando-se uns aos outros com a própria cólera.

Nesse momento, formou-se um grande ajuntamento debaixo dos plátanos. Era para ver um negro que se andava espojando, batendo com os membros no solo, com o olhar fixo, o pescoço inteiriçado e lançando espuma pelos cantos da boca. Houve quem gritasse que o negro estava envenenado, e logo todos se julgaram envenenados. Ato contínuo, caíram sobre os escravos, ergueu-se espantoso clamor, e o exército embriagado pareceu de repente impelido por uma vertigem de destruição. Feriam ao acaso à roda de si, despedaçavam, matavam; uns lançavam fâchos para onde o arvoredo era mais compacto; outros, encostando-se às grades dos leões, crivavam-nos de flechas; os mais atrevidos correram para os elefantes, querendo decepar-lhes as trombas e roubar-lhes o marfim.

Entretanto, os fundibulários baleares, que, para saquearem mais comodamente, haviam voltado o ângulo do palácio, viam-se detidos por elevada cancela feita de canas da índia. Cortaram com os punhais as correias da fechadura, e logo se acharam sob a fachada que olhava para Cartago, noutra jardim cheio de vegetação, disposta em grandes bancadas. No terreno azulado estendiam-se muitas linhas de flores brancas, seguindo-as todas, uma a uma, e descrevendo grandes parábolas, como rastos de estrelas. As moitas, envoltas em trevas, exalavam certos vapores quentes e adocicados. Havia ali árvores, cujos troncos, pintados de cinábrio, se assemelhavam a colunas ensanguentadas. No centro do jardim, havia doze pedestais de cobre sustentando grandes globos de vidro, ocos e vagamente cheios de clarões avermelhados, como enormes pupilas que denunciasses ainda restos de vida. Os soldados alumiavam-se com archotes, tropeçando a cada passo no terreno profundamente revolvido e não vendo um pequeno lago, dividido em muitas bacias, por paredes de pedras azuis. A sua água era tão límpida que o clarão dos archotes penetrava até ao fundo, refletindo-se num leito de calhaus brancos de ouro em pó. A água começou a agitar-se, deixando ver como que umas palhetas luminosas, e logo apareceram à superfície grandes peixes,

ornados de pedrarias junto das guelras.

Os soldados, desatando a rir, lançaram-lhes as mãos e levaram-nos para as mesas.

Eram os peixes da família Barca. Descendiam todos das lampreias primitivas, que haviam feito abrir o ovo místico onde se ocultava a deusa. A ideia de cometerem um sacrilégio avivou a gulodice dos mercenários; colocaram sem demora vasos de bronze sobre fogueiras e divertiram-se a ver o modo por que os magníficos peixes se debatiam na água fervente.

A vaga da soldadesca encapelava-se cada vez mais. Já lhes havia desaparecido o medo e continuavam a beber. Os perfumes que lhes escorriam da fronte caíam-lhes em grandes gotas nas esfarrapadas túnicas, e, segurando-se com ambas as mãos às mesas, que lhes parecia moverem-se como navios, lançavam à roda de si os olhos muito abertos e baços de embriaguez, para devorarem com a vista o que não podiam comer. Outros, andando por cima dos pratos, sobre as toalhas de púrpura, quebravam com pontapés os escabelos de marfim e os frascos de vidro de Tiro. As cantigas confundiam-se com o estertor dos escravos, agonizando entre as taças. Os soldados pediam vinho, manjares e ouro; gritavam por mulheres; deliravam em cem línguas. Alguns julgavam-se nas estufas, por causa dos vapores que flutuavam à roda deles; ou então, vendo a espessura da folhagem, imaginavam andar caçando e perseguiam os seus companheiros como se fossem animais silvestres. O incêndio, comunicando-se de umas a outras, ia abrangendo todas as árvores, e as elevadas massas de verdura, donde se destacavam compridas espirais brancas, assemelhavam-se a vulcões começando a vomitar fumo. O clamor redobrava; os leões, feridos, rugiam medonhamente no meio das sombras.

O palácio iluminou-se repentinamente no seu mais alto terraço, a porta central abriu-se e no limiar apareceu uma mulher, a própria filha de Amílcar, cujo vestuário era todo negro. Desceu a primeira escada, que contornava obliquamente o primeiro andar, depois a segunda, a terceira, e parou no último terraço, no topo da escada das galeras. Imóvel e cabisbaixa, contemplava a soldadesca. Atrás dela e de cada um dos lados, via-se extensa fileira de homens pálidos, vestidos com uma espécie de túnicas, com franjas vermelhas, que lhes chegavam aos pés. Estes homens não tinham barbas, nem cabelos, nem sobrancelhas. Nas mãos, resplandecentes de anéis, sustentavam enormes liras, e entoavam todos, com voz aguda, um hino à divindade de Cartago. Eram os sacerdotes eunucos do templo de Tanit, chamados muitas vezes por Salambo aos seus aposentos.

A filha de Amílcar desceu, enfim, a escada das galeras. Os sacerdotes acompanharam-na e ela dirigiu-se para a avenida dos ciprestes, caminhando vagorosamente por entre as mesas dos capitães, que recuavam vendo-a passar.

Os cabelos polvilhados com uma areia roxa e atados em forma de torre, segundo o uso das virgens da raça cananea, faziam com que parecesse mais alta do que realmente era. Presas nas fontes, desciam-lhe até aos cantos da boca, rosada como uma romã entreaberta, tranças de pérolas. Sobre o peito, via-se-lhe uma acumulação de pedras luminosas, imitando, na variedade das cores, as manchas de uma moreia. Os braços, guarnecidos de diamantes, saíam-lhe nus da túnica sem mangas e como estrelada de flores vermelhas, num fundo todo preto. Os tornozelos eram presos um ao outro por uma cadeia de ouro, que lhe media os passos, e o seu vasto manto de púrpura sombria, feito de um tecido desconhecido, arrastava atrás dela longa cauda, formando, em cada um dos seus passos, como que uma vaga que a acompanhava.

Os sacerdotes, de espaço a espaço, tiravam das liras uns sons quase abafados e, nos intervalos da música, ouvia-se o ligeiro ruído da cadeia de ouro que ligava os pés de Salambo e uma espécie de estalido regular produzido pelas suas sandálias de papiro.

Ninguém a conhecia ainda. Apenas era sabido que vivia retirada e entregue a devotas práticas. Havia soldados que a tinham avistado, de noite, no alto do seu palácio, de joelhos na presença das estrelas, entre os perfumados turbilhões de inúmeras caçoilas. Fora a Lua que a tornara tão pálida; e havia o que quer que fosse, que era dos deuses, que a envolvia com um vapor subtil. As suas pupilas pareciam fitas em pontos muito distantes, além dos espaços terrestres. Caminhava, pois, cabisbaixa, tendo na mão uma pequena lira de ébano.

Os soldados ouviram-na murmurar:

— Mortos! Todos mortos! Não mais acudirão à minha voz, como quando, assentada na beira do lago, vos lançava na

goela pevides de melancia! O mistério de Tanit ocultava-se no fundo dos vossos olhos, mais límpidos que os glóbulos dos rios. — E chamava-os pelos seus nomes, que eram os nomes dos meses. — Siv! Sivan! Thamouz, Eloul, Tischri, Schebar. Ah! Apiedai-vos de mim, ó deusa!

Os soldados, sem compreenderem o que ela dizia, agrupavam-se em torno, pasmados diante do seu vestuário e adornos. Mas ela percorria-os todos com olhar desvairado; depois, erguendo a fronte e estendendo os braços, repetiu muitas vezes:

— Que fizestes! Que fizestes! E contudo — prosseguiu ela —, para vos deleitares, tínheis à vossa disposição carnes, azeite, todo o malóbatro dos celeiros! Tinha mandado vir bois de Hecatompila, enviara caçadores ao deserto! — E a voz tornara-se-lhe trémula e as faces coloriram-se-lhe: — Onde estais vós? Estais numa cidade conquistada ou no palácio de um amo? E que amo! O sufeta Amílcar, meu pai, servidor dos Baals! Foi ele quem recusou a Lutatius as vossas armas, agora tintas no sangue dos seus escravos! Conheceis algum, nas vossas pátrias, que saiba melhor comandar nas batalhas? Olhai! Os degraus do nosso palácio estão atulhados com os troféus das nossas vitórias! Continuai! Incendiai! E eu levarei comigo o Génio da minha casa, a minha serpente preta, agora adormecida sobre folhas de lódão! Assobiarei a ela seguir-me-á, e se embarcar numa galera, acompanhar-me-á correndo na esteira do meu navio, sobre a espuma das ondas!

Nisto viam-se-lhe palpitar as delgadas narinas; recurvava as unhas sobre as pedras que lhe ornavam o peito. Depois a vista amorteceu-se-lhe e prosseguiu:

— Ah! Pobre Cartago! Lamentável cidade! Já não tens para te defenderes os homens fortes de outrora, que iam além dos oceanos erguer templos em suas margens. Todos os países trabalhavam à roda de ti, e as planícies do mar, sulcadas pelos teus remos, baloiçavam as tuas colheitas.

E passou a contar as aventuras de Melkarth, deus dos sidónios e pai da sua família, descrevendo a ascensão das montanhas de Ersifonia, a viagem a Tartessus e a guerra contra Masisabal, para vingar a rainha das serpentes.

— E perseguia na floresta o monstro fêmea, cuja cauda ondulava sobre as folhas secas, como argênteo ribeiro; e chegou a um campo, onde viu mulheres com corpo de dragão circundando uma grande fogueira, eretas nos extremos das suas caudas. A Lua, cor de sangue, resplandecia no centro de um círculo baço, e as línguas vermelhas dos monstros, fendidas como arpões de pescadores, alongavam-se, recurvando-se até junto das chamas.

E Salambo, sem se intrometer, contou como Melkarth, depois de ter vencido Masisabal, lhe decepou a cabeça e a colocou na proa do seu navio.

— A cada novo embate das ondas, mergulhava nas espumas a cabeça do vencido. Mas o Sol embalsamava-a: tornou-se mais rija do que se fora de ouro. Contudo, os olhos não cessavam de chorar e as suas lágrimas caíam incessantes nas águas!

Salambo contava todos estes feitos num velho idioma cananeu, que os bárbaros não percebiam. Ignorando o que ela poderia estar dizendo, acompanhando-se com tão medonhos gestos, perguntavam-no uns aos outros; e, trepidos à roda dela, sobre as mesas, nos troncos dos sicómoros, boquiabertos e com os pescoços estendidos, diligenciavam abranger o sentido das vagas histórias, que se lhes baloiçavam na imaginação, através da obscuridade das teogonias, como fantasmas em nuvens.

Somente os sacerdotes desbarbados compreendiam Salambo; e as suas mãos, contraídas sobre as cordas de liras, estremeciam, e, de espaço a espaço, tiravam delas um som lúgubre; porque, mais fracos que mulheres velhas, tremiam, ao mesmo tempo, por efeito da comoção mística que experimentavam, e pelo medo que lhes inspiravam os homens. Os bárbaros, continuando a ouvir cantar a virgem, não lhe prestavam a menor atenção.

Nenhum deles fitava a filha de Amílcar como um jovem chefe núbida, que se achava na mesa dos capitães, rodeados pelos soldados da sua nação. Tinha a cinta tão eriçada de dardos, que estes formavam como que uma corcunda sob o seu vasto manto, preso nas fontes com uma correia. O tecido de que ele era feito, brilhando-lhe sobre os ombros, cobria-lhe de sombra o rosto, do qual só se distinguiam as duas chamas dos seus olhos fixos. Era por acaso que ele se achava naquele festim, pois que o seu pai o mandara viver em casa dos Barcas, segundo o costume dos reis, que entregavam seus filhos aos cuidados das primeiras famílias, para assim lhes prepararem alianças. Mas havia seis meses que Narr'Havas ali habitava, sem nunca ter visto Salambo. De sorte que, assentado nos calcanhares, com a barba inclinada sobre as hastes das suas azagaias,

contemplava-a com as ventas dilatadas, como um leopardo acorçado no meio dos juncos.

Do outro lado das mesas estava um líbio de estatura colossal, cabelos curtos e encarapinhados, o qual só conservava vestida a sua opa militar, cujas chapas de bronze davam, a cada movimento, novo rasgão na púrpura do leito. Sobre o cabeludo peito pendia-lhe um colar formado de luas de prata. Tinha as faces todas manchadas de sangue e, apoiado no cotovelo esquerdo, sorria-se abrindo desmedidamente a boca.

Salambo deixara já o ritmo sagrado e empregava simultaneamente todos os idiomas dos bárbaros, delicadeza feminina para lhes abrandar a cólera. Aos gregos falava em grego, e depois voltava-se para os lígures, para os campânios, para os negros, e todos, ouvindo-a, tornavam a achar na sua voz a doçura da pátria. Entusiasmada pelas recordações de Cartago, passara a contar as antigas batalhas contra Roma; os bárbaros aplaudiam-na. Inflammava-se com a cintilação das suas espadas nuas, e, com os braços estendidos, fazia enérgicas exclamações. Deixou cair a lira, calou-se, e, comprimindo o coração com ambas as mãos, permaneceu alguns instantes com as pálpebras cerradas, saboreando a agitação de todos aqueles homens.

Matho, o líbio, inclinava-se cada vez mais para ela, que, por fim, se aproximou dele, e, impelida pelo reconhecimento do seu orgulho, vazou-lhe numa taça de ouro avultada porção de vinho, para se reconciliar com o exército.

— Bebe! — disse-lhe ela.

O líbio pegou na taça e aproximava-a já dos lábios, quando um gaulês, o mesmo que Giscon derrubara com o seu bastão, lhe pôs a mão no ombro, dirigindo-lhe ao mesmo tempo, com ar jovial, uma série de gracejos na língua do seu país. Spendius não estava longe; ofereceu-se para lhes explicar.

— Fala! — disse Matho.

— Os deuses protegem-te; vais ser rico. Quando são as núpcias?

— Quais núpcias?

— As tuas! Entre nós — disse o gaulês —, quando uma mulher dá de beber a um soldado é porque lhe oferece o seu leito.

Ainda bem não tinha terminado estas palavras quando Narr'Havas, dando um salto, tirou da cinta um dardo e, especando o pé direito na beira da mesa, arremessou-o contra Matho.

O dardo sibilou por entre as taças e, atravessando o braço do líbio, cravou-se tão fortemente no leito, que a haste oscilou por um instante.

Matho arrancou rapidamente o dardo, mas estava desarmado; estava quase nu. Então, erguendo com ambos os braços a mesa, sobrecarregada ao máximo, arrojou-a sobre Narr'Havas, por entre a multidão que se precipitara entre eles. Os soldados e os númidos aglomeravam-se, apertavam-se de tal modo, que nem podiam desembainhar as espadas. Matho continuava a avançar, abrindo caminho à força de furiosas marradas. Quando ergueu a cabeça, já Narr'Havas havia desaparecido. Em vão o procurou com a vista. Salambo ausentara-se também.

Então, olhando para o palácio, avistou a filha de Amílcar transpondo a porta vermelha, com a cruz preta, do último terraço, e dirigiu-se arrebatadamente para ela.

Todos o viram correr, por entre as proas das galeras, até à porta vermelha, que já se havia fechado, contra a qual se arrojou com toda a sua força. Arquejante, encostou-se à parede para não cair. Mas houve um homem que lhe seguiu os passos, e, apesar da escuridão, porquanto o ângulo do palácio interceptava os clarões do festim, reconheceu Spendius.

— Vai-te! — disse-lhe ele.

O escravo, sem responder, começou a rasgar a túnica com os dentes; depois, ajoelhando aos pés de Matho, pegou-lhe brandamente no braço, e começou a apalpar-lho na sombra, para lhe encontrar a ferida. À claridade de um raio de Lua lobrigou Spendius no meio do braço de Matho um horrível ferimento, e logo começou a enrolar-lho com o pedaço de tecido que rasgara da túnica; mas o outro, irritado, dizia-lhe:

— Deixa-me! Deixa-me!

— Não! — replicou o escravo. — Livraste-me do ergástulo; és meu senhor. Pertenço-te; ordena!

Matho, encostado às paredes, começou a girar à roda do terraço. Aplicava o ouvido a cada passo que dava, e, pelas rótulas douradas, mergulhava a vista nos silenciosos aposentos. Por fim, parou com ar desesperado.

— Escuta-me! — disse-lhe o escravo. — Não me desprezes pela minha fraqueza! Vivi no palácio; posso penetrar nele como uma víbora, escorregando pelas paredes. Vem! Há na Câmara dos Anciãos uma barra de ouro debaixo de cada laje, e um caminho subterrâneo que conduz aos seus túmulos.

— Que me importa tudo isso!?! — disse Matho.

Spendius calou-se.

Achavam-se no último terraço. Diante deles erguia-se uma massa enorme de sombra, que parecia conter vagos amontoamentos, semelhantes às ondas gigantes de um oceano negro, petrificado. Mas do lado do Oriente entrou a elevar-se uma faixa luminosa; à esquerda, lá muito abaixo, começavam os canais de Megara a raiar com as suas sinuosidades esbranquiçadas a verdura dos jardins. Os telhados cónicos dos templos heptagonais, as escadarias, os terraços, as trincheiras iam-se destacando, pouco a pouco, na palidez da aurora, e em volta de toda a península cartaginesa oscilava uma espécie de cinta de espuma branca, ao passo que o mar, cor de esmeralda, parecia como que coalhado com a frescura da manhã. Depois, à medida que o céu se ia mais amplamente colorindo, pareciam erguer-se mais e amontoar-se as casas inclinadas sobre os declives do terreno, qual rebanho de cabras negras descendo das montanhas. As ruas desertas pareciam alongar-se; as palmeiras, subindo acima dos muros, por um e outro lado, não se moviam; as cisternas, cheias de água, pareciam escudos de prata, perdidos nos pátios; o farol do promontório Hermoeum começava a empalidecer. No ponto mais alto da Acrópole, no bosque dos ciprestes, sentiam os cavalos de Eschmoun chegar a luz, pousavam os cascos sobre o parapeito de mármore e rinchavam para o lado do Sol.

O luminoso astro apareceu, enfim. Spendius ergueu os braços e soltou um grito.

Tudo se agitava no meio da vermelhidão subitamente espargida, porque Deus, como que despedaçando-se, vazava em feixes de raios sobre Cartago a chuva de ouro que lhe saía das veias. Os esporões das galeras cintilavam, a cúpula de Khamon parecia abrasada, e no interior dos templos, cujas partes se iam abrindo, avistavam-se vagos clarões. Pelas mas rodavam os enormes carros que vinham dos campos. Pelas rampas desciam muitos dromedários carregados de bagagens. Nas encruzilhadas abriam os cambistas os mostradores das suas lojas; muitas cegonhas ergueram voo, muitos véus brancos se agitavam. No bosque de Tanit ouvia-se o pandeiro das cortesãs sagradas e na ponta dos Mapales começavam a deitar fumo os fornos em que se coziavam os ataúdes de barro.

Spendius debruçou-se para fora do terraço; os dentes batiam-lhe uns nos outros e não cessava de repetir:

— Sim, sim, senhor! Já compreendo porque há pouco desprezaste o saque do palácio.

Matho como que despertou ao som da sua voz e pareceu não compreender o que ouvira; Spendius continuou:

— Que riquezas! E os homens que as possuem nem têm ferro para defendê-las!

Então, apontando alguns da população, que, fora do molhe, andavam de rastos sobre a areia, em busca de palhetas de ouro, disse-lhe:

— Olha! A República é como aqueles miseráveis: curvada à beira dos oceanos, crava em todas as margens os seus braços ávidos, e o ruído das vagas ensurdece-a de tal modo que não sentirá, atrás de si, os passos de um senhor!

Em seguida, conduziu Matho ao outro extremo do terraço e acrescentou, indicando-lhe o jardim, onde reluziam com o Sol as espadas dos soldados penduradas nas árvores:

— Mas ali estão homens fortes, exasperados e cheios de ódio! E nada os liga a Cartago: nem famílias, nem juramentos, nem deuses!

Matho permaneceu apoiado à parede. Spendius, aproximando-se-lhe mais, prosseguiu lentamente e em voz baixa:

— Compreendes-me, soldado? Como sátrapas, passearíamos cobertos de púrpura; lavar-nos-iam com perfumes; seria a minha vez de ter escravos! Não estás ainda cansado de dormir na terra dura, de beber o vinagre dos acampamentos e de ouvir sempre a trombeta? Descansarás mais tarde, não é verdade? Sim, quando te arrancarem a couraça para lançarem o teu cadáver

aos abrutes, ou, então, quando, encostado a um bordão, cego, coxo, débil, andares de porta em porta, contando às crianças e aos vendilhões de salmoura os feitos da tua mocidade! Recordá-te de todas as injustiças dos teus chefes, dos acampamentos na neve, das corridas sob os ardores do Sol, das tiranias da disciplina e da eterna ameaça da cruz! E depois de tantas misérias lançaram-te ao pescoço um colar de honra, como os de guizos nos peitorais dos asnos, para os atordoar durante o caminho, fazendo com que não sintam a fadiga. Um homem como tu, mais bravo que Pyrrhus! Contudo, se quisesses! Ah! Como não serias feliz nas grandes salas frescas, ouvindo o som das liras, deitado sobre flores, rodeado de truões e de mulheres! Não me digas que é empresa impossível! Acaso os mercenários não possuíram já Rheggium e outras praças fortes na Itália? O que te impede? Amílcar está ausente. O povo detesta os ricos. Giscon nada pode sobre os cobardes que o cercam. Mas tu és bravo: a ti obedecerão eles! Comanda-os! Cartago pertence-nos; lancemos-lhe as mãos!

— Não! — disse Matho. — A maldição de Moloch pesa sobre mim. Senti-o na sua presença; e ainda há pouco vi, num templo, um carneiro preto recuando. — E, olhando à roda de si, acrescentou: — Mas onde está ela?

Por detrás deles fumegava ainda o arvoredo; sobre os pratos do banquete caíam de vez em quando ramos enegrecidos e esqueletos de macacos meios carbonizados. Os soldados, embriagados, ressonavam com as bocas abertas, ao lado dos cadáveres, e os que não dormiam, deslumbrados pela luz do dia, conservavam-se de cabeça baixa. O solo, todo espezinhado, desaparecia em partes, sob grandes poças vermelhas. Os elefantes baloiçavam, por entre as vigas dos seus pátios, as ensanguentadas trombas. Nos celeiros, abertos, viam-se muitos sacos de farinha entornados, e à porta do jardim espessa linha de carros, amontoados pelos bárbaros; os pavões, empoleirados nos cedros, abriam os seus leques e soltavam repetidos gritos.

Entretanto, a imobilidade de Matho espantava Spendius: a palidez aumentara-lhe e, com o olhar fixo, seguia qualquer coisa no horizonte, apoiando-se com as duas mãos na beira do terraço. Spendius, curvando-se, acabou por descobrir o que ele estava contemplando.

Ao longe, envolto em poeira, na estrada de Utica, via-se girar um ponto de ouro; era o eixo de um carro puxado por duas mulas; na frente do temão corria um escravo, guiando-a pelas rédeas. O carro conduzia duas mulheres. As mulas levavam as crinas atadas entre as orelhas, ao uso persa, sob uma rede de pérolas azuis. Spendius reconheceu-as e a custo conteve um grito.

Pela parte de trás do carro, flutuava, solto ao vento, um grande véu.

Passados dois dias, os mercenários tinham saído de Cartago.

Haviam dado uma moeda de ouro a cada um, com a condição de que iriam acampar em Sicca, dizendo-lhes ao mesmo tempo, no tom mais acariciador:

— Sois os salvadores de Cartago! Mas, permanecendo na cidade, reduzi-la-eis à fome, tomá-la-eis insolúvel. Afastai-vos! A República, mais tarde, mostrar-vos-á o seu reconhecimento pela vossa condescendência. Vamos desde já levantar impostos; completar-se-vos-á o vosso soldo e aprestar-se-ão galeras que vos conduzirão às vossas pátrias!

Os mercenários não sabiam nada que pudessem responder a tão boas palavras. Estes homens, acostumados à guerra, sentiam-se enfadados vivendo numa cidade. Não custou, portanto, convencê-los, e o povo de Cartago correu todo às muralhas, para assistir à sua retirada.

Foi pela rua de Khamon e pela porta de Cirta que eles desfilaram, todos em confusão, os archeiros com os hoplitas, os capitães com os soldados, os lusitanos com os gregos. Marchando, assentavam atrevidamente no lajedo os pesados coturnos; os cocares dos seus capacetes, quais chamas vermelhas, torciam-se no ar ao capricho do vento. Tinham as armaduras amolgadas pelas catapultas e os rostos crestados pelo sol das batalhas. Por entre as espessas barbas saíam-lhes gritos roucos; as cotas de malha, despedaçadas, batiam-lhes nos punhos das espadas, e pelos buracos do bronze viam-se-lhe os membros nus, medonhos como máquinas de guerra. Sarissas, achas de armas, venábulos, barretes de feltro e capacetes de ferro, tudo oscilava ao mesmo tempo e com um só movimento. Enchiam a rua quase a ponto de arrombarem as paredes; a extensa massa da soldadesca armada parecia extravasar-se por entre as elevadas casas de seis andares, lambuzadas de betume. Por detrás das suas rótulas de ferro ou de canas, distinguíam-se muitas mulheres, cobertas com véus, vendo silenciosamente passar os bárbaros.

Os terraços, as fortificações, as muralhas quase desapareciam sob a multidão dos cartagineses, todos com vestuário negro. As túnicas dos marinheiros produziam como que umas nódoas de sangue entre a sombria turba; e sobre a folhagem das colunas e entre os ramos das palmeiras viam-se gesticulando crianças quase nuas e cuja pele brilhava por baixo dos braceletes de cobre que lhes serviam de adorno.

Alguns anciãos haviam-se postado sobre as plataformas das torres, e ninguém sabia o motivo por que assim se via, de distância em distância, um personagem de comprida barba e em atitude pensativa. Destacavam-se do fundo formado pelo céu, e avistavam-se de longe, vagos como fantasmas e imóveis como rochedos.

Entretanto, todos se sentiam oprimidos pela mesma inquietação. Em geral o temor de que os bárbaros, vendo-se tão fortes, tivessem a fantasia de querer ficar. Mas eles retiravam-se com tanta confiança, que os cartagineses sentiam crescer-lhes o ânimo, e fraternizavam com os soldados, a quem sobrecarregavam de juramentos e abraços. Alguns houve que, por exageração da política e audácia hipócrita, os convidavam a que não saíssem da cidade. Lançavam sobre eles perfumes, flores e moedas de prata. Davam-lhes amuletos contra as doenças, mas depois de haverem cuspidos sobre eles três vezes ou de os terem envolvido em pelo de chacal, que orna o coração cobarde. Invocavam em voz alta, sobre eles, a proteção de Melkart, e em voz baixa a sua maldição.

Atrás deles seguiam as volumosas bagagens, as bestas de carga e os rancheiros. Muitos doentes iam gemendo sobre dromedários; outros caminhavam aboroados ao troço de um chuço, coxeando. Os bêbedos conduziavam odres; os vorazes, quartos de carneiro ou de vitelo, bolos, frutas, manteiga em folha de palmeira e neve em sacos de linhagem. Viam-se alguns de chapéus de sol na mão e com papagaios empoleirados nos ombros; outros acompanhados por cães de fila, gazelas ou panteras. Mulheres de raça líbica, montadas em jumentos, invetivavam as negras que tinham abandonado, pelos soldados, os lupanares de Malqua: muitas amamentavam crianças, que levavam suspensas ao peito por meio de uma correia. As mulas, agrilhoadas com as pontas das espadas, vergavam as espinhas sob os fardos das tendas; e acompanhava-os, além de tudo isto, grande

quantidade de serventes e aguadeiros, macilentos, amarelados pelas febres e cobertos de piolhos, escuma da plebe cartaginesa, que voluntariamente se ligara aos bárbaros.

Apenas os mercenários acabaram de sair da cidade, logo as portas se fecharam atrás deles. Mas o povo não desceu das muralhas. Dentro em pouco o exército espalhou-se por toda a amplidão do istmo.

A soldadesca dividiu-se em massas desiguais. Depois, já as lanças não se avistaram senão como ténues vergôntes de acanhada vegetação, e, por fim, tudo se perdeu num rasto de poeira. Os soldados que se voltavam e olhavam para Cartago já não distinguiam senão as extensas muralhas, com as suas seteiras vazias recortadas no céu.

Então, ouviram os bárbaros um grande grito. Julgaram que alguns dos seus, que houvessem ficado na cidade, porque eles próprios ignoravam o seu número, se divertiam em saquear algum templo. Riram-se muito desta lembrança e continuaram o caminho.

A sua alegria era imensa por se acharem, como dantes, caminhando juntos pelas campinas; e os gregos entoavam a velha canção dos Mamertinos:

*Com a minha lança e a minha espada
Cultivo e faço a colheita;
O dono da casa sou eu!
O homem desarmado cai a meus pés,
E chama-se Senhor e Grande Rei!*

Gritavam, pulavam, e os mais joviais começaram a contar histórias. Chegando a Tunes, deram alguns pela falta de uma força de fundibulários baleares. Não estavam, decerto, longe; não pensaram mais neles.

Uns alojaram-se nas casas, outros acamparam próximo dos muros e os habitantes da cidade de bom grado conversavam com os soldados.

Durante uma noite inteira, avistaram fogos que pareciam incendiar o horizonte, ao lado de Cartago; aqueles clarões, como de archotes gigantes, alongavam-se pelas águas imóveis do lago. Ninguém no exército podia dizer que festa estariam celebrando.

No dia seguinte, atravessaram os bárbaros uma grande campina toda cultivada. À beira do caminho sucediam-se as herdades dos patrícios. Viam-se grandes regatos correndo por entre os bosques de palmeiras; as oliveiras descreviam extensas filas verdes; sobre as colinas fluuavam vapores rosados, e por detrás de tudo erguiam-se montanhas azuis. O vento que soprava era quente e pelas longas folhas de catos viam-se trepar enormes camaleões.

Os bárbaros foram, pouco a pouco, diminuindo a rapidez da marcha.

Começaram a caminhar divididos em grupos isolados ou arrastando-se, uns após outros, mas muito distanciados. Demoravam-se comendo uvas à beira das vinhas, deitando-se sobre a relva, e admiravam, espantados, os grandes chifres dos bois torcidos artificialmente, as ovelhas revestidas de peles para lhes resguardarem a lã, os sulcos da terra cruzando-se, para formarem quebradas, as relhas dos arados semelhantes a âncoras de navios e as romãzeiras regadas com sílfio. Toda esta opulência da terra, todas estas invenções os deslumbravam.

Quando anoiteceu, deitaram-se sobre as tendas, sem que as desdobrassem; e, adormecendo, com os rostos voltados para as estrelas, sentiam-se cheios de saudades do festim de Amílcar.

Pelo meio-dia seguinte, fizeram alto na beira de um rio, à sombra de uma grande mata de eloendros. Então, desembarçaram-se apressadamente de suas lanças, escudos e cinturões. Lavavam-se no meio de altos gritos, bebiam água pelos capacetes, outros faziam-no deitados de bruços, mesmo no meio das bestas de carga, que lançavam para o chão as bagagens que conduziam.

Spendius, assentado sobre um dromedário, roubado dos jardins de Amílcar, avistou de longe Matho, que com o braço ao

peito, a cabeça descoberta, cabisbaixo, e os olhos fitos na água corrente, deixava à vontade beber a sua mula. Spendius correu logo por entre a multidão, chamando-o:

— Meu senhor! Meu senhor!

Muito fez Matho se lhe agradeceu as saudações; Spendius, sem atender à indiferença, começou a seguir-lhe os passos e, de vez em quando, voltando os olhos para Cartago.

Spendius era filho de um retórico grego e de uma prostituta de Campânia. Enriquecera outrora vendendo mulheres. Depois, perdendo quanto possuía num naufrágio, tomara parte na guerra contra os romanos, junto com os pastores do Samnium. Fora aprisionado, mas fugira; sendo apanhado de novo, trabalhara nas pedreiras, arquejara nas estufas, gemera nos suplícios. Tivera diversos senhores e conhecera todos os furores. Um dia, enfim, impelido pelo desespero, lançara-se ao mar, do alto do trirreme onde ia remando. Encontrado e reconhecido, depois, por alguns marinheiros de Amílcar, fora conduzido por eles a Cartago e metido no ergástulo de Megara. Mas como deviam ser entregues aos romanos os seus trãsfugas, aproveitara-se da desordem de Cartago para fugir com os soldados.

Durante todo o dia, conservou-se junto de Matho. Servia-lhe o alimento, ajudava-o a apear-se e à noite estendia o tapete para servir-lhe de cama. Matho foi-se sentindo gradualmente vencido pela solicitude e dedicação de Spendius, e já, de vez em quando, lhe dirigia algumas palavras.

Matho nascera no golfo Syrtense. Seu pai conduzira-o em peregrinação ao templo de Ámon. Depois, fora caçador de elefantes na floresta de Garamantos; em seguida, alistara-se ao serviço de Cartago; e, na tomada de Drepanum, fora nomeado tetrarca. A República devia-lhe quatro cavalos, vinte e três medidas de trigo e o soldo de um inverno. Temia os deuses e desejava morrer na sua pátria.

Spendius entretinha-se com as descrições das suas viagens, dos templos que tinha visitado e das coisas para que se achara apto, e que não eram poucas: sabia fazer sandálias, chuços, redes de pesca, domesticava feras e não desconhecia o melhor modo de cozer peixe.

Por vezes, interrompendo-se, soltava do fundo do peito um grito rouco; a mula de Matho apressava a andadura, as outras faziam o mesmo para a acompanharem. Depois, Spendius recomeçava, sempre agitado pela aflição e medo que o dominavam. Finalmente, na noite do quarto dia, sentiu-se tranquilo.

Caminhavam a par um do outro, à direita do exército, sobre o flanco de uma colina. Abaixo deles, prolongava-se a planície, perdida no meio dos vapores da noite. As linhas de soldados, desfilando num plano inferior, produziam ondulações na sombra. De espaço a espaço, passavam por iminências iluminadas pelo luar. Então brilhava uma estrela na ponta de cada lança, os capacetes reluziam por um instante, desaparecia tudo, e logo, sem interrupção, sobrevinham outros. O ruído de todos aqueles passos sobre a relva, surdo e cadente, era absorvido, na sua monotonia, pelo silêncio dos campos. Ao longe, sentiam-se balar os rebanhos pressentidos, e sobre a terra parecia descer o que quer que era de infinitamente suave.

Spendius, com a cabeça inclinada para trás e os olhos meio cerrados, aspirava com fundos suspiros a frescura do vento, abria os braços e movia os dedos para melhor sentir a carícia que lhe envolvia todo o corpo. As esperanças de vingança, renascidas, transportavam-no.

Colou a palma da mão à boca, para abafar os soluços, e, meio desfalecido pela embriaguez do prazer, largava o cabresto do seu dromedário, que não deixava de avançar com os seus grandes passos irregulares. Matho tornara a cair em tristeza. As pernas pendiam-lhe até ao chão e as estevas, chicoteando-lhe os coturnos, produziam contínuo ruído.

Entretanto, a estrada continuava sempre a alongar-se sem jamais mostrar o termo. No extremo de uma planície, deparava-se-lhes sempre uma espécie de plataforma circular; depois desciam para um vale, e as montanhas, que pareciam fechar o horizonte, dir-se-ia que se deslocavam à medida que diminuía a distância a que se achavam. De espaço a espaço aparecia uma ribeira no meio da verdura das tamargueiras, perdendo-se, depois de mil rodeios, por entre as colinas. Muitas vezes, o caminho parecia cortado por um enorme rochedo, semelhante à proa de um navio ou ao pedestal de alguma coluna desaparecida.

Com intervalos regulares, encontravam-se pequenos templos quadrangulares, que serviam de estação aos peregrinos que se dirigiam a Sicca. Estes templos eram fechados como túmulos. Os líbios, para que lhes abrissem, batiam nas portas com fortes pancadas; mas, de dentro, ninguém lhes respondia.

Depois, foi rareando mais a cultura, e o exército entrou, quase sem transição, em largas zonas de areia, eriçadas de moitas espinhosas. Por entre as pedras andavam alguns rebanhos roendo amareletas ervas. Estes rebanhos eram guardados por uma mulher, com um velo verde cingido à cintura. Esta mulher fugiu, soltando agudos gritos, apenas lobrigou por entre os rochedos as lanças dos soldados.

Os bárbaros iam desfilando por uma espécie de corredor formado por duas cordilheiras de montículos avermelhados, quando, de repente, lhes chegou às narinas um cheiro extremamente nauseabundo, parecendo-lhe ao mesmo tempo que distinguiam, no alto de uma alfarrobeira, o que quer que era de extraordinário: acima da folhagem erguia-se uma cabeça de leão.

Todos correram para o mesmo ponto. Era um leão pregado pelos quatro membros numa cruz, como um criminoso. O enorme focinho pendia-lhe para o peito e as duas patas dianteiras, ocultas quase pela abundante juba, estavam de todo abertas como asas de uma ave. As costelas contavam-se-lhe, uma a uma, sob a inteiriçada pele. As patas traseiras, pregadas uma sobre a outra, estavam um tanto subidas, e o enegrecido sangue, escorrendo-lhe por entre o pelo, formara estalactites no extremo da cauda, estendida toda ao longo da cruz. Os soldados divertiram-se muito à roda do supliciado; chamavam-lhe cônsul e cidadão de Roma e atiravam-lhe pedras aos olhos, para fazerem sair deles grande quantidade de mosquitos.

Distantes cem passos, depararam-se aos mercenários mais dois; mas depois viram, inesperadamente, uma extensa fileira de cruces sustentando leões. Uns estavam mortos havia tanto tempo que já não restavam nos madeiros senão restos dos seus esqueletos; outros, meio carcomidos, tinham o pescoço torcido, fazendo horrível careta. Entre eles havia alguns enormes; as hastes das cruces vergavam com o peso dos seus corpos baloiçados pelo vento, e por cima, na atmosfera, pairavam incessantemente numerosos bandos de corvos. Era assim que os campônios cartagineses se vingavam das feras que conseguiam apanhar, esperando, com tal exemplo, aterrorizar as outras. Os bárbaros, cessando de rir, caíram em prolongada admiração.

“Que povo é este”, pensavam eles, “que se ocupa em sacrificar leões?!”

No fim de tudo, os bárbaros, principalmente os do Norte, sentiam-se vagamente inquietos, perturbados e até doentes. Rasgavam as mãos a cada passo nos espinhos dos aloés; custava-lhes a suportar os enormes mosquitos que lhes zumbiam aos ouvidos e começavam a ser atacados de disenteria. Impacientavam-se por não avistarem ainda Sicca. Temiam perder-se no deserto, lugar das areias e dos perigos. Muitos não queriam continuar a caminhar. Outros voltavam para trás, tomando novamente o caminho de Cartago.

Finalmente, no sétimo dia, depois de haverem seguido por muito tempo pela base de uma montanha, voltaram de repente para a direita e avistaram, então, uma linha de muralhas, assentes em rochas brancas e confundindo-se com elas. De súbito, apareceu inteira a cidade, e sobre as suas muralhas muitos véus brancos, azuis e amarelos, agitando-se no meio da vermelhidão da tarde. Eram as sacerdotisas de Tanit, que ali tinham acorrido para receberem os homens. Estavam alinhadas ao longo da trincheira, tocando tamboris, liras e crótalos, e os raios do Sol, que por detrás delas caminhava para o seu ocaso, nas montanhas de Numídia, passavam por entre as cordas das harpas sobre que elas alongavam seus braços nus. De espaço a espaço, calavam-se de repente todos os instrumentos e ouvia-se um grito estridente, precipitado, furioso, contínuo, espécie de uivo que elas produziam, batendo com a língua nos dois cantos da boca. Outras conservavam-se encostadas com os queixos apoiados nas mãos, mais imóveis que esfinges, dardejando os raios dos seus grandes olhos pretos sobre o exército que para elas avançava.

Conquanto Sicca fosse cidade sagrada, não podia conter semelhante multidão. Só o templo e as suas dependências ocupavam metade dela. Assim, os bárbaros acamparam comodamente na planície, os que eram disciplinados por corpos regulares, os outros por nações ou segundo a sua fantasia.

Os gregos alinharam em fileiras paralelas as suas tendas de pele; os iberos dispuseram em círculo os seus pavilhões de linhagem; os gauleses construíram barracas de madeira; os líbios cabanas de pedras secas, e os negros cavaram com as unhas, na areia, grandes covas para dormirem. Muitos, por não saberem onde se colocar, erravam por entre as bagagens, e à noite estenderam no chão os seus mantos esburacados e adormeceram sobre eles.

A planície estendia-se à roda do exército, orlada toda de montanhas: num ou noutro ponto elevava-se uma palmeira curvada toda sobre uma duna de areia; os pinheiros e os carvalhos orlavam os precipícios. Algumas vezes, como comprida faixa, pendia do céu a chuva de uma tempestade, ao passo que a campina permanecia por toda a parte coberta de azul e serenidade. Depois, soprava um vento quente, que levantava turbilhões de poeira — e das alturas de Sicca, onde se erguia o templo da Vénus Cataginesa, dominadora daquelas paragens, com a sua cúpula de ouro e colunas de bronze, precipitava-se em cascata um grande ribeiro. Parecia que a deusa comunicava a sua índole a todos aqueles sítios. Pelas convulsões dos terrenos, pelas alternativas da temperatura e combinações de luz, manifestava ela a extravagância da sua força, com a beleza do seu eterno sorriso. As montanhas, no seu cume, tinham a forma de um crescente; outras assemelhavam-se a peitos femininos, oferecendo os seios entumecidos. E os bárbaros sentiam pesar-lhe sobre as fadigas um abatimento, que era cheio de delícias. Spendius, com o dinheiro que produzira a venda do seu dromedário, comprara um escravo. Durante todo o dia dormia estendido à entrada da tenda de Matho. Muitas vezes acordava, julgando em sonhos ouvir sibilar o azorrague. Então, sorrindo, passava as mãos pelas cicatrizes que tinha nas pernas, nos sítios em que por tanto tempo tivera ferros. Depois, tornava a adormecer.

Matho aceitava a companhia de Spendius, e, quando saía, escoltava-o ele, como um lictor, armado com comprida espada, ou então Matho apoiava-se-lhe negligentemente ao ombro, porque Spendius era de pequena estatura.

Numa tarde em que andavam ambos percorrendo as diversas ruas do acampamento, avistaram um grupo de homens cobertos com mantos brancos; entre eles achava-se Narr'Havas, o príncipe dos númidas. Matho estremeceu.

— A tua espada! — exclamou ele. — Quero matá-lo!

— Ainda não! — disse Spendius, surpreendendo-o.

Nisto, já Narr'Havas se dirigia para ele.

O númida beijou os dois dedos polegares em sinal de aliança, pondo de parte a cólera que a embriaguez do festim lhe suscitara. Depois falou largamente de Cartago, mas sem dizer o que o levava ao centro dos bárbaros.

“Será para os atraiçoar ou à República?”, perguntava Spendius a si mesmo. Mas como contava aproveitar-se de quaisquer desordens, quase agradecia a Narr'Havas todas as perfídias de que o supunha capaz.

O chefe dos númidas conservou-se entre os mercenários e parecia ser seu fito atrair a si Matho, a quem presenteava com cobras gordas, ouro em pó e penas de avestruz. O líbio, admirado de tantos afagos, não sabia se devia corresponder-lhe ou exasperar-se.

Mas Spendius apaziguava-o e Matho, sempre irresoluto e dominado por um invencível torpor, como aqueles que outrora tomavam alguma beberagem, por cujo efeito devessem morrer, deixava-se governar pelo escravo.

Uma manhã em que foram os três para uma caçada de leões, ocultou Narr'Havas um punhal debaixo do seu manto. Spendius seguiu-lhe continuamente os passos, não perdeu o menor dos seus movimentos e regressaram sem que o punhal aparecesse.

Doutra vez, conduziu-os Narr'Havas muito longe, até quase à fronteira do seu reino. Chegaram a um desfiladeiro muito estreito. Narr'Havas sorriu-se e declarou que já não conhecia o caminho. Spendius soube achá-lo de novo. Mas, a maior parte das vezes, Matho, melancólico como um águia, afastava-se logo ao nascer do Sol, para divagar pelos campos. Depois de ter percorrido certa distância, estendia-se na areia e ali se conservava imóvel até à noite.

Matho consultou sucessivamente todos os adivinhos do exército: os que observavam o arrastar das serpentes, os que liam as estrelas, os que sopravam as cinzas dos mortos. Tomou gálbano, séselis e veneno de víbora, que faz gelar o coração; certas mulheres negras, cantando ao luar cantigas bárbaras, picaram-lhe a pele da fronte com agulhas de ouro. Carregava-se de

colares e de amuletos e invocava alternativamente Baal-Khamon, Moloch, os sete Cabires, Tanit e a Vénus dos gregos. Gravou um nome numa lâmina de cobre e enterrou-a na areia, à entrada da sua tenda. Spendius ouvia-o continuamente suspirar e falar consigo mesmo.

Uma noite, entrou Spendius na tenda de Matho.

O líbio, nu como um cadáver, estava deitado de bruços sobre uma pele de leão, com o rosto descansado nas palmas das mãos; a luz de uma lâmpada, que se achava pendurada a um dos lados, alumia as armas penduradas, por cima dele, no mastro que sustinha a tenda.

— Padeces? — disse-lhe o escravo. — Que te falta? — E sacudiu-o, pondo-lhe a mão no ombro e chamando-o repetidas vezes.

Enfim, Matho ergueu para ele os olhos turvos.

— Ouve! — disse ele, em voz baixa, e pondo um dedo nos lábios. — É a cólera dos deuses! A filha de Amílcar persegue-me! Temo-a, Spendius! — E, dizendo isto, encolhia os ombros, como uma criança assustada por um fantasma. — Diz-me alguma coisa! Estou enfermo! Quero melhorar! Já tenho tentado tudo! Mas tu conheces, acaso, alguns deuses mais fortes? Sabes alguma invocação irresistível?

— Para quê? — perguntou Spendius.

Matho respondeu, batendo com ambas as mãos na cabeça:

— Para me livrar dela!

Depois dizia, falando consigo mesmo, mas compassadamente:

“Estarei sendo, porventura, vítima de algum holocausto oferecido por ela aos deuses?... Prende-me sem cessar como uma cadeia invisível! Quando ando, é porque ela caminha! Quando paro, é porque ela repousa! Os seus olhos queimam-me! Ouço-lhe a voz! Sinto-me envolvido, penetrado por ela! Sinto que se me introduziu na alma. E, contudo, existem entre nós como que umas ondas invisíveis de um oceano sem limites! Está longe de mim e de todo inacessível! O esplendor da sua beleza envolve-a numa nuvem de luz e, por momentos, parece-me que não a vi nunca, que não existe, que não passa tudo de um sonho!...”

Matho chorava assim no meio das trevas; os bárbaros dormiam. Spendius, olhando para ele, lembrava-se dos mancebos que, outrora, com vasos de ouro nas mãos, lhe rogavam que os atendesse, quando passeava pelas cidades os seus rebanhos de cortesãs. Sentiu-se comovido e disse:

— Sê forte, senhor! Recorre à tua vontade e deixa-te de implorar os deuses, porque eles não atendem os queixumes dos homens! Eis-te chorando como um cobarde! Não te sentes humilhado, sofrendo tanto por causa de uma mulher?

— Sou porventura uma criança? — disse Matho. — Julgas que me entorneço ainda, lembrando-me do seu rosto e da sua voz? Não menos belas tínhamo-las em Drepanum para nos varrerem as cavaliças. Possuí-as tão formosas no meio dos assaltos, sob os tetos que desabavam, e quando a catapulta vibrava ainda!... Mas aquela, Spendius, aquela...

O escravo interrompeu-o:

— Se ela não fosse filha de Amílcar...

— Não! — exclamou Matho. — Não tem semelhança alguma com qualquer outra filha dos homens! Viste-lhe os grandes olhos, sob as bastas sobranceiras, como sóis debaixo de arcos de triunfo? Recorda-te: quando ela apareceu, todos os fochos empalideceram. Por entre os diamantes do colar, viam-se-lhe no peito nu pontos que resplandeciam. Atrás dela, sentia-se como que um cheiro de templo e toda ela rescendia ao que quer que era, mais suave que o vinho e mais terrível que a morte. Contudo, caminhava. Depois, parou...

Matho não completou a frase, ficou de boca aberta, cabisbaixo de olhar fixo.

— Mas quero-a. É-me precisa. Morro por ela! À ideia de cingi-la em meus braços, sinto-me acometido de furiosa alegria. E, contudo, odeio-a, Spendius. Quisera bater-lhe! O que hei de fazer? Sinto desejos de me vender para me tornar seu escravo. Também o foste! Podias vê-la muitas vezes; fala-me nela. Não é verdade que sobe todas as noites ao terraço do seu

palácio? Ah! As pedras devem estremecer ao contacto das suas sandálias; as estrelas devem inclinar-se para vê-la!

E tornou a cair em furor, arquejante como um touro ferido.

Em seguida cantou: “E perseguiu na floresta o monstro-fêmea, cuja cauda ondulava sobre as folhas secas como argênteo ribeiro”. E arrastando a voz, imitava a de Salambo; e com as mãos estendidas figurava fazer vibrar as cordas de uma lira.

A todas as consolações que Spendius lhe prestava, respondia ele quase às mesmas palavras. As noites passava-as gemendo e lamentando-se.

Matho intentou atordoar-se com vinho. Depois da embriaguez ficava mais triste ainda. Quis distrair-se ao jogo dos ossinhos e perdeu, uma a uma, as lâminas do seu colar. Deixou-se conduzir aos aposentos das servas da deusa; mas desceu a colina soluçando, como os que voltam de um funeral.

Spendius, pelo contrário, tornava-se mais atrevido e jovial. Andava constantemente pelas tabernas, discorrendo com os soldados. Consertava as couraças velhas, fazia habilidades com punhais, percorria os campos para colher plantas para os doentes. Era gracioso, subtil, fértil em palavras e invenções. Os bárbaros iam-se acostumando aos seus serviços; e ele tornava-se querido.

Entretanto, esperavam um emissário de Cartago, que devia levar-lhes, sobre possantes mulas, cestos cheios de ouro; e, sem cessar, recomeçavam os mesmos cálculos, desenhando com os dedos algarismos sobre as mesas.

Todos dispunham antecipadamente a sua vida: teriam concubinas, escravos e terras. Outros formavam tenção de enterrar o seu tesouro ou de o arriscar num navio. Mas, no meio desta ociosidade, irritavam-se os caracteres. Havia contínuas disputas entre os cavaleiros e os infames, os bárbaros e os gregos; e as mulheres aturdiavam, sem cessar, todos os ouvidos com as suas vozes ásperas.

Todos os dias chegavam bandos de homens quase nus, com as cabeças cobertas de ervas para que o Sol os molestasse menos: eram os devedores dos ricos cartagineses, constrangidos a trabalhar nas suas terras e que lhes tinham fugido. Os líbios afluíam, assim como grande número de camponeses arruinados pelos impostos, muitos homens banidos das povoações e malfetores de toda a espécie. E, depois, a horda dos mercadores, todos os vendilhões de vinho e de azeite, furiosos por não lhes terem pago, voltaram-se contra a República. Spendius declamava contra ela. Dentro em pouco escassearam os víveres e já falavam em se dirigir em massa sobre Cartago e em chamarem os romanos.

Numa tarde, à hora da ceia, chegaram aos ouvidos dos bárbaros uns sons pesados e falhos, que gradualmente se aproximava; e ao longe apareceu, por entre as ondulações do terreno, um objeto vermelho.

Era uma enorme liteira de púrpura, ornada nos ângulos com penas de avestruz. Sobre os seus cortinados fechados batiam cadeias de cristal e grinaldas de pérolas. Atrás seguiam muitos camelos, fazendo soar os grandes chocalhos que lhes pendiam dos peitorais. E à roda deles, muitos cavaleiros, com umas armaduras de escamas de ouro, que os cobriam desde os pés até aos ombros.

À distância de trezentos passos do acampamento pararam para tirar dos estojos, que levavam na garupa, os escudos circulares, as largas espadas e os capacetes ao uso dos beócios. Alguns deles ficaram junto dos camelos; outros prosseguiram a sua marcha.

Por fim, apareceram as insígnias da República, isto é, uns bastões de madeira, azuis, terminando em cabeças de cavalo ou em pinhas. Os bárbaros ergueram-se todos, soltando estrepitosas aclamações; as mulheres correram para os cavaleiros da legião e beijaram-lhe os pés.

A liteira continuava a avançar ao ombro de doze negros, que caminhavam a passos curtos, certos e rápidos, sendo obrigados a dar muitas voltas, para não tropeçarem nas cordas das tendas e para se desviarem dos animais que andavam soltos e dos trípodes em que se estavam cozendo os alimentos. De vez em quando aparecia, entreabrindo a liteira, uma volumosa mão, carregada de anéis, e ouvia-se uma voz rouca soltando injúrias. Então, os condutores da liteira paravam e seguiam outro caminho, por meio do acampamento.

As cortinas de púrpura levantaram-se e descobriram, sobre um grande travesseiro, uma enorme cabeça humana, imóvel

e toda empolada. As sobancelhas pareciam formar dois arcos de ébano, juntando-se nas pontas. Nos cabelos encarapinhados brilhavam palhetas de ouro, e as faces eram tão lívidas que pareciam polvilhadas com pó de mármore. O resto do corpo desaparecia sob os velos que enchiam a liteira.

Os soldados reconheceram naquele homem o sufeta Hannon; aquele que, pela sua indolência, contribuíra para a perda da batalha nas ilhas Égadas; quanto à sua vitória de Hecatôm pilo, ganha aos líbios, se se tinha conduzido com clemência, fora, segundo a opinião dos bárbaros, por venalidade, porque havia vendido por sua conta todos os cativos, conquanto tivesse declarado à República a morte deles.

Hannon, depois de ter, por bastante tempo, procurado um lugar cómodo para arengar aos soldados, fez um sinal. A liteira parou e o sufeta, amparado por dois escravos, assentou os pés no chão, cambaleando.

Os seus coturnos eram de feltro preto, cobertos de luas de prata. Em torno das pernas, como em volta de uma múmia, tinha enroladas compridas ataduras, e por entre as suas voltas cruzadas, tufava a carne; o ventre parecia a custo contido pela opa escarlate que lhe encobria as coxas; o pescoço formava dobras, que lhe caíam sobre o peito como papeiras de boi; a sua túnica, coberta de flores pintadas, estalava em todas as juntas. Além de tudo isto, tinha uma faixa, um cinto e um amplo manto com duas ordens de mangas, cheias de laços.

Mas a abundância do vestuário, o grande colar de pedras azuis, os alamares de ouro e os pesados brincos só concorriam para tornar mais hedionda a sua disformidade. Dir-se-ia que era um grande ídolo esboçado num enorme pedaço de pedra, porque a lepra descorada, que lhe cobria todo o corpo, dava-lhe a aparência de uma coisa inerte. Contudo o nariz adunco como o bico de um abutre dilatava-se violentamente, a fim de aspirar o ar; e os olhos pequenos, com as pestanas coladas, tinham um brilho, por assim dizer, duro e metálico. Na mão tinha uma espátula de aloés para se coçar.

Finalmente, dois arautos fizeram soar as suas buzinas de prata. O tumulto serenou e Hannon principiou a falar.

Começou elogiando os deuses e a República: os bárbaros deviam felicitar-se por a terem servido. Mas era preciso que se mostrassem mais razoáveis. Os tempos corriam maus, e — “não era justo que o senhor que possuísse três oliveiras guardasse duas para si?”

Deste modo, o velho sufeta entremeava o seu discurso com provérbios e apólogos, fazendo ao mesmo tempo sinais com a cabeça, como para solicitar aprovação.

Falava em língua púnica e os que o rodeavam (os mais curiosos, que tinham ocorrido sem armas) eram campânios, gauleses e gregos, de sorte que ninguém, em toda aquela multidão, o entendia. Hannon, notando isto, calou-se e começou a baloiçar-se pesadamente nas pernas refletindo.

De repente, teve a ideia de convocar os capitães. Então, os seus arautos gritaram esta ordem em grego, língua que, desde Antiope, era usada no comando dos exércitos cartagineses.

À chicotada, os guardas afastaram a turba dos soldados e logo apareceram com as insígnias dos seus cargos e as armaduras das suas nações os capitães das falanges, à espartana, e os chefes das coortes bárbaras.

Era já noite e grande rumor enchia a planície. Por um e outro lado, brilhavam as fogueiras, e os bárbaros perguntavam uns aos outros:

— O que há? Porque não distribui o sufeta o dinheiro?

Hannon fazia aos capitães uma exposição dos infinitos encargos da República. O seu tesouro estava exausto. O tributo dos romanos oprimia-o.

— Não sabemos já o que se há de fazer!... A República é assaz digna de lástima.

De vez em quando, coçava os membros com a espátula de aloés ou então interrompia-se para beber por uma taça de prata, que um escravo lhe apresentava, uma tisana feita de cinzas de doninha e de espargos cozidos com vinagre. Depois, limpava os lábios a uma toalha escarlate e continuava:

— O que valia um siclo de prata vale hoje três shekels de ouro, e as terras, abandonadas durante a guerra, não produzem nada. As nossas pescarias de corais estão quase perdidas; as próprias pérolas se tornam exorbitantes; quando muito, apenas

teremos perfumes para o serviço dos deuses! Nos comestíveis não falo; é uma calamidade! Por não termos galeras, faltam-nos as especiarias e só com muito trabalho se obtém o sílfio, por causa das rebeliões na fronteira de Cirene. A Sicília, donde se tiravam tantos escravos, está-nos agora fechada! Ainda ontem, por um banheiro e quatro moços de cozinha, dei maior porção de prata do que dava outrora por um par de elefantes!

E desenrolando um grande bocado de papiro, leu, sem exceção de um algarismo, todas as despesas feitas pelo governo: tanto para reparo nos templos, para lajeamento das ruas, para construção de navios, para pescarias de coral, para o engrandecimento de Syssitas e para engenhos de minas, nos países dos cântabros.

Mas os capitães não entendiam melhor que os soldados a língua púnica, conquanto os mercenários se saudassem nesta língua. Ordinariamente, eram colocados nos exércitos dos bárbaros alguns oficiais cartagineses para servirem de intérpretes.

Estes oficiais, depois da guerra, tinham-se escondido temendo vinganças, e Hannon não se lembrara de levá-los consigo. A voz do sufeta, demasiadamente surda e abafada, tinha, além de tudo, o defeito de não se ouvir.

Os gregos, apertados no seu cinto de ferro, aplicavam o ouvido, esforçando-se por adivinhar-lhe as palavras, ao passo que os montanhese, cobertos de peles, parecendo ursos, olhavam para ele com um ar de desconfiança ou bocejavam encostados às suas maçãs eriçadas de pontas de bronze. Os gauleses, distraídos, chasqueavam, rindo e sacudindo as bastas e compridas cabeleiras, e os homens do deserto escutavam imóveis, todos embiocados em lâ parda. Por detrás de uns agruparam-se sucessivamente outros; os guardas, apertados e empurrados pela turba, vacilavam sobre os cavalos, os negros seguravam, com os braços estendidos, ramos de pinheiro inflamados, e o corpulento cartaginês continuava a sua arenga, trepado num outeirinho coberto de relva.

Entretanto, os bárbaros iam-se impacientando; começavam a ouvir-se murmúrios e, por entre eles, injúrias. Hannon gesticulava com a sua espátula. Os que queriam obrigar os outros a calar-se gritavam mais do que eles e aumentavam o tumulto.

De repente, saltou para junto dos pés de Hannon um homem de aparência mesquinha, arrancou das mãos de um dos arautos a sua buzina de prata, levou-a à boca e anunciou que ia dizer uma coisa importante.

O homem que tão subitamente se apresentou era Spendius. A sua declaração, rapidamente repetida em cinco línguas diversas, grega, latina, gaulesa, líbica e balear, responderam os capitães, meio risonhos, meio surpreendidos:

— Fala! Fala!

Spendius hesitou, tremia. Enfim, dirigindo-se aos líbios, que eram os mais numerosos, disse-lhes:

— Todos vós acabastes de ouvir as ameaças deste homem!

Hannon não protestou; não entendia o líbico; e Spendius, para continuar a experiência, repetiu a mesma frase nos outros idiomas dos bárbaros.

Estes olharam uns para os outros, cheios de espanto; depois, todos, como que por um acordo tácito, julgando talvez terem entendido, abaixaram a cabeça, fazendo um sinal afirmativo.

Então Spendius continuou com voz veemente:

— Primeiro disse que os deuses todos dos outros povos não passavam de sonhos comparados com os deuses de Cartago! Chamou-vos cobardes, ladrões, embusteiros, cães e filhos de cadelas! A República, se não fosseis vós — chegou a dizer isto! — não seria constrangida a pagar o tributo dos romanos; e pelos vossos excessos esgotaste-la de perfumes, de especiarias, de escravos e de sílfio, porque vos entendeis com os nómadas das fronteiras de Cirena. Mas os culpados hão de ser punidos, disse ele, e leu a enumeração dos seus suplícios! Fá-los-ão trabalhar no lajeamento das ruas, no armamento dos navios, no embelezamento dos Syssitas e enviarão os restantes para as minas do país de cântabros.

Spendius repetira as mesmas coisas aos gauleses, aos gregos, aos campânios e aos baleares. Os mercenários, reconhecendo muitos dos nomes próprios que lhes haviam ferido o ouvido, ficaram convencidos de que lhes tinha traduzido fielmente o discurso do sufeta. Alguns gritaram-lhe: Mentis! Mas as suas vozes foram suplantadas pelo tumulto dos outros. Spendius acrescentou:

— Não vistes que deixou fora do acampamento uma reserva dos seus cavaleiros! Ao seu mais pequeno sinal, acudirão todos e degolar-vos-ão.

Os bárbaros voltaram-se para aquele lado e como a multidão, com este movimento, se abrisse mais, apareceu no meio dela, caminhando com o vagar de um fantasma, um ente humano, todo curvado, magro, inteiramente nu e coberto até à cintura por compridos cabelos, eriçados de folhas secas, de espinhos e cobertos de pó. A roda dos rins e nos joelhos tinha grandes pastas de barro amassado com palha e trapos de linho muito sujos. A pele mole e terrosa pendia-lhe dos membros descarnados, como farrapos em ramos secos; as mãos tremiam-lhe continuamente, e caminhava abordoando-se a um pequeno tronco de oliveira.

Deste modo, chegou junto dos negros que seguravam os fachos. Com uma espécie de riso idiota descobria as lívidas gengivas; os olhos, muito grandes e espantados, percorriam a multidão dos bárbaros. Mas, soltando um grito de medo, escondeu-se atrás dos mercenários, que se achavam mais perto escudando-se com os seus corpos e balbuciando: “Ei-los! Ei-los!” — e indicava os guardas do sufeta, imóveis nas suas luzentes armaduras. Os seus cavalos escarcavam o solo, deslumbrados pelo clarão dos fachos: estes crepitavam no meio das trevas. O espectro humano estorcia-se, uivando:

— Mataram-nos!

A estas palavras que repetia em língua balear, logo foi rodeado por muitos baleares, que o reconheceram; ele, sem lhes responder, repetia:

— Sim! Mortos todos, todos! Pisados como ervas! Tão perfeitos homens, os fundibulários, meus e vossos companheiros!

Deram-lhe vinho e ele bebeu, derramando lágrimas. Depois parecia desfazer-se em palavras.

Spendius não cabia em si de contentamento; ao passo que explicava aos gregos as coisas horríveis que Zarxas estava contando, quase não as podia acreditar, tão a propósito chegavam. Os baleares, sabendo como tinham perecido os seus companheiros, empalideciam.

Era um bando de trezentos fundibulários, desembarcados na véspera, e que, naquele dia, tinham dormido até mais tarde. Quando chegaram á praça de Khamon, já os bárbaros tinham partido e eles acharam-se sem defesa, visto que as suas balas de barro tinham sido acondicionadas sobre os camelos como toda a mais bagagem. Deixaram-nos internar na rua de Satheb, até à porta de carvalho forrada de chapas de bronze. Então o povo, num só movimento, precipitara-se sobre eles.

Os soldados lembraram-se de terem, com efeito, ouvido uma imensa vozearia. Spendius, fugindo na frente das colunas, não a ouvira.

Depois, os cadáveres foram colocados nos braços dos deuses Pataeques, que circundavam o templo de Khamon. Exprobraram-lhes todos os crimes dos mercenários: a sua gulodice, os seus roubos e impiedades, e a morte dos peixes no jardim de Salambo. Fizeram-lhe nos corpos mutilações infames. Os sacerdotes queimaram-lhes os cabelos para lhes atormentarem as almas; partiram-nos aos bocados e penduraram-nos nos açougues. Alguns chegavam a dar-lhes dentadas e à noite, para acabarem com eles, acenderam fogueiras nas ruas e nas praça«

Eram aquelas as chamas que, de longe, se refletiam no lago. Como o fogo se houvesse comunicado a algumas casas, tinham lançado, apressadamente, por cima das muralhas, todos os cadáveres e agonizantes que restavam ainda; Zarxas estivera até ao dia seguinte metido entre os juncos à beira do lago; depois começara a divagar ao ocaso pelos campos, procurando o exército pelas pegadas que descobria no solo. Quando amanhecia ocultava-se nas cavernas; de noite, continuava a caminhar, coberto de feridas sangrentas, esfaimado, sem forças, sustentando-se de raízes e de cadáveres de animais que encontrava. Um dia, enfim, tinha avistado ao longe, no horizonte, as lanças, e seguira-as, porque já tinha a razão turbada à força de terrores e de misérias.

A indignação dos soldados, contida enquanto ele falou, manifestou-se com o ímpeto de uma tempestade: queriam imediatamente vingar-se, começando por matar os guardas e o sufeta. Alguns opuseram-se a esta intenção, alegando que era preciso, primeiro, saber se iam ser pagos. Então gritaram todos:

— O nosso dinheiro! Queremos o nosso dinheiro!

Hannon respondeu que o trouxera consigo. Correram aos postos avançados, e logo as bagagens do sufeta chegaram ao meio das tendas, conduzidas pelos bárbaros. Sem esperar pelos escravos, começaram imediatamente a abrir os cestos, nos quais acharam vestidos cobertos de pedras preciosas, esponjas, raspadeiras, escovas, perfumes e ponteiras de antimónio para pintar os olhos — tudo pertencente aos guardas, ricos-homens, acostumados a todos aqueles requintes de luxo. Em seguida descobriram sobre um camelo uma grande tina de bronze; era onde o sufeta tomava banho durante a jornada; pois se tinha rodeado de toda a espécie de precauções, ao ponto de levar, em gaiolas, doninhas de Hecatômulo, que eram queimadas vivas, para as suas tisanas. Como a sua doença lhe produzia extraordinário apetite, levava, além de tudo, grande quantidade de comestíveis e muitas qualidades de vinhos, grandes porções de salmouras, de carne e peixe, conservadas com mel; e em boiões de Comagena, gordura de ganso, coberta de neve e de moinha de palha. À medida que abriam os cestos, mais comestíveis apareciam, provocando, pela sua exorbitante quantidade, os risos da soldadesca.

Quanto ao soldo dos mercenários, enchia quase duas grandes alcofãs de esparto. Numa delas, viam-se até daquelas rodinhas de sola de que a República se servia para poupar o numerário; e como os bárbaros se mostrassem muito surpreendidos, declarou-lhes Hannon que, sendo muito complicadas as suas contas, não tinham os Anciãos tido tempo de as examinar. Enviavam-lhes, portanto, o que ele trazia, para lhe ser distribuído, enquanto esperavam que as contas fossem examinadas.

Então, tudo foi revolvido e lançado por terra: mulas, escravos, liteira, provisões e bagagem; e os soldados apedrejaram Hannon com o dinheiro que tiraram do saco.

O sufeta, a muito custo, montou um jumento, e, agarrando-se-lhe ao pescoço, fugiu o mais depressa que lhe foi possível, vociferando, chorando, sacudido, molestado pelos solavancos da cavalgadura e invocando, sobre o exército, a maldição de todos os deuses. O largo colar de pedrarias saltava-lhe e tornava a saltar-lhe até às orelhas. Com os dentes segurava o manto, demasiadamente comprido, e que por isso arrastava pelo chão. E os bárbaros não cessavam de gritar-lhe:

— Vai-te, covarde! Porco! Cloaca de Moloch! Sua à vontade o teu ouro e a tua peste! Mais depressa! Mais depressa!...

A escolta, em completa debandada, galopava atrás de Hannon.

Mas o furor dos bárbaros não se apaziguou. Lembraram-se de que muitos dos seus, que haviam partido para Cartago, não tinham dali regressado. Haviam-nos matado, sem a menor dúvida. Então, exasperados por tantas injustiças, começaram a arrancar as estacas das tendas, a enrolar os mantos e a enfrear os cavalos. Todos lançaram mão dos capacetes e espadas, e num momento se acharam prontos. Os que tinham armas, correram para a mata, para ali cortarem cajados.

O dia começava a despontar; os habitantes de Sicca, apenas despertos, agitavam-se já pelas ruas.

“Vão a Cartago”, era o boato que circulava por toda a cidade, e que dentro em pouco se espalhou por todos os seus arredores.

De cada carreirinho, de cada valado, surgiam mais homens. Ao longe viam-se os pastores descendo a montanha, apressadamente.

Depois, quando os bárbaros já se tinham posto a caminho, Spendius percorreu a planície, montado num garanhão púnico e acompanhado pelo seu escravo, que conduzia pela rédea terceiro cavalo.

Uma única tenda ficara no acampamento. Spendius entrou nela.

— A pé, senhor! Ergue-te! Vamos partir.

— Aonde ides?

— A Cartago! — gritou Spendius.

Matho saltou sem demora para cima do cavalo, que o escravo segurava à porta da tenda.

A Lua começava a surgir ao nível das águas e na cidade, envolta ainda em sombras, brilhavam certos pontos luminosos, distinguia-se uma ou outra mancha esbranquiçada: eram o timão de um carro rumpátio, algum bocado de teia de linho pendurado, o ângulo de um muro ou um colar de ouro pendente sobre o peito de algum deus. As esferas de vidro sobre os telhados dos templos brilhavam por um e outro lado como enormes diamantes. As muitas ruínas, os montões de terra negra e os jardins produziam na escuridão como que umas nódoas, mais sombrias ainda; e na parte baixa de Malqua viam-se redes de pesca, estendidas de unias a outras casas, parecendo asas de morcegos gigantes. Já não se ouvia o chiar das rodas hidráulicas, que levavam a água aos últimos andares dos palácios. E no meio dos terraços repousavam tranquilamente os camelos, deitados sobre o ventre à maneira dos avestruzes. Os porteiros dormiam nas ruas, junto das portas das casas; as sombras dos colossos alongavam-se pelas praças desertas. De vez em quando, via-se ao longe o fumo de algum sacrifício, não consumado ainda, escapando-se por entre as telhas de bronze; e a brisa pesada levava, juntamente com perfumes e aromas, o cheiro da maresia e as exalações das muralhas ainda quentes pelo Sol.

Em torno de Cartago resplandeciam imóveis as ondas, porque a Lua ostentava o seu esplendor, ao mesmo tempo, sobre o golfo, rodeado de montanhas, e sobre o lago de Tunes, onde os fénicopteros, por entre os bancos de areia, formavam extensas linhas rosadas; ao passo que além, abaixo das catacumbas, cintilavam como uma lâmina de prata a grande lagoa salgada. A abóbada azulada do céu encravava-se no horizonte, de um lado, na poeira das planícies, do outro, nos nevoeiros do mar; e no cimo da Acrópole baloiçavam-se os ciprestes piramidais que circundavam o templo de Eschmoun, produzindo um murmúrio como o das ondas regulares que batiam vagarosamente ao longo do molhe, na base das trincheiras.

Salambo subiu ao terraço do seu palácio, amparada por uma escrava, que levava num prato de ferro carvões inflamados.

No centro do terraço havia um pequeno leito de marfim, coberto de peles de lince, com almofadas feitas de penas de papagaio, animal fatídico consagrado aos deuses; e nos quatro cantos erguiam-se quatro extensas caçoilas cheias de nardo, de incenso, de cinamomo e de mirra. A escrava lançou as brasas nos perfumes. Salambo contemplava a estrela polar; saudou vagarosamente os quatro pontos do céu e ajoelhou-se no chão, que era coberto de areia azul, semeada de estrelas de ouro, à imitação do firmamento. Depois com os dois cotovelos encostados aos lados, os antebraços muito direitos e as mãos abertas, exclamou, curvando a cabeça sob os raios da Lua:

— Ó Rabbetna!... Baalet!... Tanit! — e arrastava a voz de um modo queixoso, como para chamar alguém. — Anaítis! Astarté! Derceto! Asthoreth! Mylitta! Athara! Elissa! Tiratha!... Pelos símbolos ocultos, pelos pandeiros ressonantes, pelos sulcos da terra, pelo eterno silêncio e pela fecundidade eterna, dominadora do mar tenebroso e das praias azuladas, ó Rainha das coisas húmidas, eu te saúdo!

E baloiçando todo o corpo por duas ou três vezes, rojou a fronte no pó, ficando com os braços de todo estendidos. Mas a sua escrava ergueu-a apressadamente, porque era preciso, segundo os ritos, que alguém arrancasse à prostração aquela que orava: era o mesmo que dizer-lhe que os deuses a tinham ouvido, e a ama de Salambo jamais faltava a este piedoso dever.

Esta escrava tinha sido levada, em pequena, para Cartago, por uns mercadores da Getúlia Darytiana, e depois da sua alforria não quisera abandonar os seus senhores, como bem o provava o grande buraco que se via na sua orelha direita. Uma saia de listas multicolores descia-lhe da cintura até aos tornozelos, onde tinha dois círculos de estanho, que continuamente se tocavam. O rosto, um tanto achatado, era amarelo como a sua túnica. Na nuca tinha uma espécie de resplendor formado por agulhas de prata muito compridas e no nariz um botão de coral. Mais imóvel que uma estátua e com os olhos baixos, conservava-se junto do leito.

Salambo caminhou até à beira do terraço; os olhos percorreram, por um instante, o horizonte, depois baixaram-se para a cidade adormecida, e o suspiro que soltou, erguendo-lhe os seios, fez ondular de um a outro lado a comprida cimarra branca, que pendia em torno dela, sem cinto nem prisão de espécie alguma. As sandálias desapareciam sob um montão de esmeraldas

e os cabelos soltos enchem uma rede de fios de púrpura.

Erguendo a cabeça para contemplar a Lua e misturando com as palavras fragmentos de um hino, murmurou:

— Volteia! Volteia ligeiramente sustida pelo éter impalpável! O éter em torno de ti lustra-se; e é o movimento da tua agitação que distribui os ventos e os rocios fecundos! Segundo cresces ou decresces, assim se dilatam ou se contraem os olhos dos gatos e as manchas das panteras. As esposas murmuram o teu nome no meio das dores do parto! És tu quem forma as pérolas do fundo do mar! E todos os germes, ó deusa!, fermentam nas obscuras profundidades da tua humanidade. Quando tu apareces, espalha-se na terra a quietação; as flores fecham-se, as ondas apaziguam-se, os homens, fatigados, deitam-se com o peito voltado para ti; e o mundo, com os seus oceanos e as suas montanhas, mira-se em teu rosto como num espelho. És branca, suave, luminosa, imaculada, auxiliadora, purificadora e serena!

O crescente da Lua estava, então, sobre a montanha das Águas Quentes, no chanfro dos seus dois cumes, do outro lado do golfo. Abaixo dela via-se uma pequeníssima estrela, e, em tomo, um círculo pálido. Salambo continuou:

— Mas também és terrível senhora! É por tua causa que se produzem os monstros, os fantasmas medonhos, os sonhos enganadores. Os teus olhos devoram as paredes dos edificios e os macacos adoecem todas as vezes que rejuvenesces. Onde vais tu! Para que hás de alterar perpetuamente as tuas formas! Ora delgada e curva, deslizas nos espaços como uma galera sem mastros; ora no meio das estrelas, assemelhas-te a um pastor guardando um rebanho de estrelas. Luzente e redonda, roças pelo cume dos montes, como a roda de um carro. Ó Tanit! Tu amas-me, não é verdade! Tenho-te contemplado tanto! Mas não! Tu corres no teu azul, e eu permaneço imóvel na terra! Taanach, toma o teu nébel e toca, baixinho, na corda de prata, porque sinto o coração triste!

A escrava pegou numa espécie de harpa de ébano, mais alta que ela e triangular como um delta; fixou-lhe a ponta num globo de cristal e começou a tocar com ambas as mãos.

Os sons sucediam-se surdos e precipitados como o zumbido de abelhas e, progressivamente mais sonoros, fugiam no meio da noite juntos com o queixume das ondas e com o ciciar do arvoredos no cume da Acrópole.

— Cala-te! — exclamou Salambo.

— O que tens, senhora? O sopro da brisa, a nuvem que vai passando, tudo hoje te inquieta e agita!

— Nada sei! — disse ela.

— Fatigas-te demasiadamente em prolongadas orações!

— Oh! Taanach, quisera devolver-me qual flor imersa em vinho!

— Provém talvez isso do fumo dos teus perfumes?

— Não — tornou Salambo; — o espírito dos deuses habita os bons aromas.

Então, a escrava falou-lhe de seu pai, a quem todos julgavam nos sítios do âmbar, por detrás das colinas de Melkarth.

— Mas ele não volta? — dizia a escrava. — Seja como for, terás de escolher um esposo, conforme a sua vontade, entre os filhos dos Anciãos: o teu desgosto desvanecer-se-á nos braços de um homem.

— Escolher um esposo, para quê? — perguntou a jovem.

Todos os mancebos que até ali vira causavam-lhe horror, com o seu riso de animais bravios e com as suas figuras e gestos grosseiros.

— Muitas vezes, Taanach, exala-se-me do íntimo uma espécie de baforadas quentes, mais pesadas que os vapores de um vulcão. Oíço vozes que me chamam, sinto rolar no meu peito um globo de fogo; parece-me que abafio e que estou próxima da morte. Depois, o que quer que é de muito suave, correndo-me pela frente até aos pés, repassa-me todo o corpo... É uma carícia que me envolve toda. E sinto-me esmagada como se um deus me oprimisse com o seu peso. Ah! Quisera perder-me no nevoeiro das noites, nas águas das fontes, na seiva das árvores, sair do meu corpo, não ser mais que um sopro ou um raio e deslizar, subir até junto de ti, ó mãe!

E ergueu quanto pôde os braços, inclinando para trás o corpo, pálida e ligeira como a Lua, envolta em seu comprido manto. Depois, palpitante, tornou a cair sobre o leito de marfim. Taanach lançou-lhe ao pescoço um colar de âmbar, com

dentes de marfim, para banir os terrores, depois do que lhe disse Salambo, com voz quase extinta:

— Vai chamar Schahabarim!

Seu pai não tinha querido que ela entrasse para o colégio das sacerdotisas, nem ainda que lhe ensinassem coisa alguma sobre a Tanit popular. Reservava-a para alguma aliança que pudesse ser favorável à sua política. De sorte que Salambo vivia só, naquele palácio: sua mãe havia muito que tinha morrido.

Salambo não tinha o menor conhecimento dos simulacros obscenos, porque, manifestando-se cada um dos deuses por formas diferentes, diversos cultos muitas vezes contraditórios testemunhavam simultaneamente um mesmo princípio; a filha de Amílcar adorava a deusa, em sua figuração sidérea. A Lua exercia na virgem estranha influência. Quando o astro ia diminuindo, enfraquecia Salambo. Lânguida durante todo o dia, reanimava-se à noite. Durante um eclipse estivera a ponto de morrer.

A filha de Amílcar meditava sem cessar sobre Tanit. Tomara conhecimento das suas aventuras e viagens e aprendera todos os seus nomes, que ela repetia, sem que lhes achasse uma significação distinta.

A fim de penetrar nas profundidades do seu dogma, queria conhecer, no ponto mais secreto do templo, o velho ídolo que tinha o manto de que dependiam os destinos de Cartago; porque a ideia de um deus não se destacava muito claramente da sua representação, e possuir ou ainda ver o seu simulacro era tomar-lhe uma parte de virtude e, de certo modo, dominá-lo.

Salambo voltou de repente a cabeça. Reconhecera o tinir dos guizos de ouro que Schahabarim usava na orla da sua túnica.

O sacerdote subiu as escadas; depois, logo à entrada do terraço, parou e cruzou os braços. Os olhos brilhavam-lhe como as lâmpadas de um sepulcro. O corpo extremamente alto e muito magro flutuava-lhe dentro da túnica de linho, muito pesada, por efeito dos guizos que, como já dissemos, se lhe alternavam na orla com esferas de esmeralda.

Os membros eram débeis, o crânio oblíquo, o queixo pontiagudo. A pele, ao tocar-se-lhe, era fria, e as amareladas faces, sulcadas por fundas rugas, pareciam contraídas por vago desejo, dominado por um desgosto eterno.

Era o supremo sacerdote de Tanit, aquele que tinha educado Salambo!

— Fala! — disse ele. — Que me queres?

— Esperava... Tinhas-me quase prometido... — Salambo balbuciou; perturbou-se; mas de repente prosseguiu: — Porque me desprezas tu? O que foi que esqueci dos ritos? Tu és o meu senhor, e disseste-me que ninguém era, como eu, entendida nas coisas da deusa; mas algumas há que não queres dizer-me. É ou não verdade, ó padre?

Schahabarim recordou-se das ordens de Amílcar e respondeu:

— Não tenho mais nada a ensinar-te.

— Há um génio que me impele para este amor — prosseguiu ela. — Subi os degraus de Eschmoun, deus dos planetas e das inteligências; dormi debaixo da oliveira de ouro de Melkarth, padroeiro das colónias tórias; empurrei as portas de Baal-Khamon, investigador e fertilizador; sacrifiquei aos deuses Kabires subterrâneos, aos deuses dos bosques, dos ventos, dos rios e das montanhas. Mas todos estão muito longe, demasiadamente altos e insensíveis, compreendes-me? Ao passo que ela, sinto-a ligada à minha vida; preenche-me a alma e faz-me estremecer com impulsos interiores, como se se agitasse para me fugir. Parece-me sempre que vou ouvir-lhe a voz e ver-lhe o rosto. Então, sinto-me deslumbrada por clarões indefinidos e caio de novo nas trevas.

Schahabarim conservava-se calado, fitando o olhar de Salambo, que era todo súplica. Enfim, fez sinal para que se ausentasse a escrava, que não era da raça cananeia. Taanach desapareceu e Schahabarim, erguendo um braço, começou:

— Antes dos deuses só existiam trevas e um sopro pesado e indistinto, que flutuava no meio delas, como a consciência de um homem num sonho. Este sopro condensou-se, criando o Desejo e a Nuvem, e do Desejo e da Nuvem saiu a Matéria primitiva. Era uma água lodosa, negra, gelada, profunda. Encerrava monstros insensíveis, partes incoerentes das formas por nascer e que estão pintadas nas paredes dos santuários. Depois a matéria condensou-se. Tornou-se num ovo. Este ovo quebrou-se. Metade formou a terra, a outra, o firmamento. O Sol, a Lua, os ventos, as nuvens apareceram então, e, ao

estampido do trovão, despertaram os animais inteligentes. Eschmoun patenteou-se na esfera estrelada; Khamon resplandeceu no Sol; Melkarth, com os seus braços, impeliu-o para trás de Gades; os Kabyres desceram para os vulcões e Rabbetna, qual ama, inclinou-se sobre o mundo, vazando nele a sua luz como um leite e cobrindo-a com a sua noite como com um manto.

— E depois? — perguntou Salambo.

Schahabarim contara-lhe o segredo das virgens para a distrair com perspectivas mais elevadas. Mas as suas palavras excitaram mais o desejo da virgem, de sorte que, fazendo meia concessão, prosseguiu:

— Inspira e governa os amores dos homens!

— Os amores dos homens! — repetiu Salambo, com ar meditativo.

— É a alma de Cartago — continuou o sacerdote — e conquanto se patenteie em toda a parte, é aqui que ela habita, sob o véu sagrado.

— Ó padre! — exclamou Salambo. — Vê-la-eis, não é verdade? Conduzir-me-ás junto dela. De há muito que hesitava; mas devora-me a ansiedade de conhecer-lhe a forma. Tem piedade de mim! Socorre-me, partamos!

O sacerdote repeliu-a com um gesto veemente e cheio de orgulho.

— Nunca! Não sabes que o que desejas dá a morte? Os Baais hermafroditas não se desvendam senão para nós, homens pelo espírito, mulheres pela fraqueza. O teu desejo é um sacrilégio; contenta-te com a ciência que possuis.

Salambo ajoelhou, metendo dois dedos nas orelhas, em sinal de arrependimento, e parecendo sufocada pelos soluços, esmagada pela palavra do sacerdote, que, ao mesmo tempo, lhe inspirava ódio, terror e humilhação. Schahabarim, de pé, mostrava-se mais insensível que as pedras do terraço. Contemplava-a trémula a seus pés e sentia uma espécie de alegria vendo-a sofrer por efeito da sua divindade, que ele não podia já de todo extinguir.

Os passarinhos começavam a cantar, o vento refrescava cada vez mais e, no céu, já um tanto esbranquiçado, deslizavam algumas nuvenzinhas.

De repente, avistou Schahabarim no horizonte, além de Tunes, como que uns ténues nevoeiros, que pareciam arrastar-se pelo solo; depois assemelharam-se a uma grande cortina de pó, estendida perpendicularmente; e nos turbilhões daquela massa imensa distinguiam-se cabeças de dromedários, lanças e escudos.

Era o exército dos bárbaros, que avançava sobre Cartago.

IV — DIANTE DOS MUROS DE CARTAGO

Muitos habitantes dos campos, montados em jumentos ou correndo a pé, pálidos, estafados, desvairados pelo medo, recolheram-se na cidade. Fugiam diante do exército, que em três dias vencera a distância que separava Sicca de Cartago, para ali exterminar tudo.

As portas foram imediatamente fechadas. Dentro em pouco, apareceram os bárbaros; mas fizeram alto, no meio do istmo, à beira do lago.

Nos primeiros momentos não deram o menor indício de hostilidade. Muitos aproximaram-se empunhando palmas, mas foram repelidos a tiros de flecha, tão grande era o terror.

De madrugada e ao anoitecer, viam-se alguns, errando junto das muralhas. Tornara-se, sobre todos, notável um homem de pequena estatura, cuidadosamente embuçado num manto, e cujo rosto se ocultava com uma viseira muito baixa. Este homem demorava-se largas horas a olhar para o aqueduto, e com tal persistência que, de certo, intentava iludir os cartagineses sobre as suas verdadeiras intenções. Outro homem que o acompanhava, espécie de gigante, andava sempre de cabeça descoberta. Mas Cartago estava defendida em toda a largura do istmo: primeiro, por um fosso, depois, por uma trincheira de mato; finalmente, por uma muralha de cantaria de sessenta palmos de altura e com dois andares. Esta muralha tinha acomodações para trezentos elefantes, seus jaezes e alimentos. Além disto, tinha cavaliças para quatro mil cavalos, com os competentes depósitos de palha, cevada, arreios, etc., e aquartelamentos para vinte mil soldados com suas armaduras de guerra e todo o material bélico. No segundo andar elevavam-se várias torres, guarnecidas de seteiras, fora das quais se viam, pendurados em ganchos, escudos de bronze.

Esta primeira linha de muralhas abrigava imediatamente Malqua, que era o bairro da gente da marinha e dos tintureiros. Viam-se ali muitos mastros em que enxugavam, estendidas, velas de púrpura, e, sobre os últimos terraços, fornilhos de barro para cozer salmoura.

Pela parte de trás, ostentava a cidade, em anfiteatro, as suas elevadas casas de forma cúbica. Estas casas eram de pedra ou de madeira, ou de seixos de cores ou de canas, ou de conchas ou de terra batida. Os bosques dos templos formavam como que uns lagos de verdura nesta montanha de moles tão diversamente coloridas. As praças públicas nivelavam-se em distâncias desiguais, além de que era cortada, de alto a baixo, pelos inumeráveis becos, que se cruzavam em todas as direções. Distinguiam-se ainda os muros de três bairros velhos, já confundidos. Estes restos de paredes erguiam-se de um e outro lado como grandes escolhos ou alongavam-se em panos enormes, meio cobertos de flores, enegrecidos, longitudinalmente raiados pelas imundícies, passando-lhes por muitas das suas aberturas outras tantas ruas, como rios por baixo de pontes.

A colina da Acrópole, no centro de Byrsa, desaparecia sob a acumulação de monumentos. Esses monumentos eram templos com colunas torcidas, com capitéis de bronze e ornados também de metal, cones de pedras soltas sobre bases pintadas de azul, cúpulas de cobre, arquitraves de mármore, contrafortes babilónicos e obeliscos pousando sobre as pontas como fachos invertidos. Os peristilos chegavam aos frontões; as volutas estendiam-se por entre as colunatas; os repartimentos de telha eram sustentados por muralhas de granito. Todas estas casas eram sobrepostas umas às outras e ocultando-se reciprocamente, de um modo maravilhoso e incompreensível. Sentia-se ali a sucessão das idades e como que as recordações de pátrias esquecidas.

Por detrás de Acrópole, nos terrenos vermelhos, alongava-se da praia até às catacumbas o caminho das Mapales, ornado de túmulos. Em seguida, mas distantes umas das outras, habitações e jardins; e o terceiro bairro, Megara, a cidade nova, chegava até à beira do lago, onde se erguia um farol agigantado, que todas as noites acendiam.

Era deste modo que Cartago se apresentava aos olhos dos soldados reunidos na planície.

Os bárbaros reconheciam, mesmo de longe, as ruas e encruzilhadas e discutiam sobre os pontos em que estavam situados os templos. O de Khamon, fronteiro às Syssitas, tinha as telhas de ouro. Melkarth, à esquerda de Eschmoun, tinha sobre o

telhado muitos ramos de coral; mais além, Tanit erguia entre palmeiras a sua cúpula de cobre, e o do negro Moloch ficava abaixo das cisternas, do lado do farol. Nos ângulos dos frontões, em cima dos muros, nos cantos das praças, por toda a parte, viam-se divindades, colossais ou membrudas, com cabeças hediondas, com ventres enormes ou exageradamente chatas, de bocas abertas, de braços estendidos, tendo nas mãos forcados, grillhões ou dardos; e, no fim das ruas, que a perspectiva tornava ainda mais escarpada, ostentava-se o azul do mar.

Desde manhã até à noite, viam-se aquelas ruas atulhadas por um povo tumultuoso. As portas dos banhos, havia sempre rapazes gritando e tocando campainhas. As lojas de bebidas quentes deitavam fumo; o ar brilhava com a bulha das bigornas, os galos brancos consagrados ao Sol cantavam sobre os terraços; mugiam nos templos os bois destinados aos sacrifícios; os escravos corriam de um para outro lado levando cestos à cabeça; e nos vãos dos pórticos apareciam, de vez em quando, alguns sacerdotes embuçados em sombrios mantos, descalços e com uns barretes pontiagudos na cabeça.

Este espetáculo de Cartago irritava os bárbaros. Admiravam a cidade e detestavam-na; queriam ao mesmo tempo aniquilá-la e habitar nela. Mas, que era que se passava no porto militar, defendido por uma tríplice muralha?

Por detrás da cidade, no extremo de Megara, mais alto do que a Acrópole, avistava-se o palácio de Amílcar.

Os olhos de Matho quase não se desviavam dele. Trepava às oliveiras e inclinava-se, com a mão estendida sobre as sobranceiras, à maneira de pala. Os jardins estavam desertos e a porta vermelha, com a cruz preta, parecia constantemente fechada.

Mais de vinte vezes girou à roda das trincheiras, em busca de alguma brecha por onde pudesse entrar. Numa noite, lançou-se ao golfo e, durante três horas, nadou sem tomar fôlego. Chegou à base das Mapales e quis trepar pela penedia. Ensanguentou os joelhos, quebrou as unhas, tornou a cair nas ondas e voltou para o campo.

A sua impotência exasperava-o. Tinha ciúmes daquela Cartago que encerrava Salambo, como de alguém que a possuísse. O seu entorpecimento abandonou-o e trocou-se por um ardor louco e contínuo. Com as faces incendidas, e olhar irritado e a voz rouca, percorria os campos em todas as direções com passos rápidos; ou então, sentado na praia, esfregava com areia a lâmina da sua espada. Disparava tiros de flecha contra os abutres que via passar a grande altura. O furor trasbordava-lhe do coração.

— Deixa caminhar a tua cólera, como um carro cujas mulas se desenfreassem — dizia Spendius. — Grita, blasfema, devasta a mata. A dor abranda com o sangue; e já que não queres saciar o teu amor, engole a tua cólera; ela te sustentará!

Matho tomou novamente o comando dos seus soldados e obrigou-os desapidadamente a manobrar. Todos o respeitavam pela sua coragem e, sobretudo, pela sua força. Supunham que falava de noite com os seus fantasmas. Os outros capitães animaram-se com o seu exemplo, e em pouco tempo disciplinou-se o seu exército. Os cartagineses ouviam das suas casas os toques de buzina, que regulavam os exercícios. Finalmente, os bárbaros aproximaram-se.

Seria preciso, para que fossem aniquilados no istmo, que dois exércitos pudessem, ao mesmo tempo, atacá-los pela retaguarda; um desembarcando no fundo do golfo utiquense, o segundo junto da montanha das Águas Quentes. Mas o que poderiam os cartagineses fazer só com a legião sagrada, composta de dois mil homens, quando muito? Os bárbaros, inclinando-se para o Oriente, iam juntar-se aos nómadas, intercetar a estrada de Cirene e o comércio do deserto. Marchando para o Ocidente, sublevar-se-ia a Numídia. Enfim, a falta de víveres obrigá-los-ia, mais cedo ou mais tarde, a devastar, como gafanhotos, os campos circunvizinhos. Os ricos tremiam pelos seus magníficos palácios, pelos seus vinhedos, por toda a sua agricultura.

Hannon propôs providências atrozes e impraticáveis, como a de prometer avultada soma por cada cabeça de bárbaro, ou a de lhes incendiarem o acampamento com o auxílio de navios e de diferentes máquinas. O seu colega Giscon queria, pelo contrário, que lhes fosse pago o que a República lhes devia. Mas, por causa da sua popularidade, era detestado pelos Anciãos, que temiam o acaso de um senhor e que, pelo terror que lhes inspirava a monarquia, se esforçavam em atenuar tudo o que ainda subsistisse dela ou que pudesse restabelecê-la.

Havia fora das fortificações um povoado de outra raça e de origem desconhecida, que se preocupava em caçar porcos-

espinhos, e que se sustentava de mariscos e de serpentes. Os homens desta espécie de tribo entravam nas cavernas para apanharem vivas as hienas, divertindo-se depois em fazê-las correr de noite pelas arcas de Megara, por entre as colunatas dos túmulos. As suas cabanas, feitas de lodo e de quantos despojos o mar arrojava à praia, eram todas coladas às penedias, como ninhos de andorinhas. Viviam ali, sem governo, nem deuses, todos misturados, completamente nus, ao mesmo tempo débeis e ferozes, e, desde o mais remoto tempo, execrados pelo povo da cidade, por causa dos seus imundos alimentos.

As sentinelas das muralhas notaram numa manhã que tinha retirado toda a tribo daqueles vagabundos.

Enfim, alguns membros do Conselho Supremo tomaram uma resolução decisiva. Dirigiram-se ao acampamento dos bárbaros, sem colares nem cintos e de sandálias descobertas, como vizinhos. Chegados ali, avançaram com passo tranquilo, saudando na sua passagem os capitães, ou, então, parando para dizer aos soldados que se achava tudo terminado e que iam fazer justiça às suas reclamações. A maior parte deles era a primeira vez que viam um acampamento de mercenários. Em vez da confusão que tinham imaginado, reinavam por toda a parte uma ordem e um silêncio assustadores. Uma trincheira de leiva fechava o exército, como dentro de uma alta muralha, inabalável ao choque de uma catapulta; o solo das ruas estava sendo regado com água fresca; pelas fendas das tendas lobrigavam-se pupilas bravias, que cintilavam na sombra. Os feixes de chuços e as panóplias, penduradas por todos os lados, deslumbravam-nos como se fossem espelhos. Falavam sem cessar uns com os outros e temiam, com os compridos mantos, derrubar alguma daquelas coisas.

Os soldados pediram víveres, comprometendo-se a pagá-los com o dinheiro que lhes deviam. Enviaram-lhes bois, carneiros, aves, frutos secos, tremoços e muitos daqueles excelentes escombros fumados que Cartago exportava para toda a parte. Mas os bárbaros giravam desdenhosamente à roda dos magníficos animais e, desdenhando do que cobiçavam, ofereciam por um carneiro o preço de um pombo, por três cabras o preço de uma romã. Os “comedores-de-coisas-imundas”, constituindo-se árbitros, afirmavam que os cartagineses queriam burlar o exército e desembainhando as espadas, ameaçavam ferir e matar.

Os comissários do Conselho Supremo relacionaram o número de anos que a República devia a cada soldado. Mas era já impossível saber o número de mercenários alistados; de sorte que os Anciãos sentiram-se assustados diante da soma exorbitante que teriam de pagar. Era necessário vender a reserva de sílfio, lançar impostos às cidades mercantis. Os mercenários impacientavam-se; Tunes já se lhes havia reunido; e os ricos, assustados pelos furores de Hannon e pelas exortações do seu colega, recomendaram aos cidadãos que conhecessem algum bárbaro, que fossem ao seu encontro imediatamente, para reconquistarem a sua amizade por meio de boas palavras. Esta confiança tranquilizá-los-ia.

Desde logo, começaram a dirigir-se ao acampamento dos bárbaros famílias inteiras, mercadores, escribas e operários do arsenal.

Os soldados deixaram entrar no seu acampamento todos os cartagineses, mas por uma única passagem de tal modo estreita que, de frente, apenas podiam passar quatro homens. Spendius, em pé, encostado à barreira, fazia com que todos fossem cuidadosamente apalpados; Matho, defronte deste, examinava aquela multidão, diligenciando descobrir alguém que pudesse ter visto em casa de Salambo.

O acampamento assemelhava-se a uma cidade, tal era a quantidade de gente que o atulhava, e o seu incessante movimento; as duas multidões distintas misturavam-se sem se confundirem, uma vestida de linho, com barretes de feltro semelhantes a pinhas, a outra vestida de ferro e coberta com capacetes. Por entre os criados de pé e vendilhões ambulantes, circulavam mulheres de todas as nações, trigueiras como tâmaras, esverdinhas como azeitonas, amarelas como laranjas, roubadas às caravanas, tomadas nos saques das cidades, as quais eram massacradas com pancada logo que começavam a envelhecer e morriam depois das derrotas, à beira dos caminhos, entre as bagagens, juntamente com as bestas de carga abandonadas.

As esposas dos nómadas andavam por um e outro lado, dando com os calcanhares nas saias de pele de camelo, quadradas e de uma cor bravia; as raparigas músicas da Cirenaica, envolvidas em gazes roxas e com as sobranceiras pintadas, cantavam, acoradas sobre esteiras; velhas negras, com os peitos pendentes, apanhavam para o lume o esterco dos animais,

estendendo-o depois ao Sol para secar; as siracusanas tinham lâminas de ouro metidas por entre os cabelos, as mulheres dos lusitanos, colares de búzios, as gaulesas, peles de lobo cobrindo-lhes os alvos peitos; e muitas crianças, robustas, cobertas de piolhos, nuas, incircuncisas, entretinham-se a dar marradas no ventre dos passeantes, ou então iam sorratamente por detrás deles e, como tigres pequenos, mordiam-nos nas mãos.

Os cartagineses passeavam pelo acampamento surpresos pela quantidade de coisas em que ele abundava. Os mais miseráveis sentiam-se tristes, os outros dissimulavam a inquietação.

Os soldados batiam-lhes nos ombros e excitavam-lhe a alegria. Apenas viam algumas personagens, convidavam-no sem demora para tomar parte nos seus divertimentos. Jogando o disco, haviam-se sempre de modo que lhe esmagassem os pés; e ao pugilato, logo ao primeiro passo lhes deslocavam os queixos. Os fundibulários assustavam os cartagineses com as suas fundas, os psilas amedrontavam-nos com as suas víboras, os cavaleiros com os seus cavalos; e eles, homens de ocupações pacíficas, curvavam-se a todos os ultrajes e diligenciavam sorrir. Alguns, para se mostrarem bravos, diziam aos bárbaros, por sinais, que queriam ser soldados. Estes convidavam-nos para rachar lenha e para almoçar as mulas; ou então, metiam-nos dentro das armaduras e rolavam-nos como pipas pelas ruas do acampamento. Depois, quando se dispunham a retirar-se, arrancavam os mercenários a si mesmo os cabelos, fazendo as mais grotescas contorções.

Muitos, por estupidez ou por superstição, julgavam sinceramente todos os cartagineses riquíssimos e andavam atrás deles, suplicando-lhes que lhes dessem alguma coisa. Pediam tudo o que lhes agradava: um anel, umas sandálias ou as franjas de um manto; e quando os cartagineses, já despojados de tudo, exclamavam: “Não tenho mais nada. O que queres tu?”, respondiam eles: “A tua mulher!”. Outros diziam: “A tua vida!”

As contas militares foram entregues aos capitães, lidas aos soldados e definitivamente aprovadas. Depois disto, reclamaram-lhes tendas; deram-lhes tendas. Em seguida, pediram os polemárcos gregos algumas das magníficas armaduras que se fabricavam em Cartago; o Conselho Supremo votou somas para a sua aquisição. Os cavaleiros pretendiam, com justiça, que a República os indemnizasse dos seus cavalos; um afirmava ter perdido três no cerco de tal, outro cinco em tal ou tal marcha; outro, catorze nos precipícios. Ofereceram-lhes ganhões da Hecatômpile; mas eles queriam antes dinheiro.

Depois pediram que lhes pagassem em prata (em moeda de prata e não em moeda de sola) todo o trigo que lhes deviam, e pelo preço mais alto por que vinha a ser vendido durante a guerra. De sorte que exigiam por uma medida de farinha quatrocentas vezes mais do que eles tinham dado por um saco de trigo. Esta injustiça produziu exasperação; foi, contudo, necessário ceder.

Então, os delegados do exército e os do Conselho Supremo da República reconciliaram-se, jurando pelo génio de Cartago e pelos deuses dos bárbaros. Acariciaram-se e desculparam-se com demonstrações e verbosidade verdadeiramente orientais. Os soldados reclamaram, então, como prova de amizade, a punição dos traidores que os tinham indisposto com a República.

Os cartagineses fingiram não os entender; mas eles explicaram-se mais claramente, dizendo que queriam a cabeça de Hannon.

Durante o dia, saíam muitas vezes do acampamento. Iam girar junto das muralhas, gritando que lhes atirassem para baixo a cabeça do sufeta, arregaçando as túnicas para a apararem.

O Conselho Supremo teria, talvez, cedido aos desejos dos bárbaros, se não fosse uma última exigência, mais injuriosa que todas as outras: pediram em casamento, para os seus chefes, virgens escolhidas entre as principais famílias. Era uma ideia de Spendius, que todos achavam muito simples e de fácil execução. Mas a pretensão de quererem misturar o seu sangue com o sangue púnico indignou o povo, sendo-lhes brutalmente declarado que não tinham mais nada a receber. Então os soldados começaram a exclamar que tinham sido enganados, e que, se antes de três dias, não lhes mandassem o soldo, iriam eles mesmo buscá-lo a Cartago. A má fé dos mercenários não era, contudo, tão completa como os seus inimigos julgavam.

Amílcar tinha-lhes feito promessas exorbitantes, vagas, é verdade, mas solenes e reiteradas. De boa mente acreditavam que, ao desembarcarem em Cartago, lhes seria abandonada a cidade, e que partilhariam entre si os seus tesouros. De forma

que, quando viram que apenas lhes seria pago o soldo, sentiram violenta desilusão para o seu orgulho e para a sua cobiça.

Dionísio, Pyrrhus, Agatocles e os generais de Alexandre não tinham, porventura, dado exemplos de fortunas maravilhosas? O ideal de Hércules, que os cananeus confundiam com o Sol, resplandecia no horizonte dos exércitos. Era sabido como simples soldados haviam cingido diademas; e o estrondo dos impérios, que desabavam, fazia sonhar o gaulês com as suas florestas de carvalhos, o etíope com as suas areias. Mas havia um povo sempre pronto a aproveitar as coragens. E o ladrão expulso da sua tribo, o parricida errante pelos caminhos, o sacrílego perseguido pelos deuses, todos os esfaimados, todos os desesperados não tratavam senão de chegar ao ponto onde o corretor de Cartago recrutava soldados. A República cumpria ordinariamente as suas promessas. Desta vez, contudo, o ardor da sua avareza arrastara-a a perigosa infâmia. Os nômidas, os líbios, a África inteira iam arrojar-se contra Cartago. Só o mar estava livre. Mas ali encontrava ela os romanos e, como um homem assaltado por assassinos, sentia a morte por todos lados, à roda de si.

Foi, pois, indispensável recorrer a Giscon. Os bárbaros aceitaram a sua mediação. Numa manhã viram as correntes do porto abaixar-se, e entrarem no lago, passando pelo Canal da Ténia, três embarcações rasas. Na primeira, à proa, via-se Giscon. Atrás dele, e mais alta que um catafalco, elevava-se uma arca enorme, guarnecida de anéis semelhantes a coroas pendentes. Distinguia-se em seguida a legião dos intérpretes, toucados como esfinges e tendo cada um no peito um papagaio pintado. Atrás deles, seguiam-se os amigos e os escravos, tão numerosos que se tocavam com os ombros. As três compridas barcas eram saudadas pelas aclamações dos soldados, que não desviavam delas os olhos.

Apenas Giscon desembarcou, correram os soldados ao seu encontro. Com uma porção de sacos, mandou formar uma espécie de tribuna e, subindo a ela, declarou ao exército que não se retiraria sem que lhe tivesse pago integralmente. Os aplausos rebentaram de todos os lados; Giscon esteve muito tempo sem poder falar. Depois, censurou os erros da República e os dos bárbaros: as culpas caíam todas sobre alguns turbulentos, os quais, pelas suas violências, tinham atemorizado Cartago. A melhor prova das boas intenções da República estava no modo por que ela o enviava ao Exército, a ele, o eterno adversário do sufeta Hannon. Não deviam supor no povo a inépcia de querer irritar os guerreiros tão bravos, nem a necessária ingratidão para se esquecer dos seus serviços. E Giscon abriu desde logo o pagamento, começando pelos líbios. Como estes tinham apresentado listas falsificadas, não se serviu delas.

Os soldados desfilavam por diante deles, por nações, abrindo os dedos para dizerem o número dos anos; depois eram marcados sucessivamente no braço esquerdo com tinta verde; os escribas tiravam então o dinheiro do cofre, todo aberto; outros, com finos estiletos, faziam furos numas lâminas de chumbo.

Entre os soldados passou um homem, caminhando pesadamente, à maneira dos bois.

— Chega-te ao pé de mim — disse-lhe o sufeta, suspeitando de uma fraude. — Quantos anos tens de serviço?

— Doze — respondeu o líbio.

Giscon passou-lhe os dedos por baixo do queixo, sítio em que o barboto do capacete produzia, com o muito uso, duas calosidades, a que chamavam alfarrobas; *ter alfarrobas* era uma locução para dizer que um soldado era veterano.

— Ladrão! — exclamou o sufeta. — O que te falta no rosto deves tê-lo nos ombros! — E rasgando a túnica, deixou-lhe nuas as costas cobertas de chagas. Era um lavrador de Hipozarite. Rebentou de todos os lados grande apupada; e o homem foi decapitado.

Apenas anoiteceu, foi Spendius ao campo dos líbios e disse-lhes:

— Quando os lígures, os gregos, os baleares e os homens de Itália estiverem pagos, ir-se-ão embora. Mas vós ficareis na África, dispersos nas vossas tribos e sem a menor defesa! Será então que a República se vingará! Desconfiai da viagem! Quereis dar fé a todas as palavras? Os dois sufetas estão de acordo! Esse que aí está ilude-vos! Recordai-vos da ilha das Ossadas e de Xantipo, a quem eles reenviaram para Esparta numa galera podre!

— Mas, então, o que devemos fazer? — perguntavam eles.

— Refleti! — dizia Spendius.

Os dois dias que se seguiram passaram-se a pagar à gente de Magdala, de Léptis, de Hecatôm pilo. Spendius não cessava

de girar por entre os gauleses.

— Pagam aos líbios, em seguida pagarão aos gregos, depois aos baleares, aos asiáticos e a todos os outros! Mas vós, que sois pouco numerosos, não recebereis nada! Não tornareis a ver as vossas pátrias! Não vos darão navios! Matar-vos-ão para pouparem o vosso alimento!

Os gauleses dirigiram-se ao sufeta. Autharite, aquele que ele ferira nos jardins de Amílcar, interpelou-o mas foi repellido pelos escravos e afastou-se jurando que se vingaria.

As reclamações, as queixas multiplicaram-se. Os mais obstinados penetraram de noite na tenda do sufeta. Para o enternecerem, pegavam-lhe nas mãos, faziam-lhe apalpar suas bocas sem dentes, seus braços emagrecidos e as cicatrizes das suas feridas. Os que não estavam ainda pagos irritavam-se, os que tinham recebido o seu soldo pediam outro para os seus cavalos, e os vagabundos, e os bandidos, tomando as armas dos soldados, alegavam que se esqueciam delas. Em cada minuto chegavam novos turbilhões de homens; as tendas, com tão repetidos abalos, caíam; a multidão, cerrada entre as trincheiras do acampamento, oscilava, soltando grandes gritos, desde as portas até ao centro. Quando o tumulto aumentava, encostava Giscon o cotovelo ao seu cetro de marfim e, olhando para o mar, conservava-se imóvel, com os dedos metidos nas barbas.

Matho afastava-se repetidas vezes para ir falar com Spendius, depois tornava a colocar-se na frente do sufeta, e Giscon sentia continuamente as suas pupilas, como duas falácicas inflamadas, dardejadas contra ele. Muitas vezes, por cima da multidão, arremessavam-se reciprocamente injúrias, que nem um nem outro ouvia. Entretanto, a distribuição continuava e o sufeta achava sempre expediente para todos os obstáculos. Os gregos quiseram chicanar sobre a diferença das moedas. Giscon deu-lhes tais explicações que se retiraram sem murmurar. Os negros reclamaram daqueles búzios brancos, usados pelo comércio no interior da África. Giscon fez-lhe o oferecimento de os mandar buscar a Cartago; então, como os outros, aceitaram dinheiro. Mas aos baleares tinham prometido alguma coisa melhor, isto é, mulheres. O sufeta disse-lhes que se esperava, para eles, uma caravana de virgens; o caminho era extenso; faltavam ainda seis luas para que pudessem chegar. Quando elas estivessem gordas e bem esfregadas com benjoim, ser-lhes-iam enviadas em navios da República aos portos baleares.

De repente, Zarxas, já estabelecido e vigoroso, saltou como um pelotiqueiro para cima dos ombros dos seus amigos e gritou:

— Guardaste alguma coisa para os cadáveres? — E ao mesmo tempo apontou para Cartago, para a porta de Khamon.

As chapas de bronze, que a guarneciam de alto a baixo, resplandeciam com os últimos raios do Sol. Os bárbaros julgaram ver nela nódoas de sangue. De todas as vezes que Giscon queria falar recomeçavam aos gritos. Enfim, o sufeta dirigiu-se com passos lentos e vagarosos para a sua tenda.

Quando saiu dela, ao nascer do Sol, os seus intérpretes, que dormiam à entrada, da porta de fora, não fizeram o menor movimento; estavam todos deitados de costas, com os olhos fitos, a língua fora da boca e as faces arroxeadas. Das narinas corriam-lhes mucosidades esbranquiçadas e tinham os membros hirtos, como se o frio os tivesse gelado durante a noite. Cada um deles tinha à roda do pescoço um pequeno laço de juncos.

Desde então, não tardou a apaziguar-se a rebelião. O assassinio dos baleares, recordado por Zarxas, confirmava a desconfiança de Spendius. Os bárbaros estavam convencidos de que a República continuava a querê-los enganar. Era necessário acabar com ela. Passariam sem intérpretes!

Zarxas, com uma funda enrolada à cabeça, entoava hinos de guerra; Autharite brandia a sua grande espada; Spendius dizia a uns algumas palavras, a outros fornecia um punhal. Os mais fortes tratavam de se pagar por suas mãos, os menos furiosos queriam que a distribuição continuasse. Já ninguém largava as armas e todas as cóleras se reuniam com ódio tumultuoso contra Giscon.

Alguns subiam até junto dele. Enquanto vociferavam injúrias, davam-lhes ouvidos; mas se arriscavam alguma palavra em seu favor, eram imediatamente apedrejados ou, então, os que se achavam atrás deles decepavam-lhes as cabeças às cutiladas. O montão de sacos que servia de tribuna estava mais vermelho que um altar.

Quando terminavam a refeição, depois de terem bebido vinho, tornavam-se terríveis. O uso dessa bebida era proibido nos exércitos púnicos sob pena de morte; os bárbaros, para escarnecerem da sua disciplina, erguiam as taças para o lado de Cartago. Depois, voltavam para junto dos escravos das finanças e recomeçavam a matança.

A palavra “*Mata!*”, diferente em cada uma das línguas, era compreendida por todos.

Giscon bem sabia que a pátria o abandonava; mas não queria desonrá-la, apesar da sua ingratidão. Quando os bárbaros lhe recordaram que lhes havia prometido navios, jurou por Moloch que ele próprio lhes apresentaria, à sua custa, e, arrancando o seu colar de pedras azuis, atirou-o para a multidão, como penhor do juramento.

Então os africanos reclamaram o trigo, segundo as promessas do Conselho Supremo. Giscon apresentou as contas dos Syssitas, traçadas com tinta roxa em peles de cordeiro, e leu as verbas de tudo que tinha entrado em Cartago, mês por mês, dia por dia.

De súbito, calou-se, ficando com os olhos muito abertos, como se tivesse descoberto entre os algarismos a sua sentença de morte.

Com efeito, os Anciãos tinham fraudulentamente reduzido os preços; e o trigo, vendido durante a época mais calamitosa da guerra, achava-se lançado nas contas por um preço tão baixo que era impossível acreditar-se.

— Fala! — gritavam eles. — Mais alto; não nos fíemos nele. Está vendo como há de mentir!

Giscon hesitou durante algum tempo. Finalmente, prosseguiu na sua tarefa.

Os soldados, sem suspeitarem que os enganavam, aceitaram como verdadeiras as contas dos Syssitas. Então a abundância em que se tinha achado Cartago suscitou neles a mais furiosa inveja. Despedaçaram a arca de sicómoro; estava quase vazia. Tinham visto sair dela tais somas, que a julgavam inesgotável: Giscon tinha escondido na sua tenda a maior parte do dinheiro. Os soldados escalaram os sacos, guiados por Matho, que, como eles, gritava:

— O dinheiro! O dinheiro!

— Pedi-o ao vosso general! — respondeu por fim Giscon.

O sufeta encarava os soldados, sem falar; e fitava neles os seus grandes olhos amarelos, com o comprido rosto mais branco que as barbas. Numa das orelhas tinha uma flecha, detida pelas penas no grande anel de ouro, que lhe servia de brinco, e de junto da tiara corria-lhe até ao ombro um fio de sangue.

A um gesto de Matho todos os bárbaros avançaram. Giscon abriu os braços; Spendius, com um laço corrediço, prendeu-lhe os pulsos; outro derrubou-o e o sufeta desapareceu no meio da turba amontoada sobre os sacos.

Em seguida saquearam-lhe a tenda, onde não acharam senão coisas indispensáveis à vida; depois, procurando melhor, acharam mais três imagens de Tanit e, numa pele de macaco, uma pedra caída da Lua.

Muitos cartagineses, todos homens de consideração e partidários da guerra, tinham querido acompanhar o sufeta. Os bárbaros levaram-nos todos para fora do acampamento e precipitaram-nos na cova das imundícies. Ali, foram amarrados com correntes de ferro em volta da cintura e fortes estacas e o alimento era-lhes dado na ponta de um dardo.

Autharite, ao passo que os vigiava, cobria-os de invetivas, mas, mas como eles não lhe percebiam a linguagem, não respondiam. O gaulês, de vez em quando, atirava-lhes pedras ao rosto, para ter o prazer de os ouvir gritar.

No dia seguinte, começou o exército a sentir-se invadido por uma espécie de torpor. Então, tendo já dado largas à sua cólera, começaram os bárbaros a sentir-se inquietos. Matho fora acometido de uma vaga tristeza. Parecia-lhe que tinha, indiretamente, ultrajado Salambo. Aqueles ricos eram como que um dependência dela. A noite ia assentar-se próximo da cova em que eles estavam e julgava achar-lhes nos gemidos o que quer que era da voz que lhe enchia o coração.

Entretanto, todos acusavam os líbios, que tinham sido os únicos que haviam sido pagos. Mas ao passo que se reanimavam as antipatias nacionais com os ódios particulares, todos conheciam o perigo de se abandonarem a elas. As represálias, depois de semelhante atentado, deviam ser formidáveis. Era, pois, necessário que se prevenissem contra a vingança de Cartago. Os conciliábulos e as arengas não tinham fim. Falavam todos ao mesmo tempo, não davam ouvidos a ninguém, e Spendius, ordinariamente tão loquaz, abanava a cabeça a todas as propostas.

Numa noite, perguntou com a maior indiferença a Matho se dentro da cidade havia fontes.

— Nem uma só! — respondeu Matho.

No dia seguinte, conduziu-o Spendius à beira do lago.

— Se o teu coração é intrépido — disse-lhe o escravo — conduzir-te-ei a Cartago.

— Como?! — perguntou o líbio, em extremo surpreendido.

— Jura executar todas as minhas ordens, acompanhar-me como se foras a minha sombra!

Então, Matho, erguendo o braço para o planeta de Chabar, exclamou:

— Juro-o por Tanit!

Spendius prosseguiu:

— Amanhã, depois do pôr do Sol, esperar-me-ás ao pé do aqueduto, entre o nono e o décimo arco. Leva contigo uma barra de ferro, um capacete com cocar e sandálias de couro!

O aqueduto de que falava Spendius atravessava obliquamente todo o istmo; obra muito considerável, fora aumentada mais tarde pelos romanos. Cartago adotara, muito desastrosamente, deles, aquela invenção moderna, como a própria Roma fizera com a galera púnica; e cinco arcarias sobrepostas, de uma arquitetura membruda, com contrafortes na base e cabeças de leão ao cimo, terminavam na parte ocidental da Acrópole, onde se enterravam debaixo da cidade, para vazarem quase um rio nas cisternas de Megara.

A hora convencionada, encontrou Spendius o líbio no lugar que lhe tinha marcado. Apenas chegou ao pé dos arcos, amarrou uma espécie de arpão no extremo de uma corda e fez com ela o manejo da funda; o arpão voou pelos ares, foi prender-se na beira da primeira arcaria, depois, segurando-se à corda, começaram um atrás do outro, a trepar pelo muro.

Depois de terem chegado ao primeiro andar acharam grande dificuldade em fixar o arpão, que caía todas as vezes que o arrojavam; era-lhes preciso, para descobrir alguma fenda, caminhar pela beira da cornija, que de andar em andar era mais estreita. Além disto, a corda estendia muito; por algumas vezes ameaçou quebrar-se.

Enfim, chegaram à plataforma superior. Spendius, de espaço a espaço, abaixava-se para apalpar as pedras.

— É aqui — disse ele —, começemos! — E servindo-se da barra de ferro que Matho levava, conseguiram deslocar uma laje.

Neste momento avistaram, ao longe, um troço de cavaleiros galopando em cavalos desenfreados. Os braceletes de ouro dos cavaleiros reluziam por entre as dobras dos seus mantos. Na frente distinguia-se um homem coroadado com penas de avestruz e que levava uma lança em cada mão.

— Narr'Havas! — exclamou Matho.

— Que nos importa! — disse Spendius, e saltou para o buraco que acabava de fazer levantando a laje.

Matho, por sua ordem, tentou remover outra laje; mas, por falta de espaço, não podia mexer os cotovelos.

— Deixa, voltaremos — disse Spendius. — Vai tu adiante. — E aventuraram-se pelo interior do aqueduto.

A água chegava-lhe até ao ventre. Dentro em pouco, custando-lhes a firmar-se, tiveram de nadar. Os membros tocavam nas paredes do encanamento demasiadamente estreito; a água chegava quase ao lajedo superior, de sorte que se feriam amiudadas vezes no rosto. Passado pouco tempo foram levados pela corrente das águas. Um ar mais pesado que o de um sepulcro esmagava-lhe o peito, e com a cabeça quase debaixo dos braços, os joelhos unidos e as pernas estendidas quanto podiam, passavam como flechas pelo meio da escuridão, sufocados, quase mortos. Subitamente, tomou-se tudo negro diante deles e a velocidade das águas redobrou. Deram uma queda.

Quando voltaram à superfície permaneceram alguns instantes estendidos de costas, aspirando deliciosamente o ar. No meio de grossas muralhas, que separavam muitas bacias, abriam-se sucessivamente arcadas. Aquelas bacias estavam todas cheias e a água estendia-se numa só toalha em toda a extensão das cisternas. As cúpulas do teto deixavam descer por uns suspiros frouxa claridade, que se projetava nas águas como discos de luz, e as trevas, que dominavam em torno, tornando-se mais espessas junto dos muros, parecia que o faziam recuar indefinidamente. O menor ruído produzia um grande eco.

Spendius e Matho continuavam a nadar, e, passando por entre os arcos, seguiram por uma enfiada de câmaras. Aos lados, estendiam-se, paralelamente com as grades, duas outras ordens de bacias pequenas.

Depois de terem nadado muito tempo por entre as arcarias, perderam-se. Voltaram atrás e tornaram a ir ao ponto de partida repetidas vezes. Finalmente, sentiram resistência debaixo dos pés. Era o lajedo da galeria que orlava as cisternas.

Então, avançando com muitas precauções, apalparam a muralha, para ver se achavam uma saída; mas escorregavam a cada passo e caíam em profundos charcos. Tomaram a subir, caíram novamente e, no meio de toda esta luta, sentiam uma grande fadiga, como se os membros, nadando, se lhes houvessem desfeito nas águas. Fecharam os olhos; julgavam-se agonizantes.

Spendius bateu com as mãos nos varões de uma grade. Sacudiram-na, a grade cedeu, e logo os dois se acharam no degrau de uma escada. Esta escada era fechada no topo por uma porta de bronze. Com a ponta de um punhal, afastaram a barra que a fechava pela parte de fora. De repente, acharam-se respirando ar puro.

A noite estava silenciosa e o céu apresentava desmedida altura. O arvoredado debruçava a espessa ramagem sobre as extensas linhas de muros. Toda a cidade estava dormindo. Os fogos dos postos avançados do exército brilhavam ao longe, como estrelas perdidas.

Spendius, que passara três anos no ergástulo, conhecia imperfeitamente os bairros. Matho conjecturou que, para se dirigir ao palácio de Amílcar, deviam dirigir-se para a esquerda; atravessando as Mapales.

— Não — disse Spendius —, conduz-me ao templo de Tanit.

Matho quis falar.

— Recorda-te! — disse-lhe o antigo escravo; e, erguendo o braço, apontou-lhe o planeta de Chabar, que estava resplandecente.

Então Matho voltou-se silenciosamente para a Acrópole.

Foram, pois, caminhando, encostados às paredes, formadas por certas espécies de catos que orlavam os caminhos. A água escorria-lhes dos membros sobre o pó que levantavam ao andar. As sandálias húmidas não produziam o menor ruído. Spendius, com os olhos mais flamejantes que archotes, espreitava a cada passo por entre os catos e caminhava atrás de Matho, agarrando com as mãos os dois punhais que levava ao longo dos braços, presos por baixo dos sovacos por um círculo de couro.

Depois de saírem dos jardins, acharam-se detidos pela muralha de Megara; mas em seguida descobriram nela uma brecha e passaram.

O terreno descia, terminando numa espécie de vala muito larga. Era uma praça descoberta.

— Escuta! — disse Spendius. — Nada temas. Cumprirei a minha promessa... — E interrompeu-se, parecendo refletir e como procurando o modo de se exprimir. — Lembras-te — prosseguiu depois — de quando, ao nascer do Sol, te mostrei Cartago, do terraço de Salambo? Nesse dia éramos fortes e tunada quiseste ouvir! — E acrescentou com voz grave: — Senhor! Há no santuário de Tanit um véu misterioso, caído do céu e que cobre a deusa.

— Bem o sei! — disse Matho.

Spendius prosseguiu:

— Este véu é tão divino como a deusa, porque faz parte dela. Os deuses residem onde se acham os seus simulacros. Cartago é poderosa porque possui aquele véu. — Depois, chegando os lábios ao ouvido do líbio, disse: — Trouxe-te comigo para o roubarmos!

Matho recuou horrorizado.

— Vai-te! Busca outro! Não quero ajudar-te em tão execrável malefício.

— Mas Tanit é tua inimiga — replicou Spendius. — Persegue-te e tu definhas pela ação da sua cólera. Vingarte-ás dela. Obedecer-te-á. Tornar-te-ás quase imortal e invencível.

Matho curvou a cabeça. Spendius prosseguiu:

— Não sendo assim, sucumbiríamos. O próprio exército ficaria aniquilado. Não temos a esperar a fuga, nem socorro, nem perdão! Queres antes morrer na noite de uma derrota, miseravelmente, ao abrigo de uma moita ou, entre os ultrajes da população, nas chamas de uma fogueira? Senhor! Um dia entrarás em Cartago, entre os colegas dos pontífices, que beijarão as tuas sandálias. E se o véu de Tanit te pesar ainda, restitui-lo-ás ao templo. Segue-me!

Matho sentia-se devorado pela terrível cobiça. Quisera, abstendo-se do sacrilégio, possuir o véu. Dizia a si mesmo que não era, talvez, preciso subtraí-lo à deusa para lhe obter a virtude. Não mergulhava até ao fundo do seu pensamento. Parava no limite em que ele o assustara.

— Vamos! — disse ele; e afastaram-se rapidamente, ao lado um do outro, sem proferirem uma só palavra.

O terreno começava a elevar-se; as casas pareciam aproximar-se. Vaguearam por muitas ruas estreitas e mergulhadas nas trevas. A espécie de capachos de esparto, que fechavam as portas, batiam de encontro às paredes. Numa das praças por onde passaram estava um bando de camelos, ruminando diante dos feixes de ervas. Depois passaram por baixo de uma galeria coberta de folhagem, onde ouviram ladrar um sem-número de cães. De repente, vendo alargar-se o espaço, reconheceram a face ocidental de Acrópole. Na baixa de Byrsa elevava-se uma grande e extensa massa negra: era o templo de Tanit, conjunto de monumentos, jardins e pátios, tudo fechado por um pequeno muro de pedras soltas. Spendius e Matho saltaram o muro.

Este primeiro recinto continha um bosque de plátanos, precaução contra a peste e infeção do ar. Por um e outro lado estavam disseminadas muitas tendas, onde, durante o dia, se vendiam pomadas epilatórias, perfumes, vestidos, bolos com a forma de Lua, imagens da deusa e vistas do templo, gravadas em bocados de alabastro.

Os dois bárbaros não tinham nada a temer, porquanto nas noites em que o astro não aparecia estavam suspensos todos os ritos. Todavia, Matho acelerava cada vez mais o passo, até que parou, enfim, diante de três degraus de ébano que conduziam ao segundo recinto.

— Avança! — disse-lhe Spendius.

Ali alternavam-se regularmente as romãzeiras, os ciprestes e os mirtos, imóveis como folhagens de bronze. Os seixos azuis, que cobriam o solo, deslocavam-se a cada passo; e ao longo da álea a grande quantidade de rosas desabrochadas

formava quase uma abóbada. Chegaram, enfim, junto de uma abertura oval, defendida por um grande ferro. Então, Matho, a quem aquele silêncio assustava, disse a Spendius:

— É aqui que se misturam as águas doces com as salgadas.

— Vi tudo isso na Síria — disse o escravo — na cidade de Maphug.

E por uma escada de seis degraus de prata subiram para o terceiro recinto.

O centro deste recinto era ocupado por um cedro enorme. Os seus ramos mais baixos desapareciam sob as peças de estofos e os colares que os fiéis neles tinham pendurado. Deram mais alguns passos e acharam-se diante da fachada do templo.

Dois extensos pórticos, cujas arquitraves descansavam sobre enormes pilares, flanqueavam uma torre circular, ornada na sua plataforma com um crescente. Nos ângulos dos pórticos e nas quatro esquinas da torre viam-se grandes vasos cheios de substâncias aromáticas, acesas. Os capitéis estavam carregados de romãs e de colóquintidas. Nos muros alternavam-se os cordões, as gregas e os fios de pérolas; e na frente da escada de bronze, que descia do vestíbulo, havia uma grade de filigrana de prata formando amplo semicírculo.

A entrada, entre uma coluna de esmeralda e outra de ouro, havia um cone de pedra. Matho, passando-lhe ao lado, beijou a mão direita.

A primeira câmara tinha extraordinária altura e grande número de aberturas na abóboda; olhando-se para cima, viam-se as estrelas. À roda da câmara, juntos da parede, achavam-se muitos açafates de vime, cheios de cabelos e de barbas, primícias de adolescente; e no centro da câmara, que era circular, estava a imagem de um corpo de mulher parecendo sair de uma espécie de estojo, coberto de peitos. Corpulenta, barbuda e com os olhos baixos, parecia sorrir-se, cruzando as mãos sobre o baixo ventre, polido pelos beijos da multidão.

Depois, tornaram a achar-se ao ar livre, em um corredor transversal, onde havia um altar de exíguas proporções, encostado a uma porta de marfim. Além desta porta ninguém passava; só os sacerdotes podiam abri-la, visto que um templo não era lugar de reunião para a multidão, mas habitação particular de uma divindade.

— É uma empresa impossível — dizia Matho. — Não tinhas pensado neste obstáculo. Vamo-nos daqui!

Spendius entretanto examinava as paredes. Queria o véu, não porque acreditasse na sua virtude (não acreditava senão no oráculo), mas porque se persuadia de que os cartagineses, vendo-se privados dele, cairiam em profundo abatimento. Enfim, empregaram ambos todas as diligências para achar alguma saída.

Por entre o bosque de terebintáceas, distinguiam-se edículas de formas diferentes. Por um e outro lado erguiam-se Falos de pedras e viam-se muitos e corpulentos cervos errando tranquilamente e impelindo para longe de si com as patas fendidas as pinhas que juncavam o solo.

Os bárbaros voltaram para trás, por entre duas extensas galerias paralelas, nas quais havia muitas celas pequenas. Nas colunas de cedro das galerias viam-se pendurados muitos tamboris e pandeiros; e fora das celas, estendidas em esteiras, achava-se dormindo grande número de mulheres. Os corpos destas mulheres, untados de pomadas, exalavam fortíssimo cheiro de especiarias. Estavam tão cobertas de pinturas, de colares, de anéis, de vermelhão e antimónio, que se julgaria serem ídolos lançados por terra. Num tanque rodeado de lódãos nadavam peixes semelhantes aos de Salambo. Ao fundo, encostada à parede do templo, escondia-se uma videira, cujos sarmentos eram de vidro e os cachos de esmeralda. A cintilação das pedras preciosas produzia singulares efeitos de luz nas colunas coloridas e nos rostos adormecidos.

Matho sentia-se quase sufocado pela atmosfera quente que os tabiques de cedro faziam descer sobre ele; todos aqueles símbolos de fecundação, aqueles perfumes, aqueles brilhantismos, aqueles hábitos acabrunhavam-no. Através dos deslumbramentos místicos, pensava em Salambo.

A filha de Amílcar confundia-se no seu espírito com a própria deusa, e o seu amor destacava-se deste pensamento mais forte ainda, como os grandes lódãos que desabrocham nas profundezas das águas.

Spendius calculava as somas que noutro tempo ganharia vendendo todas aquelas mulheres, e, com rápido olhar, pesavalhes de passagem os colares que as ornavam.

O templo era tão impenetrável deste lado como do outro; voltaram, portanto, atrás da primeira Câmara. Enquanto Spendius procurava e investigava todos os cantos, Matho prostrava-se diante da porta, implorando a Tanit que não permitisse semelhante sacrilégio, diligenciando comovê-la com palavras acariciadoras como em muitos casos se faz com uma pessoa irritada.

Spendius descobriu por cima da porta uma estreita abertura.

— Ergue-te! — disse ele a Matho, e fê-lo encostar, direito, à parede. Depois, pondo-lhe um pé sobre as mãos, colocadas à maneira de estribo, o outro sobre a cabeça, chegou à abertura que havia por cima da porta, meteu-se por ela e desapareceu. Logo em seguida, Matho sentiu cair-lhe sobre os ombros uma corda cheia de nós, a mesma que Spendius tinha enrolado à roda do corpo antes de penetrar nas cisternas, e, trepando por ela, achou-se dentro em pouco junto dele, numa grande sala imersa em sombras.

Era coisa assaz extraordinária um atentado desta ordem. A insuficiência dos meios para o prevenir provava muito bem quanto o julgavam impossível. O terror, mais que as paredes, era quem defendia os santuários. Matho esperava morrer a todos os instantes.

Entretanto, viram um clarão vacilando no meio das trevas. Aproximaram-se. Era uma lâmpada feita de uma concha e que ardia sobre o pedestal de uma estátua, que tinha na cabeça a gorra dos Kabires. O seu longo manto era coberto quase de discos de diamantes; e umas correntes de ferro, que passavam através das lajes, prendiam-no ao solo pelos talões. Matho conteve a custo um grito e balbuciou:

— Ei-la! Ei-la!

Spendius pegou na lâmpada para melhor se orientar.

— Que impiedade! — murmurou Matho; mas seguiu o escravo.

Na casa onde entraram não havia senão uma pintura negra, representando uma mulher. As pernas chegavam até ao extremo superior da parede, o corpo ocupava todo o teto, e a cabeça, acompanhada pelos braços, descia pela parede fronteira até ao nível das lajes, nas quais tocavam os dedos. Do umbigo pendia-lhe, seguro por um fio, um ovo enorme.

Os dois exploradores, para passarem avante, afastaram uma tapeçaria, mas o vento apagou-lhes a luz.

Então divagaram perdidos nas contemplações da arquitetura. De repente, sentiram debaixo dos pés o que quer que era estranhamente suave. Fosse o que fosse, parecia cintilar; dir-se-ia que caminhavam sobre o fogo. Spendius apalpou o solo e reconheceu que estava cuidadosamente atapetado com peles de lince. Depois, pareceu-lhe que sentia roçar-lhe pelas pernas uma corda muito grossa, molhada, fria e viscosa. Por algumas fendas abertas numa parede penetrava uma ténue luz que os guiava nas suas investigações. Por fim, distinguiram uma grande serpente negra, que rapidamente desapareceu.

— Fugamos! — exclamou Matho. — É ela, já o sinto!

— Não! — respondeu Spendius. — Não está ninguém no templo!

Então, sentiram-se deslumbrados por uma luz que os obrigou a baixar os olhos. Depois, viram à roda de si uma infinidade de animais, esgaldados, esbaforidos, mostrando as garras e confundidos uns sobre os outros, numa desordem misteriosa que causava espanto. Havia ali serpentes com pés, touros com asas, peixes com cabeça de homem devorando frutos, flores desabrochando nos queixos de crocodilos e elefantes de tromba erguida, voando orgulhosamente em pleno azul, como se fossem águias. Os seus membros incompletos ou múltiplos prolongavam-se com terrível esforço. Achavam-se ali todas as formas, como se o recetáculo dos germes, estalando por súbita compressão, se houvesse vazado nas paredes daquela sala. Em volta dela havia doze globos de cristal azul, sustentados por monstros, que se assemelhavam a tigres. As suas pupilas eram salientes como os olhos dos caracóis e, curvados sobre os volumosos quadris, voltavam-se para o fundo da sala, onde resplandecia, num carro de marfim, a Rabbet suprema, a Omnifecunda, a última inventada.

Até ao ventre, estava quase coberta de escamas, de penas, de flores e de aves. Nas orelhas tinha por brincos dois pandeiros, que lhe batiam nas faces. Os seus grandes olhos fitavam as pessoas que se aproximavam, e na frente, simbolizando uma obscenidade, tinha encravada uma pedra luminosa, a qual iluminava toda a sala, refletindo-se em espelhos de cobre

vermelho, que estavam colocados por cima da porta.

Matho deu um passo; mas uma das lajes cedeu ao seu peso e logo as esferas começaram a girar nos seus eixos e os monstros a rugir. Ouvia-se uma música melodiosa e forte, como a harmonia dos planetas; a alma de Tanit manifestava-se; a deusa ia aparecer, ia erguer-se em toda a altura da sala, com os braços abertos. De repente, cessaram os globos de girar e os monstros fecharam as goelas.

Depois, durante certo tempo, pareceu arrastar-se pelo ar uma modulação lúgubre, até que, enfim, se extinguiu.

— E o véu? — disse Spendius.

Não o viam em parte alguma. Onde se achava ele? Qual o modo de o descobrir? E se os sacerdotes o tivessem ocultado? Matho julgava que se despedaçava o coração; sentiu como que uma decepção na sua fé.

— Por aqui! — disse em segredo Spendius, que se sentia guiado por uma inspiração; e arrastou, por assim dizer, Matho, até ao lado de trás do carro de Tanit, onde uma fenda, da largura de um côvado, cortava a parede de alto a baixo.

Então, penetraram numa pequena casa circular e de tão grande altura, que se assemelhava ao interior de uma coluna. No centro estava uma volumosa pedra meio esférica, como um tamboril, sobre a qual havia chamas; pela parte de trás erguia-se um cone de ébano, sustentando uma cabeça e dois braços. Mais além, dir-se-ia uma nuvem toda brilhante de estrelas; nas profundezas das suas vastas dobras, distinguiam-se inúmeras figuras: Eschmoun, os Kabires, alguns dos monstros já vistos, os animais sagrados dos babilónios e outros que eram desconhecidos. Tudo isto passava como um brial por baixo do rosto do ídolo e tornava a subir estendido pela parede e preso pelas pontas, sendo, ao mesmo tempo, escuro como a noite, amarelado como a aurora, purpurino como o Sol, vasto, diáfano, brilhante e ligeiro. Era o manto da deusa, o “zaimph” santo que não podia ser visto.

Os bárbaros empalideceram ambos.

— Apodera-te dele! — disse enfim Matho.

Spendius não hesitou; e, apoiando-se sobre o ídolo, desprende o véu, que logo caiu no chão. Matho pôs-lhe a mão em cima; depois, meteu a cabeça pela abertura que ele tinha ao centro, cobriu todo o corpo com ele e abriu os braços para melhor o contemplar.

— Partamos! — disse Spendius.

Matho, esbaforido, permanecia com os olhos fitos no lajedo. De repente, exclamou.

— Mas se eu fosse ao palácio? Já não lhe temo a beleza! O que poderá ela fazer contra mim? Eis-me mais do que um homem! Agora atravessarei por entre as chamas, caminharei sobre as ondas! Sinto-me arrebatado por um impulso desconhecido! Salambo! Eis-me teu senhor!

A sua voz era estridente. Spendius julgava-o transfigurado; parecia-lhe mais elevada ainda a sua estatura.

A este tempo ouviram aproximar-se um ruído de passos. Abriu-se uma porta e apareceu um homem, um sacerdote, com o seu elevado gorro e os olhos espantosamente arregalados. Antes que o sacerdote pudesse fazer o mais insignificante gesto, Spendius arremessara-se a ele e, lançando-lhe os dois braços em volta do corpo, cravara-lhe nas costas os seus dois punhais. A cabeça do sacerdote, batendo nas lajes, produziu um som seco.

Depois, imóveis como o cadáver, conservaram-se alguns instantes aplicando o ouvido; não ouviram senão o murmúrio do vento, passando pela porta entreaberta.

Esta porta dava para um corredor muito estreito. Spendius entrou nele. Matho acompanhou-o. E, logo, ambos se acharam quase imediatamente no terceiro recinto do templo, entre os pórticos laterais, onde estavam situadas as habitações dos sacerdotes. Por detrás das celas, devia haver, para sair, um caminho mais curto. Apressaram-se em procurá-lo.

Spendius, debruçando-se na beira da fonte, lavou as mãos ensanguentadas. As mulheres continuavam dormindo e a vide de esmeralda não deixava de cintilar. Sem mais demora, continuaram o seu caminho. Mas, por baixo das árvores, ia alguém correndo após eles, e Matho, que levava o manto, sentiu repetidas vezes que lho puxavam brandamente pela parte inferior. Era um grande cinocéfalos, dos que viviam em liberdade nos aposentos da deusa. O animal, como se tivesse consciência do roubo,

não deixava de puxar pelo manto. Os bárbaros não ousavam, contudo, espancá-lo, temendo os seus gritos. De súbito, apaziguou-se-lhe a cólera e começou a caminhar pacificamente ao lado deles. Depois, chegando à barreira, saltou para cima de uma palmeira.

Spendius, compreendendo que seria inútil querer combater o intento de Matho, logo que saiu do último recinto, dirigiu-se para o palácio de Amílcar.

Tomaram pela rua dos Curtidores, atravessaram a praça de Muthumbal, o mercado da hortaliça e a encruzilhada de Cynasyn. Ao voltar uma esquina, encontraram um homem, que recuou espantado diante daquele objeto tão brilhante que ia atravessando as trevas.

— Oculta o “zaimph”! — disse Spendius, ao líbio.

Encontraram ainda mais gente, mas não foram notados. Por fim, reconheceram as casas de Megara.

O farol, construído além dos edificios, no mais alto da penedia, iluminava o céu com uma claridade avermelhada; e a sombra do palácio, com os seus terraços sobrepostos, projetava-se nos jardins, como monstruosa pirâmide. Os dois bárbaros entraram pela sebe de açofeifeiras, cortando com os punhais todos os ramos que se lhes opunham à passagem. Por todos os lados existiam ainda vestígios do festim dos mercenários. Os parques estavam abertos, os canais de irrigação secos, as portas do ergástulo abertas. Nos celeiros e nas cozinhas não se via viva alma. Os bárbaros sentiam-se surpreendidos por tão profundo silêncio, por vezes interrompido pelo sopro rouquenho dos elefantes, agitando-se nos seus pátios, ou pela crepitação do farol, onde flamejava uma fogueira de aloés.

Matho entretanto repetia:

— Mas onde está ela? Quero vê-la! Conduz-me à sua presença!

— É uma loucura! — disse Spendius. — Ao ver-te, bradará por socorro, acudirão os seus escravos e tu, apesar da tua força, morrerás!

Chegaram deste modo à escada das galeras. Matho ergueu os olhos e julgou ver, no topo da escada, numa claridade vaga e suave. Spendius quis detê-lo; mas o líbio não o atendeu e subiu a escada.

Tornando a achar-se nos sítios em que já a tinha visto, apagou-se-lhe da memória o intervalo dos dias já passados. Ainda há pouco, ela cantava por entre as mesas do festim; desaparecera e, desde então, não cessara ele de subir continuamente aquela escada. O céu, acima da sua cabeça, parecia cheio de fogos; o mar preenchia o horizonte. A cada passo que dava, mais vasta imensidade o circundava, e continuava a subir com a estranha facilidade que só se encontrava nos sonhos. O ruído produzido pelo roçar do véu nas pedras fez-lhe recordar o seu novo poder; mas, no excesso da esperança, já não sabia o que faria dele. Esta incerteza intimidou-o.

De vez em quando colava o rosto contra as frestas quadrangulares dos aposentos fechados e julgava ver, em muitos deles, gente adormecida.

O último andar, de menores dimensões, apresentava a forma de um dado, no alto dos terraços. Matho girou vagarosamente à roda dele.

Uma luz leitosa enchia as folhas de talco que tapavam as pequenas aberturas da parede, e que, dispostas simetricamente, se assemelhavam, no meio das trevas, a enfiadas de pérolas finas. Matho reconheceu a porta vermelha com a cruz preta. O coração palpitava-lhe cada vez com maior violência. Quisera fugir, mas, por fim, empurrou a porta, que logo se abriu.

No fundo do aposento ardia, pendurada, uma lâmpada do feitio de uma galera, e três raios que se escapavam da sua carena de prata projetavam-se tremendo nas paredes pintadas de vermelho, com listas pretas. O teto era uma acumulação de vigas, tendo pelo meio da sua doiradura, em todos os nós da madeira, ametistas e topázios. Em ambos os extremos da câmara havia um leito muito baixo, feito de correias brancas; e pela parte superior deles, saíam da parede umas grandes conchas, das quais pendiam até ao chão várias peças de vestuário.

Um degrau de ágata rodeava uma bacia oval, em cuja borda haviam decerto esquecido umas chinelas de pele de serpente e um vasilho de alabastro. Além da bacia distinguiam-se ainda os vestígios de passos de pés húmidos. De todos os lados se

exalavam os aromas mais delicados.

Matho tocava as lajes incrustadas de ouro, de nácar e de vidro, e, apesar de ser muito polido o solo, parecia-lhe que os pés se lhe enterravam nele como se caminhasse sobre areia.

Avistou por detrás da lâmpada de prata um grande quadrado azul, suspenso no ar por quatro cordões presos ao teto, e dirigiu-se para ele, curvado e boquiaberto.

Sobre almofadas de púrpura, encaixilhadas em tartaruga, estava um grande número de asas de fenicópteros, encastoadas em coral preto, cofres de cedro e espátulas de marfim. Em chavelhos de antílope estavam enfiados numerosos anéis e braceletes; e numa abertura da parede sobre uma rótula de caniços, viam-se alguns vasos de barro, para serem refrescados pelo vento. Matho tropeçou amiudadas vezes, porque o solo tinha diferentes níveis, os quais faziam no mesmo recinto uma sucessão de aposentos separados. Ao fundo havia um tapete de flores pintadas e rodeado por balaústres de prata. Enfim, o líbio chegou junto do leito suspenso e tropeçou num escabelo de ébano, que servia de degrau para ele.

A luz da lâmpada parava à beira do leito; e a sombra, qual véu, não deixava descoberto senão um ângulo do colchão vermelho e o extremo de um pezinho nu, descansando sobre o tornozelo. Então, pegou brandamente na lâmpada.

A filha de Amílcar dormia com uma das mãos debaixo da face e o outro braço todo estendido. Os anéis do seu cabelo espalhavam-se tão abundantemente em torno dela, que parecia estar deitada em uma cama de penas pretas; e a sua ampla túnica branca estendia-se-lhe em brandas pregas até aos pés, seguindo-lhe todas as curvas das formas. As pálpebras meio cerradas mal se lhe viam. As cortinas, estendidas perpendicularmente, circundavam-na com uma atmosfera azulada, e o movimento da sua respiração, comunicando-se aos cordões que suspendiam o leito, parecia baloiçá-la. Nisto, zumbiu um mosquito.

Matho, imóvel, segurava numa das mãos a galera de prata; mas o mosquiteiro inflamou-se repentinamente, desapareceu num momento, e Salambo despertou.

O fogo apagara-se por si mesmo. A virgem permanecia silenciosa. A luz da lâmpada fazia cintilar nas paredes as grandes pregas das luminosas melancias.

— O que é isto? — perguntou ela.

Matho respondeu:

— É o véu da deusa!

— O véu da deusa! — exclamou Salambo; apoiando-se nas mãos, debruçando-se, tremendo, para fora do leito.

Matho prosseguiu:

— Fui buscá-lo para ti, ao mais recôndito do santuário! Olha! — O “zaimph” resplandecia e parecia despedir raios. — Recordas-te? — dizia Matho. — Durante a noite aparecias nos meus sonhos; mas eu não adivinhava a ordem muda dos teus olhos!

Salambo pôs um pé sobre o escabelo de ébano.

Matho continuou:

— Se eu houvesse compreendido, teria voado: abandonaria o exército; não teria saído de Cartago. Para obedecer-te, descerei até à caverna de Hadrumete, no reino das sombras!... Perdoa! Parecia que os meus dias pesavam montanhas; e, contudo, havia um não sei quê que me arrastava! Diligenciei chegar junto de ti! Sem o auxílio dos deuses, jamais o ousaria!... Partamos! É preciso que me sigas... ou, se o preferes, ficarei! Que me importa! Afoga-se a minha alma com o sopro do teu hálito!... Deixa que se me desfaçam os lábios, beijando as tuas mãos.

— Deixa-mo ver! — dizia ela. — Mais perto, mais perto!

A aurora começava já a despontar, deixando distinguir sobre os muros as folhas de talco. Salambo encostou-se, quase desfalecida, sobre as almofadas do leito.

— Amo-te! — exclamava Matho.

Salambo balbuciava:

— Dá-mo! Dá-mo!

E caminhavam um para o outro.

Salambo avançava para o líbio arrastando a sua comprida simarra branca e com os olhos fitos no véu. Matho contemplava-a, deslumbrado pelo esplendor da sua fisionomia; e, estendendo para ela o “zaimph”, dispunha-se a estreitá-la nos braços que ela diligenciava afastar. De repente parou e ambos se encararam, por um instante, cheios de pasmo.

Então, Salambo, sem compreender o que o líbio solicitava, assentou-se tomada de terror. As suas delgadas sobranceiras ergueram-se, os lábios abriram-se-lhe. Toda ela tremia. Mas, por fim, bateu numa das páteras de bronze, que pendiam dos cantos do colchão vermelho, gritando:

— Socorro! Socorro! Para trás, sacrílego! Infame, maldito! A mim, Taanach, Hioum, Ewa, Micipsa, Schaoul!

E Spendius, mostrando numa das fendas da parede o assustado rosto, por entre os vasos de argila, disse estas palavras:

— Foge! Eles aí vêm!

Era grande, com efeito, o tumulto que se aproximava, abalando as escadas, e encapelada a onda de mulheres, criados, escravos, que se arrojou no quarto da virgem, armados todos com chuços, clavas, cutelos e punhais. Vendo um homem, ficaram todos como petrificados pelo excesso da indignação; as servas soltavam gritos fúnebres e os eunucos empalideciam sob a sua pele negra.

Matho conservava-se atrás dos balaústres.

Envolvido no manto, parecia um deus sideral, rodeado todo pelo firmamento. Os escravos iam já lançar-se a ele, mas Salambo deteve-os:

— Não lhe toquem! É o manto da deusa!

Dizendo estas palavras, recuara para um dos cantos do quarto; mas logo deu um passo para o líbio e estendeu para ele o braço nu, dizendo:

— Maldição sobre ti, que roubaste Tanit! Ódio, vingança, carnagem e dor! Que Gurzil, deus das batalhas, te despedace!

Que Mastiman, deus dos mortos, te sufoque! E que o Outro — o que não se deve nomear — te reduza a cinzas!

Matho soltou um grito, como se fora atravessado por uma espada, Salambo repetiu muitas vezes:

— Vai-te! Vai-te!

A multidão dos servos abriu caminho, e Matho, curvando a cabeça, passou vagarosamente por entre eles; mas junto da porta parou, porque a franja do “zaimph” se lhe prendera numa das estrelas de ouro embutidas no pavimento. Puxou arrebatadamente pelo manto e desceu as escadas.

Spendius, descendo de terraço em terraço e saltando as sebes e as regueiras, fugira dos jardins. Pouco depois chegou junto do farol. A muralha naquele ponto achava-se abandonada, tão inacessível era a penedia. Caminhou até à beira, deitou-se de costas e, com os pés para diante, deixou-se escorregar por toda a altura da muralha até à sua base. Depois alcançou a nado o cabo dos Túmulos, fez um grande rodeio pela lagoa salgada, e no fim da tarde tornou a entrar no acampamento dos bárbaros.

O Sol já tinha nascido, e Matho, como um leão que se afasta, atravessava os diferentes caminhos, lançando à roda de si olhares terríveis.

Nisto, chegaram-lhe aos ouvidos indecisos rumores, que tinham partido do palácio e que recomeçavam ao longe, do lado da Acrópole.

Uns diziam que tinham roubado o tesouro da República no templo de Moloch; outros falavam de um sacerdote assassinado. Além disto, imaginavam que os bárbaros tinham entrado na cidade.

Matho, que não sabia como poderia sair das muralhas, caminhava na sua frente, ao acaso. Foi visto e logo seguido de prolongado clamor. Todos tinham compreendido o que havia sucedido. Primeiro, foi consternação; depois, imensa cólera.

Do extremo das Mapales, das alturas da Acrópole, das catacumbas, das beiras do lago, acudia extraordinária multidão. Os patrícios saíam dos seus palácios, os lojistas das suas lojas; as mulheres abandonavam os filhos; todos lançavam mão de espadas, de machados, de cajados, mas o obstáculo que detivera Salambo deteve todos os mais. Qual o modo de readquirir o

vê-lo? Só vê-lo era um crime; o manto participava da natureza dos deuses; e o seu contacto dava a morte.

Os sacerdotes, nos peristilos dos templos, torciam os braços, no auge da desesperação. Os guardas da Legião galopavam ao acaso. Grande quantidade de povo subiu para cima dos telhados, para os terraços, para os ombros das estátuas, para os mastros dos navios. Todavia, Matho não cessava de avançar, e a cada um dos seus passos aumentava a raiva que dominava a multidão, mas também aumentava o seu terror. As ruas tornavam-se desertas quando o líbio se aproximava e a torrente de homens, que assim fugiam, recuava de ambos os lados, até ao alto das muralhas. Matho não distinguia por todos os lados senão olhos muito abertos, que pareciam devorá-lo, sentia o ranger dos dentes, via os punhos fechados que para ele se estendiam e ouvia multiplicarem-se as imprecações de Salambo.

De repente, sibilou uma comprida flecha e logo outra, e atrás dele algumas pedras. Mas os tiros, mal dirigidos — porque temiam tocar no “zaimph” — passaram-lhe todos por cima da cabeça. Além disto, Matho fazia do véu verdadeiro escudo, estendendo-o e cobrindo-se com ele por todos os lados, de sorte que os seus agressores não imaginavam meio algum de chegar-lhe ao corpo. Entretanto, caminhava cada vez mais depressa, internando-se por todas as ruas que achava na sua frente; mas estas ruas estavam fechadas com grossas cordas, com carros e com diferentes armadilhas; a cada passo tinha de recuar. Por fim, entrou na praça de Khamon, onde tinham perecido os baleares. Matho parou, empalidecendo como alguém próximo da morte. Desta vez estava de todo perdido; a multidão dava palmas.

Matho correu para a grande porta, que estava fechada. Esta porta era muito alta, toda de carvalho e forrada de bronze. Arrojou-se contra ela. O povo tripudiava de alegria, vendo a impotência do seu furor. Ele então descalçou uma sandália, cuspiu-lhe em cima e depois açoitou com ela os imóveis batentes da porta. Toda a cidade rugiu. O povo esqueceu o véu e dispunha-se a esmagar o sacrílego. Matho olhava desvairado para a multidão. As fontes batiam-lhe quase a ponto de o enurdecer; sentia-se invadido pelo entorpecimento que ataca os embriagados.

De repente, lobrigou a grande corrente que fazia mover a redoiça da porta. Deu um salto, pendurou-se na corrente, concentrou toda a sua força, até que os enormes batentes se abriram finalmente. O véu, tufado pelo vento do mar, resplandecia ao Sol, com as suas muitas cores, as suas pedrarias e as figuras dos seus deuses.

Matho, assim abrigado pelo véu, atravessou a planície até às tendas do exército, enquanto o povo, acumulado sobre as muralhas, via afastar-se a fortuna de Cartago.

— Devia arrebatá-la! — dizia o líbio naquela mesma tarde a Spendius. — Devia apoderar-me dela, arrancá-la do seu palácio! Ninguém teria ousado nada contra mim!

Spendius não lhe prestava atenção. Deitado de costas, repousava deliciosamente, ao lado de um grande jarro de água melada, onde, de vez em quando, mergulhava a cabeça para beber mais abundantemente.

Matho prosseguiu:

— O que hei de fazer! Qual o modo de tomar a entrar em Cartago?

— Não sei! — respondeu-lhe Spendius.

Esta impassibilidade exasperava o líbio.

— A culpa é toda tua! — exclamou ele. — Arrastas-me a tudo o que intentas; depois, abandonas-me! És um covarde! Por que razão te hei de obedecer? Julgas-te meu senhor! Tu, vendedor de prostitutas, escravo, filho de escravo. — E rangia os dentes e erguia sobre Spendius a sua enorme mão.

O grego não respondeu. No mastro da tenda o “zaimph” resplandecia junto da panóplia, onde estava pendurada uma lâmpada de barro, projetando em tomo frouxa luz.

De repente, Matho calçou os coturnos, afivelou a sua opa e pôs na cabeça o capacete.

— Onde vais! — perguntou Spendius.

— Vólto a Cartago! Deixa-me. hei de trazê-la! E se eles se apresentarem, esmagá-los-ei como víboras! Matá-la-ei, Spendius! — E repetiu muitas vezes: — Sim! Matá-la-ei! Verás! Matá-la-ei!

Mas Spendius, que não cessava de aplicar o ouvido, despendurou de repente o “zaimph”, atirou-o para um canto e ocultou-o com uma porção de véus que lhe lançou em cima. Nisto, sentiu-se um murmúrio de vozes, brilharam muitos archotes, e logo em seguida entrou na tenda Narr’Havas, acompanhado por uns vinte homens, pouco mais ou menos.

Tinham todos grandes mantos de lã branca, compridos punhais, colares de sola, brincos de madeira e coturnos de pele de hiena. Parados à entrada da tenda, estavam todos encostados às suas lanças, como pastores em descanso.

Narr’Havas era de todos o mais belo; tinha os delgados braços cingidos por correias guarnecidas de pérolas; o círculo de ouro, que lhe segurava em volta da cabeça o amplo manto, prendia também uma pena de avestruz, que pendia sobre o ombro; contínuo sorriso lhe descobria os dentes; os olhos pareciam aguçados como flechas e havia em todo o seu aspeto o que quer que era de atento e, ao mesmo tempo, de ligeiro.

Narr’Havas declarou que ia unir-se aos mercenários, porque a República lhe ameaçava de há muito o seu reino. Portanto, tinha o maior interesse em socorrer os bárbaros, aos quais podia ser muito útil.

— Fornecer-vos-ei elefantes, porque as minhas florestas abundam neles, vinho, azeite, cevada, tâmaras, pez e enxofre para os cercos, vinte mil peões e dez mil cavalos. Se me dirijo a ti, Matho, é porque a posse do “zaimph” te tornou o primeiro do exército. E demais — acrescentou ele — somos amigos velhos.

Entretanto, Matho olhava para Spendius, que estava escutando, assentado sobre umas peles de carneiro, fazendo com a cabeça pequenos sinais de assentimento. Narr’Havas continuava a falar. Invocava os deuses e maldizia Cartago. No ardor das suas imprecações, despedaçou um dardo. Todos os seus homens soltaram ao mesmo tempo um rugido, e Matho, vencido por tão grande cólera, exclamou que aceitava a aliança.

Foram então conduzidos à sua presença um touro branco e uma ovelha preta, símbolos do dia e da noite. Os dois animais foram degolados à beira de uma cova. Depois de esta cova estar cheia de sangue, aproximaram-se dela os dois aliados e mergulharam os braços no sangue. Depois assentou Narr’Havas a mão sobre o peito de Matho, e este assentou a sua no peito de Narr’Havas. Em seguida, repetiram este estigma nas paredes das suas tendas. Feito isto, passaram a noite a comer, sendo queimados os restos das carnes, juntamente com a pele, os ossos, os chifres e as unhas.

Imensa aclamação tinha saudado Matho, quando ele regressou ao acampamento levando consigo o véu da deusa. Aqueles mesmo que não professavam a religião cananea sentiam, pelo vago entusiasmo que experimentaram, que acabava de lhes chegar um Génio. Quanto a apoderarem-se do “zaimph”, nenhum pensava em semelhante coisa, porque a maneira misteriosa pela qual Matho o tinha obtido era o que bastava no espírito dos bárbaros para legitimar-lhe a posse. Assim pensavam os soldados africanos. Os outros, cujo ódio era menos velho, não sabiam que resolução deveriam tomar. Se tivessem navios, ter-se-iam retirado imediatamente.

Spendius, Narr’Havas e Matho, expediram emissários a todas as tribos do território púnico.

Cartago extenuava aqueles povos. Tirava deles impostos exorbitantes; e os ferros, o machado ou a cruz puniam irremissivelmente os que se demoravam em pagá-los, ou ainda os que se atreviam a murmurar. Era preciso cultivar o que convinha à República e fornecer-lhe tudo o que ela pedia. Ninguém tinha o direito de possuir armas. Quando as aldeias se revoltavam, eram vendidos os seus habitantes; os governadores eram considerados como prensas de lagar e tanto mais estimados quanto mais espremiavam os seus governados. Depois, além das regiões diretamente submetidas a Cartago, havia povos aliados, que apenas pagavam um medíocre tributo; ainda além dos aliados, vagabundeavam os nómadas, que podiam ser excitados contra eles.

Com semelhante sistema, as colheitas eram sempre abundantes, as coudelarias sabiamente administradas e as plantações soberbas. O velho Catão, que era um mestre no que respeitava a lavoura e a escravos, sentia-se, noventa e dois anos mais tarde, cheio de admiração por aquele sistema, e o grito de morte que ele repetia em Roma não era senão a exclamação de uma ciosa cobiça.

Durante a última guerra, tinham sido de tal modo redobradas as exações, que as cidades da Líbia, quase todas, se haviam entregue a Régulus. Para as punir, tinham-lhes exigido mil talentos, vinte mil bois, trezentos sacos de ouro em pó, consideráveis adiantamentos de cereais, e os chefes das tribos haviam sido crucificados ou lançados aos leões.

Tunes, principalmente, detestava Cartago! Mais velha que a Metrópole, não lhe perdoava a sua grandeza; conservava-se-lhe na frente das muralhas, acorada no lodo, à beira da água, olhando-a como um animal venenoso. As deportações, as carnificinas e as epidemias não a enfraqueciam. Tunes tinha sustentado Archagate, filho de Agathocles.

Os “comedores-de-coisas-inúteis” logo ali se forneceram de armas.

Ainda os correios não tinham partido e já a alegria era geral nas províncias. Os povos, sem esperarem mais, estrangularam nos banhos os intendentos das casas principais e os funcionários da República. Tiraram das cavernas as velhas armas que ali estavam escondidas e dos ferros das charruas forjaram espadas. As crianças, às portas das casas, ocupavam-se em afiar dardos e as mulheres deram os seus colares, anéis e brincos; tudo o que podia servir para a destruição de Cartago. Todos queriam contribuir para o mesmo fim. Os feixes de lanças amontoavam-se nos burgos, tão numerosos como os feixes de milho. Expediram para o exército gado e dinheiro. Matho depressa pagou aos mercenários os soldos atrasados e esta ideia de Spendius fez com que o nomeassem general-em-chefe, Schalischim dos bárbaros.

Ao mesmo tempo, afluíam os socorros de combatentes. Primeiro apareceu gente de raça autóctone, depois os escravos dos campos. Várias caravanas de negros foram aprisionadas e armadas; muitos mercadores, que iam a Cartago, uniram-se também aos bárbaros, com a esperança de mais pronto lucro. Chegaram incessantemente numerosos bandos de homens. Das alturas da Acrópole, os cartagineses viam o modo por que engrossava a todos os momentos o exército dos bárbaros.

Na plataforma do aqueduto, estavam postados de sentinela os guardas da Legião e, junto deles, de distância em distância, erguiam-se grandes cubos de bronze em que ferviam ondas de asfalto. Em baixo, na planície, agitava-se tumultuosamente a multidão indecisa, experimentando o embaraço que o encontro das muralhas inspira sempre aos bárbaros.

Utica e Hippo-Zaryte rejeitaram a sua aliança. Colónias fenícias, como Cartago, governavam-se por si mesmas, e a República, nos tratados que efetuava, introduzia sempre cláusulas tendentes a distingui-las. Contudo respeitavam a irmã mais forte que as protegia e não julgavam que um ajuntamento de bárbaros fosse capaz de vencê-la; pelo contrário, seria exterminado. As duas colónias, pois, desejavam conservar-se neutras e viver tranquilas.

Mas a sua posição tornava-as indispensáveis.

Utica, no fundo de um golfo, era muito cômoda para levar a Cartago os socorros exteriores. Se fosse tomada unicamente Utica, Hippo-Zaryte, afastada apenas umas seis horas de marcha pela costa, substitui-la-ia imediatamente, e a Metrópole, por este modo abastecida, tornar-se-ia inexpugnável.

Spendius queria que o cerco começasse imediatamente. Narr'Havas opôs-se: primeiro que tudo convinha ocupar as fronteiras. Era a opinião dos veteranos e do próprio Matho. Portanto, foi decidido que Spendius iria atacar Utica e Matho Hippo-Zaryte. O terceiro corpo de Exército, apoiando-se em Tunes, ocuparia a planície de Cartago, sendo Autharite quem se encarregou dele. Quanto a Narr'Havas, devia voltar ao seu reino, para dele trazer elefantes e para bater as estradas com a sua cavalaria.

As mulheres soltaram altos clamores contra semelhante decisão, por isso que já contavam com as joias das damas púnicas. Os líbios reclamaram também. Tinham-nos chamado a Cartago, e eis que se afastavam dela. Os soldados partiram quase sós. Matho comandava os seus companheiros com os iberos, os lusitanos, os homens do Ocidente e das ilhas; e todos os que falavam grego pediram o comando de Spendius, por confiarem na sua habilidade.

A estupefação foi grande em Cartago quando o exército começou a mover-se repentinamente, depois a estender-se nas faldas da montanha de Ariana, pelo caminho de Utica, do lado do mar. Um troço ficou diante de Tunes, o resto desapareceu e tornou a aparecer, além do golfo, na orla das florestas, onde se internou.

Eram, talvez, oitenta mil homens. As duas cidades tírias não resistiriam. Depois voltariam sobre Cartago. Já um considerável corpo de Exército a ameaçava, ocupando todo o istmo, e dentro em pouco pereceria esfaimada, visto que não podia viver sem o auxílio das províncias, em consequência de os cidadãos não pagarem, como sucedia em Roma, contribuições. A sua eterna preocupação do ganho impedia-a de ter a prudência que as ambições mais elevadas inspiram. Qual galera ancorada nas areias líbicas, mantinha-se ali à força de trabalho. As nações, como as ondas, rugiam em torno dela, e a menor tempestade abalava tão formidável máquina. O tesouro achava-se exausto pela guerra romana, pelo que lhe fora roubado e pelo que deixaram perder, ao passo que regateavam com os bárbaros. Entretanto, eram precisos soldados, e nem um só governo confiava na República. Havia pouco tempo que Ptolomeu lhe negara dois mil talentos. Demais, toda a população se achava desanimada pelo roubo do véu. Spendius bem o previra.

Mas este povo, que se sentia odiado, estreitava sobre o coração o seu dinheiro e os seus deuses, e o seu patriotismo era alimentado pela própria constituição do seu governo.

Em primeiro lugar, o poder dependia de todos, sem que ninguém fosse assaz forte para o monopolizar. As dívidas particulares eram consideradas dívidas públicas, os homens de raça cananea tinham o monopólio do comércio e, multiplicando os lucros da pirataria pelos da usura, explorando inexoravelmente as terras, os escravos e os pobres, chegavam muitas vezes à riqueza. Só a riqueza dava acesso a todas as magistraturas; e conquanto o poderio e o dinheiro se perpetuassem nas mesmas famílias, era tolerada a oligarquia, porque havia a esperança de chegarem a ela.

As sociedades de comerciantes, onde eram elaboradas as leis, escolhiam os inspetores das finanças, os quais, ao largar os seus cargos, nomeavam o Conselho dos Anciãos, que pela sua parte era dependente da grande assembleia, reunião geral de todos os ricos.

Quanto aos dois sufetas, simulacros de reis, inferiores a côsules, eram no mesmo dia escolhidos de duas famílias distintas. Estes dois sufetas achavam-se constantemente em oposição, pelos ódios de toda a espécie, que entre eles suscitavam, a fim de os enfraquecerem reciprocamente. Não podiam deliberar coisa alguma em casos de guerra; e o Conselho Supremo, quando eles ficavam vencidos na luta, mandava-os crucificar.

Assim, pois, a força de Cartago emanava dos Syssitas, isto é, de um grande tribunal situado no centro de Malqua, no sítio onde, segundo diziam, tinha aproado a primeira barca dos marinheiros fenícios, e donde o mar, havia muito, se retirara. Este tribunal compunha-se de uma acumulação de pequenos quartos de arquitetura arcaica, construídos com troncos de palmeira, tendo de pedra só os ângulos, e sendo todos separados uns dos outros, para receberem isoladamente as diferentes

companhias.

Os ricos permaneciam ali, durante quase todo o dia, para discutirem os seus interesses e os do governo, desde a procura da pimenta até ao extermínio de Roma. Três vezes em cada Lua, mandavam conduzir os seus leitos para o terraço, que orlava os muros do tribunal, e ali eram vistos de baixo, em volta de mesas, sem coturnos nem mantos, com os dedos cobertos de diamantes, tocando ora num ora noutra manjar, e os grandes brincos pendendo entre as taças e as ânforas, todos nutridos e robustos, seminus, felizes, rindo e comendo, em pleno azul, como grandes tubarões recreando-se em mar sereno.

Mas, nas circunstâncias presentes, não podiam dissimular as inquietações; a sua palidez era extraordinária. A multidão, que os esperava às portas, escoltava-os até aos seus palácios, para saber alguma novidade. Como em tempos de peste, todas as casas estavam fechadas. As ruas, ora estavam atulhadas de povo, ora desertas; todos corriam para a Acrópole e para o porto. O Conselho Supremo reunia-se e discutia todas as noites. Finalmente, o povo foi convidado para a praça de Khamon e foi decidido que se recorresse a Hannon, o vencedor de Hecatôm pilo.

Hannon era um hipócrita, astucioso, desapiedado para com a gente de África; era um verdadeiro cartaginês. Os seus rendimentos igualavam os dos Barcas. Em assuntos de administração, ninguém o excedia na experiência.

Apenas investido no poder, decretou o alistamento de todos os cidadãos válidos, mandou colocar catapultas sobre as torres, exigiu exorbitantes fornecimentos de armas, ordenou até a construção de catorze galeras de que não necessitava e quis que tudo fosse registado e cuidadosamente escrito. Não descansava um só instante. Fazia com que o conduzissem sucessivamente ao arsenal, ao farol e aos tesouros dos templos. A todos os momentos se via a sua enorme liteira, que, baloiçando-se de degrau em degrau, subia as escadarias da Acrópole. Depois, à noite, no seu palácio, como não podia dormir, preparava-se para a batalha, rugindo com voz terrível as manobras da guerra.

Todos, por excesso de terror, se tornavam bravos. Os ricos, apenas cantava o galo, iam alinhar-se em toda a extensão das Mapales, e, regaçando as túnicas, exercitavam-se no manejo do chuço. Quando se sentiam fatigados e cobertos de suor, assentavam-se sobre os túmulos, para recomeçarem depois. Muitos impuseram a si mesmos novos sistemas de vida. Uns imaginaram que era preciso comer muito para adquirirem forças, e por isso cada um absorvia por três; outros, incomodados pela desmedida corpulência, extenuavam-se com jejuns para emagrecer.

Utica tinha já reclamado, repetidas vezes, socorro de Cartago. Mas Hannon não queria partir enquanto faltasse um único parafuso nas máquinas de guerra. Perdeu ainda três luas a equipar os mil e duzentos elefantes alojados nas casamatas das muralhas; eram os vencedores de Régulus e por isso muito queridos do povo; todas as atenções não eram demasiadas para com tão velhos amigos. Hannon mandou refundir as chapas de bronze que lhes guarneciam os peitoris, mandou dourar-lhes os dentes, alargar mais as torres e fazer-lhes, da mais bela púrpura, magníficas gualdrapas orladas de pesadas franjas... Enfim, como eram denominados índios os seus condutores, sem dúvida por terem vindo os primeiros das índias, ordenou que fossem todos vestidos à indiana, isto é, com um tecido branco enrolado na cabeça e uns calções curtos, de linho, que formavam com as suas pregas transversais como duas válvulas de uma concha aplicada sobre as nádegas.

O exército de Autharite conservava-se na frente de Tunes, oculto por um muro feito com lodo do lago e coroados por mato cheio de espinhos. De distância em distância, os negros tinham arvorado sobre o muro medonhas figuras, máscaras humanas, feitas de penas de diversas aves, cabeças de chacais ou de serpentes, com as bocas abertas para o lado do inimigo, com o fim de os intimidar. E os bárbaros, julgando-se, por estes meios, invencíveis, dançavam, lutavam e divertiam-se por todos os modos possíveis, convencidos de que Cartago não tardaria em render-se. Outro que não fosse Hannon teria facilmente dispersado aquela multidão, a quem os rebanhos e as mulheres embaraçavam sobremodo. Demais, não compreendiam manobra alguma, e Autharite, já desanimado, não lhe exigia mais nada.

Todos se afastavam quando ele passava, lançando-lhes os seus grandes olhos azuis. Depois, chegando à beira do lago, despiu o saio de pele de foca, desatava a corda que lhe prendia os compridos cabelos ruivos, molhava-os na água e arrependia-se de não ter desertado para os romanos com os dois mil gauleses do templo de Eryx.

Muitas vezes, pelo meio do dia, perdia o Sol repentinamente o seu esplendor. Então o golfo e o mar largo pareciam

imóveis, como chumbo derretido. Uma nuvem de poeira escura, estendida perpendicularmente, envolvia tudo nos seus turbilhões; as palmeiras curvavam-se, o céu desaparecia, sentiam-se bater as pedras nas garupas dos animais; e o gaulês, com os lábios colados aos buracos da sua tenda, sentia-se agonizante de esmorecimento e melancolia. Lembrava-se do aroma das pastagens, nas manhãs de outono, dos flocos de neve, dos bramidos dos ursos, perdidos no meio do nevoeiro, e, fechando os olhos, julgava avistar os fogos das compridas cabanas cobertas de palha, reverberando nos lagos e no interior das florestas. Havia muitos outros a quem punham saudades da pátria, conquanto não fosse tão afastada.

Com efeito, os cartagineses prisioneiros podiam distinguir, além do golfo, nas rampas de Byrsa, os velários das suas casas, estendidos nos pátios. Mas à roda deles giravam perpetuamente sentinelas. Haviam-nos prendido todos com a mesma corrente, tendo cada um deles uma golilha de ferro.

A multidão não se cansava de os contemplar; e as mulheres mostravam às crianças as ricas túnicas já esfarrapadas, que mal lhes cobriam os emagrecidos membros.

Autharite, todas as vezes que olhava para Giscon, era acometido por violento furor, lembrando-se da injúria que dele recebera. Se não fora o juramento que fizera a Narr'Havas, matá-lo-ia. Então, recolhia-se à sua tenda e bebia uma mistura de infusão de cevada e cominhos, até que, embriagado, perdia completamente o conhecimento; depois, despertava já com o Sol muito alto, devorado por uma sede horrível.

Matho, durante este tempo, cercava Hippo-Zaryte. Mas a cidade era protegida por um lago, que comunicava com o mar. Tinha três trincheiras e, nas alturas que a dominavam, estendia-se uma muralha fortificada de torres. Depois não pensava senão em Salambo, sonhava com os prazeres que podia obter da sua beleza e com todas as delícias de uma vingança que o transportava de orgulho. A necessidade de tomar a vê-la era despótica, furiosa, permanente. Pensou até em oferecer-se para parlamentar, esperando que, entrando em Cartago, conseguiria infalivelmente aproximar-se-lhe. Muitas vezes mandava dar o sinal de assalto e, sem esperar mais, arrojava-se para o molhe que estavam construindo no mar. Arrancava as pedras com as mãos, desmoronava, feria, cravava por toda a parte a sua espada. Os bárbaros precipitavam-se todos em confusão; as escadas despedaçavam-se, produzindo grande ruído, despenhando enormes massas de homens na água, que ressaltava contra as muralhas em ondas vermelhas. Enfim, o tumulto diminuía e os soldados afastavam-se para logo recomeçarem.

Matho ia sentar-se fora do recinto ocupado pelas tendas; limpava com o braço o rosto manchado de sangue e, voltado para Cartago, fitava o horizonte.

Na sua frente, por entre oliveiras, palmeiras, mirtos e plátanos, avistavam-se duas lagoas, que se ligavam com outro lago, cujos contornos se não descobriam. Por detrás de uma montanha outras montanhas e do meio do lago imenso surgia uma ilha toda negra e de forma piramidal.

À esquerda, na extremidade do golfo, viam-se grandes dunas de areia semelhantes a vagas loiras, de repente imobilizadas, ao passo que o mar, liso como um lajedo de lápis-lazúli, parecia subir insensivelmente até ao céu. A verdura da campina desaparecia, em certos sítios, sob largas manchas de aparelhos; as flores das alfarrobeiras brilhavam como corais; dos sicómoros pendiam as vides; ouvia-se, incessante, o murmúrio das águas; as calhandras de popa saltavam por entre a ramagem, e os últimos raios de Sol douravam a casca das tartarugas, que saíam do meio dos juncos para aspirarem a brisa.

Matho soltava profundos suspiros. Deitava-se de bruços, cravava as unhas na terra e chorava. Sentia-se miserável, mesquinho, abandonado. Jamais a possuiria; nem sequer podia apoderar-se de uma cidade.

De noite, só na sua tenda, contemplava o “zaimph”. De que lhe servia aquele objeto, que pertencia aos deuses?

Então, surgiam no pensamento do bárbaro inúmeras dúvidas. Depois parecia-lhe, pelo contrário, que a vestimenta da deusa dependia de Salambo e que uma parte da sua alma nela flutuava, mais subtil que o hálito de uma criança; e apalpava-o, aspirava-o, tapava com ele o rosto e beijava-o, soluçando. Para se iludir e julgar-se junto dela, lançava-o nos ombros.

Algumas noites saía repentinamente da tenda; à claridade das estrelas, saltava por cima dos soldados adormecidos sobre os seus mantos; depois, às portas do acampamento, saltava para um cavalo e, passadas duas horas, achava-se um Utica, na tenda de Spendius.

Nos primeiros momentos falava a respeito do cerco; mas tinha ido ali só para aliviar a sua dor, falando em Salambo.

Spendius exortava-o a que fosse prudente.

— Repele da tua alma misérias que a degradam! Outrora obedecias. Agora comandas um exército; e se Cartago não está conquistada, obteremos as províncias; seremos reis!

Mas porque era que a posse do “zaimph” lhe não dava a vitória?

Segundo Spendius, era preciso esperar.

Matho imaginou que o véu só era profícuo a homens exclusivamente da raça cananea e, com a subtileza de bárbaro, dizia a si mesmo:

“O ‘zaimph’ não servirá de nada para mim; mas, visto que o perderam, não servirá de nada para eles.”

Em seguida, sentia-se perturbado por um escrúpulo. Receava, adorando Aptouknos, deus dos líbios, ofender Moloch. Perguntou, por isso, timidamente a Spendius a qual dos dois seria melhor sacrificar um homem.

— Sacrifica, sim! Sacrifica! — respondeu Spendius, rindo.

Matho, que não compreendia semelhante indiferença, suspeitou que o grego tinha um Génio, de que não queria falar.

Nestes exércitos de bárbaros, achavam-se todos os cultos, assim como todas as raças; mas uns respeitavam os deuses dos outros, porque também os amedrontavam. Muitos aliavam à sua religião natal muitas práticas de religiões estrangeiras. Não adoravam as estrelas, mas como tal ou tal constelação era funesta ou propícia, faziam-lhe sacrifícios; um amuleto desconhecido, achado por acaso no meio de um perigo, tornava-se uma divindade; ou então era um nome, que era repetido sem que ninguém diligenciasse compreender o que ele poderia significar. Mas, à força de terem saqueado templos e visto grande quantidade de nações e de carnificinas, muitos chegavam a acreditar unicamente no destino e na morte, e todas as noites adormeciam com a placidez dos animais ferozes. Spendius teria cuspidos nas imagens de Júpiter Olímpico. Todavia, tinha receio de falar alto, no meio das trevas, e não deixava, todos os dias, de calçar o primeiro o pé direito.

Spendius estava levantando, na frente de Utica, um vasto aterro quadrangular. Mas, à medida que ele se elevava, elevavam-se também as trincheiras da cidade. O que era ganho por uns achava-se quase imediatamente vencido pelos outros. Spendius poupava os seus soldados e fantasiava planos, diligenciando recordar-se dos estratagemas que ouvira contar durante as suas viagens. Mas por que razão não voltava Narr’Havas? A sua demora causava-lhe já grandes inquietações.

Hannon terminou, enfim, os seus preparativos. Numa noite sem luar, ordenou que os seus soldados e elefantes atravessassem em jangadas o golfo cartaginês. Depois contornaram a montanha das Águas Quentes, para evitar o encontro com Autharite, e prosseguiram a marcha tão vagarosamente, que, em vez de surpreenderem os bárbaros numa madrugada, como o sufeta tinha calculado, só no terceiro dia os avistaram, e com o Sol já nado.

Do lado do Oriente tinha Utica uma planície, que se estendia até à grande lagoa de Cartago. No seu extremo, desembocava para ela, em ângulo reto, um vale compreendido entre duas montanhas pouco elevadas e de repente interrompidas. Os bárbaros tinham acampado um pouco mais longe, sobre a esquerda, de maneira a bloquear o porto, e estavam dormindo nas suas tendas, porque os dois partidos, muito fatigados naquele dia para combaterem, tinham-no dedicado ao descanso, quando, contornando as colinas, avistaram o exército cartaginês.

Nas duas alas iam, em ordem estendida, muitos rapazes munidos de fundas. Os guardas da Legião, sob as suas armaduras de escamas de ouro, formavam a primeira linha, montados nos seus grandes cavalos sem crinas, sem pelo, sem orelhas e com chavelhos de prata no meio da testa, para os tornar semelhantes a rinocerontes. Entre os seus esquadrões, muitos mancebos, cobertos com um pequeno capacete, baloiçavam em cada mão um dardo de freixo. Por detrás deles, viam-se os compridos chuços da pesada infantaria. Aqueles comerciantes tinham acumulado em cima de si o maior número de armas possível. Havia os que levavam ao mesmo tempo um machado, uma lança, uma maça e duas espadas; outros, quais porcos-espinhos, iam eriçados de dardos e não podiam unir os braços aos corpos, por causa das suas couraças feitas de bocados de chifre ou de lâminas de ferro. Finalmente, apareceram os madeiramentos das formidáveis máquinas: carrobalistas, onagros, catapultas e escorpiões, oscilando sobre carros puxados por mulas e quadrigas de bois. Os capitães, à medida que o exército

de desenvolvia, corriam arquejantes, de um para outro lado, comunicando ordens, fazendo unir as fileiras e regulando os intervalos. Os Anciãos, encarregados do comando, vestiam as suas opas de púrpura, cujas franjas magníficas se lhes embaraçavam nas correias dos coturnos. Os rostos, todos pintados com vermelhão, reluziam sob enormes capacetes sobrepujados por imagens de deuses, e como os seus escudos tinham uma orla de marfim coberta de pedrarias, dir-se-ia serem outros tantos sóis, passando por diante de muralhas de bronze. Mas os cartagineses manobravam com tão grande dificuldade que os soldados, por escárnio, convidavam-nos a que se assentassem e gritavam-lhes que não tardava que lhes fossem vazar os volumosos ventres, sacudir-lhes a doiradura da pele e fazer-lhes beber ferro.

No topo do mastro arvorado diante da tenda de Spendius apareceu um bocado de um tecido verde: era o sinal. O exército cartaginês correspondeu a ele com enorme motim de trombetas, de pandeiros, de flautas de canelas de jumentos, e de saltérios. Nisto, já os bárbaros tinham saltado para fora das paliçadas. Achavam-se, pois, face a face, ao alcance do dardo.

Um fundibulário balear deu um passo para a frente, pôs na funda uma das suas balas de barro, depois volteou o braço e arremessou a bala. Um escudo de marfim foi feito em pedaços e os dois exércitos acometeram-se.

Os gregos, picando os cavalos nas ventas com as pontas das lanças, faziam-nos empinar e cair sobre os seus cavaleiros. Os escravos, que deviam arremessar as pedras, tinham-nas levado demasiadamente grandes, de sorte que caíam a poucos passos deles. Os peões púnicos, querendo descarregar cutiladas com as suas compridas espadas, descobriam-se do lado direito. Os bárbaros romperam-lhes as linhas; degolaram-nos com a maior destreza e facilidade possíveis, tropeçando nos moribundos e nos cadáveres, cegos pelo sangue que lhes salpicava os rostos. Aquele montão de chuços, de capacetes, de couraças, de espadas e de membros confundidos volteava sobre si mesmo, alargando-se e apertando-se em contrações elásticas. As coortes cartaginesas desordenavam-se cada vez mais e as suas máquinas não podiam sair das areias. Por fim, a liteira do sufeta, a sua enorme liteira, com pingentes de cristal, que se via, desde o começo da luta, baloiçando entre os soldados, como um navio sobre as ondas, soçobrou de repente. Estava morto, decerto. Os bárbaros acharam-se sós em campo. A poeira ia assentando já em torno deles, que começavam a cantar, quando o próprio Hannon lhes tornou a aparecer sobre um enorme elefante. O sufeta estava com a cabeça descoberta e abrigada sob um para-sol de linho, seguro por um negro colocado atrás dele. O colar de lâminas azuis batia-lhe sobre as flores da sua túnica preta; grandes círculos de diamantes lhe comprimiam os enormes braços e, com a boca muito aberta, brandia uma enorme lança, desabrochada no couro como um lódão e mais brilhante que um espelho. No mesmo instante, pareceu abalar-se a terra, e os bárbaros viram, correndo numa só linha, todos os elefantes de Cartago, com os dentes doirados, as orelhas pintadas de azul, revestidos de bronze e sacudindo sobre as suas gualdrapas escarlates grandes torres de couro, guarnecidas cada uma por três archeiros com os arcos prontos a disparar.

Os bárbaros achavam-se dispersos. Quase todos tinham largado as armas e foi grande a confusão para tornarem a unir-se. A presença de semelhantes inimigos aterrorizou-os: ficaram indecisos. Já do alto das torres lhes arremessavam dardos, flechas, faláricas e barras de chumbo. Alguns, para subir a elas, seguravam-se às franjas das gualdrapas; mas decepavam-lhes as mãos com cutelos e faziam-nos cair para trás sobre as pontas das espadas. Os chuços, muito fracos, quebravam-se; os elefantes abriam caminho por entre as falanges, como javalis por entre o mato; arrancavam com as trombas a estacaria do acampamento e atravessavam-no de um a outro extremo, derrubando todas as tendas com os peitoris. Todos os bárbaros tinham fugido, ocultando-se nas colinas que orlavam o vale por onde tinham passado os cartagineses.

Hannon, vencedor, apresentou-se às portas de Utica e mandou fazer um sinal de trombeta. Logo depois apareceram os três juizes da cidade no alto de uma torre, na fileira das seteiras. Mas os habitantes de Utica não queriam receber hóspedes tão bem armados. Hannon encolerizou-se. Por fim, consentiram em dar-lhe entrada, sendo apenas acompanhado por muito fraca escolta. Como as ruas eram muito estreitas para os elefantes, foi indispensável deixá-los fora da cidade.

Apenas o sufeta entrou, foi cumprimentado pelos seus habitantes mais notáveis. Em seguida, ordenou que o conduzissem às estufas e que lhe enviassem os cozinheiros.

Tinham passado três horas e ainda Hannon estava mergulhado em óleo de cinamomo, de que estava cheia a tina; e, ao mesmo tempo que se banhava, comia, sobre um couro de boi, estendido diante dele, línguas de fenicópteros com sementes de

dormideiras, temperadas com mel. Ao lado dele, o seu médico grego, imóvel na sua túnica amarela, mandava de espaço a espaço aquecer mais a estufa; e dois rapazinhos em pé sobre os degraus da grande tina não cessavam de esfregar-lhe as pernas. Os cuidados que dava ao corpo não lhe esfriavam o seu amor pelas coisas públicas; e por isso, ao mesmo tempo, ditava uma carta para o Conselho Supremo; e, como havia prisioneiros, perguntava a si mesmo qual seria o castigo terrível que para eles inventaria.

— Espera! — disse ele a um escravo que, em pé, estava escrevendo sobre a palma da mão. — Tragam-me alguns! Quero vê-los!

E do fundo da sala, cheia de um vapor esbranquiçado, que produzia como que umas manchas vermelhas, empurraram três bárbaros: um samnita, um espartano e um capadócio.

— Continua! — disse Hannon, dirigindo-se ao escravo que estava escrevendo. — Regozijai-vos, luz dos Baais! O vosso sufeta exterminou os cães vorazes! Abençoada seja a República! Ordenai a todos que orem!

Nisto, vendo um dos prisioneiros, desatou a rir:

— Ah! Meus bravos de Sicca! Agora já não gritais tão alto! Olhai que sou eu! Reconheceis-me? Onde estão as vossas espadas? São realmente homens terríveis! — E afetou querer esconder-se, como se tivesse medo deles. — Pedíeis cavalos, mulheres, terras; pedíeis, sem dúvida, magistraturas e sacerdócios! Porque não! Sossegai! Dar-vos-ei terras, donde jamais saireis! Casareis com forças completamente novas! Quereis também o vosso soldo? Ser-vos-á fundido na boca em barras de chumbo! Sereis colocados em bons lugares, muito altos, entre as nuvens, para que fiqueis mais próximos das águias!

Os três bárbaros, de bastas cabeleiras e cobertos de farrapos, olhavam para ele sem lhe entenderem uma só palavra. Feridos nos joelhos, tinham-nos agarrado, lançando-lhes cordas; e arrastavam pelas lajes os pesados grilhões que lhes prendiam os pulsos.

Hannon indignou-se com a sua impassibilidade.

— De joelhos! De joelhos! Chacais, vermes, excrementos. — E eles não respondiam. — Ah! Calam-se!... Esfolem-nos vivos!... Não! Ainda não!

E falando assim arregalava desmedidamente os olhos e soprava como um hipopótamo. O óleo perfumado transbordava nas escamas que tinha na pele, fazia com que ela parecesse rosada, com o reflexo dos fachos.

Passado um instante, prosseguiu:

— Há quatro dias que temos sofrido muito com o Sol... Ah! Demonades! Como eu padeço! Manda aquecer os tijolos até que estejam rubros!

Quase imediatamente ouviu-se o ruído das pás nos fornilhos. O incenso ardeu com mais força nas amplas caçoilas e os escravos que fabricavam as massas e as pomadas, completamente nus e suando como esponjas, esfregaram as articulações do sufeta com uma composição feita de farinha, de enxofre, de vinho tinto, de leite de cadela, de mirra, de gálbano e de estoraque. A sede que o devorava era implacável. O homem vestido de amarelo não cedeu ao seu desejo e, apresentando-lhe uma taça de ouro, em que fumegava um caldo de víbora, disse-lhe:

— Bebe, para que a força das serpentes, filhas do Sol, penetre até à medula dos teus ossos. Recobra ânimo, ó reflexo dos deuses! Bem sabes como um sacerdote de Eschmoun observa em torno do Cão as estrelas cruéis donde deriva a tua deusa. Aquelas estrelas empalidecem como as manchas da tua pele e tu não deves morrer!

— Sim, sim! Não devo morrer, não é verdade? — repetiu o sufeta; e dos arroxeados lábios saía-lhe um hálito mais nauseabundo que a exalação de um cadáver.

Os olhos, que já não tinham sobrancelhas, pareciam dois carvões acesos; na fronte tinha pendente um montão de peles rugosas; as duas orelhas, afastando-se-lhe da cabeça, começavam a aumentar de volume, e as rugas profundas, que lhe formavam semicírculos em volta das narinas, davam-lhe um aspeto extraordinário e medonho, o ar de uma fera. A sua voz desnaturada assemelhava-se a um rugido.

— Tens talvez razão, Demonades — dizia ele. — Com efeito, há aqui úlceras fechadas. Sinto-me robusto! Olha! Vê

como eu como!

E não tanto por gulodice como por ostentação, e para provar a si mesmo que se achava melhor, encetava os recheios de queijo e orégãos, vários peixes já sem espinhas, abóboras, ostras, acompanhando tudo com ovos, rábanos, trufas e fígados de passarinhos. Olhando ao mesmo tempo para os prisioneiros, saboreava na imaginação o seu suplício. Recordava-se de Sicca e a raiva de todas as suas dores exalava-se em injúrias contra os seus homens.

— Traidores! Miseráveis! Infames! Malditos! E ultrajáveis-me! A mim, ao sufeta! Queriam a paga dos seus serviços! O preço do seu sangue, como eles dizem! Sim, sim! O seu sangue, o seu sangue! — Depois, falando consigo mesmo: “Perecerão todos! Nem um só será vendido! Seria melhor conduzi-los a Cartago! Veremos... mas não trouxe, decerto, suficientes grilhões!... Escreve: ‘Enviai-me...’ Quantos são eles? Vão perguntá-lo a Muthumbal! Vamos, nada de piedade! Quero que me apresentem em cestos todas as suas mãos cortadas.”

Nisto chegaram aos ouvidos dos que estavam na sala muitos gritos desusados, ao mesmo tempo roucos e agudos, suplantando a voz de Hannon e o ruído dos pratos que lhe estavam colocando ao alcance das mãos. Os gritos redobravam e, de repente, sentiu-se o furioso tropel dos elefantes, como se a batalha tivesse recomeçado. A cidade achava-se rodeada por um tumulto espantoso.

Os cartagineses não tinham diligenciado perseguir os bárbaros. Tinham estabelecido campo junto dos muros, com as suas bagagens, os seus servos, todo o seu trem de sátrapas, e divertiam-se nas tendas guarnecidas de pérolas, ao passo que o acampamento dos mercenários não figurava na planície senão como um montão de ruínas.

Spendius tinha recobrado ânimo. Mandou Zarxas ao encontro de Matho, percorreu os bosques, reuniu os seus homens (as perdas não tinham sido consideráveis) e, furiosos todos por terem sido vencidos sem combater, tratavam de se reorganizar, quando lobrigaram uma grande dorna de petróleo, abandonada sem dúvida pelos cartagineses. Então, Spendius mandou roubar porcos aos casais situados fora das muralhas, untou-os todos de betume, lançou-lhes fogo e impeliu-os para Utica.

Os elefantes, amedrontados por aquelas chamas, despedaçaram as prisões e fugiram; o terreno era mais elevado do lado dos bárbaros, que arremessaram contra os elefantes grandes quantidades de dardos, obrigando-os a voltar para trás. Então os temíveis animais, enfurecidos, caíram sobre os cartagineses, pisando-os, estripando-os com os dentes, aniquilando-os quase.

Atrás deles, os bárbaros desciam a colina. O acampamento púnico, sem trincheira, foi devastado logo ao primeiro ataque, achando-se os cartagineses esmagados contra as portas, que os habitantes da cidade não queriam abrir-lhes, temendo os mercenários. A este tempo, começava a despontar o dia; e do lado do Ocidente avistavam-se já as forças de Matho, que se iam aproximando. Ao mesmo tempo, apareceu grande troço de cavaleiros. Era Narr’Havas com os seus númidas, os quais, saltando moitas e valados, perseguiram os fugitivos, como galgos atrás de lebres.

Esta mudança de fortuna interrompeu a quietação do sufeta, que logo começou a gritar que o ajudassem a sair da estufa.

Os três prisioneiros estavam ainda na sua presença. Então um negro, o mesmo que durante a batalha segurava o para-sol, falou-lhe ao ouvido.

— E então?... — respondeu vagarosamente o sufeta, que concordou em seguida, com modo desabrido.

O etíope tirou da cintura uma comprida adaga e logo as três cabeças foram decepadas. Uma delas, saltando por entre os restos do banquete, caiu dentro da tina, onde flutuou por algum tempo, com a boca aberta e os olhos fixos. A claridade da madrugada penetrava já pelas fendas das paredes. Os três corpos, deitados de bruços, pareciam três fontes, inundando de sangue os mosaicos do pavimento, ocultos quase por um pó azul. O sufeta meteu a mão naquele lodo ainda quente, e esfregou com ele os joelhos: era um remédio.

Ao anoitecer, fugiu da cidade com a sua escolta e internou-se na montanha com a ideia de se juntar ao seu exército, cujos despojos chegou por fim a encontrar.

Passados quatro dias esteve em Gorza, no alto de um desfiladeiro, quando em baixo se apresentaram as tropas de Spendius. Vinte boas lanças, atacando-lhes a testa da coluna, facilmente a fariam parar; mas os cartagineses, estupefactos, contentaram-se em vê-los passar. Hannon reconheceu na retaguarda o rei dos númidas. Narr’Havas inclinou-se para o saudar,

fazendo-lhe um sinal que ele não compreendeu.

Hannon e o resto da sua gente tomaram o caminho de Cartago, no meio de toda a espécie de terrores. Marchavam somente de noite. De dia ocultavam-se nos bosques de oliveiras. Em cada ponto onde paravam, morriam alguns; por muitas vezes se julgaram de todo perdidos. Conseguiram, enfim, chegar ao cabo Hermaeum, onde alguns navios os foram receber.

Hannon estava tão fatigado, tão cheio de desespero, sobretudo pela perda dos elefantes, que pediu a Demonades que lhe desse veneno. Demais, parecia-lhe sentir-se já pregado na cruz.

Mas Cartago não teve força para se indignar contra ele. Tinham perdido quatrocentos mil novecentos e setenta e dois siclos de prata, quinze mil seiscentos e vinte e três shekel de ouro, dezoito elefantes, catorze membros do Conselho Supremo, trezentos ricos, oito mil cidadãos, trigo para três luas, uma bagagem muito razoável e todas as máquinas de guerra.

A deserção de Narr'Havas era certa. Os dois cercos recomeçaram. O exército de Autharite estendia-se, então, de Tunes a Rodes. Do alto da Acrópole viam-se pelos campos grandes turbilhões de fumo, elevando-se ao céu: eram as herdades dos ricos que haviam sido incendiadas.

Havia unicamente um homem que poderia salvar a República. Todos se arrependiam de não o ter reconhecido. O próprio partido da paz fez votos pelo regresso de Amílcar.

A vista do “zaimph” tinha transtornado Salambo. Durante a noite, julgava ouvir os passos da deusa e despertava sobressaltada e soltando gritos. Não havia dia algum em que não mandasse para os templos grande quantidade de alimentos.

Taanach afadigava-se, executando as suas ordens, e Schahabarim não se afastava dela um só instante.

O Anunciador-das-Luas, que velava todas as noites no mais alto do templo de Eschmoun, para assinalar com o som da sua trombeta as agitações do astro, avistou uma manhã o que quer que era semelhante a uma ave, roçando com as suas grandes asas pela superfície do mar.

Era um navio com três ordens de remos e tendo na proa a figura de um cavalo. O Sol ia já subindo acima do horizonte. O Anunciador-das-Luas pôs a mão por cima dos olhos, para evitar-lhe os raios; depois levou à boca o seu grande clarim e lançou sobre Cartago estridente som metálico.

No mesmo instante começou a sair gente de todas as casas; ninguém acreditava a notícia, suscitavam-se disputas por todos os lados e o molhe cobriu-se de povo. Finalmente, todos reconheceram a trirreme de Amílcar.

A embarcação seguia avante de um modo orgulhoso e altivo, com a sua vela curva solta ao longo do mastro e fendendo a escuma em torno de si. Os seus agigantados remos batiam na água cadentemente. De vez em quando, aparecia a extremidade da quilha, com a forma de relha de uma charrua; e sob o esporão em que a proa terminava via-se o cavalo de marfim, com as duas mãos erguidas, parecendo galopar pelas planícies do mar.

Passado o promontório, *como o vento tinha cessado*, foi arriada a vela e pôde então ver-se ao lado do piloto um homem, de pé, de cabeça descoberta: era ele o sufeta Amílcar!

Tinha o corpo todo coberto de reluzentes lâminas de ferro. Os braços saíam-lhe desembaraçados debaixo de um manto vermelho, preso nos ombros; das orelhas pendiam-lhe duas grandes pérolas; e a sua barba preta, muito basta, quase lhe cobria o peito.

Entretanto, a trirreme, baloiçando por entre os rochedos, contornava o molhe; e a multidão, que cobria o lajedo, não o perdia de vista, gritando:

— Salvé! Abençoado seja, Olho de Khamon! Vem, salva-nos! Só os ricos são culpados! Querem a tua morte! Acautelate, Barca!

O sufeta não respondia, como se o clamor dos oceanos e das batalhas o houvesse completamente ensurdecido. Mas quando chegou defronte da escadaria que descia da Acrópole, ergueu Amílcar a frente e, com os braços cruzados, olhou para o templo de Eschmoun. A sua vista elevou-se mais ainda para o céu puro. Depois, com voz áspera, deu uma ordem aos seus marinheiros. O trirreme quase deu um salto; roçou levemente pelo ídolo colocado no ângulo do molhe para abonançar as tempestades, e, no porto mercante, cheio de imundícies, de aparas de madeira e de cascas de frutas, afastava e deslocava os outros navios amarrados a fortes estacas e cujas proas tinham a forma de queixadas de crocodilo.

O povo corria de todos os lados para presenciar esta cena. Muitos homens lançaram-se ao mar para, nadando ao largo, verem melhor. Mas a trirreme achou-se num momento diante de uma grande porta eriçada de enormes cabeças de pregos. A porta ergueu-se e a trirreme desapareceu sob uma profunda abóbada.

O porto militar era completamente separado da cidade.

Quando chegavam embaixadores, era-lhes preciso passar entre duas muralhas, por um corredor que desembocava, à esquerda, na frente do templo de Khamon. Esta grande praça de água, circular como uma taça, era orlada de cais, em que havia grandes armazéns para serem recolhidos os navios. Na frente de cada um destes armazéns, erguiam-se duas colunas, tendo em seus capitéis os chavelhos de Ámon, o que formava uma continuidade de pórticos à roda da vasta bacia. No centro dela, numa ilha, havia uma casa para o sufeta do mar.

A água era tão límpida que se via o fundo coberto de calhaus brancos. O ruído das ruas não chegava ali, e Amílcar, de passagem, ia reconhecendo os trirremes que outrora comandara.

Não restavam talvez senão vinte, abrigadas mas tombadas para o lado. Poucas estavam direitas sobre a quilha, ostentando a grande elevação das suas popas e a curvatura das proas cobertas de doiraduras e de símbolos místicos. As

Quimeras tinham perdido as asas, os deuses Pateques, os braços, os touros, os chavelhos de prata, e todas, inertes, meio apodrecidas, mas cheias de história, exalando ainda o cheiro das viagens, pareciam dizer-lhe, como soldados que tornavam a ver o seu chefe: “Somos nós, somos nós! Mas tu também estás vencido?”

Ninguém, além do sufeta do mar, podia entrar na casa-almirante. Enquanto não havia prova da sua morte, continuavam a considerá-lo como existindo. Os Anciãos evitavam assim ter mais um senhor; e para com Amílcar não tinham deixado de obedecer a este costume.

O sufeta percorreu todas as casas desertas. A cada passo deparavam-se-lhe armaduras, móveis, objetos conhecidos, que, não obstante, lhe causavam admiração; e até no vestibulo existia ainda, numa caçoila, a cinza dos perfumes queimados na ocasião da partida, para conjurar Melkarth.

Não era desse modo que ele esperava voltar! Então, veio-lhe à memória quanto tinha feito e visto: os assaltos, os incêndios, as legiões, as tempestades, Drepanum, Siracusa, Lilybeia, o monte Etna, a planura de Erix, cinco anos de batalhas até ao dia funesto em que, depondo as armas, tinha perdido a Sicília. Depois, parecia-lhe tornar a ver bosques de limoeiros, pastores guardando rebanhos de cabras em montanhas pardas. E o coração palpitava-lhe ao imaginar o estabelecimento de uma outra Cartago. Os seus projetos, as suas recordações agitavam-se-lhe, como ondas tumultuosas, no cérebro atordoado ainda pelo baloiçar do navio. Estava acabrunhado, e, de repente desanimado, sentia necessidade de se aproximar dos deuses.

Então subiu ao último andar da sua casa. Depois, tendo tirado de uma concha de ouro que lhe pendia do braço uma espátula guarnecida de pregos, abriu uma pequena câmara oval.

Este pequeno recinto era frouxamente iluminado por delgadas rodelaas negras, embutidas nas paredes como vidro. Entre as fileiras destes discos iguais havia umas aberturas semelhantes às das urnas nos columbários, contendo cada uma delas uma pedra redonda, escura, e que parecia muito pesada. Só as pessoas de espírito superior honravam aqueles abadires caídos da Lua. Segundo o modo por que caíam, assim significavam os astros, o céu, o fogo; pelo calor, a noite tenebrosa; e, pela densidade, a coesão dos corpos terrestres.

Era sufocadora a atmosfera que enchia aquele lugar místico. Alguma areia marinha, que o vento ali introduzira, decerto, pelas fendas das portas, embranquecia um pouco as pedras redondas que ocupavam aqueles nichos. Amílcar contou-as todas. Depois tapou o rosto com um véu de açafraão e, ajoelhando, rojou o rosto no pó, estendendo ao mesmo tempo ambos os braços.

A claridade exterior refletia-se nos discos negros das paredes. Na sua espessura diáfana desenhavam-se arborescências, montículos, turbilhões e formas vagas de animais; e, contudo, a luz penetrava no recinto, assustadora e pacífica, como deve ser por detrás do Sol, nos tristes espaços das criações futuras. Amílcar esforçava-se por banir do pensamento todas as formas, todos os símbolos e designações dos deuses, a fim de abraçar melhor o espírito imutável que as aparências ocultavam. Cada vez se sentia mais penetrado pelo que quer que era das vitalidades planetárias, ao passo que encarava a morte e todos os acasos com o maior e mais íntimo desprezo. Quando se ergueu estava possuído de serena intrepidez, invulnerável à misericórdia e ao temor e, como sentisse opresso o peito, subiu ao alto da torre que dominava Cartago.

A cidade apresentava-se-lhe em declive e formando alongada curva, com as suas cúpulas, os seus templos, os seus telhados de ouro, as suas casarias, intervaladas por bosques de palmeira, os seus globos de vidro, que parecia lançarem fogo, e as suas vastas trincheiras formando uma espécie de agigantada bordadura, naquela cornucópia de abundância que parecia despejar-se para o seu lado. Via abaixo de si os portos, as praças, o interior dos pátios, o desenho das ruas e os transeuntes, que, daquela altura, pareciam bonecos.

“Ah! Se Hannon não tivesse chegado tão tarde às ilhas Égadas!”

Mergulhou a vista no horizonte e estendeu para o lado de Roma os dois punhos fechados.

Entretanto, a multidão acumulava-se na escadaria da Acrópole. Na praça de Khamon todos se acotovelavam para verem sair o sufeta. Os terraços, pouco a pouco, carregavam-se de gente; algumas pessoas, que o reconheceram, saudaram-no, mas ele retirou-se para agravar ainda mais a impaciência de povo.

Amílcar, descendo para a sala, encontrou ali os homens mais importantes do seu partido: Istatten, Subeldia, Hictamon,

Yeoubas e outros, que lhe contaram quanto se tinha passado depois da conclusão da paz: a avareza dos Anciãos, a partida dos soldados, a sua volta, as exigências que tinham apresentado a captura de Giscon, o roubo do “zaimph”, o modo por que Utica tinha sido socorrida e depois abandonada. Mas nenhum ousou descrever-lhe os acontecimentos que lhe diziam respeito. Por fim, separaram-se, para tornarem a encontrar-se, à noite, na assembleia dos Anciãos, no templo de Moloch.

Tinham apenas saído os amigos de Amílcar, quando à porta, da parte de fora, se sentiu grande tumulto. Havia alguém que queria entrar, apesar da resistência dos servos, e Amílcar, vendo que o motim aumentava, ordenou que introduzissem quem quer que era.

Apresentou-se, então, uma negra muito velha, corcovada, com o rosto todo enrugado, aspeto estúpido, e envolvida até aos calcanhares em amplas roupagens azuis. Achando-se na presença do sufeta, encarou-o. Amílcar estremeceu de repente. A um gesto seu, os escravos afastaram-se. Então, fazendo sinal à negra para que andasse com precaução, conduziu-a pelo braço para uma casa interior.

Depois de chegarem ali, a negra lançou-se-lhe aos pés, querendo beijar-lhe as mãos: Amílcar ergueu-a brutalmente.

— Onde o deixaste, Iddibal?

— Onde o sabeis, senhor! — E, desembaraçando-se das suas roupagens, limpou o rosto com a manga; e a sua cor negra, a tremura senil, a curvatura da espinha, tudo desapareceu. Era um robusto velho, cuja pele parecia curtida pela areia, pelo vento e pelo mar. No crânio tinha uma trunfa de cabelos brancos, semelhante à popa de uma ave; e, com irónico olhar, mostrava o seu disfarce caído por terra.

— Fizeste bem, Iddibal! Muito bem! — Depois, parecendo atravessá-lo com o olhar: — Ninguém suspeita de nada?

O velho jurou-lhe pelos Kabyres que estava bem guardado o segredo. Não tinha saído da sua cabana, situada a três dias de Hadrumeta, na margem povoada de tartarugas e cujas dunas eram cobertas de palmeiras.

— E, segundo as tuas ordens, senhor — concluiu o velho —, ensino-lhe a arremessar dardos e a guiar as quadrigas.

— É robusto, não é verdade?

— Sim, senhor, e intrépido também! Não teme nem as serpentes, nem os trovões, nem os fantasmas. E, como um pastor, corre descalço pela beira dos precipícios.

— Fala! Fala!

— Até inventa laços, para apanhar os animais bravios. Na última Lua, acredita, surpreendeu uma águia. O possante animal arrastava-o consigo, de sorte que se espalhava pelo ar, em grossas gotas e conjuntamente, quais folhas de rosas levadas pelo vento, o sangue da ave e o da criança. A águia, furiosa, oprimia-o, açoutando-o com as asas. Mas ele apertava-a cada vez mais contra o peito e, à medida que a feroz ave agonizava, redobrava o vencedor as suas risadas estridentes e soberbas, como o tinir de espadas.

Amílcar curvava a cabeça, deslumbrado por tais presságios de grandeza.

— Mas há tempos que se mostra inquieto. Não tira os olhos das velas que ao longe atravessam o mar. Anda triste, rejeita o pão, pede informações dos deuses e quer conhecer Cartago.

— Não, não! Ainda não! — exclamou o sufeta.

O velho escravo mostrou conhecer o perigo que tanto assustava Amílcar. Todavia, prosseguiu:

— Como hei de contê-lo? Vejo-me já obrigado a fazer-lhe promessas. Não vim a Cartago senão para comprar-lhe um punhal com cabo de prata, guarnecido de pérolas. — Depois contou que, tendo avistado o sufeta no terraço, se apresentara aos guardas do porto como sendo uma das escravas de Salambo, a fim de poder chegar até à sua presença.

Amílcar permaneceu por muito tempo calado e como que indeciso acerca da resolução que deveria tomar. Por fim, disse ao escravo:

— Amanhã apresentar-te-ás em Megara, ao pôr do Sol, por detrás das fábricas de púrpura, e imitarás três vezes o grito de um chacal. Se não me vires, virás a Cartago no primeiro dia de cada Lua. Não esqueças nada. Ama-o! E agora podes falar-lhe de Amílcar.

O escravo tomou novamente o seu disfarce e, pouco depois, saíram ambos da casa-almirante e do porto.

Amílcar continuou caminhando só, a pé, sem escoltas nem fachos, porque as reuniões dos Anciãos eram, em circunstâncias extraordinárias, sempre secretas e todos se dirigiam para elas o mais misteriosamente que podiam.

Primeiro caminhou ao longo da face oriental da Acrópole, passou depois pelo mercado da hortaliça, pelas galerias de Kinisdo e pelo bairro dos perfumistas. As luzes, que já eram raras, iam-se apagando, e as ruas mais largas tomavam-se silenciosas, distinguindo-se apenas alguns vultos que as percorriam através da escuridão. Estes vultos seguiam todos a mesma direção, caminhando como Amílcar para o lado das Mapales.

O templo de Moloch estava situado numa garganta escarpada, lugar assaz sinistro. Debaixo, não se via senão as altas muralhas, que subiam indefinidamente, quais paredes de monstruoso túmulo.

A noite estava escuríssima e sobre o mar pesava espesso nevoeiro. As ondas rebentavam contra as penedias, produzindo um ruído como o do estertor e soluços dos agonizantes. Os vultos que há pouco se encontravam nas ruas silenciosas foram, a pouco e pouco, desaparecendo, como se tivessem passado através das paredes.

Apenas entravam a porta do templo, achavam-se num vasto pátio quadrangular, orlado de arcadas. No centro, erguia-se uma massa de arquitetura de oito faces iguais. Em volta de um segundo andar, acumulava-se grande número de cúpulas sobrepostas. Este segundo andar sustentava uma espécie de rotunda, donde se elevava um cone de curva reentrante, terminando por uma esfera. Em cilindros de filigrana, com grandes cabos, em que seguravam outros tantos homens, ardiavam muitos perfumes; e o clarão que deles saía vacilava com as rajadas de vento e avermelhava os pentes de ouro que seguravam os cabelos nas nuças dos seus condutores, os quais corriam solícitos de um para outro lado, para receberem os Anciãos.

Sobre o lajedo, de distância em distância, estavam acorados, como esfinges, enormes leões, símbolos vivos do Sol devorador, dormitando tranquilamente. Mas, despertos pelo ruído dos passos e pelas vozes, levantavam-se vagarosamente, chegavam-se aos Anciãos, que eles conheciam pelo seu uniforme, e roçavam-se-lhes pelas pernas, arqueando o lombo e resmungando humildemente. A claridade dos fachos, distinguia-se o espesso vapor do seu hálito. A agitação aumentou gradualmente, fecharam-se diversas portas, todos os sacerdotes se ausentaram, e os Anciãos foram, a pouco e pouco, desaparecendo por entre as colunas, que formavam em volta do templo profundo vestibulo.

Estas colunas eram dispostas de modo que reproduziam com as suas fileiras circulares, compreendidas umas nas outras, o período de Saturno, contendo os anos, os meses, os dias, e tocando-se no extremo, na parede do santuário.

Era ali que os Anciãos deixavam os seus bastões de barba de narval, visto que uma lei, observada sempre, punia com a morte aquele que tomasse parte na sessão tendo consigo uma arma de qualquer espécie que fosse. Muitos levavam nas túnicas rasgões consertados com galões de púrpura, para mostrarem que, chorando a morte dos seus colegas, nem tinham poupado os vestidos. Outros levavam a barba metida num saquinho de pele roxa, preso às orelhas com dois cordões. Todos se abraçavam e rodeavam Amílcar; todos o felicitavam. Dir-se-ia que tornavam a ver um irmão ausente.

Esses homens eram, geralmente, membrudos e tinham quase todos o nariz adunco como os colossos assírios. Todavia, alguns, pela saliência das faces, pela estatura mais elevada, pelos pés compridos e delgados, denunciavam origem africana, de antepassados nómadas. Os que viviam constantemente no interior dos seus escritórios eram macilentos. Outros conservavam, por assim dizer, a severidade do deserto; e nos dedos das suas mãos, crestadas pelos ardores de sóis desconhecidos, viam-se brilhar extraordinárias joias. Os navegadores distinguiam-se pelo baloiçar do corpo quando andavam, ao passo que os homens do campo cheiravam a feno e a suor de mula. Estes, velhos piratas, faziam cultivar os campos; aqueles, acumuladores de capitais, equipavam navios; aqueloutros, proprietários rurais, sustentavam escravos, que exerciam officios mecânicos. Todos eram entendidos em disciplinas religiosas, finos em estratagemas, implacáveis e ricos. Todos tinham o aspeto fátigado pelos aturados cuidados. Todos tinham olhar desconfiado; e o hábito das viagens e da mentira, do tráfico e do comando, havia-lhes dado pronunciado aspeto de astúcia e de violência, uma espécie de brutalidade discreta e convulsiva. Além disto, ainda os tornava mais sombrios a influência do deus.

Passaram todos, primeiro, por uma sala abobadada com a forma de um ovo. Nas suas paredes havia sete portas de

diferentes cores, correspondendo aos sete planos. Passando depois por um extenso corredor, entraram noutra sala semelhante. Ao fundo pendia um candelabro, todo coberto de flores cinzeladas, e cada um dos seus braços de ouro terminava num cálice de diamantes, no qual ardia uma torcida de bisso. Este candelabro estava colocado sobre o último dos espaçosos degraus por onde se subia para um grande altar, que nos ângulos terminava por enormes chavelhos de bronze. Ao seu cume plano, subia-se por duas escadas laterais. Não se viam as pedras que as formavam; era como que uma montanha de cinzas acumuladas, no topo das quais fumegava indistintamente o que quer que era. Depois, mais alto que o candelabro, muito mais alto que o altar, erguia-se Moloch, todo de ferro, com o seu peito de homem, em que se viam várias aberturas. As suas asas abertas estendiam-se pela parede, as mãos tocavam o solo. Três pedras negras, orladas por círculos amarelos, figuravam na sua frente como três pupilos, e, como para mugir, levantava com terrível esforço a sua cabeça de touro.

Em torno da sala estavam enfileirados muitos escabelos de ébano. Por detrás de cada um deles havia um varão de bronze, que pousava no chão com três garras, sustentando um facho. Todas aquelas luzes se refletiam nos embutidos de nácar do pavimento. A sala era tão alta que a cor vermelha das paredes parecia preta junto da abóbada, e os três olhos do ídolo, sobranceiros a tudo, pareciam estrelas meio perdidas na escuridão.

Os Anciãos, depois de terem coberto a cabeça com as caudas dos seus mantos, assentaram-se nos escabelos de ébano, ficando imóveis, com as mãos cruzadas. O lajedo de nácar parecia um rio luminoso, que, correndo do altar para a porta, lhes passava por baixo dos pés descalços.

Os quatro pontífices ocupavam o centro da sala, assentados, costas com costas, em quatro cadeiras de marfim, formando uma cruz: o supremo sacerdote de Eschmoun com túnica cor de jacinto, o de Tanit com túnica de linho, o de Khamon com túnica de lã ruiva e o de Moloch com túnica de púrpura.

Amílcar dirigiu-se para o candelabro, girou à roda dele, contemplando as torcidas acesas e, depois, lançou sobre elas um pó perfumado; imediatamente, apareceu na extremidade de cada braço uma chama roxa.

Então, ouviu-se uma voz aguda, a que logo respondeu outra. Os cem Anciãos, os quatro pontífices e Amílcar, todos em pé, entoaram um hino, repetindo sempre as mesmas sílabas; e, reforçando cada vez mais os sons, foram as suas vozes subindo em crescendo, até que chegaram a ser terríveis. Depois, como obedecendo a uma só mola, todos se calaram de repente.

Passado muito pouco tempo, Amílcar tirou do peito uma pequena estátua com três cabeças, azul como safira, e colocou-a diante de si. Era a imagem da Verdade, o próprio génio da sua palavra. Depois, tornou a guardá-la no seio, e todos, como acometidos de súbita cólera, gritaram:

— São os teus amigos bárbaros! Traidor! Infame! Voltas te para nos ver perecer, não é verdade? Deixai-o falar! Não! Não!

Os Anciãos vingavam-se do cerimonial a que até então se tinham visto obrigados, e, conquanto houvessem desejado o regresso de Amílcar, indignavam-se contra ele por não ter prevenido tantos desastres ou, antes, por não os ter sofrido como eles.

Depois de serenado o tumulto, ergueu-se o pontífice de Moloch.

— Perguntamos-te porque não voltaste a Cartago.

— Que vos importa? — respondeu desdenhosamente o sufeta.

Os gritos redobraram.

— De que me acusais vós? Porventura conduzi mal a guerra? Vistes todos os planos das minhas batalhas, vós, que consentis comodamente que bárbaros...

— Basta! Basta!

Amílcar prosseguiu em voz baixa, para obrigar a assembleia a ouvi-lo:

— Ah! É verdade! Engano-me, brilhantes luzes dos Baais! Entre vós há homens intrépidos! Giscon, levanta-te! — E percorrendo o degrau do altar com os olhos meio fechados, como em busca de alguém, repetiu: — Levanta-te, Giscon! Acusa-me, que eles te defenderão! Mas onde está ele? — Depois, como que recordando-se de repente: — Ah! Já sei! Sem dúvida, na

sua casa, rodeado pelos seus filhos, vigiando os seus escravos, feliz, e contando na parede os colares de honra que a pátria lhe tem dado!

Os Anciãos agitavam-se nos seus lugares encolhendo os ombros, como se os tivessem flagelado.

— Vós nem sabeis se ele está vivo ou morto! — prosseguiu Amílcar.

E, desprezando os seus clamores, disse-lhes que, abandonando o sufeta, tinham abandonado a República, e que a paz romana, que tão vantajosa lhes parecia, era mais funesta que vinte batalhas.

Alguns, os menos ricos do Conselho, suspeitos sempre de se inclinarem para o povo ou para a tirania, aplaudiram-no.

Os seus adversários, chefes dos Syssitas e administradores, triunfavam deles pelo número; os mais consideráveis tinham-se colocado junto de Hannon, que ocupava o lado oposto da sala, diante da grande porta, fechada com espessa tapeçaria.

Hannon tinha disfarçado com arrebiques as úlceras do rosto. Mas o pó de ouro que usava nos cabelos tinha-lhe caído sobre os ombros, onde formava duas manchas brilhantes, deixando aparecer os cabelos como na verdade eram, grisalhos e encarapinhados como lã. Tinha as mãos envolvidas em grandes ligaduras, embebidas num perfume gorduroso, que pingava no lajedo. A sua doença tinha, sem dúvida, aumentado consideravelmente, porque os olhos quase lhe desapareciam sob as volumosas rugas das pálpebras. Para ver, precisava de curvar a cabeça. Os seus partidários instigavam-no para que falasse. Por fim, disse com voz rouca e hedionda:

— Menos arrogância, Barca! Todos nós fomos vencidos! Suporte cada um a sua desgraça! Resigna-te!

— Diz-nos antes — respondeu Amílcar, sorrindo — como foi que conduziste as tuas galeras à frota romana!

— Fui impelido pelo vento — respondeu Hannon.

— Fazes como o rinoceronte, que escoiceia sobre o seu estrume. Fazes ostentação da tua sandice! Cala-te! Cala-te!

E começaram a recriminar-se acerca da batalha das ilhas Égadas!

Hannon acusava Amílcar de não ter ido ao seu encontro.

— Mas isso era desguarnecer Eryx. Devias fazer-te ao largo. Quem te impedia? Ah! Esquecia-me... todos os elefantes têm medo do mar!

Os amigos de Amílcar acharam chistoso o gracejo e soltaram tão estridentes gargalhadas que soaram na abóbada, como se alguém houvesse ferido as cordas de muitos saltérios.

Hannon protestou contra a indignidade de semelhante ultraje. Aquela doença tinha-lhe sido originada por um resfriamento repentino no cerco de Hecatômulo; e, dizendo estas palavras, grossas lágrimas lhe corriam pelas faces, como chuva de inverno sobre muralha derrocada.

Mas Amílcar prosseguiu:

— Se vós me tivésseis sido tão afeiçoado, como fostes àquele, seria agora imensa a alegria de Cartago! Não têm conta as vezes que vos pedi socorro! Sempre me recusastes dinheiro!...

— Necessitávamos dele! — disseram os chefes dos Syssitas.

— E quando a minha situação era desesperada (tínhamos bebido a urina das mulas e comido as correias das sandálias), quando eu quisera que as pedras fossem soldados e desejara formai batalhões com os cadáveres, mandastes retirar para junto de vós todos os navios que me restavam!

— Não podíamos arriscar tudo! — respondeu Baat-Baal, possuidor de minas de ouro da Getúlia Daritiana.

— Que fazíeis vós, entretanto, aqui em Cartago, nas vossas casas, abrigados com as vossas paredes? Havia no Erídano gauleses que era preciso impelir, camaneus em Cirene, que teriam vindo; e ao passo que os romanos enviam embaixadores a Ptolomeu...

— Agora elogia-nos os romanos! — disse uma voz. — Quanto te deram eles para que os defendesses?

— Pergunta-o às planícies de Brutium, às ruínas de Locres, de Metaponte e de Heracleia! Incendiei todas as árvores, saqueei todos os templos e matei os netos dos seus netos...

— Declamas como um retórico! — disse Kapouras, mercador ilustre. — O que queres tu, enfim?

— Quero que sejais mais hábeis ou mais terríveis! Se a África inteira repele o vosso jogo, é porque vós não sabeis, débeis senhores, ligar-lho aos ombros! Agathocles, Régulus, Coepio, todos os homens intrépidos só precisarão desembarcar para se apoderarem dela. E quando os líbios, que estão no Oriente, se entenderem com os númidas, que estão no Ocidente, e que os nómadas venham do Sul e os romanos do Norte... — Nisto ergueu-se de todos os lados um grito de horror. — Oh!... Batereis, então, nos peitos, rojar-vos-eis no pó, despedaçareis os vossos mantos! Embora! Tereis de ir fazer girar os moinhos na Suburra e fazer a vindima nas colinas do Lácio!

Os Anciãos batiam na coxa direita para denunciarem o escândalo e as mangas das suas túnicas, erguendo-se, pareciam as asas de pássaros assustados.

Mas Amílcar, como um possesso, prosseguia, de pé, no mais elevado degrau do altar, trémulo e terrível. Erguia os braços e os raios das luzes dos candelabros passavam-lhe por entre os dedos como dardos de ouro.

— Perdereis navios, campos, carros, leitões suspensos e até os escravos que vos esfregam os pés! Os chacais dormirão nos vossos palácios, a charrua revolverá os vossos túmulos! Não se ouvirá aqui senão o grito das águas, não se verá senão um montão de ruínas. hás de cair, Cartago!

Os quatro pontífices estenderam as mãos para afastar o anátema. Todos se haviam levantado. Mas o sufeta do mar, magistrado sacerdotal sob a proteção do Sol, era inviolável enquanto a assembleia dos ricos não o tivesse julgado. Ao altar ligava-se o que quer que era de formidável. Todos recuaram.

Amílcar calou-se. Com os olhos fitos no espaço e as faces tão pálidas como as pérolas da sua tiara, arquejava, assustado quase de si mesmo, e com o espírito perdido em visões fúnebres. Da altura em que se achava, os fachos pareciam-lhe sustentados pelas hastes de bronze, uma vasta coroa de lumes colocada ao nível do lajedo. Aquelas luzes produziam um fumo negro, que se elevava nas trevas da abóboda, e o silêncio, durante alguns minutos, foi de tal modo profundo, que se ouvia ao longe o sussurro do mar.

Em seguida, começaram os Anciãos a interrogar-se reciprocamente. Os seus interesses, a sua existência achavam-se atacados pelos bárbaros. Mas não podiam vencê-los sem o auxílio do sufeta; e esta consideração, a despeito do seu orgulho, fez calar todas as outras. Cada um chamou de parte os seus amigos. Houve reconciliações interesseiras, combinações e promessas. Amílcar de modo algum tomaria parte em qualquer espécie de governo. Todos o conjuravam. Suplicavam-lho por todos os modos; e como novamente proferissem a palavra *traidor*, o sufeta encolerizou-se e fez-lhes ver que o único traidor era o Conselho Supremo porque, terminando com a guerra o contrato dos soldados, eles tinham ficado livres apenas acabara a guerra. Chegou a exaltar a sua bravura, indicando todas as vantagens que eles poderiam produzir, fazendo-os interessar pela República, por meio de donativos e privilégios.

Então, Magdassan, antigo governador de províncias, exclamou, arregalando muito os olhos:

— Realmente, Barca! A força de viajar, tornaste-te... nem eu sei... um grego ou um latino! Que estás tu a falar de recompensa para semelhantes homens? Antes morram cem mil bárbaros do que um só de entre nós!

Os Anciãos aprovavam com gestos e murmuravam:

— Sim, sim! Para que se hão de ter tantas deferências? Sempre que se queira mercenários, têm-se de sobejo!

— E desembaraçai-vos deles, comodamente, não é assim? Abandonam-se, como fizestes na Sardenha. Participa-se ao inimigo o caminho que eles devem seguir, como sucedeu com os gauleses na Sicília; ou, então, desembarcam-se no meio do mar. Na minha volta, lá vi o rochedo todo branco com as suas ossadas.

— Que pena! — disse imprudentemente Kapouras.

— Não se têm eles passado cem vezes para o inimigo? — exclamaram os outros.

Amílcar exclamou:

— Por que razão, a despeito das vossas leis, os chamastes novamente a Cartago? Atraíste-los e, quando os tínheis na vossa cidade, pobres e numerosos no meio das vossas riquezas, nem sequer vos lembrastes de os enfraquecer por meio da

mais pequena divisão! Em seguida, despediste-os com suas mulheres e filhos, todos, sem que conservásseis em vosso poder um só refém! Contáveis, talvez, que se assassinassem uns aos outros para vos pouparem a dor de cumprirdes os vossos juramentos! Vós odiai-los, porque eles são fortes! Odiais-me ainda mais, a mim, seu chefe! Ainda há pouco o senti, quando me beijáveis as mãos, contendo-vos para que mas não mordêsseis!

Se os leões, que estavam dormindo no pátio, entrassem rugindo na sala, não seria mais espantoso o clamor. Mas o pontífice de Eschmoun levantou-se e, com os joelhos unidos, os cotovelos juntos ao corpo, direito, e com as mãos meio abertas, exclamou:

— Barca! Cartago necessita que tomes, contra os mercenários, o comando geral das forças púnicas!

— Recuso! — respondeu Amílcar.

— Dar-te-emos plenos poderes! — gritaram os chefes dos Syssitas.

— Não!

— Dar-te-emos, sem conta, todo o dinheiro que quizeres, todos os cativos, e cinquenta “zeret” de terra por cada cadáver de inimigo!

— Não e não! Porque é impossível vencer convosco!

— Tem medo!

— Porque sois cobardes, avaros, ingratos, pusilânimes e loucos.

— Está-os poupando!

— Para se colocar à frente deles! — disse uma voz.

— E vir depois sobre nós! — disse outra.

Do fundo da sala, Hannon uivou:

— O que ele quer é ser rei!

A estas palavras, todos deram um salto, derrubaram os escabelos e os fachos e precipitaram-se tumultuosamente para o altar, brandindo punhais.

Mas Amílcar, metendo as mãos nas mangas da túnica, tirou delas dois largos cutelos e, meio curvado, espedado no pé esquerdo, com os olhos flamejantes e os dentes cerrados, desafiou-os, imóvel, debaixo do candelabro de ouro.

Assim, como se viu, todos tinham levado, por precaução, armas consigo, o que era um crime; por isso, encaravam-se reciprocamente e em extremo assustados. Como todos estavam culpados, facilmente se tranquilizaram; e, pouco a pouco, voltando as costas ao sufeta, desceram os degraus do altar, furiosos pela humilhação.

Pela segunda vez, recuavam diante dele.

Durante alguns minutos, conservaram-se em pé. Muitos que se tinham ferido nos dedos, levavam-nos à boca ou enrolavam-nos disfarçadamente na orla do manto; dispunham-se já a retirar-se quando Amílcar ouviu distintamente estas palavras:

— É delicadeza para não afligir a filha!

E logo outra voz acrescentou:

— Decerto, visto que escolhe os seus amantes entre os bárbaros!

O sufeta, no primeiro momento, cambaleou; depois, procurou rapidamente com a vista Schahabarim. Mas o sacerdote de Tanit foi o único que se conservou no seu lugar, de sorte que Amílcar, de longe, apenas lhe viu o elevado gorro.

Todos o escarneciam, face a face. Quanto maior era a sua aflição, tanto mais feroz era a alegria dos seus inimigos. Os que estavam mais afastados gritavam-lhe:

— Viram-no sair do seu quarto!

— Foi numa manhã do mês de Thammouz!

— É o que roubou o “zaimph”!

— E é um homem perfeitíssimo!

— Mais alto que tu!

Amílcar arrancou da cabeça a tiara, insígnia da sua dignidade, a sua tiara de oito graus místicos, tendo no centro uma concha de esmeralda; e com as mãos lançou-a por terra com toda a força. Os círculos de ouro que a formavam deslocaram-se e as pérolas espalharam-se pelo lajedo. Todos lhe viram, então, na alva fronte uma extensa cicatriz, que parecia agitar-se-lhe, como uma serpente, entre as sobrancelhas. Todos os seus membros tremiam. Em seguida subiu por uma das escadas laterais ao cimo do altar e deu alguns passos sobre ele.

Era votar-se ao deus, oferecer-se em holocausto.

Os movimentos do seu manto agitavam as luzes do candelabro, que lhe ficava abaixo das sandálias, e o fino pó, que os seus passos levantavam, envolvia-o como uma nuvem até ao ventre. Junto das pernas do colosso parou e tomou nas mãos dois punhados daquele pó, cuja simples vista fazia estremecer de horror os cartagineses. E disse:

— Pelos cem fochos das vossas inteligências! Pelos oito fogos dos Kabyres! Pelas estrelas, meteoros e vulcões! Por tudo o que arde! Pela sede do deserto e pelo Sol do Oceano! Pela caverna de Hadrumeta e império das almas! Pelo extermínio geral, pelas cinzas dos vossos filhos e pela alma dos irmãos de vossos avós, com que agora confundo a minha! Vós, os Cem do Conselho de Cartago, mentiste, acusando minha filha! E eu, Amílcar Barca, sufeta do mar, chefe dos ricos e dominador do povo, perante Moloch com cabeça de touro, juro... — Todos esperavam algum juramento espantoso, mas Amílcar prosseguiu em voz mais alta e mais demorada: — ...Juro que nem lhe falarei em semelhante coisa!

Em seguida, entraram na sala os servidores sagrados, com os seus pentes de ouro, levando uns nas mãos esponjas de púrpura e outros folhas de palmeira. Ergueram a tapeçaria que ocultava a porta e pela abertura que deixaram viu-se, ao fundo das outras salas, o céu rosado, parecendo continuar-lhes as abóbodas e apoiando-se no horizonte, no mar do mais belo azul.

O Sol erguia-se, saindo das ondas. Os seus raios refletiam-se de repente no peito do colosso metálico dividido em sete compartimentos fechados com grades. A sua boca, guarnecida de dentes vermelhos, parecia bocejar horrivelmente. As narinas enormes dilatavam-se. A luz do dia animava-o, dando-lhe um aspeto terrível e impaciente, como se quisesa saltar para fora da janela, para se unir ao astro e percorrer com ele as imensidades.

Entretanto, os fochos, lançados por terra, ardiam ainda, produzindo sobre o nácar do pavimento como que umas nódoas de sangue. Os Anciãos, exaustos, cambaleavam; aspiravam o ar fresco com toda a força dos pulmões; o suor inundava-lhes as faces lívidas; à força de terem gritado, já não se entendiam uns aos outros. Mas a sua cólera contra o sufeta não tinha acalmado e, à maneira de despedida, dirigiam-lhe ameaças, a que Amílcar respondia.

— Até à noite, Barca, no templo de Eschmoun!

— Lá estarei!

— Far-te-emos condenar pelos ricos!

— E vós sê-lo-eis pelo povo!

— Acautela-te, para não acabares numa cruz!

— E vós despedaçados pelas ruas!

Apenas chegaram à porta do pátio, reassumiram todos o seu aspeto tranquilo.

Os seus andarilhos e archeiros esperavam-nos à porta. A maior parte retirou-se a cavalo em mulas brancas.

O sufeta subiu para o seu carro e pegou nas rédeas. Os dois cavalos, curvando o dorso e batendo cadentemente sobre os seixos, fazendo-os saltar para longe, subiram a galope todo o caminho das Mapales; o abutre de prata que ornava o extremo do timão parecia voar, tão ligeiro ia o carro.

A estrada atravessava um campo, coberto todo de grandes lajes, de forma piramidal, e que tinha entalhado no centro uma mão aberta, como se o defunto deitado por baixo a tivesse estendido para o céu, para reclamar alguma coisa. Passado o campo, viam-se disseminadas muitas cabanas de taipa, de mato ou junco, e todas cónicas. Estas habitações, que se acumulavam, cada vez mais, à proporção que se aproximavam dos jardins do sufeta, eram irregularmente separadas por pequenos muros de calhaus, regatos de água corrente ou cordas de esparto.

Amílcar não olhava senão para uma grande torre, cujos três andares pareciam três monstruosos cilindros, o primeiro de pedra, o segundo de tijolo e o terceiro de cedro, sobrepujado por uma cúpula de cobre, assente em vinte e quatro colunas de zimbros, das quais pendiam, à maneira de grinaldas, correntes de bronze entrelaçadas. Esta torre dominava os edifícios que se estendiam à sua direita, os armazéns, a casa de comércio; ao passo que o palácio das mulheres se erguia no meio dos ciprestes, alinhados como muralhas de bronze.

O ruidoso carro entrou a estreita porta e parou debaixo de um vasto telheiro, onde estavam presos muitos cavalos, comendo verdura.

Logo a este ponto correram todos os servos, que constituíam verdadeira multidão, visto que os que trabalhavam nos campos, temendo os bárbaros, se haviam recolhido todos na cidade. Os lavradores, vestidos de peles, arrastavam correntes presas nos tornozelos; os operários das fábricas de púrpura tinham os braços vermelhos, como algozes; os marinheiros distinguíam-se pelos barretes verdes; os pescadores, pelos colares de coral; os caçadores, pela rede que lhes cobria um dos ombros, e os servos de Megara, pelas túnicas brancas ou pretas, pelos calções de couro, barretes de palha, de feltro ou de linho, segundo a sua indústria ou o serviço em que eram empregados.

Por detrás de toda esta gente, agrupava-se ainda uma grande população, toda coberta de farrapos. Eram miseráveis que ali viviam sem emprego, longe das habitações, dormindo nos jardins e devorando os sobejos que lhes davam nas cozinhas; — era uma espécie de musgo humano, que vegetava à sombra do palácio.

Amílcar tolerava-os mais por previdência que por desprezo. Todos, como testemunho de alegria, tinham posto uma flor numa das orelhas, apesar de a maior parte nunca ter visto o sufeta.

De repente, arrojaram-se contra a multidão, distribuindo pancadas para todos os lados, uns homens armados com grandes cajados, e tendo nas cabeças uma espécie de toucados, que os assemelhavam a esfinges. O seu fim era repelir os escravos curiosos de verem o seu senhor, para que o não provocassem, fiados no seu número, nem o incomodassem com o seu cheiro.

Então, todos se prostraram, rojando-se pelo pó e exclamando:

— Florescente seja a tua casa, ó Olho de Baal!

E, por entre todos aqueles homens assim prostrados na avenida dos ciprestes, dirigiu-se para Amílcar, com um turíbulo na mão e tendo na cabeça uma mitra branca, Abdalonim, intendente dos intendentes.

Nesse momento, Salambo descia a escada das galerias, acompanhada por todas as suas escravas.

As cabeças das negras destacavam-se da fileira de faixas com lâminas de ouro, que cingiam a frente das romanas. Outras tinham presas nos cabelos flechas de prata, borboletas de esmeraldas ou compridas agulhas que, sob os raios de Sol, pareciam fios de fogo. Em todo aquele conjunto de vestuários brancos, amarelos e azuis, resplandeciam os anéis, os colares, as franjas, os braceletes; ouvia-se o leve roçar de ligeiros tecidos; sentia-se o estalido das sandálias e o ruído surdo dos pés nus, pousando sobre a madeira. E por entre as mulheres, de distância em distância, via-se um corpulento eunuco, de cabeça erguida e fisionomia risonha.

As mulheres, apenas terminou a exclamação dos escravos, ocultaram o rosto com as mangas das túnicas e soltaram um grito extravagante, semelhante ao uivo de uma loba, e tão furioso e estridente que pareceu fazer vibrar de alto a baixo, como uma lira, a grande escada de ébano.

O vento erguia-lhes os véus, e as delgadas vergõntes dos papiros baloiçavam-se molemente.

Corria, então, o mês de Schebar. Era em pleno inverno. As romãzeiras estavam carregadas de flores e, por entre os seus ramos, avistava-se o mar, e, ao longe, uma ilha quase oculta pelo nevoeiro.

Amílcar parou ao avistar Salambo.

Esta filha nascera-lhe depois de lhe haverem morrido muitos filhos varões. O nascimento das filhas era olhado como uma calamidade pelos povos que seguiam as religiões do Sol. Mais tarde, tinham-lhe os deuses enviado um filho. Naquele momento estava ainda dominado pela impressão que sentira, vendo logradas as suas esperanças, e abalado ainda pela

maldição que tinha pronunciado.

Entretanto, Salambo continuava a dirigir-se para ele.

Das orelhas pendiam-lhe sobre os ombros e até aos cotovelos fios de pérolas de variadas cores. O cabelo, trazia-o todo eriçado, de modo a simular uma nuvem. A roda do pescoço tinha muitas lâminas quadrangulares de ouro, representando uma mulher entre dois leões, empinados sobre as patas traseiras, e o seu traje era em tudo semelhante aos paramentos da deusa. A túnica, cor de jacinto, apertava-lhe a cintura e formava depois roda. O vermelhão que lhe cobria os lábios fazia com que os dentes parecessem mais brancos do que eram, e o antimónio que tinha nas pálpebras tornava-lhe maiores os olhos. As sandálias eram feitas de penas e tinham os tacões muito altos. O rosto apresentava-se demasiadamente pálido, sem dúvida por efeito do frio.

Por fim, chegou junto de Amílcar, e, sem olhar para ele, levantou desassombrada a fronte, e disse-lhe:

— Salvé! Olho dos Baalins, glória eterna! Triunfo! Descanso! Satisfação e riqueza! De há muito que o meu coração estava triste e o lar insípido. Mas o regresso do senhor é como a ressurreição de Thammouz e, sob as tuas vistas, ó pai, nova existência e alegria infinda se espalharão por toda a parte!

E, dizendo estas palavras, tomou das mãos de Taanach um pequeno vaso oblongo onde fumegava uma mistura de farinha, de manteiga, de cardamomo e vinho; e disse a seu pai, oferecendo-lho:

— Bebe! É a bebida do regresso preparada pela tua serva!

— Abençoada sejas! — respondeu Amílcar, e pegou maquinalmente no vaso de ouro, que sua filha lhe oferecia.

Entretanto, observava-a com tão rígida atenção, que Salambo, perturbada, balbuciou:

— Disseram-te, ó senhor!...

— Sim, sei! — respondeu Amílcar em voz baixa.

Seria uma confidência ou referir-se-ia aos bárbaros? Amílcar, preso desta dúvida, acrescentou algumas palavras vagas acerca dos embaraços públicos, que esperava, só por si, dissipar.

— Pai! — exclamou Salambo. — Jamais repararás o que é irreparável!

Então Amílcar recuou e Salambo sentiu-se tomada de admiração na presença de tão grande manifestação de pasmo; porque não era em Cartago que ela pensava, mas no sacrilégio de que se achava cúmplice.

Aquele homem, que fazia tremer as legiões e que ela mal conhecia, assustava-a como se fora um deus. Julgando que ele tinha adivinhado, que sabia tudo e que sucederia alguma coisa terrível, exclamou:

— Graça!

Amílcar baixou vagarosamente a cabeça.

Salambo, conquanto quisesse acusar-se, não ousava abrir os lábios; e, todavia, a necessidade de se queixar e de ser consolada, quase a sufocava. Amílcar combatia a tentação de quebrar o juramento. Mas cumpria-o por orgulho ou pelo temor de ver terminada a incerteza em que se achava, e fitava nela os olhos, com todas as suas forças, tentando penetrá-la até ao fundo do coração.

Salambo foi, pouco a pouco, curvando a cabeça sob tão terrível olhar. Amílcar já não tinha a menor dúvida de que ela cedera a um bárbaro, e, trémulo de raiva, ergueu os dois punhos. Salambo soltou um grito e caiu desfalecida nos braços das suas escravas, que logo a rodearam.

Amílcar voltou-lhe as costas e todos os intendentos o seguiram.

Aberta a porta dos armazéns, entrou numa vasta sala redonda, onde terminavam, como o seu eixo os raios de uma roda, compridos corredores, que conduziam a outras salas. No centro, erguia-se um disco de pedra, circundado de grades, para sustentar almofadas acumuladas sobre tapetes.

O sufeta, apenas entrou, começou a passear apressadamente de um para outro lado, respirando ruidosamente, batendo repetidas vezes com os pés no solo, e passando a mão pela fronte como um homem perseguido pelas moscas. Depois, sacudiu a cabeça e, contemplando a acumulação das suas riquezas, tranquilizou-se. O seu pensamento, atraído pelas perspectivas dos

diferentes corredores, espalhou-se pelas outras salas cheias de tesouros, os mais raros. As lâminas de bronze, as barras de prata e de ferro alternavam com as de estanho, trazidas das Cassitérides pelo mar tenebroso.

As gomas do país dos negros trasbordavam dos seus sacos de casca de palmeira, e o ouro em pó, contido em velhos odres, saía-lhes insensivelmente pelas costuras. Entre os linhos do Egipto, da Grécia, da Taprobana e da Judeia, pendiam filamentos muito ténues, tirados de plantas marinhas; ao pé das paredes viam-se madréporas, tais como grandes moitas. E, sobre tudo isto, flutuava um cheiro indefinível, exalação dos perfumes, dos couros, das especiarias e das penas de avestruz, penduradas em feixes na abóbada. Na entrada de cada corredor, viam-se dentes de elefante, postos ao alto, juntando-se pelas pontas e formando arco por cima da porta.

Por fim, subiu ao disco de pedra.

Todos os intendentes se conservaram cabisbaixos, ao passo que Abdalonim erguia com ar orgulhoso a sua mitra pontiaguda.

Amílcar interrogou o chefe dos navios. Era um velho piloto, com as pálpebras inflamadas pelo vento e cuja barba lhe cobria todo o peito de flocos brancos, como se fora ainda a espuma das tempestades.

Respondeu que tinha enviado uma frota por Gades e Thymiamata, com o fim de alcançar Eziongabar, dobrando o Cabo do Sul e o promontório dos Aromatos.

Outros navios tinham navegado para oeste, durante quatro luas, sem que encontrassem margens; mas as proas embaraçavam-se nas ervas, o horizonte retinia continuamente como o ruído das cataratas, espessos nevoeiros cor de sangue obscureciam o Sol, e uma brisa saturada de perfumes fazia adormecer as equipagens, que nada podiam fazer, tão perturbada lhes ficava a memória. Todavia, tinham subido os rios de Scythas, penetrado na Cólchida, entre os jugrianos, estianos, tinham arrebatado no arquipélago mil e quinhentas virgens e metido a pique todos os navios estrangeiros que vogavam para além do cabo Estrimon, para que não ficasse descoberto o segredo dos rumos. O rei Ptolomeu detinha o incenso de Schesbar. Siracusa, Elathia, a Córsega e as ilhas nada tinham fornecido. E o velho piloto baixou os olhos para anunciar que os nómadas tinham apresado um trirreme, em Rusicada, acrescentando:

— Porque os nómadas, Senhor, estão com eles!

Amílcar encrespou as sobrancelhas. Depois fez sinal para que falasse o chefe das viagens, envolvido numa túnica branca, sem talhe, e a cabeça cingida numa comprida facha de um tecido branco, que, passando-lhe junto da boca, lhe caía depois sobre o ombro.

As caravanas tinham partido regularmente no equinócio do inverno; mas, de mil e quinhentos homens que se haviam dirigido para a extrema Etiópia com excelentes camelos, odres novos e grandes cargas de tecidos pintados, só um tornara a aparecer em Cartago, visto que todos os outros tinham sucumbido à fadiga ou ao terror do deserto. Aquele único que voltara dizia ter visto, para além do Harousch-Negro, passados os Atarantes e o país dos grandes macacos, imensos reinos, onde os menores utensílios eram de ouro, um rio cor de leite e amplo como o mar, florestas de árvores azuis, colinas cobertas de plantas aromáticas, monstros de rostos humanos vegetando sobre os rochedos e cujas pupilas, para terem vista, se desabrochavam como flores. Depois, além dos lagos, todos cobertos de dragões, montanhas de cristal em que o Sol pousava.

Outros tinham voltado da Índia com pavões, pimenta e tecidos desconhecidos.

Quanto aos que tinham ido comprar calcedónias pelo caminho das Syrtas e do templo de Ámon, haviam, decerto, perecido nas areias. As caravanas da Getúlia e da Fazânia tinham conseguido os resultados habituais, mas ele, chefe das viagens, já não ousava equipar nenhuma outra caravana.

Amílcar compreendeu o motivo: os mercenários ocupavam os campos. Soltando um gemido surdo, apoiou-se ao outro cotovelo. O chefe das herdades receava tanto falar, que tremia horrivelmente, apesar da sua corpulência e das suas pupilas vermelhas. O rosto, deprimido como o de um cão de fila, era sobrepujado por uma espécie de gorro de cortiça, e cingia-lhe o corpo um cinturão de pele de leopardo, com todo o pelo, no qual reluziam dois formidáveis cutelos.

Apenas Amílcar se voltou, começou ele a invocar todos os Baais. A culpa não fora sua! Não pudera obstar a nada!

Tinha observado as temperaturas, os terrenos, as estrelas; tinha feito as plantações no solstício do inverno; tinha desbastado as árvores no decurso da Lua, tinha vigiado os escravos e poupado o seu vestuário.

Mas esta loquacidade irritava Amílcar, que deu um estalido com a língua. Mas o homem dos cutelos prosseguiu com voz rápida:

— Ah! Senhor! Roubaram, saquearam, destruíram tudo! Em Maschala cortaram três mil árvores; em Ubada arrombaram os celeiros e entulharam as cisternas. Em Tades apoderaram-se de mil e quinhentos gomores de farinha; em Marazana mataram os pastores, comeram os rebanhos, incendiaram a tua casa, a tua bela casa, toda de vigas de cedro, onde ias passar o verão! Os escravos de Tuburbo, que cegavam a cevada, fugiram para as montanhas, e os jumentos, as mulas, os bois de Taormina e os cavalos aringes, todos desapareceram! Nem um só deixaram. É uma maldição à qual não sobreviverei! — Depois de uma pausa, prosseguiu: — Ah! Se soubesses como os celeiros estavam cheios e as charruas reluzentes! Que excelentes cordeiros! Que soberbos touros!

Amílcar sentia-se sufocado pela cólera.

— Cala-te! — exclamou ele, por fim. — Sou porventura algum pobre? Nada de mentiras. Diz-me a verdade! Quero saber o que perdi, até à última sicla, até ao último cab. Abdalonim, traz-me as contas dos navios, as das caravanas, as das herdades e as do palácio! E se as vossas consciências não estão puras tremei pelas vossas cabeças! Saí!

Os intendentes retiraram-se imediatamente, recuando e curvados ao ponto de quase tocarem o chão com as mãos.

Abdalonim foi buscar a um armário, embutido na parede, muitas cordas cheias de nós, tiras de pano ou de papiro e omoplatas de carneiro, cobertas de finos caracteres. Depôs tudo aos pés de Amílcar, entregou-lhe um quadro de madeira guarnecido com três fios interiores, em que estavam enfiadas muitas esferas de ouro, de prata e de chavelho, e começou dando conta:

— Cento e noventa e duas casas nas Mapales, alugadas aos cartagineses novos, à razão de um beka por Lua.

— Não! É de mais! Poupa os pobres! Quero que escrevas o nome dos que te parecerem mais intrépidos; diligenciando ao mesmo tempo saber se são afeiçoados à República. Que mais?

Abdalonim hesitava, surpreendido por semelhante generosidade.

Amílcar arrancou-lhe das mãos as tiras de pano.

— O que é isto? Três palácios em volta de Khamon, a doze kesitah por mês? Eleva o preço a vinte. Não quero que os ricos me devorem!

O intendente dos intendentes, depois de profunda vénia, prosseguiu:

— Emprestado a Tigilas, até ao fim da estação, dois Kikar, juro marítimo; a Bar-Malkarth, mil e quinhentas siclas sobre o penhor de trinta escravos. Destes morreram doze nos pântanos salinos.

— É porque não eram robustos — disse, rindo, o sufeta. — Não importa! Se ele precisar de dinheiro satisfá-lo! É preciso que os empréstimos sejam feitos com diferentes juros, segundo a riqueza das pessoas que os contraíam.

Então, o servidor de Amílcar apressou-se a dar conta do que tinham produzido as minas de ferro de Anaba, as pescarias de coral, as fábricas de púrpura, a arrematação dos impostos lançado sobre os gregos domiciliados, a exportação de prata para a Arábia, onde valia dez vezes mais em ouro, e as presas marítimas, deduzindo a décima parte para o templo da deusa.

— De cada vez, senhor, dei um quarto de menos no dízimo.

Amílcar conferia as contas, contando as esferas que soavam sob os seus dedos.

— Basta! O que pagaste?

— A Estratonicles de Corinto e a três mercadores da Alexandria, sobre letras que foram resgatadas, dez mil dracmas atenienses a doze talentos sírios de ouro. O sustento das tripulações eleva-se a vinte minas por mês, para cada trirreme...

— Já sei! Quantas se perderam?

— Eis aqui as contas nestas lâminas de chumbo — disse o intendente. — Quanto aos navios fretados em comum, como teria sido preciso muitas vezes lançar as cargas ao mar, têm sido as perdas divididas, proporcionalmente, pelos associados.

Pelo massame emprestado pelos arsenais, e que foi impossível restituir, exigiram os Syssitas oitocentos kesitah, antes da expedição de Utica.

— Ainda eles! — disse Amílcar, baixando a cabeça, permanecendo alguns minutos como que esmagado por todos os ódios que sentia pesarem sobre ele. Depois, acrescentou: — Mas não vejo aqui as despesas de Megara!

Abdalonim, empalidecendo, foi buscar o outro armário grande porção de pequeninas pranchas de sicómoro, enfiadas aos macinhos, em delgadas correias.

Amílcar ouvia-o, curioso de saber os pormenores domésticos, e ia serenando com a monotonia daquela voz, que não cessava de enumerar verbas; mas Abdalonim foi, a pouco e pouco, tornando-se mais demorado na exposição. De repente, deixou cair por terra as pranchas e rojou-se no chão, com os braços estendidos, na posição dos condenados. Amílcar, sem se alterar, levantou as pranchas do chão; mas os olhos arregalaram-se-lhe e os lábios entreabriram-se-lhe quando viu, na despesa de um só dia, um exorbitante consumo de carnes, de peixes, de aves, de vinhos e de perfumes, e grande número de vasos quebrados, de escravos mortos e de tapetes estragados.

Abdalonim, permanecendo prostrado, deu-lhe parte do festim dos bárbaros, alegando que não tinha podido subtrair-se às ordens dos Anciãos, querendo, além disso, Salambo que não se olhasse a despesas, para que os soldados fossem bem recebidos.

Amílcar, ouvindo pronunciar o nome de sua filha, ergueu-se de um salto. Depois, encostando-se às almofadas, despedaçou-lhe as franjas com as unhas, arquejante e com o olhar fixo.

— Ergue-te! — exclamou ele, e desceu do disco.

Abdalonim seguiu-o sem poder ter-se nas pernas, tanto elas lhe tremiam. Mas, pegando numa barra de ferro, começou como um furioso a deslocar as lajes. Levantadas as lajes, soltou debaixo de uma um disco de madeira e logo depois apareceram, em toda a extensão do corredor, muitos discos semelhantes, e que eram as tampas de outras tantas covas em que conservavam o grão.

— Bem o vês, Olho de Baal — disse o intendente, tremendo. — Apesar dos seus esforços, não conseguiram levar tudo. E são muito fundas estas covas. Têm cinquenta côvados de altura e estão cheias até à borda. Durante a tua viagem mandei abri-las nos arsenais, nos jardins, em toda a parte! A tua casa está cheia de trigo, como o teu espírito de sabedoria.

Amílcar sorriu.

— Muito bem, Abdalonim. — Depois, inclinando-se-lhe ao ouvido, acrescentou:—Mandarás vir mais da Etrúria, do Brutium, donde quiseres, e por qualquer preço que seja! Amontoa e guarda! É preciso que possua eu só o trigo de Cartago.

Depois, quando chegaram à extremidade do corredor, abriu Abdalonim, com uma das chaves que lhe pendiam da cintura, uma grande casa quadrangular, dividida no centro por colunas de cedro. Dispostas sobre mesas, metidas numa espécie de nichos, viam-se pilhas de moedas de ouro, de prata e de bronze, que, encostadas à parede, quase tocavam o teto. Aos cantos, havia como que uns enormes seirões de pele de hipopótamo, cheios de pequenos sacos.

Soltos sobre o lajedo, havia montões de moedas, que representavam biliões; e algumas das pilhas, encostadas à parede, desmoronadas, davam ideia de colunas de ruínas. As grandes moedas de Cartago, cujo cunho representava Tanit e um cavalo debaixo de uma palmeira, misturavam-se com as das colónias, cujo cunho representava um touro, uma estrela, um globo ou um crescente. Depois, notavam-se, dispostas em somas desiguais, moedas de todos os valores, de todas as dimensões, de todas as idades, desde as mais velhas da Assíria, pequenas e delgadas como escamas, até as mais espessas do que qualquer mão; a par delas os botões de Egina, as pequenas tábuas de Bactriana e as barrinhas de ferro da antiga Lacedemónia. Muitas estavam cobertas de ferrugem, engorduradas, esverdinhas pela água ou enegrecidas pelo fogo, visto que tinham sido apanhadas nas redes ou depois dos cercos, entre as ruínas da cidade. O sufeta calculou rapidamente se as somas presentes correspondiam aos ganhos e perdas de que lhe tinham dado conta, e dispunha-se já para se retirar, quando se lhe depararam três jarros de bronze completamente vazios. Abdalonim fez um gesto de horror e Amílcar, resignado, não proferiu uma só palavra.

Atravessaram outros corredores, outras salas, e chegaram, enfim, a uma porta, junto da qual, para melhor a guardar,

estava um homem preso pela cintura com uma corrente chumbada na parede, costume romano recentemente adotado em Cartago. A barba e as unhas deste homem tinham crescido desmedidamente e nem um só momento cessava de baloiçar-se, ora para a esquerda, ora para a direita, com a contínua oscilação dos animais presos. Apenas reconheceu Amílcar, voltou-se para ele, bradando:

— Graça! Olho de Baal! Tem piedade de mim! Mata-me antes! Há doze anos que não vejo o Sol! Graça, em nome de teu pai!

Amílcar, sem lhe responder, bateu três palmadas. Apareceram três homens, e os quatro, aplicando a um tempo toda a sua força, arrancaram dos seus anéis a barra enorme que trancava a porta. Amílcar pegou num facho e desapareceu nas trevas. Era, segundo supunham, as sepulturas da família. Mas ninguém acharia ali senão um vasto poço. Este poço fora aberto unicamente para iludir os ladrões; não ocultava nada. Amílcar passou junto dele. Depois, abaixando-se, fez girar em ocultos eixos uma enorme mole de pedra, e, pela abertura que ela desmascarou, entrou numa casa construída em forma de cone.

As paredes eram todas cobertas de escamas de bronze; no centro, sobre um pedestal de granito, erguia-se a estátua de um kabyre, denominado Aletas, inventor das minas na Celtibéria. No chão, dispostos em cruz e encostados ao pedestal, estavam grandes escudos de ouro e monstruosos vasos de prata, com os gargalos fechados, de um feitio extravagante e que para nada podiam servir. Era costume fundir daquele modo grandes quantidades de metal, para que as delapidações e ainda as mudanças de lugar se tornassem quase impossíveis.

Amílcar acendeu com o seu facho uma lanterna de mineiro, que estava fixa no gorro do ídolo. De repente, achou-se todo o recinto iluminado com clarões verdes, amarelos, azuis, roxos, cor de vinho e vermelhos. A sala estava cheia de pedrarias, que se achavam em cabeças de ouro, penduradas como lampadários nas escamas de bronze ou, no seu estado nativo, enfileiradas no chão, encostadas à parede. Estas pedras eram gemas, arrancadas das montanhas com tiros de funda, carbúnculos formados pela urina dos lince, glossópetras caídos da Lua, tíanos, diamantes, sandastrum, berilos, as três espécies de rubis e as doze esmeraldas. Fulguraram todas, semelhantes a salpicos de leite, a caramelos azuis e a pó de prata, despedindo de si as mais variadas cintilações. As ceráunias geradas pelo trovão resplandeciam ao lado das calcedónias, que curavam os envenenamentos. Havia ali topázios do monte Zabarca para prevenir os terrores, opalas de Bactriana que impediam os móvitos, e chavelhos de Ámon, que se colocavam debaixo das camas para provocarem sonhos.

A cintilação das pedras e a luz da lanterna refletiam-se brilhantemente nos grandes escudos de ouro.

Amílcar, em pé, com os braços cruzados, sorria, contemplando tudo o que o rodeava. Deleitava-se menos com o espetáculo do que com a consciência das suas riquezas, que eram inesgotáveis, infinitas. Os antepassados, que repousavam debaixo dos seus pés, enviaram-lhe ao coração o que quer que era da sua eternidade. Sentia perto de si os génios subterrâneos. Experimentava a alegria de um kabyre e os raios luminosos que lhe feriam o rosto pareciam a extremidade de invisível encadeamento que, através dos abismos, o ligasse ao centro da Terra.

Mas de repente foi acometido por uma ideia que o fez estremecer e, colocando-se atrás do ídolo, caminhou direito à parede. Depois, examinou entre as pinturas que lhes cobriam os braços uma linha horizontal com duas outras perpendiculares, que exprimiam, em algarismos cananeus, o número treze. Então, contou as escamas de bronze até à décima terceira, tornando a regaçar a larga manga; e, com a mão direita estendida, lia, em outro lugar do braço, outras linhas mais complicadas, tocando-as delicadamente com os dedos, como se estivesse tocando lira.

Por fim, bateu com o polegar sete pancadas numa das escamas e, numa só mole, girou em desconhecido eixo a maior parte da parede.

Este maquinismo dissimulava um certo subterrâneo, onde estavam encerradas coisas misteriosas sem nome e de imaculado valor. Amílcar desceu três degraus, tirou de uma tina de prata uma pele de lama, que flutuava num líquido negro, e tornou a subir.

Abdalonim começou a caminhar novamente adiante do sufeta, batendo no lajedo com o seu grande bastão, guarnecido de campainhas no punho, e pronunciando em voz alta, à entrada de cada sala, o nome de Amílcar, acompanhado de louvores e

bênçãos.

Na galeria circular onde terminavam todos os corredores estavam acumuladas, ao longo das paredes, traves de algumim, sacos de lausónia, pães de barro de Lemnos e muitas cascas de tartarugas cheias de pérolas. O sufeta, passando junto de todas estas preciosidades, roçava por elas o manto, sem ao menos olhar para os enormes bocados de âmbar, matéria quase divina, formada pelos raios do Sol. A este tempo chegaram junto de uma porta, que estava apenas cerrada e da qual saía uma nuvem de vapor odorífero.

Amílcar ordenou com um gesto ao intendente que a abrisse e entraram.

Nesta outra sala, achavam-se muitos homens nus, amassando diferentes pastas, pisando ervas, ateando o fogo de vários fornilhos, deitando óleo em jarras e abrindo e fechando pequenas cavidades ovais abertas nas paredes, e tão numerosas, que faziam semelhar a casa ao interior de um cortiço. Destas cavidades trasbordavam o mirobálano, o bdélio, o açafião e as violetas. Por todos os lados se viam espalhadas diferentes gomas, pós, raízes, frascos de vidro ramos de filipêndula e pétalas de rosa; e a atmosfera, impregnada de aromas, quase sufocava, apesar dos turbilhões de estoraque que no centro se encarquilhava sobre um trípede de bronze.

O chefe dos aromas suaves, macilento e delgado como uma tocha, dirigiu-se a Amílcar para lhe esmigalhar nas mãos um rolo de metópion, ao passo que dois escravos lhe esfregavam os calcanhares com folhas de bácaris. Amílcar repeliu-os. Eram cireneus de costumes infames, mas a quem davam consideração em atenção aos segredos de que eram conhecedores.

O chefe dos aromas, a fim de testemunhar a sua vigilância, ofereceu ao sufeta, numa colher de eletro, para que ele provasse, uma porção de malóbatro. Depois, com uma sovela, furou três bezoares indianos. Amílcar, que tinha conhecimento de muitos artificios, pegou num chavelho de gazela cheio de bálsamo e, depois de o aproximar do fogo, inclinou-o sobre a túnica do chefe, na qual apareceu imediatamente uma mancha parda: era uma fraude. Então, fitou a vista do chefe dos aromas, e, sem pronunciar a menor palavra, atirou-lhe ao rosto o chavelho da gazela.

Todavia, por mais indignado que se sentisse pelas falsificações cometidas em seu prejuízo, notando que estavam empacotando grandes porções de nardo para os países do Ultramar, ordenou que lhes misturassem antimónio para o tornar mais pesado. Depois, perguntou onde se achavam as três bocetas de psagdas, destinadas para seu uso.

O chefe dos aromas confessou que não sabia; os soldados tinham-no acometido armados de cutelos, rugindo de raiva, ele abrira-lhes as portas.

— Logo, inspiram-te maior temor do que a mim! — exclamou o sufeta, e os olhos pareciam, através do fumo, dois fachos, flamejando sobre o delgado e pálido chefe, que começava a compreender o fim daquele acesso de cólera. — Abdalonim! Antes do pôr do Sol fá-lo-ás passar pelas varas. Despedaça-o!

A perda das bocetas, menor que qualquer das outras, exasperara-o, porque, apesar dos seus esforços, não podia banir da memória a recordação dos bárbaros, que tinha continuamente diante dos olhos. Os excessos praticados confundiam-se-lhe no pensamento com a vergonha de sua filha, e por isso detestava todos os que a conheciam e que não lho participassem. Mas havia o que quer que era que o fazia mergulhar cada vez mais na sua infelicidade; e, possuído, de uma raiva inquisitorial, examinou nos telheiros situados por detrás da casa do comércio os depósitos de betume, de madeira, de âncoras e de cordoame, de mel e de cera, os armazéns dos estofos, as reservas de alimentos, a estância dos mármore e o celeiro do sílfio.

Em seguida passou ao outro lado dos jardins, para inspecionar, nas suas cabanas, os artífices modernos, cujos produtos eram vendidos. Ali achavam-se operários bordando mantos, outros fazendo redes, outros pintando almofadas, um grande número fazendo sandálias; muitos egípcios pelo ruído dos teares e pelo estampido das bigornas dos armeiros.

A estes últimos disse Amílcar:

— Forjem só espadas! Não descansem. hei de precisar delas! — E tirou do peito a pele de antílope curtida em muitos venenos, para que lhe fizessem por ela uma couraça mais sólida que as de bronze e que fosse incombustível e invulnerável ao ferro.

Abdalonim, quando Amílcar se aproximou dos operários, tentou irritá-lo contra eles, dando assim novo curso à sua

cólera. Para o conseguir, começou a depreciar o merecimento dos trabalhos, murmurando:

— Que imperfeição! É uma vergonha! O que lhes vale é a demasiada bondade do grande sufeta!

Mas Amílcar, sem lhe dar ouvidos, afastou-se.

De repente, começou a demorar o passo, notando o grande número de árvores calcinadas, como as que se acham nos bosques, nos sítios em que os pastores costumam acampar, e que atulham as áleas. As paliçadas estavam desmanteladas, os canais de irrigação secos, o solo juncado de vidros quebrados; e em grandes charcos lodosos entreviam-se inúmeras ossadas de macacos. Em muitas moitas viam-se pendurados farrapos de diversos estofos e debaixo dos limoeiros a extraordinária quantidade de flores formava uma espécie de estrume amarelado. Com efeito, os servos, julgando que o senhor não mais voltaria, tinham deixado tudo naquele deplorável estado.

A cada passo, deparava-se a Amílcar novo desastre, com uma nova prova daquilo que a si próprio proibira saber. Sujando os seus coturnos de púrpura em tantas imundícies, lastimava não ter todos aqueles homens na frente de uma catapulta, para os fazer voar em pedaços! Sentia-se humilhado por havê-los despedido. Fora logrado, atraído, e, como não podia vingar-se nem dos mercenários, nem dos Anciãos, nem de Salambo, nem de ninguém, e a sua cólera necessitava de descarregar-se, condenou às minas, de uma só vez, todos os escravos dos jardins.

Entretanto, Abdalonim estremecia todas as vezes que o via aproximar-se dos parques. Mas Amílcar tomou o caminho do moinho, donde parecia sair uma lúgubre melopeia.

No meio da espessa poeira giravam duas pesadas mós, isto é, dois cones de pórfiro sobrepostos, e dos quais, o mais alto, em que havia um funil, volteava sobre o segundo, pelo impulso de fortes barras. Estas barras eram puxadas por muitos homens, jungidos como parselhas de mulas, ao passo que outros as empurravam com os braços e com o peito. O átrio dos tirantes tinha-lhes produzido à roda dos sovcos grandes calosidades purulentas, como se vê muitas vezes nas espáduas dos jumentos; e o farrapo negro e roto, que mal lhe cobria os rins, pendia-lhes pelo lado de trás, batendo-lhes nas pernas, como se fora comprida cauda. Tinham os olhos vermelhos, nos pés uma espécie de ferraduras pressas com correias; na boca, seguras com duas correntes de bronze, uma focinheira, para que lhes fosse impossível comer a farinha; e para os impedir de a tomarem nas mãos, tinham-nas metido em luvas sem dedos.

Quando o senhor entrou rangeram mais fortemente as barras de madeira. O grão produzia um ruído áspero entre as mós. Alguns dos escravos caíram sobre os joelhos, os outros, sem se deterem, passaram-lhes por cima.

Amílcar perguntou pelo governador dos escravos e pouco depois apareceu este personagem, ostentando a sua dignidade na riqueza do vestuário. A túnica, aberta de ambos os lados, era de fina púrpura; das orelhas pendiam-lhe pesadas argolas e, para prender o estofó que lhe envolvia as pernas, tinha um cordão de ouro, que, como uma serpente enrolada numa árvore, lhe subia dos tornozelos até às coxas. Com dedos carregados de anéis, segurava um colar de pedras negras e betuminosas para reconhecer os homens sujeitos à doença sagrada.

Amílcar fez-lhe sinal para que tirasse as focinheiras aos escravos. Então, saltando gritos de animais esfaimados, precipitaram-se todos sobre a farinha, que devoraram sofregamente, enterrando nela quase todo o rosto.

— Assim extenua-los — disse o sufeta.

Giddenem, o mandão dos escravos, respondeu que não podia deixar de ser, para os domar.

— Para isso não valeu a pena mandar-te a Siracusa, à escola dos escravos. Manda chamar os outros.

E, dentro em pouco, cozinheiros, despenseiros, palafreiros, condutores de liteiras, trabalhadores das estufas e mulheres com os seus filhos colocaram-se nos jardins, numa só linha, que chegava da casa do comércio até ao parque das feras.

Todos comprimiam a respiração. Era profundo o silêncio que reinava em Megara. O Sol estendia-se pela lagoa, na base das catacumbas. Os pavões soltavam, de vez em quando, estridentes gritos.

Amílcar caminhava vagarosamente pela frente da fileira de escravos.

— De que me servem estes velhos? — disse ele. — Vende-os! Basta de gauleses; são todos bêbedos! Não quero mais

cretenses; são todos mentirosos! Trata de comprar capadócijs, asiáticos e negros! — Depois mostrou-se admirado do pequeno número de crianças.

— Giddenem! A casa deve ter nascimentos todos os anos. Deixarás as cabanas abertas todas as noites, para que eles se juntem com toda a liberdade.

Ordenou, então, que lhe indicasse os ladrões, os preguiçosos e os turbulentos. Distribuiu castigos para todos, repreendendo ao mesmo tempo Giddenem; e este, como um touro, baixava a deprimida frente, onde quase se ligavam duas bastas sobranceiras.

— Vê, Olho de Baal — disse ele, designando um robusto líbio. — Eis aqui um que foi surpreendido com uma corda no pescoço.

— Ah! Queres morrer? — disse desdenhosamente o sufeta.

E o escravo respondeu com a maior intrepidez:

— Sim! Quero!

Então, Amílcar, sem se importar com o exemplo, nem com a perda pecuniária, disse aos seus servos pessoais:

— Matem-no!

É possível que no seu pensamento houvesse a intenção de um sacrificio. Era uma infelicidade que a si mesmo impunha, para evitar outras maiores. Mas Giddenem ocultara os mutilados atrás dos escravos. Amílcar lobrigou-os:

— Quem te cortou este braço?

— Foram os soldados, Olho de Baal!

Depois, dirigindo-se a um samnita, que coxeava como uma garça ferida:

— A ti, quem te fez isso?

Fora o mandão, quebrando-lhe a perna com uma barra de ferro. Esta estúpida atrocidade indignou o sufeta, o qual, arrancando das mãos de Giddenem o seu colar de pedras negras, exclamou:

— Maldito o cão que fere o rebanho! Aleijar os escravos, bondade de Tanit! Ah! Queres arruinar o teu senhor? hás de ser afogado na esterqueira! E os que faltam? Onde estão? Ajudaste os soldados a assassiná-los?

A fisionomia do sufeta tornara-se tão terrível que todas as mulheres fugiram. Os escravos, recuando, formaram um grande círculo em volta de Amílcar e do mandão, que lhe beijava freneticamente as sandálias. O sufeta conservava os braços ameaçadoramente erguidos sobre ele. Mas, com a inteligência lúcida, como na mais encarniçada das batalhas, recordou-se de mil coisas odiosas, das ignomínias de que se tinha afastado; e, à luz da sua cólera, como o fulgor de uma tempestade, tornou a ver, com um só olhar, todos os desastres de que era vítima. Os governadores dos campos tinham fugido todos, aterrorizados pelos soldados, talvez por conviência. Todos o enganavam e havia muito tempo que se continha.

— Tragam-nos todos! — gritou ele. — hão de ser marcados na frente com ferros em brasa, como cobardes!

Então, trouxeram para o meio do jardim cepos, golilhas, cutelos, grilhões para os condenados às minas, instrumentos para comprimir as pernas, outros que apertavam os ombros, e escorpiões ou disciplinas de três pernas, terminadas por garras de bronze.

Foram todos colocados com o rosto voltado para o Sol, do lado de Moloch devorador, deitados por terra, de bruços ou de costas; e os condenados à flagelação, amarrados às árvores, tendo dois homens ao pé de si: um que lhe dava as chicotadas e outro que as contava.

As chicotadas eram dadas às mãos ambas; as correias sibilavam, fazendo voar em estilhaços a casca dos plátanos. O sangue espirrava, como chuva, para a folhagem, e as vítimas amarradas às árvores não eram mais do que informes massas vermelhas. Os que estavam sendo marcados arrancavam pedaços do rosto com as unhas. No meio de tudo isto, ouvia-se o estalar dos parafusos de madeira e o som das pancadas surdas; de vez em quando atravessava o ar um grito agudo e pungente. Ao lado das cozinhas, entre os vestidos esfarrapados e os cabelos cortados, viam-se homens ateando com abanos grandes montões de carvão inflamado e sentia-se vir desse lado repugnante cheiro de carne queimada. Os flagelados desfaleciam; mas,

presos petos braços às árvores, fechavam os olhos, deixando pender a cabeça sobre os ombros. Os que estavam vendo começaram a soltar gritos de espanto, e os leões, recordando-se talvez do festim, estendiam, rosnando, os focinhos pelas grades das jaulas.

Nisto, apareceu Salambo na plataforma do terraço; e, visivelmente assustada, percorreu-a rapidamente de um lado para o outro. Amílcar avistou-a e pareceu-lhe vê-la estender um braço para ele, pedindo graça. Então, fazendo um gesto de horror, correu para o parque dos elefantes.

Estes animais constituíam o orgulho das grandes casapúnicas. Tinham conduzido os antepassados, tinham vencido nas guerras e, por isso, eram venerados como favoritos do Sol.

Os de Megara eram os mais fortes de Cartago. Amílcar, antes de partir, exigira de Abdalonim o juramento de velar por eles. Mas quase todos tinham morrido por efeito das mutilações que sofreram. Só restavam três, que estavam tristemente deitados no meio do pátio, diante dos despojos da manjedoura.

Os três animais reconheceram o sufeta e aproximaram-se dele.

Um tinha as orelhas horrivelmente fendidas, outro uma grande chaga no joelho e o terceiro a tromba decepada.

Entretanto olharam para o dono com ar triste, como se tivessem raciocínio, e o que já não tinha tromba, baixando a enorme cabeça e dobrando os jarretes, diligenciava farejá-lo meigamente com o hediondo coto que lhe restava. Amílcar, vendo esta carícia do animal, não pôde conter duas lágrimas e arremessou-se sobre Abdalonim, exclamando:

— Ah, miserável! A cruz! A cruz!

Abdalonim caiu por terra desfalecido.

A este tempo, detrás das fábricas de púrpura, das quais subiam ao céu ténues espirais de fumo azulado, partiu um uivo de chacal. Amílcar apurou o ouvido.

A lembrança de seu filho, como o contacto de um deus, serenara-o completamente. Aquele filho era a prolongação da sua força, uma continuação indefinida da sua existência. Os escravos, cheios de pasmo, não compreendiam donde lhes tinha vindo tão súbita tranquilidade.

Dirigindo-se para as fábricas de púrpura, passou pelo ergástulo, comprida casa de pedras negras, construída dentro de uma cova quadrada, com um estreito caminho em volta e duas escadas nos ângulos.

Iddibal esperava, sem dúvida, a noite para terminar o seu sinal.

“Não havia, portanto, pressa”, pensou Amílcar, e desceu para a prisão.

Alguns gritaram-lhe:

— Não entres!

Os mais atrevidos seguiram-no.

A porta, de todo aberta, girou nos gonzos à vontade do vento. O crepúsculo entrava pelas estreitas frestas, deixando distinguir no interior muitos grillhões quebrados e pendentes ao longo das paredes.

Era quanto restava dos prisioneiros de guerra!

Então, Amílcar empalideceu extraordinariamente, e os que, de fora, se tinham debruçado para a cova, viram-no muito bem encostar-se à parede para não cair.

Mas o chacal uivou três vezes seguidas. Amílcar ergueu a cabeça; não proferiu uma palavra, não fez o menor gesto. Depois, estando já posto o Sol, desapareceu por detrás da sebe dos catos. E nessa mesma noite, na assembleia dos ricos, reunidos no templo de Eschmoun, exclamou apenas entrou:

— Luzes dos Baalins! Aceito o comando das forças púnicas contra o exército dos bárbaros!

VIII — A BATALHA DE MACAR

Logo no dia seguinte, Amílcar levantou dos Syssitas duzentos e vinte e três mil kicar de ouro e decretou, sobre os ricos, um imposto de catorze shekel. As próprias mulheres concorreram, pagando pelas crianças. E, coisa monstruosa para os costumes cartagineses, obrigou os colégios dos sacerdotes a contribuírem.

Reclamou todos os cavalos, muares e armas. Houve quem quisesse dissimular as suas riquezas. A esses vendeu-lhes os bens. E, para intimidar a avareza dos outros, contribuiu com sessenta armaduras e mil e quinhentos gomores de farinha. Tanto só à sua parte, como à companhia de marfim.

Enviou à Ligúria emissários encarregados de comprarem soldados: três mil montanhese, habituados a combater ursos, sendo-lhes pagos adiantadas três luas, a quatro minas por dia.

Entretanto, era preciso um exército. Mas Amílcar não aceitou, como Hannon, todos os cidadãos. Rejeitou primeiro todos os homens de vida sedentária; depois, todos os que tinham o ventre demasiadamente elevado ou aspeto pusilânime; e admitiu homens desonrados, a crápula de Malqua, filhos de bárbaros e libertos. Como recompensa, prometeu aos cartagineses-novos completo direito de cidade.

O seu primeiro cuidado foi reformar a Legião. Aqueles esbeltos mancebos, que supunham resumir em si a majestade militar da República, governavam-se a si mesmos. Humilhou os oficiais, tratou-os rudemente, obrigou-os a correr, a saltar, a subir sem descansar a rampa de Byrsa, a arremessar dardos, a lutar corpo a corpo e a passar noites no campo, onde as suas famílias os iam acompanhar e lastimar.

Encomendou espadas mais curtas e coturnos mais fortes. Fixou o número de criados e reduziu as bagagens. E como no templo de Moloch se conservavam trezentos pilos romanos, apesar das reclamações do pontífice apoderou-se deles.

Com os que tinham regressado de Utica e com os que os particulares possuíam, organizou uma falange de setenta e dois elefantes. Tornou-os formidáveis e armou os seus condutores com um maço e um escopro, a fim de poderem, no meio da refrega, fender-lhe o crânio, se se enfurecessem.

Não permitiu que os seus generais fossem nomeados pelo Conselho Supremo. Os Anciãos diligenciavam entorpecê-los com diferentes leis. Amílcar desprezava-os e já ninguém ousava murmurar; todos vergavam sob a violência do seu gênio.

Só por si, encarregava-se da guerra, do governo e das finanças, e, para prevenir quaisquer acusações, exigiu que o revisor das suas contas fosse o sufeta Hannon.

Neste meio tempo, ativava o trabalho das trincheiras, mandando demolir, para aproveitar as pedras, as velhas muralhas interiores, de todo inúteis. Mas a diferença das fortunas, substituindo a hierarquia das raças, continuava a manter separados os filhos dos vencidos e dos conquistadores. Assim, os patrícios viram com maus olhos a destruição completa daquelas ruínas, ao passo que a plebe, sem que soubesse bem a razão, se gozizava com ela.

Desde que amanhecia até que anoitecia, não se via senão desfilar pelas ruas tropas em armas. A todos os instantes se ouviam toques de trombeta; de vez em quando, viam-se passar carros carregados de escudos, de tendas e de chuços; os pátios estavam cheios de mulheres fazendo ligaduras. O ardor comunicava-se de uns a outros; a alma de Amílcar animava a República.

O sufeta dividira os soldados por números pares, tendo o cuidado de colocar nas fileiras a par de um homem fraco outro robusto, para que o menos vigoroso ou o mais cobarde fosse conduzido ou impellido pelo outro. Ainda assim, com os seus três mil lígures e os melhores de Cartago, não pôde formar senão uma falange simples de quatro mil e noventa e seis hoplitas, defendidos por capacetes de bronze e manejando sarissas de freixo de catorze palmos de comprimento. Dois mil rapazes iam armados de fundas e um punhal e levavam sandálias. Depois, reforçou-se com espadas à romana e escudos redondos. O grosso da cavalaria compunha-se de mil e novecentos guardas, que restavam da Legião, cobertos de lâminas de bronze vermelho, à maneira de clinabaras assírios. Havia, além desta força, quatrocentos archeiros a cavalo, dos que eram denominados

tarantinos, com gorros de pele de doninha, machado de dois gumes e túnicas de couro. Finalmente, mil e duzentos negros do bairro das caravanas, os quais deviam correr ao lado dos cavalos, segurando-se-lhe com uma das mãos às crinas. Estava tudo pronto e, contudo, Amílcar não marchava.

Muitas vezes, durante a noite, saía de Cartago, só, e dirigia-se para além da lagoa para o lado das embocaduras do Macar. Queria juntar-se aos mercenários? Os lígures, acampados nas Mapales, circundavam-lhe o palácio.

Os ricos julgaram ver justificadas as suas apreensões, quando um dia viram aproximar-se das muralhas uns trezentos bárbaros. O sufeta abriu-lhes as portas. Eram trãsfigas, que corriam para o seu chefe, arrastados pelo temor ou pela fidelidade.

O regresso de Amílcar não surpreendera os mercenários: era um homem que, segundo o seu modo de ver, não podia morrer. Voltara, decerto, para cumprir as suas promessas: esperança que, na sua opinião, não tinha nada de absurdo. Demais, não se julgavam culpados: tinham-se esquecido já do festim. Mas os espiões que eles surpreenderam desiludiram-nos; foi um triunfo para os encarniçados; e os que eram pacíficos tornaram-se furiosos. Depois, os dois cercos enfadavam-nos. Não adiantavam nada; era preferível uma batalha. Assim, foram muitos os que se espalharam em observação pelos campos. Mal tiveram notícias dos armamentos voltaram para junto dos seus.

Matho pulava de contente.

— Até que enfim! — exclamava ele.

Então, o ressentimento que ele nutria contra Salambo, de repente centuplicado, voltou-se contra Amílcar. O seu ódio já tinha um alvo determinado, e como a vingança se tornava mais fácil de conceber, deleitava-se julgando-a já realizada. Ao mesmo tempo, sentia-se dominado por mais intensa ternura e devorado por invencíveis desejos. Julgava-se sucessivamente entre os seus soldados, conduzindo na ponta de um chuço a cabeça do sufeta; depois, em sumptuosa câmara, em leito de púrpura, cingindo com os seus braços a virgem, cobrindo-lhe o rosto de beijos, passando-lhe os dedos pelos espessos cabelos; e esta ideia, que ele sabia ser irrealizável, supliciava-o. Jurou a si mesmo, visto que os seus companheiros o tinham nomeado Schalishim, conduzir a guerra. A certeza de não lhe sobreviver impelia-o a tomá-la implacável.

Dirigiu-se à tenda de Spendius e disse-lhe:

— Põe-te à frente dos teus homens! Eu conduzirei os meus! Avisa Autharite! Se Amílcar nos atacar, estamos perdidos. Entendes-me? Ergue-te!

Spendius ficou estupefacto diante daquele ar de autoridade. Matho, habitualmente, deixava-se conduzir, e todos os arrebatamentos de que tinha sido acometido em breve se acalmavam. Mas, naquele momento, pareceu-lhe, ao mesmo tempo, mais tranquilo e mais terrível. Fulgurava-lhe nos olhos uma vontade suprema, semelhante à chama de um sacrificio.

O grego não deu atenção às suas ordens. Habitava numa tenda cartaginesa orlada de pérolas, bebia bebidas frescas em taças de prata, jogava o cotabe, deixava crescer o cabelo e conduzia vagamente o cerco. Quanto ao mais, tinha estabelecido relações secretas com a cidade e não queria levantar o cerco, certo de que em breve lhe seriam abertas as portas.

Narr'Havas, que vagabundeava entre os seus exércitos e que se achava, então, perto dele, apoiava a sua opinião, e até censurou o líbio por querer, num acesso de coragem, abandonar a sua empresa.

— Se tens medo, vai-te! — exclamou Matho. — Tinhas-nos prometido enxofre, elefantes, soldados, peões e cavalos. Onde estão eles?

Narr'Havas recordou-lhe que fora ele quem exterminara as últimas coortes de Hannon. Quanto aos elefantes, mandara caça-los nas suas florestas; os soldados estavam-se armando; os cavalos vinham a caminho. E o númida, acariciando a pena de avestruz que lhe caía sobre o ombro, volteava os olhos como uma mulher e sorria-se de um modo irritante.

Matho não teve nada para responder-lhe.

Nisto, entrou na tenda um homem desconhecido, escorrendo suor, espavorido, com os pés ensanguentados e o cinto quase a cair. A violência da sua respiração parecia fazê-lo rebentar, e, falando um dialeto ininteligível, arregalava os olhos e parecia descrever uma batalha. O rei dos númidas saiu da tenda e chamou os seus cavaleiros, que logo se alinharam na

planície formando um círculo em torno dele. Narr'Havas, a cavalo, curvava a cabeça e mordida os lábios. Enfim, separou os seus soldados em dois corpos, e disse ao primeiro que o esperasse. Depois, com um gesto imperioso, partiu com o outro a galope e desapareceu no horizonte, do lado das montanhas.

— Não gosto destes acasos — murmurou Spendius —, quando chega o sufeta, retira-se Narr'Havas.

— Que importa? — disse desdenhosamente Matho.

Era mais uma razão para preceder Amílcar, reunindo-se a Autharite. Mas se abandonassem o cerco das cidades, sairiam delas os seus habitantes, atacá-los-iam pela retaguarda, ao mesmo tempo que teriam pela frente os cartagineses. Depois de consumidas muitas palavras, foram decididas e imediatamente executadas as seguintes providências:

Spendius, com quinze mil homens, marchou até à ponte do Macar, a três milhas de Utica, fazendo logo fortificar-lhe os ângulos com quatro enormes torres, guarnecidas de catapultas. Com troncos de árvores, pedaços de rocha, todas as gargantas, todos os caminhos das montanhas; nos cumes amontoaram mato, de que fizeram fogueiras para servirem de sinais; e de distância a distância foram postos os pastores mais hábeis em ver bem ao longe.

Sem dúvida, Amílcar não tomaria, como Hannon, pela montanha das Águas Quentes. O sufeta devia lembrar-se de que Autharite, senhor do interior, lhe intercetaria o caminho. Depois, um desastre no meio da campanha faria perdê-la, ao passo que a vitória, estando os mercenários mais longe, lhe devia parecer mais fácil. Podia também desembarcar no Cabo da Uvas e, dali, marchar sobre uma das cidades. Mas, neste caso, achava-se entre dois exércitos, imprudência de que era incapaz, com forças tão pouco numerosas. Assim, pois, seguia, sem a menor dúvida, pela base do Ariana, voltava depois à esquerda, para evitar as embocaduras do Macar, e ia, direito à ponte. Era ali que Matho o esperava.

À noite, à luz dos archotes, vigiava o trabalho dos sapadores. Corria a Hippo-Zaryte às obras das montanhas, voltava, tornava a ir, não descansava um instante. Spendius invejava-lhe a força. Mas, no que tocava à distribuição dos espiões, à escolha das sentinelas, à arte das máquinas e de todos os meios defensivos, Matho escutava docilmente o seu companheiro. Já não falavam em Salambo: um, porque não pensava nela, o outro porque o impedia disso um certo pudor.

Matho encaminhava-se muitas vezes para o lado de Cartago, diligenciando avistar as tropas de Amílcar. Dardejava os olhos para o horizonte, e deitava-se de bruços no solo e no zumbido das suas artérias julgava ouvir um exército. Por fim, disse a Spendius que se dentro de três dias não chegasse Amílcar, iria com toda a sua gente sair-lhe ao encontro e oferecer-lhe batalha. Passaram-se ainda dois dias em que Spendius pôde detê-lo. Na manhã do sexto, partiu.

Os cartagineses não estavam menos impacientes pela guerra do que os bárbaros. Nas tendas, como no interior, reinava o mesmo desejo, havia o mesmo ardor. Todos perguntavam qual o motivo que demorava Amílcar.

O sufeta subia de tempos a tempos à cúpula do templo de Eschmoun, até junto do Anunciador-das-Luas, e observava o vento.

Um dia, o terceiro do mês de Tibby, todos o viram descer rapidamente da Acrópole. Nas Mapales ergueu-se estrondoso clamor. De repente, desenvolveu-se grande movimento nas ruas e, por toda a parte, os soldados começaram a armar-se, no meio das mulheres, que chorando, os abraçavam. Em seguida, corriam apressadamente para a praça de Khamon, a fim de tomar os seus lugares. Ninguém podia acompanhá-los, nem falar-lhes, nem aproximar-se das trincheiras. Durante alguns minutos, permaneceu a cidade silenciosa como um túmulo. Os soldados, encostados às lanças, mostravam-se pensativos; outros suspiravam em suas casas, no momento da despedida.

Ao pôr do Sol, saiu o exército pela porta ocidental; mas, em vez de tomar o caminho de Tunes ou de se dirigir para as montanhas, do lado de Utica, seguiu pela beira do mar. E dentro em pouco chegou à laguna, onde muitas manchas redondas, brancas de sal, cintilavam como enormes lâminas de prata, esquecidas na praia. A pouco e pouco foram-se multiplicando os charcos. O solo tornava-se progressivamente mais balofo, os pés enterravam-se. Mas Amílcar não olhava para trás. Caminhava na sua frente, e o seu cavalo, coberto de manchas amarelas como um dragão e lançando espuma em roda de si, avançava afoitamente pelo lodo.

Veio a noite, uma noite sem luar. Alguns soldados exclamaram que iam morrer. Foram-lhes logo tiradas as armas e

dadas aos escravos. O lodo, entretanto, tornava-se cada vez mais alto. Foi necessário montar nas bestas de carga. Muitos seguravam-se às caudas dos cavalos; os mais robustos ajudavam os fracos; e o corpo dos lígures impelia a infantaria com as pontas dos chuços. A escuridão era cada vez maior. Tinham-se perdido no caminho. Todos pararam.

Então os escravos do sufeta foram destacados para a frente, em busca das balizas que, por sua ordem, tinham sido colocadas de distância em distância. Os escravos soltavam gritos no meio das trevas e o exército dirigia-se para o ponto donde eles partiam. Por fim, sentiram resistência no solo. Depois começou a desenhar-se na frente, vagamente, uma linha esbranquiçada, e, pouco depois, acharam-se na margem do Macar. Apesar do frio, não acenderam fogueiras.

No meio da noite, levantaram-se violentas rajadas de vento. Amílcar fez despertar os soldados sem que se ouvisse uma só trombeta. Foram os capitães quem os acordou, tocando-lhes brandamente nos ombros. Depois meteu-se na água um homem de elevada estatura. A água não lhe chegava à cintura. Podia-se passar.

O sufeta ordenou que fossem alinhados no rio trinta e dois elefantes, um tanto mais acima do ponto em que o exército ia passar, enquanto os restantes, colocados mais abaixo, deteriam os homens levados pela corrente. E todos elevando as armas acima da cabeça, atravessaram o Macar, como entre duas muralhas.

Amílcar tinha antecipadamente notado que o vento de oeste, impelindo as areias, obstruía o rio e formava, em toda a sua largura, uma rampa natural.

Pouco depois achou-se na margem esquerda, em frente de Utica e numa vasta planície, o que era muito vantajoso para os seus elefantes, que constituíam toda a força do exército.

Este rasgo de génio reanimou os soldados e inspirou-lhes extraordinário entusiasmo. Queriam, sem demora, arremessar-se contra os bárbaros. O sufeta fê-los descansar durante duas horas. Mal o Sol apareceu, formaram-se em três linhas na planície: os elefantes na frente, atrás deles a infantaria ligeira e a cavalaria e, em seguida, a falange.

Os bárbaros acampados em frente de Utica, e os quinze mil homens que se achavam na ponte, ficaram surpreendidos parecendo-lhes ver ao longe ondular o terreno. O vento, que soprava com muita violência, levantava turbilhões de poeira, que se erguiam como arrancados do solo; elevando-se como grandes trapos pardos, depois rasgavam-se, recomeçando incessantemente e ocultando aos mercenários o exército púnico. Por causa dos aparelhos que serviam de ornamentos aos capacetes, julgavam alguns que era uma manada de bois; outros, iludidos pela agitação dos mantos, julgavam distinguir asas; e os que já tinham viajado muito encolhiam os ombros e explicavam tudo com as ilusões da miragem. Entretanto, continuava a avançar o que quer que era de enorme. Pela superfície do exército corriam ténues vapores, subtis como hálitos enfraquecidos. O Sol, já mais alto, brilhava com maior esplendor. Uma luz intensa, e que parecia vibrar, recuava a profundeza do céu, e, penetrando os objetos, tornava incalculável a distância. A imensa planície estendia-se a perder de vista, por todos os lados; e as ondulações do terreno, quase insensíveis, prolongavam-se até ao extremo horizonte, fechado por uma grande linha azul, que se sabia ser o mar. Os dois exércitos, fora das tendas, aplicavam a vista. Os habitantes de Utica, para ver melhor, amontoavam-se sobre as trincheiras.

Por fim, distinguiram muitas barras transversais, eriçadas de pontas iguais. Pouco a pouco foram-se tornando mais espessas, aumentando-se-lhe o vulto. Parecia-lhes ver montículos negros baloiçando. De repente, surgiu uma espécie de grandes moitas quadradas: eram elefantes e lanças. Então só se ouviu um grito: “Os cartagineses!” E, sem sinal, sem ordem, uniram-se os soldados de Utica aos da ponte, para cair sobre Amílcar.

Spendius, ouvindo este nome estremeceu, repetindo arquejante: “Amílcar! Amílcar!” E Matho não estava ali. O que deveria fazer? Não havia o menor meio de fuga. A surpresa ocasionada por tão inesperado acontecimento, o terror que o sufeta lhe inspirava e, sobretudo, a urgência de uma resolução imediata, transtornavam-no. Sentia-se já atravessado por mil espadas, decapitado, morto. Entretanto, chamavam-no. Havia trinta mil homens dispostos a segui-lo. Foi acometido de furor contra si mesmo; concebeu esperança de uma vitória, toda cheia de felicidades, e julgou-se, então, mais intrépido que Epaminondas. Para disfarçar a palidez, pintou as faces com vermelhão, afevelou as suas cnémides e a couraça, tomou uma pátera de vinho puro e correu após as suas forças, que se encaminhavam para as de Utica.

Os bárbaros juntaram-se tão rapidamente que o sufeta não teve tempo de dispor o seu exército em ordem de batalha. Pouco a pouco, foi diminuindo a velocidade com que avançava. Os elefantes pararam sem deixar de baloiçar as enormes cabeças carregadas de penas de avestruz, acariciando, ao mesmo tempo, as espáduas com a tromba.

Pelos intervalos que havia entre eles distinguiam-se as coortes de velitas, mais longe, os grandes capacetes dos clinabaros e juntamente o brilho dos ferros e das couraças e a ondulação dos penachos e dos estandartes. Mas o exército cartaginês, forte, de onze mil trezentos e noventa e seis homens, não parecia contê-los, porque formava um quadrilongo, muito limitado nos flancos e cerrado sobre si mesmo.

Os bárbaros, três vezes mais numerosos, vendo-os tão fracos, sentiram-se possuídos de desordenada alegria, tanto mais que não viam Amílcar. Ele tinha, talvez, ficado em Cartago. Demais, que importava isso? O desprezo que sentiam por aqueles mercadores reforçava-lhe a coragem. E antes que Spendius tivesse ordenado a manobra, já todos a tinham compreendido e executado.

Estenderam-se numa extensa linha, que excedia os flancos do exército púnico, a fim de o envolverem completamente. Mas os elefantes, quando chegaram à distância de trezentos passos, voltaram para trás.

Depois, eis que os clinabaros, dando meia volta à direita, os seguiram. E a surpresa dos bárbaros subiu de ponto, vendo a força de atiradores correr a juntar-se-lhes. Os cartagineses tinham, pois, medo!

Então os bárbaros soltaram formidável apupada e Spendius, do alto do seu dromedário, gritava:

— Não me tinha enganado! Para a frente! Para a frente!

Então sibilavam ao mesmo tempo os dardos e as balas das fundas.

Os elefantes, picados na garupa pelas flechas, deitaram a correr, desaparecendo como sombras no meio de espessa nuvem de poeira. Entretanto, ouvia-se grande ruído de passos, dominado pelo som agudo das trombetas, que retiniam furiosamente.

O espaço que os bárbaros tinham diante de si, cheio de turbilhões e de tumulto, atraía-os como um pego. Alguns precipitaram-se nele.

De repente, apareceram as coortes de infantaria, cerrando-se, e, ao mesmo tempo, todos os outros viram galopar a cavalaria.

Com efeito, Amílcar tinha mandado a falange abrir aos lados e ordenado que os elefantes, as tropas ligeiras e a cavalaria passassem por aqueles intervalos para irem rapidamente ocupar os flancos; e tinha calculado tão bem a distância dos bárbaros, que, no momento em que eles se aproximavam do exército cartaginês, achava-se este formado em linha.

O centro era ocupado pela falange, formado por sintagmas, ou quadrados cheios e compactos, de dezasseis homens em cada face.

Os chefes de todas as filas apareciam entre compridos e agudos ferros, que desigualmente lhes ultrapassava a altura, porque as seis primeiras filas cruzavam as suas sarissas, pegando-lhes pelo meio, e as dez fileiras imediatas apoiavam-nas nos ombros dos companheiros que tinham na sua frente. Os rostos desapareciam quase de todo sob as viseiras dos capacetes; todas as pernas direitas estavam cobertas com cnémides de bronze; os grandes escudos cilíndricos desciam até aos joelhos; e toda a horrível massa se movia como se fora de uma só peça, parecendo viver a vida de uma fera e funcionar como uma máquina.

O exército, assim disposto, era flanqueado por duas fileiras de elefantes, os quais, sacudindo-se, faziam cair as flechas que tinham cravadas na negra pele. Os índios, acocorados sobre o cachaço dos enormes animais, no meio de verdadeiras moitas de penas brancas, continham-nos com o arpão, ao passo que os soldados, ocultos nas torres de sola até quase ao pescoço, armavam nos retesados arcos, uma espécie de rocas de ferro, guarnecidas de estopas acesas. À direita e à esquerda dos elefantes, giravam os fundibulários, com uma funda enrolada à roda da cintura, outra à roda da cabeça e ainda outra na mão direita. Depois os clinabaros, tendo cada um a seu lado um negro, estendiam as lanças por entre as orelhas dos seus cavalos, como eles cobertos de ouro. Em seguida estavam os soldados armados à ligeira, com escudos de pele de lince,

debaixo dos quais se viam sair as extremidades dos dardos que tinham na mão esquerda; e os tarantinos, conduzindo cada um deles uma parrelha de cavalos, pareciam tornar mais alta nos dois extremos aquela muralha de soldados.

O exército dos bárbaros, pelo contrário, não tinha podido conservar o seu alinhamento. Na exorbitante extensão da sua linha havia ondulações e aberturas; além disto, todos estavam espavoridos e arquejantes por terem corrido.

A falange moveu-se pesadamente, calando todas as suas sarissas; sob tão enorme peso, logo a linha dos mercenários, muito pouco espessa, dobrou pelo meio. Então, as alas cartaginesas, seguidas pelos elefantes, desdobraram-se para os cercar. A falange, com as lanças obliquamente enristadas, cortou a linha dos bárbaros. Dois enormes troços começaram então a agitar-se; as alas, a tiros de funda e de flecha, disparados por cima dos falangistas, causavam-lhes um dano terrível. Aos bárbaros, para se desembaraçarem deste conflito, faltava-lhes a cavalaria, pois que não tinham senão duzentos númidas, que atacaram o esquadrão direito dos clinabaros. Todos os outros se achavam, a este tempo, de tal modo cerrados, que não podiam manobrar. O perigo era iminente. Tornava-se indispensável uma resolução urgente.

Spendius mandou atacar a falange simultaneamente pelos dois flancos, a fim de a desunir. Mas as fileiras mais fracas foram repelidas pelas mais fortes, voltaram aos seus lugares, e, então, a falange caiu sobre os bárbaros, tão terrível de flanco, quão pouco antes o tinha sido de frente.

Os bárbaros esbarravam com as hostes das sarissas, a cavalaria entorpecia-lhes o ataque pela retaguarda; e a falange, abrigada pelos elefantes, cerrava-se, estendia-se, apresentava-se em quadrado, em cone, em trapézio ou em pirâmide. Operava-se continuamente nela um duplo movimento; porque os que estavam nas fileiras da frente, por se acharem fatigados ou feridos, eram sem cessar substituídos pelos das fileiras da retaguarda. Era-lhes impossível avançar. Dir-se-ia ser um oceano onde pululavam cocares brancos e escamas de bronze, ao passo que os claros escudos se agitavam como uma espuma de prata. Por vezes, de um a outro extremo, desciam largas correntes, que tornavam a subir, conservando-se imóvel, no centro, pesada massa. As lanças erguiam-se e abaixavam-se alternativamente. Noutros pontos era uma agitação de espadas nuas tão precipitada, que só se viam as pontas; e troços de cavalaria abrindo círculos, que atrás deles se tornavam a fechar, no meio de turbilhões de poeira.

Acima de tudo isto — as vozes dos capitães, o estridor dos clarins e o vibrar das liras —, as balas de chumbo e de barro sibilavam e cortavam o ar, fazendo saltar as espadas das mãos e os miolos dos crânios. Os feridos, abrigando-se com um braço sob o escudo, erguiam as espadas, firmando-lhes os copos no solo, e outros, no meio de charcos de sangue, reuniam ainda as forças que lhes restavam para se voltarem e morderem os inimigos nos calcanhares.

A multidão era tão compacta, a poeira tão espessa, o tumulto tão forte, que era impossível distinguir coisa alguma: os cobardes que se queriam render nem sequer eram ouvidos. Quando as mãos estavam vazias, lutavam corpo a corpo; os peitos eram esmagados contra as couraças e os cadáveres ficavam com as cabeças torcidas e os braços inteiriçados. Houve uma companhia de sessenta umbros que, inabaláveis sobre os joelhos e os piques na frente dos olhos, fizeram recuar ao mesmo tempo duas sintagmas. Grande número de pastores epirotas precipitou-se contra o esquadrão esquerdo dos clinabaros, agarrando-se-lhes às crinas dos cavalos e fazendo, ao mesmo tempo, temíveis sarilhos com os seus cajados. Os animais, derrubando os cavaleiros, fugiam pela campina. Os fundibulários púnicos, todos espalhados, estavam estupefactos. A falange começara a oscilar, os capitães corriam desorientados de um lado para o outro, os serra-filas impeliam os soldados; mas os bárbaros, que se tinham reorganizado, voltavam de novo à carga. A vitória era por eles.

De repente, soou um grito espantoso, um rugido de dor e de cólera: eram os setenta e dois elefantes, que se precipitavam sobre o exército dos bárbaros, em dupla linha, pois Amílcar tinha esperado que os mercenários se achassem amontoados num só ponto, para largar contra eles os terríveis animais. Os índios tinham-nos picado tão vigorosamente que das largas orelhas escorriam-lhes sangue. As trombas, pintadas de zarcão, permaneciam eretas, semelhantes a serpentes vermelhas; tinham os peitos guarnecidos com uma espécie de esporões, os lombos defendidos com grossas couraças, os dentes acrescentados com lâminas de ferro, curvas como sabres; e para os tomarem mais ferozes, haviam-nos embriagado com uma mistura de pimenta, de vinho puro e incenso. Sacudiam os seus colares de guizos e gritavam; e os elefantários baixavam a cabeça sob o arremesso

das faláricas que começavam a voar do alto das torres de sola.

Os bárbaros, a fim de melhor resistirem, agruparam-se todos o mais cerrados que puderam. Mas os elefantes lançaram-se no meio deles impetuosamente; os esporões que levavam nos peitoris, como proas de navios, fendiam as coortes, que refluíam sobre si mesmas. Com as trombas, afogavam os homens, ou, então, levantando-os do solo, erguiam-nos acima da cabeça e entregavam-nos aos soldados que estavam nas torres; com os dentes estripavam-nos e lançavam-nos ao ar; de sorte que o marfim desaparecia quase sob os fragmentos de entranhas humanas, que dele pendiam como molhos de cordas presas a mastros.

Os bárbaros diligenciavam vazar-lhes os olhos e cortar-lhes os jarretes; outros metiam-se-lhes debaixo dos ventres, cravavam-lhes uma espada até aos copos e morriam esmagados. Os mais intrépidos penduravam-se-lhes nas correias, e, por baixo das chamas, das balas e das flechas, continuavam a cortar o couro de que eram feitas as torres, que por fim desabavam, como se fossem de pedras. Catorze dos elefantes, que se achavam na extrema direita, irritados pelas feridas que tinham recebido, voltaram para trás, investindo com a sua segunda fileira; os índios empunharam os maços e os escopros e, aplicando-lhos ao centro dos crânios, descarregavam sobre eles com toda a sua força formidáveis pancadas.

Os enormes animais foram-se abaixo e caíram uns sobre os outros. Formaram como que uma montanha, e sobre um tal montão de cadáveres e de armaduras, ficou até à noite, preso pelas pernas numas correntes e berrando com as dores que lhe causava uma seta cravada num olho, um elefante monstruoso denominado Furor de Baal.

Entretanto, os outros, como conquistadores deleitando-se com o extermínio, derrubavam, esmagavam, encarniçavam-se contra os cadáveres, contra os despojos. Para repelir os manípulos em colunas cerradas em torno deles, giravam sobre as patas traseiras, num movimento de rotação contínua, sem que por isso deixassem de avançar. Os cartagineses sentiram redobrar o valor e a batalha recomeçou.

Os bárbaros enfraqueciam a olhos vistos; os hoplitas gregos depuseram as armas; o pânico atacou os outros.

Nisto, viram Spendius curvado sobre o seu dromedário, picando-o sem cessar nas espáduas com dois dardos. Então, todos se precipitaram, como puderam, para Utica.

Os clinabaros, cujos cavalos já não tinham fôlego, não tentaram persegui-los. Os lígures, extenuados de sede, gritavam para que os deixassem correr para o rio. Mas os cartagineses, colocados no centro das sintagmas e que menos tinham sofrido, batiam com os pés, cheios de impaciência, vendo fugir-lhes a sua vingança. Por fim, corriam já em perseguição dos mercenários, quando de repente apareceu Amílcar.

O sufeta sopitava com rédeas de prata o seu cavalo malhado, todo coberto de suor. As estreitas faixas, presas aos chifres do seu capacete, flutuavam atrás dele, soltas ao vento; debaixo da coxa esquerda trazia preso o seu escudo oval. A um só movimento do seu pique de três pontas, todo o exército parou.

Os tarantinos saltaram apressadamente para o seu segundo cavalo e partiram, uns para a direita e outros para a esquerda: para o rio e para a cidade.

A falange exterminou comodamente tudo o que restava de bárbaros, os quais, quando viam aproximar-se-lhes as espadas, ofereciam o pescoço, fechando os olhos. Alguns defendiam-se a todo o transe; esses até de longe os apedrejavam, como a cães danados. Contudo, Amílcar recomendara que se fizessem prisioneiros; mas os cartagineses obedeciam-lhe com rancor, tal era o prazer que eles sentiam em embainhar as espadas nos corpos dos bárbaros. Depois, como o calor os sufocava, começaram a trabalhar com os braços nus, à maneira dos ceifeiros; e, quando descansavam para tomar fôlego, seguiam com a vista um ou outro cavaleiro perseguindo algum soldado, que diligenciava escapar-lhe, fugindo pelo campo. O cavaleiro acabava sempre por agarrar o soldado pelos cabelos, derrubando-o com um golpe de machado, depois de assim o conservar por algum tempo.

Entretanto, anoiteceu. Tanto os cartagineses como os bárbaros tinham desaparecido. Os elefantes, que tinham fugido, vagueavam no horizonte com as suas torres incendiadas, que no meio das trevas pareciam faróis, meio perdidos no nevoeiro. Na planície não se descobria movimento algum além da ondulação do rio, elevado pela grande quantidade de cadáveres, que a

pouco e pouco ia descarregando para o mar.

Passadas duas horas chegou Matho, e distinguiu no solo, à claridade das estrelas, extensas e desiguais saliências.

Eram fileiras de bárbaros. O líbio abaixou-se: estavam todos mortos. Chamou. Nem uma só voz lhe respondeu.

Naquela mesma manhã, saíra de Hippo-Zaryte com os seus soldados, para marchar sobre Cartago. De Utica tinha acabado de partir o exército de Spendius, e os habitantes começavam a incendiar as máquinas. Todos se tinham batido, então, encarniçadamente. Mas o tumulto que se ouvia para o lado da ponte aumentava de um modo incompreensível; e Matho arrojara-se, pelo caminho mais curto, atravessando a montanha. Mas como os bárbaros fugiam pela planície, não encontrara viva alma.

Na sua frente, erguiam-se, no meio das sombras, pequenas massas piramidais e, aquém do rio, mais perto, via, rentes do chão, luzes imóveis. Com efeito, os cartagineses tinham recuado para trás da ponte, e o sufeta, para iludir os bárbaros, estabelecera numerosos postos na margem oposta.

Matho, avançando sempre, julgou distinguir insígnias púnicas, porque se viam erguidas muitas cabeças de cavalos que não se moviam, fixas nos feixes das lanças, mas ao longe ouviu o rumor de vozes e o tinir de taças.

Então, não sabendo onde descobrir Spendius, cheio de aflição e susto, perdido nas trevas, voltou pelo mesmo caminho, mais impetuosamente ainda. Começava a despontar a aurora quando, do alto da montanha, avistou a cidade e os madeiramentos das máquinas, enegrecidos pelas chamas, como esqueletos de gigantes encostados às muralhas.

Tudo repousava imerso num silêncio extraordinário.

Entre os soldados, à entrada das tendas, viam-se homens quase nus, dormindo de costas ou com a frente apoiada nos braços. Alguns tiravam das pernas ligaduras ensanguentadas. Os que estavam próximos da morte meneavam vagamente a cabeça; outros, arrastando-se, matavam-lhes a sede. As sentinelas, para se aquecerem, giravam sem cessar de um para outro lado, nos sítios em que estavam colocados, ou permaneciam com o rosto voltado para o horizonte, com o chuço apoiado no ombro, numa atitude feroz.

Matho encontrou Spendius abrigado sob um farrapo sustentado por dois cajados na terra, cabisbaixo e com as mãos segurando os joelhos.

Por muito tempo, permaneceram silenciosos.

Por fim, Matho murmurou:

— Vencidos!

Spendius repetiu, com voz sombria:

— Sim! Vencidos!

E a todas as perguntas respondia com gestos de desespero.

Entretanto, não cessava de chegar-lhes aos ouvidos prolongados gemidos e o estertor dos agonizantes. Matho afastou o farrapo que servia de barraca. Então, o espetáculo dos soldados recordou-lhe outro desastre no mesmo sítio, e, rangendo os dentes, exclamou:

— Miserável! Já uma vez...

Mas Spendius interrompeu-o, dizendo:

— Também não estavas presente.

— É uma maldição! — exclamou Matho. — Contudo, hei de esperá-lo e vencê-lo! hei de matá-lo! Ah! Se estivesse presente!

A ideia de ter faltado à batalha desesperava-o mais ainda que a derrota. Desembainhou a espada e lançou-a por terra. Depois acrescentou:

— Mas como foi que os cartagineses vos bateram?

O antigo escravo passou a descrever-lhe as manobras. Matho, parecendo-lhe estar presenciando-as, irritava-se. O exército de Utica, em vez de correr para a ponte, deveria ter acatado Amílcar pela retaguarda.

— Demais o sei! — disse Spendius.

— Devias ter dobrado a espessura das tuas colunas, não comprometer os velitas contra a falange e dar saída aos elefantes. No último momento, tudo se poderia ganhar novamente. Não havia nada que obrigasse a fugir.

— Vi-o passar — disse Spendius — com o seu grande manto vermelho, os braços erguidos, mais alto que a poeira, como uma águia, voando pelos flancos das coortes, que, a todos os sinais da sua cabeça, se cerravam cada vez mais e mais corajosamente combatiam. A refrega arrastou-nos um para o outro. Então, fitou-me e eu julguei que me atravessavam o peito com uma espada.

“Teria ele escolhido, porventura, o dia?”, dizia Matho consigo.

Depois interrogaram-se reciprocamente, diligenciado descobrir o que tinha conduzido o sufeta exatamente na circunstância mais desfavorável. Deste modo, falavam acerca da situação em que se achavam; Spendius, para atenuar a sua falta, ou para a si mesmo se animar, disse que lhe restava ainda alguma esperança.

— Pouco me importa que haja ou não esperança! — disse Matho. — Ainda que seja só, continuarei a guerra.

— E eu também! — exclamou o grego, dando quase um salto. As suas pupilas pareciam flamejar e estranho sorriso lhe enrugava a fisionomia de chacal. — Começaremos de novo. Mas não me deixes! Não tenho disposição para as batalhas à luz do dia. O brilho das espadas perturba-me a vista, toma-me doente; bem sabes que vivi muito tempo no ergástulo. Mas encarrega-me de escalar muralhas durante a noite, e eu entrarei nas cidadelas, e os cadáveres estarão frios antes que o galo tenha cantado. Mostra-me alguém, alguma coisa, um inimigo, um tesouro, uma mulher. Uma mulher — repetiu ele —, seja ela a filha de um rei, e conduzirei vivamente a teus pés o objeto dos teus desejos. Exprobas-me por ter perdido a batalha contra Hannon. Todavia, ganhei-a depois! Confessa-o! O meu bando de porcos foi-nos mais proveitoso que uma falange de espartanos! — E cedendo ao desejo de se fazer valer e de tomar a sua desforra, enumerou tudo o que tinha feito pela causa dos mercenários. — Fui eu quem, nos jardins do sufeta, excitou o gaulês. Mais tarde, em Sicca, tornei-os todos exasperados com o medo da República! Giscon despedia-os, mas eu não quis que os intérpretes pudessem falar! Ah! Como as línguas lhes pendiam das bocas! Lembras-te? Conduzi-te a Cartago; roubei o “zaimph”; levei-te ao palácio dela... Pois farei ainda mais, verás...

E desatou a rir, como um louco.

Matho não afastava dele os arregalados olhos. Na presença daquele homem, ao mesmo tempo tão covarde e tão terrível, sentiu-se incomodado.

O grego, dando uns estalidos com os dedos, prosseguiu em tom jovial:

— Evoé! Depois da chuva, o Sol! Trabalhei nas pedreiras e bebi massique por um vaso que me pertence, debaixo de um toldo de ouro, como um Ptolomeu! A desgraça deve servir para nos tornar hábeis! A força de trabalho amolda-se a fortuna. A fortuna preza os políticos. há de ceder! — E, dirigindo-se a Matho, pegou-lhe no braço e disse-lhe: — Os cartagineses estão seguros da sua vitória. Tu tens um exército que não combateu e os teus homens obedecem-te. Coloca-os na frente. Os meus, para se vingarem, marcharão. Restam-me ainda três mil cários, mil e duzentos fundibulários, muitos archeiros, coortes inteiras. Pode-se até formar uma falange. Voltemos a eles!

Matho, aturdido pelo desastre, não tinha, até então, imaginado coisa alguma para sair de semelhante situação. Ouvia, de boca aberta, o que o grego lhe dizia, e as escamas de bronze, que lhe cobriam as costas, erguiam-se-lhe com o palpitar do coração.

De repente, levantou do chão a espada e exclamou:

— Acompanha-me! Marcharemos!

Mas quando recolheu a força que tinha à descoberta, verificou que os mortos dos cartagineses tinham sido levantados do campo, que a ponte fora destruída e que Amílcar tinha desaparecido.

Amílcar tinha suposto que os mercenários, ou o esperariam em Utica ou marchariam contra ele. E, não achando suficientes as suas forças para dar ou receber um ataque, internara-se para o sul, pela margem direita do rio, manobra esta que o punha imediatamente a coberto de uma surpresa.

Intentou, fechando os olhos sobre a sua revolta, desligar da causa dos bárbaros todas as tribos; e depois, quando eles estivessem de todo isolados no meio das províncias, cairia sobre eles e exterminá-los-ia.

Em catorze dias pacificou a região compreendida entre Thouccaber e Utica, assim como as cidades de Tignicabah, Tessourah, Vacca e outras, ao Ocidente. Zoughar, edificada nas montanhas; Assouras, célebre pelo seu templo; Djeraado, fértil em zimbros. Thapitis e Hagour enviaram-lhe embaixadas.

Os habitantes dos campos dirigiam-se a ele, levando-lhe víveres, implorando a sua proteção, beijando os pés dos soldados e queixando-se dos bárbaros. Alguns ofereciam-lhe, em sacos, cabeças de mercenários, mortos — segundo diziam — por eles, mas que tinham cortado a cadáveres; porque muitos bárbaros tinham-se perdido, fugindo, de sorte que a cada passo se encontravam alguns, mortos debaixo das oliveiras e nas vinhas.

Amílcar, para deslumbrar o povo, enviara logo no dia seguinte a Cartago os dois mil prisioneiros, os quais entraram na cidade formados em companhias de cem homens cada uma, todos com as mãos presas atrás das costas a uma barra de ferro, que os segurava também pela nuca. Os feridos, cobertos de sangue, corriam tanto como os sãos, porque atrás deles ia uma porção de cavalaria, fustigando-os com azorragues.

A alegria, em Cartago, chegou ao delírio.

Todos contavam que tinham sido mortos seis mil bárbaros, que os restantes não resistiriam e que a guerra estava terminada. Os cidadãos abraçavam-se pelas ruas e esfregavam com manteiga e cinamomo a figura dos deuses Pateques, como prova de agradecimento. Os ídolos, com os seus grandes olhos, o enorme ventre e os dois braços erguidos até aos ombros, pareciam ter recebido vida com a recente pintura e participar da alegria do povo. Os ricos deixaram abertas as suas portas; o som dos tamboris retinia por toda a cidade; os templos eram iluminados todas as noites; e as servas dos deuses, indo para Malqua, colocaram nas encruzilhadas estrados de sicómoro, sobre os quais se prostituíam. Foram destinadas terras para os vencedores, foram votados holocaustos a Melkarth, trezentas coroas de ouro para o sufeta; e os seus partidários propunham-se investi-lo em novas honras e dignidades.

Amílcar tinha solicitado aos Anciãos que se dirigissem a Autharite, para efetuarem a troca de todos os bárbaros, se assim fosse preciso, pelo velho Giscon e mais cartagineses, como ele prisioneiros. Mas os líbios e os nómadas, que compunham o exército de Autharite, conheciam apenas os mercenários ativos, homens de raça italiota ou grega; e, uma vez que a República lhes oferecia tantos bárbaros por tão poucos cartagineses, era porque o valor de uns era nulo, ao passo que o dos outros era considerável. Autharite receou uma cilada. Portanto, recusou. Então, os Anciãos decretaram a execução dos cativos, ainda que o sufeta lhes tivesse escrito, recomendando-lhes que lhes não dessem a morte, porquanto tencionava incorporar os mais válidos nas suas tropas a excitar por este modo as deserções. Mas o ódio venceu toda a espécie de reserva. Os dois mil bárbaros foram amarrados, nas Mapales, às colunas dos túmulos; e grande multidão de mercadores, escravos de cozinha, bordadores e até mulheres, principalmente as viúvas dos mortos na guerra, com os filhos nos braços, correu a matá-los, disparando contra eles tiros de flecha. Para lhes prolongar mais o suplício, firmavam as pontarias vagarosamente; baixavam a arma, depois tornavam a erguê-la, e, entretanto, crescia a rugidora multidão. Os paralíticos faziam com que os conduzissem ali em padiolas. Muitos indivíduos, por precaução, levavam consigo alguns alimentos e passavam o dia diante das vítimas; outros chegavam a passar ali a noite. Tinham armado barracas por um e outro lados, nas quais bebiam desmedidamente. Houve muitos que ganharam somas consideráveis com o aluguer dos arcos.

Depois, deixaram ficar os cadáveres em pé, os quais, sobre os túmulos, pareciam outras tantas estátuas vermelhas. A

exaltação chegou até aos habitantes de Malqua, na maior parte descendentes de famílias autóctones, e, ordinariamente, indiferentes às coisas da pátria. Mas, como prova de reconhecimento pelos prazeres que ela lhes proporcionava, mostravam-se interessados pela sua fortuna, sentiam-se púnicos; e os Anciãos achavam que fora importante habilidade a fusão do povo inteiro para a mesma vingança.

Nada disto deixou de ser sancionado pelos deuses, porque de todos os pontos do céu se viam chegar bandos de corvos, que, volteando no ar e soltando rouquinhos gritos, formavam enorme nuvem, que, sem cessar, girava sobre si mesma. A nuvem das sinistras aves via-se de Clipeia, de Rodes e do promontório Hermeu. Por vezes rompia-se e espalhava até grandes distâncias as suas negras espirais: era uma águia que caía repentinamente sobre ela e logo tornava a elevar-se. Por todos os lados, sobre os terraços, sobre as cúpulas, nas pontas dos obeliscos e nos frontões dos templos, viam-se grandes pássaros, tendo nos bicos, tintos de vermelho, fragmentos de corpos humanos.

Os cartagineses, por causa do fétido, resignaram-se a desatar das colunas os cadáveres. Queimaram alguns, lançaram outros ao mar; e as vagas, impelidas pelo vento norte, depunham-nos na praia, no extremo do golfo, diante do acampamento de Autharite.

Este castigo tinha, decerto, aterrorizado os bárbaros, porque os viram, do alto do templo de Eschamoun, desarmar as tendas, reunir os rebanhos, carregar jumentos com as bagagens, afastando-se no mesmo dia todo o exército. Foi o que supuseram em Cartago.

O exército dos bárbaros, dirigindo-se da montanha das Águas Quentes para Hippo-Zaryte, devia impedir o sufeta de se aproximar das cidades tírias e ter a possibilidade de uma volta sobre Cartago.

Durante este tempo, tratariam os outros dois exércitos de o alcançar: Spendius pelo Oriente, Matho pelo Ocidente, de modo a juntarem-se os três para o encurralarem. Depois, chegou-lhes um reforço que eles não esperavam: Narr'Havas tornou a aparecer, trazendo consigo trezentos camelos, carregados de betume, vinte e cinco elefantes e seis mil cavaleiros.

O sufeta, para enfraquecer os mercenários, julgara prudente entreter Narr'Havas longe deles, no seu reino. Mesmo do interior de Cartago, entendera-se com Masgaba, salteador getúlio que diligenciava organizar para si um império. Forte com o dinheiro púnico, este aventureiro tinha sublevado os estados númeridas prometendo-lhes liberdade. Mas Narr'Havas, prevenido pelo filho de sua ama, tinha caído sobre Cirta, envenenado os vencedores com a água das cisternas e decepado algumas cabeças. De sorte que, depois de ter restabelecido a ordem, voltava a combater o sufeta, mais furioso que os bárbaros.

Então, os chefes dos quatro exércitos, entenderam-se sobre as disposições da guerra, que devia ser prolongada. Era necessário prevenir tudo.

Assentaram, em primeiro lugar, em reclamar o auxílio dos romanos, e ofereceram esta missão a Spendius; mas este, sendo tráfuga, não ousou encarregar-se dela. Doze homens das colónias gregas embarcaram em Anaba numa chalupa dos númeridas. Em seguida, os chefes exigiram dos bárbaros um juramento de completa obediência. Os capitães inspecionavam todos os dias o vestuário e o calçado dos soldados. Foi proibido às sentinelas o uso do escudo, porque, muitas vezes, encostavam-no na lança e dormiam em pé; os que arrastavam atrás de si alguma bagagem foram obrigados a desfazer-se dela; à maneira romana, tudo devia ser levado às costas. Matho, por precaução contra os elefantes, instituiu um corpo de cavaleiros catafractos, no qual homens e cavalos desapareciam sob uma couraça de pele de hipopótamo, eriçada de pregos, e, para proteger os cascos dos cavalos, cobriram-lhos com um entrançado de esparto.

Foi proibido saquear os burgos e tyrannizar os habitantes que não fossem de raça púnica. Matho, como ia sendo difícil obter alimentos naqueles sítios, já exaustos, ordenou que fossem distribuídos os víveres em rações aos soldados, sem querer saber das mulheres. Os soldados, ao princípio, dividiram com elas as rações. Muitas, por falta de alimento, adoeciam. Era um motivo de incessantes altercações e invetivas, porque muitos atraíam as companheiras dos outros com o engodo ou a promessa de dividirem com elas o seu quinhão.

Matho ordenou que fossem todas expulsas, inexoravelmente, mas elas refugiaram-se no acampamento de Autharite, donde foram obrigadas a sair, pelos ultrajes das gaulesas e das líbias.

Por fim, as mulheres, expulsas de todos, foram para junto das muralhas de Cartago implorar a proteção de Ceres e de Prosérpina, pois que havia em Birsa um templo e sacerdotes consagrados àquela deusa, em expiação dos horrores outrora cometidos no cerco de Siracusa. As Syssitas, alegando o seu direito sobre as coisas sem dono, reclamaram as mais novas para serem vendidas; e muitos dos cartagineses novos tomaram para esposas loiras lacedemónias.

Contudo, houve muitas que se obstinaram em acompanhar os exércitos, correndo nos flancos das sintagmas, ao lado dos capitães. Não cessavam de chamar os homens que lhes pertenciam, puxavam-lhes pelos mantos e batiam nos peitos, amaldiçoando-os, mostrando-lhes os filhos que levavam nos braços, nus e a chorar. Este espetáculo comovia os bárbaros. As mulheres eram para eles um embaraço, um perigo. Repeliam-nas muitas vezes, mas elas voltavam sempre. Matho mandou-as fustigar com os coutos das lanças pelos cavaleiros de Narr'Havas; e aos baleares, que gritavam que precisavam de mulheres, ele respondia:

— Também eu não as tenho!

O líbio sentia-se, então, dominado pelo génio de Moloch. A despeito das rebeliões da sua consciência, executava coisas espantosas, imaginando obedecer à voz dos deuses. Quando não podia talar os campos, cobria-os de pedras para os tornar estéreis.

Por meio de repetidas mensagens, instava Autharite e Spendius para que se apressassem. Mas as operações do sufeta eram incompreensíveis.

Acampou sucessivamente em Eidous, em Monchar, em Tehent; os batedores do campo julgaram avistá-lo nas proximidades de Ischül, perto das fronteiras de Narr'Havas, e souberam que tinha atravessado o rio, acima de Tebourba, como para voltar a Cartago. Apenas chegava a um ponto, marchava para outro. Os caminhos que ele seguia ficavam sempre desconhecidos. O sufeta, sem dar batalha, conservava todas as vantagens; perseguido pelos bárbaros, parecia conduzi-los.

Mas estas marchas e contramarchas fatigavam ainda mais os cartagineses, e as forças de Amílcar, não sendo renovadas, diminuía de dia para dia. Os habitantes dos campos já lhe levavam víveres com menos solicitude. Por toda a parte achava certa hesitação, certo ódio taciturno, e, apesar das suas instâncias ao Conselho Supremo, não lhe chegava de Cartago o menor auxílio.

Diziam — acreditavam-no talvez — que ele não precisava de socorros. Era uma astúcia ou queixa sem motivo, e os partidários de Hannon, com a intenção de exacerbar a malquerença que separava os dois sufetas, exageravam a importância da vitória de Amílcar. As tropas que ele comandava eram o preço dela; por isso, não deviam fornecer-lhe continuamente outras. A guerra era assaz pesada: já tinha ficado muito cara e os patrícios da sua facção só por orgulho o apoiavam.

Então Amílcar, desesperando da República, levantou por meio da força, nas tribos, tudo o que lhe era preciso para a guerra: grãos, azeite, lenha gado e homens. Mas as tribos, assim vexadas, não tardaram em fugir. Os povoados que o exército atravessava estavam vazios e nas cabanas não se achava coisa alguma. Dentro em pouco, viu-se o exército púnico rodeado por medonha solidão.

Os cartagineses, furiosos, começaram a saquear as províncias; entulhavam as cisternas, incendiavam as habitações. As nuvens de fagulhas, levadas pelo vento, espalhavam-se até muito longe, de sorte que nas montanhas ardiavam florestas inteiras. Para as atravessarem, era necessário esperar. Depois continuavam a marcha, debaixo do mais ardente Sol e pisando montões de cinza, ainda quentes.

Por vezes, à beira do caminho, viam reluzir numa moita que o quer que era semelhante aos olhos dos gatos bravos. Era um bárbaro acorocado sobre os calcanhares, e que se cobria de poeira para se confundir com a cor da folhagem; ou então, costeando algum montículo, os que iam nos flancos ouviam o rolar das pedras, e, erguendo os olhos, avistavam um homem descalço, saltando de penedo em penedo.

Entretanto, Utica e Hippo-Zaryte estavam libertadas, porque os mercenários lhes tinham levantado os cercos.

Amílcar ordenou às duas cidades que o socorressem, mas elas, receando comprometer-se, responderam-lhe com palavras vagas, cumprimentos e desculpas.

Assim, dirigiu-se repentinamente para o Norte, decidido a fazer abrir as portas a uma das cidades tÍrias, ainda que, para isso, tivesse de pôr-lhe cerco. Era-lhe preciso estar senhor de um ponto da costa, a fim de obter das ilhas ou de Cirene munições de boca e soldados, e por isso o porto que cobiçava era o de Utica, como sendo o mais próximo de Cartago.

O sufeta partiu, pois, de Zouitin e contornou o lago de Hippo-Zaryte com toda a prudência. Dentro em pouco, viu-se obrigado a alongar os seus regimentos em colunas, para poderem trepar a montanha que separa os dois vales. Ao pôr do sol, desciam do seu cume, cavado em forma de funil, quando avistaram na sua frente, rente ao solo, uns objetos que pareciam lobos de bronze, correndo sobre a erva.

De repente, distinguiram-se grandes penachos e ouviram erguer-se um canto formidável, acompanhado com o som de muitas flautas. Era o exército de Spendius; porque os campânios e os gregos, pelo ódio que tinham a Cartago, haviam adotado as insÍgnias de Roma. Ao mesmo tempo, à esquerda, apareceram compridos chuços, escudos de pele de leopardo, couraças de linho e ombros nus. Eram os iberos de Matho, os lusitanos, os baleares, os getúlios. Ouviam-se os relinchos dos cavalos de Narr'Havas, espalhando-se em volta da colina. Depois chegou a vaga turba comandada por Autharite: os gauleses, os líbios, os nómadas; e no meio deles reconheciam-se os comedores-de-coisas-imundas, pelas espinhas de peixe que tinham metidas entre os cabelos.

Assim, os bárbaros, combinando com a maior exatidão a sua marcha, tinham-se juntado. Mas, surpreendidos, permaneceram por alguns instantes imóveis e consultando-se.

O sufeta tinha amontoado as suas forças numa massa orbicular, de modo a oferecer igual resistência por todos os lados. Os escudos, muito altos, cravados no terreno e unidos uns aos outros, circundavam a infantaria. Os clinabaros ficaram da parte de fora; e, mais longe, colocados a certa distância uns dos outros, os elefantes. Os mercenários estavam exaustos de fadiga. Era melhor esperar que amanhecesse e, certos da sua vitória, passaram toda a noite comendo e bebendo.

Os bárbaros tinham acendido grandes fogueiras que, deslumbrando-os, deixavam na sombra o exército púnico, que estava abaixo delas. Amílcar mandou cavar à roda do seu campo, segundo o uso dos romanos, um fosso de quinze pés de largura e de dez palmos de profundidade, e, com a terra tirada dele, ergueu da parte de dentro um parapeito, no qual mandou cravar grande número de estacas aguçadas; de sorte que, ao nascer do Sol, ficaram os mercenários cheios de pasmo, vendo assim os cartagineses entrincheirados e como se estivessem numa fortaleza.

No meio deles reconheceram Amílcar, girando de um para outro lado e dando ordens. O sufeta tinha o corpo defendido por uma couraça parda, toda a feia de pequeníssimas escamas; e, seguido pelo seu cavalo, parava de vez em quando, estendendo o braço, como para designar alguma coisa.

Então, mais de um bárbaro se recordou de alvoradas semelhantes quando, no meio do estridor dos clarins, o sufeta passava pela frente deles e o seu olhar os fortalecia como se lhes desse taças de vinho. Assim, sentiram-se acometidos de uma espécie de enternecimento. Aqueles que, pelo contrário, não conheciam Amílcar deliraram de alegria com a ideia de que lhes não escaparia.

Contudo, se todos atacassem ao mesmo tempo, embaraçar-se-iam mutuamente pela exiguidade do espaço. Os nÚmidas poderiam atacá-los pelos lados, mas os clinabaros, protegidos pelas couraças, esmagá-los-iam. Depois, como passariam as paliçadas? Quanto aos elefantes, estavam pouco instruídos.

— Sois todos cobardes! — exclamou Matho.

E, acompanhado pelos mais valorosos, precipitou-se contra a trincheira do inimigo. Foram repelidos por uma nuvem de pedras, porque o sufeta se apoderara das catapultas que eles tinham abandonado.

Este revés modificou repentinamente o espírito marcial dos bárbaros. O excesso da sua bravura desapareceu; queriam vencer, mas arriscando-se o menos possível. A opinião de Spendius era que conservassem a posição que tinham até reduzirem à fome o exército púnico. Mas os cartagineses começaram a abrir poços e, como a colina era rodeada de montanhas, descobriram água.

Do alto da sua paliçada lançavam sobre os bárbaros flechas, terra, esterco, pedras que arrancavam do solo, ao passo

que as suas catapultas não cessavam de trabalhar em toda a extensão do aterro.

Mas as fontes estancar-se-iam por si mesmas; os víveres seriam consumidos; as catapultas estragar-se-iam; os mercenários, dez vezes mais numerosos, acabariam por triunfar.

Então o sufeta imaginou negociações, a fim de ganhar tempo.

Uma manhã, os bárbaros acharam nas suas linhas uma pele de carneiro coberta de caracteres. Neste escrito, o sufeta justificava a sua vitória: os Anciãos tinham-no forçado à guerra; e para lhes mostrar que cumpria a sua palavra, oferecia-lhes, para escolherem, o saque de Utica ou o de Hippo-Zaryte. Amílcar terminava declarando aos bárbaros que não os temia, pois que comprara alguns dos seus e que, graças a eles, conseguiria facilmente o fim que se propusesse.

Na presença desta mensagem, sentiram-se os bárbaros indecisos; a proposta de despojos imediatos fazia-os sonhar. Não admitindo que o sufeta lhes tivesse armado um laço, supuseram-se atraídos e começaram a desconfiar uns dos outros. Todos se observavam reciprocamente, e a noite originava sempre novos temores. Muitos abandonavam os seus companheiros; segundo a sua fantasia, escolhiam o exército em que melhor se dariam. De sorte que os gauleses foram, com Autharite, juntar-se aos cisalpinos, cuja língua entendiam.

Os quatro chefes reuniam-se todas as tardes na tenda de Matho e, acorados à roda de um escudo, faziam avançar e recuar atentamente umas figurinhas de madeira, inventadas por Pirro, para reproduzir as manobras. Spendius demonstrava os recursos de Amílcar e, invocando todos os deuses, suplicava aos seus companheiros que não comprometessem a ocasião.

Matho, irritado, passeava de um para outro lado, gesticulando. A guerra contra Cartago era uma questão pessoal. Indignava-se ouvindo os outros emitirem a sua opinião em vez de lhe obedecerem. Autharite, adivinhando-lhe os pensamentos pela expressão da fisionomia, aplaudia. Mas Narr'Havas fazia gestos de dúvida; já não sorria e não havia um só alvitre que ele não julgasse funesto. Soltava suspiros como se quisesse abafar a dor de um sonho impossível, o desespero de uma empresa malograda.

Enquanto os bárbaros, indecisos, deliberavam, o sufeta aumentava os seus meios de defesa. Mandou abrir pela parte de dentro das paliçadas segundo fosso, levantar segundo parapeito e construir nos ângulos torres de madeira. Os seus escravos iam até ao meio dos postos avançados cravar na terra estacas e guarnecê-las de abrolhos. Mas os elefantes, cujas rações iam diminuindo, começavam a estar inquietos. Para poupar as ervas, ordenou o sufeta aos clinabatos que matassem os cavalos menos robustos. Alguns recusaram-se a obedecer; mandou-os decapitar, e os cavalos foram comidos. A recordação desta carne fresca foi motivo de grande tristeza, nos dias seguintes.

No fundo do anfiteatro em que os cartagineses se achavam cercados, viam à roda de si, em pontos muito elevados, os quatro acampamentos dos bárbaros cheios de agitação. Viam as mulheres circulando por entre os soldados, com odres à cabeça; as cabras berrando e correndo sobre os feixes de chuços; as sentinelas, que eram rendidas regularmente e que depois iam sentar-se à roda das fogueiras, a comer. Com efeito, as tribos forneciam-lhes víveres abundantemente; e nem lhes passava pela cabeça quanto a sua inação assustava o exército púnico.

Logo no segundo dia os cartagineses tinham notado no acampamento dos nómadas um grupo de uns trezentos homens, afastados uns dos outros. Eram os ricos, prisioneiros desde o começo da guerra. Os líbios alinharam-nos quase à beira do fosso dos cartagineses e, colocados atrás deles, arremessavam grande número de dardos, fazendo dos seus corpos trincheiras. Os miseráveis mal se reconheciam, tal era o modo por que os rostos lhes desapareciam debaixo dos vermes e das imundícies. Os cabelos, arrancados aos punhados, deixavam a descoberto no crânio grandes úlceras; e estavam tão emagrecidos e hediondos que se assemelhavam a múmias envolvidas em esburacadas mortalhas. Alguns, tremendo, soluçavam com ar estúpido; outros gritavam aos seus amigos que atirassem sobre os bárbaros.

Entre eles, via-se um, imóvel, cabisbaixo, e que não falava; a barba branca chegava-lhe até às mãos, carregadas de ferros; e os cartagineses, julgando sentir no coração o desabamento da República, reconheceram Giscon. Conquanto o lugar fosse perigoso, todos corriam para o ver. Os bárbaros tinham-lhe posto na cabeça uma tiara grotesca, feita de pele de hipopótamo, guarnecida de calhaus. Fora uma invenção de Autharite, mas que desagradava a Matho.

Amílcar, exasperado, mandou romper as paliçadas, resolvido a abrir caminho, fosse como fosse; e com um ímpeto furioso subiram os cartagineses a encosta até uma distância de trezentos passos. Mas, subitamente, desceu das colinas uma tal inundação de bárbaros, que novamente os obrigou a recuar até às suas linhas. Entre as pedras estrebuchava um guarda da Legião, que tinha ficado de fora. Zarxas correu para ele, cravou-lhe um punhal na goela e arrancou a arma da ferida. Depois, colando sobre ela a boca soltando uma espécie de uivos e com estremecimentos de alegria, sugou-lhe o sangue com toda a sua força. A seguir sentou-se tranquilamente sobre o cadáver, levantou a cabeça para melhor aspirar o ar, como faz a corça quando acaba de beber numa corrente, e, com uma voz aguda, entoou uma canção balear, vaga melodia, cheia de modulações prolongadas, interrompendo-se e alternando-se com os ecos, respondendo uns aos outros nas montanhas. Com aquela canção chamava os seus irmãos mortos e convidava-os para um festim.

Em seguida, deixou cair as mãos sobre os joelhos, curvou vagarosamente a cabeça e desatou a chorar. Este atroz procedimento horrorizou os bárbaros, sobretudo os gregos.

Desde então, os cartagineses não tomaram a tentar outra surtida; mas também não pensavam em se render, certos de morrerem no meio de cruéis suplícios.

Entretanto, os víveres, apesar dos cuidados de Amílcar, diminuían medonhamente. Já não restava para cada homem mais de dez khommer de trigo, três hin de milho e doze betza de frutos secos. Já não havia nem carne, nem azeite, nem peixe salgado, nem um grão de cevada para os cavalos, os quais, abaixando os emagrecidos pescoços, procuravam no meio do pó algumas palhas pisadas. As sentinelas do aterro lobrigavam, muitas vezes, ao luar, algum cão dos bárbaros, girando próximo das paliçadas, pelo meio das imundícies; matavam-no com uma pedrada e, socorrendo-se das correias do escudo, desciam para fora da paliçada e, depois, sem nada dizer aos seus camaradas, comiam-no. Mas também se ouviam algumas vezes horríveis latidos e a sentinela não tomava a subir. Na quarta diloquia da décima segunda sintagma, esfaquearam-se reciprocamente três falangistas, disputando entre si um rato.

Todos curtiavam pungentes saudades das suas famílias e das suas habitações: os pobres choravam as suas cabanas, do feitio de cortiços, com as conchas no limiar das portas e a sua rede pendurada; os patrícios choravam as suas grandes salas cheias de azuladas trevas, quando, nas horas mais moles do dia, se entregavam ao repouso, escutando o ruído vago das ruas, junto ao ciciar da folhagem nos jardins. E tanto uns como outros, para melhor descerem ao fundo deste pensamento e gozá-lo mais amplamente, cerravam as pálpebras, até que a dor de uma ferida os despertava.

A todos os instantes se travavam lutas parciais; as torres ardiam, os comedores-de-coisas-imundas assaltavam atrevidamente as paliçadas; os cartagineses decepavam-lhes as mãos com machados; outros acudiam e, então, caía sobre as tendas uma chuva de ferro.

Os cartagineses fizeram uma espécie de rótulas de juncos para se abrigarem dos projécteis; já quase se não moviam. Todos os dias o Sol, iluminando os cimos das colinas, abandonava logo nas primeiras horas o fundo da garganta em que se achavam e deixava-os na sombra. Não tinham por todos os lados senão as rampas do terreno, elevando-se progressivamente até ao cimo das colinas, todas cobertas de calhaus manchados de raro líquen; e, sobre a cabeça, o céu continuamente puro, mais liso e frio à vista do que uma cúpula de metal.

Amílcar estava tão indignado contra Cartago, que sentia desejos de chamar a si os bárbaros e de os conduzir contra ela. Além disto, já as vivandeiras, os carregadores e os escravos começavam a murmurar. E nem o povo nem o Conselho Supremo lhe enviavam, sequer, uma esperança. A situação era, sobretudo, intolerável, pela ideia de que ainda se tornaria pior.

Cartago, ao ter notícia do desastre, como que tinha dado um salto de cólera e de ódio; o sufeta teria sido ali menos detestado se, logo no começo, se tivesse deixado vencer.

Para contratar outros mercenários faltavam o tempo e o dinheiro. Quanto a recrutar soldados na cidade, qual o modo de os equipar, se Amílcar se havia apoderado de todas as armas? E depois, quem os comandaria? Os melhores capitães achavam-se com ele.

No meio de tudo isto, giravam pelas ruas, soltando gritos, os emissários do sufeta.

Estes berradores importunos inquietavam o Conselho Supremo, que tratou de achar o modo de os fazer desaparecer.

Era uma prudência inútil. Todos acusavam Barca de se ter conduzido inconvenientemente. Depois da vitória, deveria ter aniquilado os mercenários. Por que razão devastara as tribos? Todavia, que imensos sacrifícios tinha custado aquela campanha! Os patrícios choravam a sua contribuição de catorze shekel; os Syssitas os seus duzentos e vinte e três mil kikal de ouro; e os que nada tinham dado lamentavam-se como todos os outros.

A população tinha ciúmes dos cartagineses novos, aos quais o sufeta prometera o direito de cidade completo; e até os lígures, que haviam combatido tão intrepidamente, eram confundidos com os bárbaros e amaldiçoados como eles: o pertencer à sua raça era um crime, uma cumplicidade.

Todos discutiam as operações das campanhas: os lojistas às portas das suas lojas, os serventes de pedreiro que passavam pelas ruas, levando na mão a sua régua de chumbo; os vendilhões de salmoura, levando os seus baldes; os banheiros nas estufas; e os vencedores de bebidas quentes. Todos traçavam, na terra, com o dedo, planos de batalha; e não havia moço de fretes que não soubesse corrigir as faltas de Amílcar.

O sufeta, segundo diziam os sacerdotes, estava sofrendo o castigo da sua prolongada impiedade.

Não tinha oferecido holocaustos; não havia purificado as suas tropas; tinha recusado até levar consigo áugures; e o escândalo do sacrilégio reforçava a violência dos ódios comprimidos, a raiva das esperanças malogradas. Todos recordavam os desastres da Sicília, todos lastimavam o terem suportado tanto tempo o fardo do seu orgulho! Os colégios dos pontífices não lhe perdoavam o ter-se apoderado dos seus tesouros e exigiram do Conselho Supremo a promessa solene de o crucificar, se ele algum dia voltasse à cidade.

Os calores do mês de Eloul, excessivos naquele ano, eram outra calamidade ainda. O lago exalava um cheiro nauseabundo, que atravessava o ar, juntamente com o fumo dos aromas, que se erguia em turbilhões, às esquinas das ruas. Por todos os lados se ouviam hinos. As escadas dos templos estavam sempre cheias de povo, as muralhas cobertas de crepes. Aos pés dos deuses Pateques ardiam constantemente inúmeros círios; e o sangue dos camelos degolados em sacrifício, correndo pelas rampas, formava nos seus degraus cascatas vermelhas. Fúnebre delírio agitava Cartago inteira. Do fundo das ruas mais estreitas, das mais negras pocilgas, saíam constantemente rostos macilentos, homens com perfis de víboras, rangendo os dentes. No interior das casas retiniam os gritos agudos das mulheres, os quais, passando pelas grades, faziam com que, nas praças, se voltassem para o lado donde partiam as pessoas que ali se achavam conversando. Por vezes, acreditava-se na vinda dos bárbaros. Havia quem os tivesse visto por detrás da montanha das Águas Quentes; estavam acampados em Tunes; e as exclamações multiplicavam-se, engrossavam, confundiam-se num só clamor. A isto, seguia-se um silêncio universal; uns trepavam aos frontões dos edifícios, onde permaneciam muito tempo com a mão aberta, formando pala diante dos olhos, ao passo que outros, deitados de bruços junto das trincheiras, aplicavam o ouvido. Passado o terror, reaparecia a cólera. Mas a convicção da sua impotência tomava, pouco depois, a mergulhá-los novamente na mesma tristeza.

Esta tristeza aumentava todas as tardes, quando, sobre os terraços, inclinando-se nove vezes, soltavam um grande grito de despedida ao astro do dia. O Sol baixava vagarosamente além da laguna e desaparecia de repente, por detrás das montanhas, do lado dos bárbaros.

Os habitantes de Cartago esperavam ansiosamente a festa, três vezes santa, em que, do alto de uma fogueira, voava ao céu uma águia, símbolo da ressurreição do ano, mensagem do povo ao seu Baal supremo, e que ele considerava como uma espécie de união, uma maneira de se ligar à força do Sol. E depois, como se achava possuído de ódio, voltava-se sinceramente para Moloch-homicida e abandonava Tanit.

Com efeito, a Rabetna, não tendo já o seu véu, estava como despojada de uma parte da sua virtude. Recusava o benefício das suas águas, tinha desertado de Cartago; era uma trânsfuga, uma inimiga. Alguns, para ultrajá-la, arremessavam-lhe pedras. Mas, ao passo que a invetivavam, lastimavam-na. Queriam-lhe mais ainda e mais profundamente, talvez.

Todas as desventuras provinham, pois, da perda do “zaimph”. Salambo tomara indiretamente parte em tão fatal acontecimento; o povo envolvia-a no seu rancor; devia ser punida. Dentro em pouco começou a circular entre as turbas a ideia

de uma imolação. Para apaziguar os Baalins, era, sem dúvida, necessário oferecerem-lhes um objeto de incalculável valor, um ente belo, jovem, virgem, de antiga casta, descendente dos deuses, um astro humano, enfim. Todos os dias eram os jardins de Megara invadidos por homens desconhecidos; os escravos tremiam por si mesmos e não ousavam resistir-lhes. Contudo, não se atreviam a subir a escada das galerias. Ficavam em baixo, com os olhos fitos no último terraço, esperando Salambo e consumindo horas a gritar contra ela, como cães ladrando à Lua.

Os clamores da população não assustavam a filha de Amílcar.

Salambo sentia-se inquieta e perturbada por mais poderosos motivos: a sua grande serpente, o Pitão preto, ia-se definhando; e a serpente era, para os cartagineses, um objeto de veneração, ao mesmo tempo nacional e particular. Julgavam-na filha do limo da terra, visto que emerge das suas profundidades e não necessita de pés para percorrê-la. O seu caminhar recorda as ondulações dos rios, a sua temperatura as antigas trevas viscosas, prenes de fecundidade, e o orbe que ela descreve mordendo a cauda, conjunto dos planetas, a inteligência de Eschmoun.

A serpente de Salambo tinha já rejeitado muitas vezes os quatro pardais vivos que lhe ofereciam por ocasião da Lua cheia e da Lua nova. A sua formosa pele, recamada, como o firmamento, de manchas de ouro sobre um fundo preto, tornara-se amarela, flácida, encarquilhada e demasiadamente larga para o corpo que continha. Em volta da cabeça, estendia-se-lhe uma espécie de bolor, semelhante a algodão, e, nos ângulos das pálpebras, tinha pequenos pontos vermelhos, que pareciam mover-se. De espaço a espaço, Salambo aproximava-se do açafate de filigrana de prata em que ela estava e afastava a cortina de púrpura, as folhas de lódão e a penugem de aves. Mas a serpente estava continuamente enrolada sobre si mesma, mais imóvel que um vime seco; e Salambo, à força de olhar para ela, sentia no coração uma espécie de espiral, como uma outra serpente que lhe subisse até à garganta, afogando-a.

A filha de Amílcar permanecia constantemente acocorada no mais recôndito do seu quarto, segurando com ambas as mãos a perna esquerda traçada, com a boca entreaberta e o olhar fixo. Recordava-se, cheia de susto, do aspeto de seu pai. Queria ir em peregrinação às montanhas da Fenícia, ao templo de Aphaka, para onde Tanit desceu na forma de uma estrela. Eram estas as ideias que a preocupavam e enchiam de inquietação. Além disto, sentia-se de dia para dia rodeada de maior solidão. Nem sabia o que era feito de Amílcar.

Enfim, fatigada pelos próprios pensamentos, levantava-se e, arrastando as suas pequenas sandálias, cujas solas produziam um estalinho, batendo-lhe nos calcanhares a cada passo que dava, passeava distraidamente pela grande câmara silenciosa. As ametistas e os topázios, que guarneciam o teto, produziam, por um e outro lado, como que umas nódoas trémulas e luminosas; e Salambo, sem parar, voltava um tanto a cabeça para vê-las. Pegava pelo gargalo nas ânforas que estavam penduradas; refrescava o peito com grandes leques ou divertia-se a queimar cinamomo em pérolas ocas.

Ao pôr do Sol, Taanach enrolava as tiras de feltro preto que tapavam as frestas das paredes. Então, as suas pombas, esfregadas com musgo como as de Tanit, entravam subitamente na câmara, escorregando com os pezinhos rosados no polido pavimento, por entre os grãos de cevada que ela lhes lançava às mãos cheias, como os semeadores nos campos. De súbito, começava a soluçar e deitava-se no grande leito de correias, onde permanecia imóvel, repetindo uma palavra, sempre a mesma, com os olhos abertos, lívida como um cadáver, insensível e fria. E, contudo, ouvia os guinchos dos macacos nas palmeiras, o ranger contínuo da grande roda que, através dos andares do palácio, conduzia uma torrente de água pura até à bacia de pórfiro.

De tempos a tempos, recusava-se a comer, durante muitos dias. Via em sonhos passarem-lhe por debaixo dos pés os astros turvos. Chamava Shahabarim e, quando ele se aproximava, não tinha já nada a dizer-lhe.

Não podia viver sem a consolação que lhe dava a sua presença; mas revoltava-se no íntimo contra uma tal dominação e sentiu alternadamente pelo sacerdote terror, ciúme, ódio e uma espécie de amor, como reconhecimento pela singular voluptuosidade que experimentava junto dele.

O sacerdote, hábil em distinguir os deuses que enviavam as doenças, reconheceu a influência de Rabbet; e, para curar Salambo, mandava regar o aposento com loções de verbena e de avença, ordenava-lhe que comesse todas as manhãs mandrágoras, que dormisse com a cabeça apoiada num saco de objetos aromáticos preparados pelos pontífices. Chegara até a empregar o baaros, raiz cor de fogo, que repele para o setentrião os génios funestos; e, por fim, voltando-se para a estrela

polar, murmurara três vezes o nome misterioso de Tanit. Mas Salambo continuava a padecer, as suas aflições tinham-se-lhe tornado cada vez mais profundas.

Ninguém em Cartago tinha maior soma de conhecimentos do que ele. Na sua mocidade, tinha estudado no Colégio de Mogbeds, em Borsipa, próximo da Babilónia; depois visitara a Samotrácia, Pessimunto, Éfeso, a Tessália, a Judeia, os templos dos nabateus, perdidos no meio das areias, e percorrera a pé as margens do Nilo. Coberto o rosto com um véu, lançara um galo preto numa fogueira de sandáracas, acesa diante do peito da Esfinge, o pai do terror. Descera às cavernas de Prosérpina; vira girar as quinhentas colunas do labirinto de Lemnos; e resplandecer o candelabro de Tarante, sustentando na sua haste tantos lampadários quantos eram os dias do ano. De noite, recebia muitas vezes gregos, a quem interrogava. A constituição do mundo não o preocupava menos que a natureza dos deuses; com as molduras colocadas no pórtico de Alexandria, tinha observado os equinócios; acompanhara até Cirene os bematistas de Evergeto, os quais mediam o céu calculando o número dos seus passos; e tudo lhe fazia germinar no pensamento uma religião particular, sem fórmula distinta, e, por essa mesma causa, cheia toda de vertigens e ardores. Já não acreditava que a Terra tivesse a forma de uma pinha; julgava-a esférica e caindo eternamente na imensidade, com uma velocidade tão prodigiosa, que era impossível sentir-se-lhe a queda.

Da posição do Sol acima da Lua, concluía ele a supremacia do Baal, de quem o próprio astro não era senão o reflexo. Demais, tudo quanto via das coisas terrestres o obrigava a reconhecer o princípio varonil exterminador. Depois, acusava secretamente a Rabbet, como causadora do grande infortúnio da sua vida. Não fora por sua causa que outrora o grande pontífice, no meio do motim dos tamboris, lhe anulara, sob uma pátera de água fervente, a sua virilidade futura? E seguia com olhar melancólico os homens que se perdiam com as sacerdotisas na espessura dos terebintos.

Passava os dias inspecionando os turíbulo, os vasos de ouro, as pinças, os ancinhos para as cinzas do altar e todos os mantos das estátuas até à agulha de bronze que servia para frisar os cabelos de uma velha Tanit, no terceiro edículo, próximo da vinha de esmeralda. Todos os dias, às mesmas horas, levantava as mesmas tapeçarias dos mesmos pontos; permanecia muitas horas, de braços abertos, sempre na mesma atitude; orava prostrado sempre sobre as mesmas lajes, ao passo que à roda dele circulava, descalça, pelos corredores cheios de um crepúsculo eterno, uma população de sacerdotes.

Salambo figurava, na aridez da sua vida, como uma flor na fenda de um sepulcro. Contudo, era severo para com ela, e não a poupava às penitências nem às repreensões. A sua condição estabelecia entre ambos a igualdade de um sexo comum, e queria menos mal à virgem por não poder possuí-la do que por achá-la formosa e sobretudo tão pura. Notava muito bem, por vezes, o modo por que ela se fatigava, diligenciando penetrar-lhe o pensamento. Nessas ocasiões, afastava-se dela mais triste; sentia-se mais abandonado, mais só.

Muitas vezes, soltava estranhas palavras, que passavam por diante de Salambo como grandes relâmpagos, iluminando abismos. Era só de noite que ambos, sós no terraço, contemplavam as estrelas, tendo a seus pés Cartago e, mais longe, o golfo e o alto mar, perdidos vagamente na espessura das trevas.

Schahabarim expunha-lhe a teoria das almas que descem à terra, seguindo o mesmo caminho que o Sol, pelos signos do zodíaco. Com o braço estendido, mostrava-lhe no de Aries a porta da geração humana, e no de Capricórnio a do regresso para o seio dos deuses. E Salambo esforçava-se em descobri-la porque tomava estas conceções como realidades: aceitava como verdadeiros em si mesmos estes símbolos e até as diversas maneiras de linguagem, distinção que nem mesmo para o padre era muito clara.

— As almas dos mortos — dizia ele — dissolvem-se na Lua como os cadáveres na Terra. As lágrimas das almas formam a humanidade da Lua, que é uma estância toda lodo, despojos e tempestades.

Salambo perguntou-lhe em que se tornaria ela.

— Primeiro, dissipar-te-ás, ligeira como ténue vapor, baloiçando sobre as ondas; e, depois de provações e de aflições mais prolongadas, subirás para o foco do Sol, própria fonte de inteligência!

Entretanto não falava da Rabbet.

Salambo supunha que o não fazia por consideração pela sua deusa vencida, e, dando-lhe o nome comum, que designava

a Lua, enviava uma série de bênçãos ao astro fértil e suave. Por fim, exclamava o sacerdote:

— Não! Não! É o do outro que provém toda a sua fecundidade! Não a vês girando em torno dele, como mulher apaixonada seguindo os passos de um homem?

E, sem cessar, exaltava a virtude da luz.

Longe de lhe abafar os desejos místicos, excitava-lhos; parecia até sentir prazer em desolá-la, com a revelação de uma doutrina desapiedada. Salambo, apesar do que sofria na sua afeição, abraçava-a com entusiasmo.

Quanto mais aumentava a dúvida de Schahabarim sobre Tanit, mais ardentemente desejava crer nela. Sentia-se preso no fundo da alma por um remorso. Ser-lhe-ia preciso uma prova, uma manifestação dos deuses; e, com a esperança de obtê-la, concebeu o sacerdote uma ideia que podia ao mesmo tempo salvar a sua pátria e a sua crença.

Desde então, começou a deplorar, na presença de Salambo, o sacrilégio e as suas consequências nas regiões celestes. Depois participou-lhe inopinadamente o perigo em que se achava o sufeta, assaltado por três exércitos, comandados por Matho; porque Matho, por causa do roubo do “zaimph”, era considerado pelos cartagineses como rei dos bárbaros; e acrescentou que só dela dependia a salvação da República e a de seu pai.

— De mim? — exclamou ela. — Como posso...

Mas o sacerdote interrompeu-a, dizendo com um sorriso de desprezo:

— Jamais o farias!

Schahabarim, depois de muitas súplicas para que lhe contasse o que era preciso fazer, disse-lhe:

— É preciso que vás ao acampamento dos bárbaros para readquirir o “zaimph”!

Salambo caiu quase sem forças sobre um escabelo de ébano; e assim permaneceu por muito tempo, com os braços estendidos entre os joelhos e toda trémula, como a vítima aos pés do altar, quando espera a pancada da maça. Sentia terrível zumbido nas fontes, via girar muitos círculos de fogo, e, no meio do seu pasmo, não compreendia senão uma coisa: é que em breve morreria.

“Mas se com a volta do ‘zaimph’ para Cartago triunfasse a Rabetna, que importava a vida de uma mulher?”, pensava Schahabarim. “E depois talvez ela obtivesse o seu fim sem sacrificar a vida.”

Nos três dias seguintes, não apareceu a Salambo; na tarde do quarto dia mandou chamá-la.

Para mais lhe inflamar o coração, enumerou-lhe todas as invetivas que, no Conselho, arremessavam contra Amílcar, terminando por dizer que, visto ter ela cometido um crime, era de seu dever repará-lo e que o sacrifício que lhe impunha era ordenado pela Rabetna.

Muitas vezes elevava-se das Mapales até Megara prolongado clamor. Schahabarim e Salambo saíam apressadamente dos aposentos e iam ver do alto da escada das galeras o que podia causar aquele motim.

Era o povo na praça de Khamon gritando que lhe dessem armas. Os Anciãos não queriam dar-lhas, julgando inútil tal esforço. Já outros partidos, sem general, tinham sido sacrificados. Por fim, foi permitido à enorme multidão que marchasse; e ela, por uma espécie de homenagem a Moloch ou por um vago desejo de destruição, arrancou grandes ciprestes nos bosques dos templos, e, acendendo-os nos fachos dos Kabyres, conduziu-os pelas ruas, cantando. Estas chamas monstruosas dirigiram-se de um para outro lado, baloiçando vagarosamente, enviando os seus clarões aos globos de vidro que ornavam as cúpulas dos templos, aos ornatos dos colossos, aos esporões dos navios; ultrapassavam a altura dos terraços e pareciam outros tantos sóis, girando pela cidade. A multidão desceu da Acrópole. A porta de Malqua abriu-se.

— Estás decidida — exclamou Schahabarim — ou encarregaste-os de dizerem a teu pai que o abandonavas?

Salambo ocultou o rosto com o véu; os enormes fachos afastavam-se cada vez mais, tornando-se tanto mais pequenos quanto mais se aproximavam da beira do fogo.

A filha de Amílcar sentia-se tomada por um susto indeterminado; tinha medo de Moloch, tinha medo de Matho. Aquele homem, que parecia um gigante e que estava de posse do “zaimph”, dominava a Rabetna tanto como o Baal, e aparecia-lhe à imaginação rodeado com as mesmas fulgurações. Depois, sucedia muitas vezes a alma dos deuses visitar o corpo dos homens.

Falando daquele, não lhe dizia Schahabarim que ela devia vencer Moloch? Um continha o outro; ela confundia-os e ambos a perseguiram.

Querendo conhecer o futuro, aproximou-se da serpente, cuja atitude continha presságios, mas o açafate estava vazio. Salambo ficou perturbada.

Achou-a enrolada pela cauda a um dos balaústres de prata, próximos do leito suspenso, esfregando-se por ele, para se desembaraçar da sua velha pele amarelada, ao passo que o corpo, luzidio e claro, se alongava como uma espada meio saída da bainha.

Depois, à medida que Salambo se ia deixando convencer e se ia dispondo a salvar Tanit, o Pitão ia tomando alento e parecendo reviver.

Então, estabeleceu-se na sua consciência a certeza de que Schahabarim exprimia a vontade dos deuses.

Uma manhã levantou-se cheia de resolução e perguntou o que devia fazer para que Matho restituísse o véu.

— Reclamá-lo! — disse Schahabarim.

— Mas se ele o recusar? — replicou ela.

O sacerdote encarou-a com um sorriso, que ela jamais lhe vira.

— Sim, o que hei de fazer? — tomou Salambo.

Entretanto, o sacerdote enrolava entre os dedos as pontas das tiras que da tiara lhe caíam sobre os ombros, imóvel e com os olhos baixos. Enfim, vendo que ela o não compreendia, acrescentou:

— Achar-te-ás a sós com ele...

— E então? — disse ela.

— Só com ele, na sua tenda...

— Depois?

Schahabarim mordeu os lábios. Diligenciava achar uma frase apropriada, sem rodeios.

— Se tiveres de morrer, será mais tarde — disse ele —, mais tarde, não temas! E seja qual for o seu intento, não chames por ninguém! Não te aterrorizes! Mostrar-te-ás humilde e submissa aos seus desejos... Assim o determina o véu!

— Mas o véu?

— Os deuses proverão ao meio de o obteres.

— Se me acompanhasses! — exclamou Salambo.

— Não!

Schahabarim fê-la, em seguida, ajoelhar e, colocando-lhe a mão esquerda sobre a cabeça e elevando a direita para o céu, jurou por ela restituir a Cartago o manto de Tanit. Dedicava-a aos deuses no meio de imprecações terríveis; e ela, quase desfalecida, repetia todas as palavras do sacerdote.

Por fim, este indicou-lhe todas as purificações e jejuns que devia observar e qual o modo de se aproximar de Matho. Além disso, seria acompanhada por um homem conhecedor dos caminhos.

Salambo sentiu-se, então, como liberta. Não pensou senão na felicidade de tornar a ver o “zaimph” e abençoou Schahabarim pelas suas exortações.

Era a época em que as pombas de Cartago emigravam para a montanha de Eryx, na Sicília, em volta do templo de Vénus.

Antes da sua partida e durante muitos dias, procuravam-se umas às outras e chamavam-se para se reunirem. Finalmente, uma tarde levantaram voo; o vento impeliu-as e a grande nuvem branca que elas formavam atravessou o espaço, transpondo o mar, numa altura muito considerável.

O horizonte parecia cortado por uma faixa cor de fogo. As pombas pareciam descer, pouco a pouco, para as ondas; depois desapareceram como sendo engolidas pela água, mas caindo por si mesmas na goela do Sol. Salambo, vendo-as, afastou-se, curvou a fronte e Taanach, julgando adivinhar o motivo do seu desgosto, disse-lhe meigamente:

— Sossega; hão de voltar!

— Sim! Bem o sei!

— E tomarás a vê-las!

— Talvez! — disse ela suspirando.

Salambo não tinha confiado a sua resolução a pessoa alguma e, para a realizar mais discretamente, mandou Taanach comprar, no bairro de Kinisdo, em vez de o pedir aos intendentes, tudo o que lhe era preciso: vermelhão, perfume, um cinto de linho e vestidos novos. A velha escrava andava pasmada na presença de semelhantes preparativos, mas não ousava fazer perguntas. Finalmente, chegou o dia fixado por Schahabarim para a partida de Salambo.

Pela décima segunda hora, ela avistou por entre os sicómoros um velho cego, com uma das mãos apoiadas no ombro de uma criança que caminhava na frente dele, e com a outra, de encontro ao quadril, uma espécie de cítara de madeira preta. Eunucos, escravos e escravas tinham sido escrupulosamente afastados; nem um só podia saber o mistério que se preparava.

Taanach acendeu nos cantos do aposento quatro trípodes cheios de strobos e de cardamomo; depois desdobrou grandes peças de tapeçarias babilónicas e estendeu-as em cordas, à roda da casa; porque Salambo não queria ser vista nem pelas paredes. O tocador de kinnor conservava-se acorocado atrás da porta e o rapazinho, em pé, applicava aos lábios uma flauta de cana. Ouvia-se ao longe, muito frouxamente, o clamor das ruas. Diante do peristilo dos templos alongavam-se muitas sombras arroxeadas, e do outro lado do golfo, já as bases das montanhas, os olivais e os vagos terrenos amarelados, ondulando indefinidamente, se confundiam com um certo vapor azulado. Não se ouvia o menor rumor; parecia que pesava na atmosfera o mais indivisível esmorecimento.

Salambo curvou-se sobre o degrau de ágata, à beira da bacia; regaçou as largas mangas, prendeu-as sobre os ombros e começou as suas abluções, metodicamente segundo os ritos.

Em seguida, Taanach apresentou-lhe, num frasquinho de alabastro, o que quer que era líquido, mas já um tanto coagulado: era o sangue de um cão preto, degolado por mulheres estéreis, nas ruínas de um sepulcro, durante uma noite de inverno.

Salambo esfregou com aquele sangue as orelhas, os calcanhares, o polegar da mão direita, ficando-lhe até a unha um tanto avermelhada como se tivesse esmagado um fruto.

Nisto surgiu a Lua. Começaram então a ouvir-se a cítara e a flauta.

Salambo tirou os brincos, o colar, os braceletes e a sua comprida simarra branca; desprende os cabelos e durante alguns minutos sacudiu-os brandamente sobre os ombros, para se refrescar, espalhando-os.

A música continuava da parte de fora. Eram só três notas, sempre as mesmas, precipitadas, furiosas; as cordas rangiam, a flauta roncava; Taanach marcava o compasso batendo com as mãos uma na outra; Salambo, baloiçando todo o corpo, salmodiava orações e o seu vestuário ia-lhe caindo aos pés, peça a peça.

Nisto, estremeceu a pesada tapeçaria por cima da corda que a ostentava e apareceu a cabeça do Pitão. A serpente desceu vagarosamente, como uma gota de água correndo por uma parede; arrastou-se por entre os estofos espalhados pelo pavimento e depois, firmando a cauda no chão, ergueu-se dardejando sobre Salambo os olhos mais brilhantes que carbúnculos.

Salambo, ou fosse pelo horror do frio ou por pudor, talvez, hesitou um instante. Mas recordando-se das ordens de Schahabarim, deu alguns passos para a frente. O Pitão deitou-se e, colocando-lhe sobre a nuca o meio do corpo, deixou pender a cabeça e a cauda, como um colar quebrado, cujos extremos chegassem quase ao chão. Salambo enrolou-a à roda da cintura, passando por baixo dos braços e por entre os joelhos; depois, pegando-lhe na cabeça, aproximou dos lábios aquela pequena goela triangular e, fechando os olhos, curvou-se quase até ao chão, sob os raios da Lua.

A Lua branca parecia envolvê-la num nevoeiro de prata; os vestígios dos seus passos molhados brilhavam no pavimento; na água da grande bacia parecia haver cintilantes estrelas. A serpente apertava-a com os seus negros anéis manchados de ouro; Salambo vergava sob tão demasiado peso, sentia-se morrer; e o Pitão, com o extremo da cauda, batia-lhe suavemente na coxa; depois, calou-se a música e a serpente tornou a cair no chão.

Taanach voltou para junto de Salambo; e depois de ter preparado dois candelabros, cujas luzes estavam encerradas em

globos de cristal, quase cheios de água, pintou-lhe com lausónia as palmas das mãos, tingiu-lhe com vermelhão as faces, com antimónio as pálpebras e prolongou-lhe as sobrancelhas com uma mistura de goma, de musgo, de ébano e de pernas de moscas.

Salambo, sentada sobre um estrado com degraus de marfim, abandonava-se aos cuidados da escrava. Mas os perfumes e os jejuns que tinha observado faziam-na quase desfalecer. Tornou-se de repente tão pálida, que Taanach suspendeu os seus cuidados.

— Continua! — disse Salambo; e, reagindo contra si mesma, cobrou ânimo.

Então, foi acometida de extraordinária impaciência e começou a instar Taanach para que se apressasse, até que a velha murmurou:

— Bem! Bem, senhora! Não tens ninguém que te espere!

— Sim — disse Salambo —, espera-me alguém!

Taanach recuou, em extremo surpreendida, e, movida pela curiosidade, prosseguiu:

— Que me ordenas, senhora! Porque vais partir?

Mas Salambo soluçava; a escrava exclamou:

— Sofres? Que tens? Não te vás ou leva-me contigo! Quando eras pequenina e choravas, chegava-te ao meu coração e fazia-te rir com os bicos dos meus peitos; foste tu quem os esgotou; senhora. — E dizendo isto batia no engelhado seio. — Agora estou velha! Já não posso fazer nada por ti! Já me não tens afeição! Ocultas-me as tuas dores, desprezas a tua ama!

E não só de ternura, como de despeito, corriam-lhe as lágrimas pelas faces, sulcando a pintura com que estavam cobertas.

— Não! — disse Salambo. — Não deixei de ter por ti afeição! Consola-te!

Taanach, com um sorriso semelhante à careta de um macaco velho, continuou os seus serviços de aia.

Salambo, seguindo as recomendações de Shahabarim, recomendara-lhe que a tornasse deslumbrante; e ela satisfazia este desejo com um gosto bárbaro, requintado e ao mesmo tempo cheio de ingenuidade.

Sobre uma primeira túnica, muito leve e de cor avinhada, vestiu outra bordada de penas. Cingiu um cinto de grandes escamas de ouro, no qual se prendiam as amplas pregas de uma espécie de calças, azuis, cobertas de estrelas de prata. Em seguida, Taanach vestiu-lhe uma espécie de roupão, muito amplo, feito de um estofado vindo do país das Seres, branco e listado de verde. No ombro direito pregou-lhe um quadrado de púrpura, repuxado pelo peso das bolinhas de sandastrum que o orlavam; e por cima de todo este vestuário colocou-lhe um manto preto com grande cauda. Feito isto, contemplou-a e, orgulhosa pela sua obra, não pôde conter-se de dizer:

— Não poderás estar mais bela no dia das tuas núpcias!

— As minhas núpcias! — repetiu Salambo, melancolicamente recostada no seu estrado de marfim.

Taanach colocou-lhe na frente um espelho de cobre, tão alto, que toda se via nele. Então levantou-se e ergueu com as pontas dos dedos um anel dos seus cabelos, que estava demasiadamente caído.

Tinha os cabelos cobertos de pó de ouro, frisados sobre a fronte, e, pela parte de trás, caindo-lhe pelas costas, em compridas tranças, terminadas por pérolas. O clarão dos candelabros avivava-lhe a pintura das faces e fazia-lhe brilhar o ouro que lhe cobria o vestuário e a alvura da pele; à roda da cintura, nos braços, nas mãos e nos dedos dos pés, tinha uma tal abundância de pedrarias, que o espelho, como o Sol, despedia raios. Salambo, em pé, ao lado de Taanach, curvava-se, sorrindo para admirar o deslumbramento que lhe estava causando.

Depois, começou a passear de um para outro lado, embaraçada pelo tempo que lhe faltava ainda passar.

De repente, ouviu-se cantar um galo. Salambo pregou apressadamente nos cabelos um grande véu amarelo, enrolou uma faixa em volta do pescoço, calçou uns coturnos e disse a Taanach:

— Vai ver se entre os mirtos estão um homem e dois cavalos.

Mal tinha Taanach voltado com a resposta e já ela descia a escada das galeras.

— Senhora! — exclamou a ama.

Salambo voltou-se para trás e pôs um dedo na boca, recomendando-lhe discrição e imobilidade.

Taanach dirigiu-se vagarosamente ao terraço e, ao longe, ao luar, distinguiu, na avenida dos aciprestes, uma sombra agigantada, caminhando ao lado de Salambo, obliquamente, o que era um presságio de morte.

A escrava voltou para os aposentos da sua senhora e, ali, rojou-se pelo chão, cravando as unhas nas faces, arrancando os cabelos e soltando agudos gritos, que muito se assemelhavam a uivos.

De repente lembrou-se que poderiam ouvi-la e calou-se; mas continuou soluçando muito baixinho, segurando com as mãos a cabeça e rojando o rosto pelas lajes.

O homem que servia de guia a Salambo conduziu-a para além do farol, para o lado das catacumbas, e em seguida atravessou com ela o extenso arrabalde de Molouya, cheio de caminhos descobertos e escarpados.

O céu começava a alvorecer. Por vezes tinham de curvar a cabeça por causa dos troncos de palmeira que saíam dos muros. Os dois cavalos, caminhando a passo, escorregavam a todo o momento. Deste modo, chegaram à porta de Teveste.

Os seus pesados batentes estavam entreabertos. Passaram e logo a porta se fechou.

Durante certo tempo seguiram pela base da trincheira e, na altura das cisternas, tomaram pela Ténea, delgada tira de terra amarelada, que, separando o lago do golfo, se prolongava até Rhades.

Não aparecia viva alma à roda de Cartago; nem no mar, nem nos campos. As ondas cor de ardósia sussurravam brandamente, e o vento, muito ligeiro, fazendo-as escumar, parecia enchê-las de rasgões brancos.

Salambo, apesar de todo o seu fado, estremecia com a frescura da madrugada; o movimento e o ar livre como que a atordoavam. Passado pouco tempo, ergueu-se o Sol e, mordendo-a na nuca com os seus raios, produziu-lhe certa moleza. Os dois animais, ao lado um do outro, trotavam com a maior dificuldade, enterrando os ligeiros cascos na areia.

Depois de ultrapassarem as montanhas das Águas Quentes, acharam o solo mais firme e continuaram com maior velocidade.

Os campos, conquanto fosse a época das sementeiras e das lavras, estavam desertos, a perder de vista. De longe em longe viam-se espalhadas grandes porções de trigo ou de cevada. No horizonte claro avistavam-se as aldeias, negras e com formas incoerentes.

De vez em quando, via-se à beira do caminho uma parede isolada e completamente calcinada pelas chamas. As cabanas que se encontravam não tinham tetos e no interior distinguíam-se muitos cacos, fragmentos de vestidos e toda a espécie de utensílios quebrados e impossíveis de reconhecer. Por vezes, saía daquelas ruínas um ente coberto de farrapos, com a fisionomia terrosa e os olhos flamejantes; mas logo deitava a correr ou metia-se em alguma cova. Salambo e o seu guia não paravam.

As planícies abandonadas sucediam-se. Sobre grande espaço de terreno, todo aloirado, estendia-se, num rastilho muito desigual, um pó de carvão, que os pés dos cavalos levantavam em nuvens negras. De vez em quando, encontravam sítios de aspeto pacífico, onde os riachos corriam tranquilamente por entre as ervas, que Salambo arrancava para refrescar as mãos. Ao contornar um bosque de cevadilhas, deu o seu cavalo um grande salto, assustado pelo cadáver de um homem, que estava estendido no meio do caminho.

O escravo colocou-a de novo, comodamente, sobre a sela. Este escravo era um dos servidores do templo; um homem que Schahabarim empregava sempre nas empresas arriscadas.

Por excesso de precaução, caminhou dali em diante, a pé, ao lado de Salambo, entre os dois cavalos; e, de vez em quando, fustigava-os com o extremo de uma correia, que levava enrolada no braço, ou tirava de uma espécie de alforge, que lhe pendia do pescoço, umas bolinhas de frumento, tâmaras e ovos, embrulhadas em folhas de lóvão; e, sem falar nem deixar de correr, oferecia-as a Salambo.

Pelo meio dia encontraram três bárbaros vestidos de peles. Pouco a pouco, foram encontrando mais vadiando em grupos de seis, doze e vinte e cinco homens; muitos conduziam cabras ou alguma vaca manca. Os seus cajados eram eriçados de pontas de ferro; por baixo dos vestidos, ferozmente sujos, viam-se luzir grandes cutelos. Ao verem Salambo e o escravo, abriram muito os olhos com expressão de espanto e ameaça. Alguns, mesmo de passagem, lançavam-lhes uma bênção banal; outros dirigiam-lhes ditos obscenos, e o homem de Shahabarim ia respondendo a cada um no mesmo idioma, dizendo-lhe que o seu companheiro era um mancebo enfermo, que se dirigia a um templo muito afastado, para obter a cura dos seus males.

Entretanto, o dia ia chegando ao seu termo e ouviam-se latidos de muitos cães, cada vez mais perto.

Depois avistaram a cidade, à claridade do crepúsculo, um muro de pedras soltas, que fechava uma construção de forma indeterminada. Sobre o muro corria um cão. O escravo atirou-lhe uma pedra: em seguida, entraram numa grande casa de abóbada.

No centro estava uma mulher acorçada, ao pé de uma fogueira de mato, cujo fumo saía por uns buracos que havia na abóbada. Os cabelos brancos, que lhe chegavam aos joelhos, quase a ocultavam; e, sem querer responder às perguntas que lhe faziam, murmurava, como uma idiota, palavras de vingança, tanto contra os bárbaros como contra os cartagineses.

O escravo guia correu todos os cantos e recantos da casa e voltou em seguida ao pé da velha, pedindo-lhe qualquer coisa para comer; mas ela abanava a cabeça e, com os olhos fitos no lume, murmurava:

— Eu era a mão. Os dez dedos estão cortados. A boca já não come.

O escravo mostrou-lhe um punhado de moedas de ouro. A velha quase deu um salto para elas, mas voltou logo à imobilidade anterior.

Enfim, o escravo tirou da cinta um punhal e chegou-lho à garganta. Então a velha, tremendo, foi levantar uma grande pedra e tirou de uma cova, que ela ocultava, uma ânfora de vidro e alguns peixes de Hippo-Zaryte cozinhados com mel.

Salambo rejeitou tão imundo alimento e adormeceu sobre as gualdrapas dos cavalos, estendidas num canto da casa.

Antes de amanhecer despertou.

O cão ladrava desesperadamente. O escravo aproximou-se dele muito sorrateiramente e, de um só golpe, decepou-lhe a cabeça. Depois esfregou com o sangue as ventas dos cavalos, para os reanimar. A velha, que estava por detrás dele, lançou-lhe uma maldição. Salambo ouviu-a e levou as mãos ao amuleto que levava sobre o coração.

Ato contínuo, prosseguiram o seu caminho.

De distância a distância, Salambo perguntava se ainda faltava muito. O caminho era todo cheio de ondulações, formadas por pequenas colinas. Não se ouvia senão o cantar da cigarra. O Sol crestava a erva já amarelecida, e a terra era toda sulcada de fendas, que formavam, dividindo-a, como que umas lajes monstruosas. De vez em quando, passava, rojando-se pelo pó, uma víbora, ao passo que nas alturas pairavam as águias. O escravo continuava a correr. Salambo, envolvida nos seu véus, meditava e, apesar do calor, não se desembaraçava deles com receio de sujar o seu magnífico vestuário.

A distâncias iguais encontravam-se altas torres, construídas pelos cartagineses para delas vigiarem as tribos. Os dois viajantes entravam nelas para gozarem um instante a sua sombra, e logo continuavam a caminhar.

Na véspera, por prudência, tinham feito um grande rodeio. Agora não encontravam ninguém. Aquela região, como era estéril, os bárbaros não a tinham atravessado.

Pouco a pouco, começaram a aparecer vestígios de devastação. Por vezes via-se no meio de um campo um soberbo mosaico, único resto de um palácio que desaparecera; e as oliveiras, despojadas de folhagem, pareciam, vistas de longe, grandes moitas bravias. Atravessaram um burgo cujas casas estavam arrastadas até ao nível do solo. Viam-se pendurados nos restos de paredes esqueletos humanos e, juncando o solo, muitos de dromedários e de muares. As ruas estavam atulhadas de ossadas meio roídas.

Entretanto, ia anoitecendo. O céu estava toldado de espessas e negras nuvens.

Seguiram ainda durante duas horas a direção do Ocidente e, de repente, viram na sua frente grande quantidade de fogos.

Estes fogos brilhavam no fundo de um anfiteatro. Por um e outro lado, cintilavam lâminas de metal. Eram as couraças dos clinabaras, no acampamento púnico. Depois distinguiam-se, em volta dos primeiros, mas a certa distância, outros fogos mais numerosos, porque os exércitos dos mercenários, já todos confundidos, ocupavam uma grande área.

Salambo fez um movimento para tomar a direção dos fogos; mas o escravo de Schahabarim conduziu-a um pouco mais adiante, contornando o aterro que fechava o acampamento dos bárbaros. Depois de andarem uns quatrocentos passos, chegaram a uma brecha feita no aterro, e logo o escravo entrou por ela.

Na crista da trincheira girava uma sentinela com um arco na mão e um chuço ao ombro.

Salambo continuou a aproximar-se; o bárbaro ajoelhou e logo uma flecha se lhe foi cravar no manto. Depois, como ela

permanecia imóvel, perguntou-lhe o bárbaro, gritando, o que pretendia:

— Falar a Matho — respondeu ela. — Sou uma trãnsfuga de Cartago.

O bárbaro soltou agudo assobio, que foi logo repetido de distância a distância.

Salambo esperou; o seu cavalo, assustado, relinchava e não queria parar.

Quando Matho apareceu, já a Lua começava a erguer-se; mas Salambo tinha o rosto oculto por um véu amarelo com flores pretas e o corpo envolvido em tantas roupagens que era impossível reconhecê-la. Do alto do aterro, o líbio contemplava aquela forma vaga, que se erguia como um fantasma, no meio das sombras.

— Conduz-me à tua tenda! Assim o quero! — disse-lhe enfim Salambo

Então, o líbio sentiu acudir-lhe à memória uma recordação, que ele não podia determinar. Sentia o coração palpitar desordenadamente. Aquele tom imperioso intimidara-o.

— Segue-me! — disse ele.

A barreira foi logo aberta e Salambo achou-se quase imediatamente no acampamento dos bárbaros. Era grande a multidão que ali se achava e maior ainda o tumulto que nele reinava. Via-se grande número de caldeiras penduradas sobre fogueiras, cujos clarões, iluminando o ponto em que elas ardiam, deixavam todo o resto do acampamento imerso em trevas. Os soldados gritavam, chamavam-se uns pelos outros. Na frente das tendas viam-se grandes linhas de cavalos, presos a estacas. As tendas eram circulares ou quadradas, de peles ou de linhagem. Havia também cabanas de juncos e covas abertas na areia, à maneira das que fazem os cães para se deitarem. Muitos soldados acarretavam faxinas; outros, enrolados em esteiras, dispunham-se para dormir. E o cavalo de Salambo, para não os pisar, teve muitas vezes de saltar por cima deles.

Salambo recordava-se de ter visto já aqueles homens; mas naquela ocasião tinham as barbas mais crescidas, as vozes mais roucas. Matho, caminhando adiante dela, mandava-os afastar com um gesto do braço, que lhe fazia erguer o manto vermelho. Alguns beijavam-lhe as mãos; outros, curvando-se até ao chão, aproximavam-se-lhe, perguntando o que determinava — porquanto era ele, então, o verdadeiro, o único chefe dos bárbaros. Spendius, Autharite e Narr'Havas tinham perdido o ânimo. Matho mostrara tanta audácia e obstinação, que todos lhe obedeciam.

Salambo, seguindo-lhe os passos, atravessou todo o acampamento. A sua tenda era situada no extremo dele, distante trezentos passos da trincheira de Amílcar.

Salambo reparou, à direita, numa grande cova, e pareceu-lhe distinguir, surgindo dela ao nível do solo, cabeças humanas, as quais, não se vendo os corpos a que pertenciam, tinham o aspeto de cortadas. Contudo, os seus olhos moviam-se, e das suas bocas entreabertas escapavam-se queixumes em língua púnica.

À porta da tenda estavam dois negros, tendo em ambas as mãos fachos resinosos. Matho afastou a tapeçaria arrebatadamente e entrou. Salambo seguiu atrás dele.

Era uma tenda de vastas dimensões, sustentada por um mastro erguido ao centro. Estava iluminada por um grande lampadário, do feitio de uma flor de lódão e cheio de óleo amarelo, onde flutuavam grossas torcidas de estopa; na sombra viam-se reluzir muitas armas. Ao lado de um escabelo estava uma espada nua encostada a um escudo; em grandes cestos de esparto viam-se em confusão chicotes de couro de hipopótamo, tamboris, guizos e colares; a um lado estava estendido um cobertor de feltro, todo cheio de migalhas de pão negro; num canto sobre uma pedra redonda, estava descuidadamente amontoada grande porção de moedas de cobre e, pelos rasgões de que era feita a tenda, introduzia o vento a poeira do exterior de envolta com o cheiro dos elefantes, que se ouviam ruminar, sacudindo as correntes que os prendiam.

— Quem és tu? — perguntou Matho.

Mas Salambo, sem responder, olhava vagamente à roda de si, até que fitou o fundo da tenda, donde, sobre uma cama de folhas de palmeira, pendia o que quer que era azulado e cintilante.

Salambo dirigiu-se vivamente para aquele lado, soltando um grito.

Matho, atrás dela, batia o pé com impaciência.

— A que vens? O que queres daqui?

— Reconquistá-lo! — respondeu Salambo, indicando o “zaimph”; e ao mesmo tempo tirou o véu que lhe cobria o rosto. Matho recuou, com os braços abertos, embasbacado, quase aterrorizado.

Salambo sentia-se como que apoiada pela força dos deuses; e, encarando-o, perguntou-lhe pelo “zaimph”, reclamando-o com soberbas e abundantes palavras.

Matho não ouvia nada; contemplava-a e, a seus olhos, o vestuário confundia-se-lhe com o corpo. O brilho dos estofos tinha, como o acetinado da sua cútis, o que quer que era de especial e que só a ela pertencia. Os seus olhos resplandeciam tanto com os seus diamantes; o polido das suas unhas continuava-lhe o brilho da pedraria que lhe cobria os dedos; os dois passamanes da túnica, erguendo-lhe um tanto os peitos, aproximavam-nos um do outro; e Matho sentia-se, pela imaginação, perdido no seu estreito intervalo, por onde descia um fio, que segurava uma lâmina coberta de esmeraldas que mais abaixo se lobrigava através da gaze roxa. Nas orelhas tinha por brincos duas pequeninas balanças de safira, suportando uma pérola oca, cheia de um perfume líquido. Pelos orifícios das pérolas caía-lhe, de vez em quando, sobre os ombros nus, uma gota daquele perfume, que Matho seguia com a vista.

Por fim, não pôde conter-se mais; e, como uma criança, toda trémula, tocando um fruto desconhecido, tocou-lhe ligeiramente no pescoço com as pontas dos dedos; a carne, um tanto fria, cedeu com certa resistência elástica.

Este contacto, apenas sensível, produziu em Matho profundo abalo. Sentiu-se impelido para ela por uma revolução de todo o seu organismo. Quisera abraçá-la, absorvê-la, bebê-la! O peito dilatava-se-lhe, os dentes rangiam-lhe involuntariamente.

Então, pegando-lhe nos dois punhos, puxou-a brandamente a si e assentou-a sobre uma couroça, ao lado da cama de folhas de palmeira e que estava coberta com a pele de leão. Salambo conservou-se de pé. Matho, tendo-a assim entre os joelhos, devorava-a com os olhos e exclamava:

— Como és bela! Como és bela!

Os seus olhos, continuamente fitos nela, incomodavam-na, e a sua repugnância aumentava progressivamente, de tal modo que lhe custou muito conter-se sem gritar. Lembrou-se das recomendações de Schahabarim e resignou-se.

Matho continuava a segurar-lhe as mãozinhas e Salambo, de vez em quando, apesar das ordens do sacerdote, voltava o rosto para o lado e sacudia os braços, diligenciando libertar-se. Matho dilatava as narinas para melhor poder aspirar o perfume que ela exalava. Era uma emanção indefinível, fresca, e que, contudo, atordoava como o fumo de uma caçoila. Salambo cheirava a mel, a pimenta, a incenso, a rosas e a outras coisas ainda.

Mas como era que ela se achava a seu lado, na sua tenda, à sua discrição? Tinha sido impelida por alguém àquele passo? Não iria ali por causa do “zaimph”?

Matho deixou pender os braços, curvou a cabeça, acabrunhando por súbitas melancolias.

Então Salambo, para o enternecer, disse-lhe com voz queixosa:

— O que te fiz eu para que desejes a minha morte?

— A tua morte?

Salambo prosseguiu:

— Vi-te uma noite, no meio dos clarões que alumiam os meus jardins, entre taças fumegantes e os meus escravos degolados; a tua cólera era tão violenta, que deste um salto para cima de mim, obrigando-me a fugir! Desde então, entrou o terror em Cartago. Proclamavam a devastação das cidades, os incêndios dos campos, a morte dos soldados. E eras tu quem os tinha desvairado, tu que os havias assassinado! Odeio-te! Só o teu nome é para mim um remorso! És mais detestado que a peste e que a guerra romana! As províncias estremecem lembrando-se do teu furor! Os sulcos da terra estão cheios de cadáveres! Segui o rasto dos teus fogos, como se caminhasse atrás de Moloch.

Matho ergueu-se de um salto. Era colossal o orgulho que lhe inchava o coração; via-se comparado a um deus.

Salambo, com as narinas palpitantes e os dentes cerrados, prosseguiu:

— Como se não bastasse o sacrilégio, penetraste nos meus aposentos, durante o meu sonho e abrigado pelo “zaimph”!

Então, no primeiro momento, não compreendi as tuas palavras; mas bem via que intentavas arrastar-me a alguma coisa espantosa, ao fundo de algum abismo.

Matho exclamou, torcendo os braços:

— Não! Não! Só queria dar-to! Parecia-me que a deusa me cedera o seu manto para ti, porque te pertencia! Que importava que estivesse no seu templo ou no teu palácio? Não és tu omnipotente, imaculada, radiante e bela como Tanit?

E, com um olhar em que se lia infinita adoração, acrescentou:

— E não serás tu a própria Tanit?

“Eu, Tanit?”, disse Salambo, para consigo.

Depois disto, ficaram os dois silenciosos. Ao longe, ribombava o trovão. As ovelhas balavam, assustadas pela tempestade.

— Aproxima-te! — exclamou Matho. — Aproxima-te! Nada temas! Outrora eu não era mais do que um soldado confundido com a plebe dos mercenários, e até tão dócil que ia ao mato buscar lenha para os outros. Que me importa Cartago? A multidão dos seus homens agita-se como perdida no pó das tuas sandálias e todos os seus tesouros, todas as suas províncias, as frotas e as ilhas não me excitam tanta cobiça como a frescura dos teus lábios, como o torneado dos teus ombros. Desejava arrasar-lhe as muralhas, mas só para me aproximar de ti, para possuir-te! Entretanto, enquanto esperava, vingava-me! Hoje encaro os homens como se fossem insetos, arrojando-me sobre as falanges, afastando com as mãos as pontas das sarissas, seguro os cavalos mais bravios pelas ventas e obrigo-os a parar; uma catapulta não me mataria! Ah! Se soubesses como penso em ti, no mais encarniçado das batalhas! Muitas vezes a lembrança de um gesto, de uma prega do teu vestido, apodera-se subitamente de mim e envolve-me como numa rede! Julgo ver os teus olhos nas chamas das fábricas e ouvir a tua voz no ruído dos pandeiros! Olho para o lado, não te vejo, e torno a entregar-me ao furor da batalha.

Matho, falando deste modo, levantava os braços em que se cruzavam as veias, como as heras nos troncos das árvores. O possante peito escorria-lhe em suor e a violência da respiração fazia-o arfar erguendo o cinto de bronze, guarnecido todo de correias, que lhe pendiam até aos joelhos, mais rijos que mármore. Salambo, habituada a conviver com os eunucos, sentia-se maravilhada pela força daquele homem. Era o castigo da deusa ou a influência de Moloch circulando em tomo dele, nos cinco exércitos. Sentia-se presa de um certo enfraquecimento, e, cheia de pasmo, prestava involuntariamente ouvido aos gritos das sentinelas.

As luzes dos lampadários vacilavam com as rajadas de vento. De vez em quando, viam-se medonhos relâmpagos, depois deles redobrava a escuridão; e Salambo não via senão os olhos de Matho, que pareciam duas brasas. Entretanto, tinha a consciência de que se achava rodeada pela fatalidade, que chegara a um momento supremo, irrevogável; e, fazendo um último esforço, dirigiu-se para o “zaimph” e ergueu a mão para se apoderar dele.

— O que queres fazer? — interveio Matho.

— Voltar para Cartago — respondeu ela com a maior palidez.

Matho deu dois passos, com os braços cruzados e aspeto tão terrível, que Salambo ficou imediatamente como com os pés pregados ao solo.

— Voltares para Cartago! — repetiu ele, rangendo os dentes. — Voltares para Cartago! Ah! Vinhas buscar o “zaimph”, vencer-me e desaparecer! Não, não! Pertences-me! Já ninguém te arrancará daqui! Ainda me não esqueci da insolente tranquilidade dos teus olhares e como tu me esmagavas com a altivez da tua beleza! Agora, chegou a minha vez! És minha cativa, minha escrava, minha serva! Chama teu pai e o seu exército, chama os Anciãos e os ricos, chama todo o teu detestável povo! Disponho de trezentos mil soldados! Irei buscar mais ainda à Lusitânia, às Gálias, ao fundo do deserto e arrasarei a tua cidade e destruirei todos os seus templos. As trirremes flutuaram sobre vagas de sangue! Não ficará em pé uma casa, nem uma palmeira! Se me faltarem os homens, atrairei os ursos da montanhas, excitarei os leões do deserto! Não tentes fugir-me, porque te mato! — E, lívido e com os punhos fechados, estremecia como uma harpa com as vibrações das suas cordas. De repente, sentiu enfraquecerem-lhe as pernas e sufocarem-no os soluços. — Perdoa-me! — exclamou, ele ajoelhando. — Sou um infame

e mais vil que os escorpiões, mais desprezível que o pó! Ainda há pouco, quando falavas, passava o teu hálito pelas faces e eu deleitava-me como um moribundo, bebendo de bruços, à beira de um regato. Esmaga-me, contanto que eu sinta os teus pés! Amaldiçoa-me, mas deixa-me ouvir a tua voz! Não te vás! Compadece-te de mim! Amo-te! Amo-te muito! — E, de joelhos, rojava-se aos pés de Salambo, cingia-lhe a cintura com ambos os braços, com a cabeça inclinada para trás e as mãos errantes. Os discos de ouro que lhe pendiam das orelhas reluziam-lhe sobre o pescoço bronzeado; nos olhos borbulhavam-lhe grossas lágrimas semelhantes a glóbulos de prata; e suspirava de um modo acariciador e murmurava palavras vagas, mais ligeiras do que a brisa e suaves como beijos.

Salambo sentia-se presa de um entorpecimento que lhe fazia perder a consciência de todas as coisas. Havia o que quer que era, ao mesmo tempo íntimo e superior, que a obrigava a abandonar-se. Parecia-lhe que era seguida do solo por nuvens muito transparentes e rosadas, e, desfalecendo quase, deixou-se cair sobre a pele de leão, que estava estendida sobre a cama de folhas.

Matho pegou-lhe nos calcanhares, a cadeia de ouro quebrou-se e os dois extremos, indo pelos ares, bateram na linhagem da barraca, como duas víboras saltantes. O “zaimph” caiu e envolveu-a; ela, então, viu muito próximo do seu o rosto de Matho.

— Incendeias-me, Moloch! — exclamou ela; e os beijos do soldado percorriam-lhe todo o corpo, mais devoradores do que chamas, e ela sentia-se como arrebatada nas asas da tormenta e subjugada pela força do Sol.

Matho beijou-lhe todos os dedos das mãos, os braços, os pés e, de um a outro extremo, as compridas tranças dos seus cabelos.

— Leva-o! — dizia-lhe ele. — Que me importa? Leva-me com ele! Abandonarei o exército, renunciarei a tudo! Para além das Gades, vinte dias ao mar, existe uma ilha coberta de pó de ouro, de verduras e de aves. Nas montanhas baloiçam-se, como eternos turíbulos, grandes flores cheias de perfumes. Nos limoeiros, mais altos que cedros, há serpentes cor de leite, que fazem cair os frutos sobre a relva, e o ar é tão suave que impede de se morrer. Oh! hei de achar esta ilha, verás! Iremos viver nas suas grutas de cristal, abertas nas bases das colinas! Ou ninguém habita ainda nela ou eu serei o seu rei!

Depois sacudiu-lhe a poeira dos coturnos. Quis que ela comesse um quarto de romã; e acumulou-lhe debaixo da cabeça muitas peças de vestuário para assim lhe formar uma almofada. Buscava todos os meios de a servir, de se humilhar, chegando a estender-lhe sobre as pernas o “zaimph”, como se fora um simples tapete.

— Ainda tens aqueles chavelinhos de gazela, em que estavam pendurados os teus colares? hás de dar-mos porque os amo!

Matho falava como se estivesse concluída a guerra e com o riso nos lábios. Para ele, os mercenários, Amílcar, todos os obstáculos, tinham já desaparecido. Por uma abertura da tenda, via a Lua deslizando por entre as nuvens.

— Quantas noites passei a contemplá-la — exclamou o líbio; — parecia ser um véu que ocultava o teu rosto; eras tu que me olhavas de lado; a recordação da tua beleza confundia-se com o seu esplendor; não sabia distingui-las! — E, escondendo o rosto no seio de Salambo, derramava abundantes lágrimas.

“Eis aqui o homem formidável”, pensava ela, “que faz tremer Cartago!”

Matho adormeceu. Então, Salambo, desembaraçando-se do braço que a cingia, pousou um pé no chão. Só então notou que tinha quebrada a cadeia que antes lhe pendia os pés.

Nas famílias de primeira ordem, costumavam as virgens respeitar aquele estorvo com uma coisa quase religiosa; e Salambo, corando, enrolou nas pernas os dois bocados de cadeia.

Cartago, Megara, o seu palácio, os seus aposentos, os campos que tinha atravessado, apresentavam-se-lhe à memória, tumultuosamente, mas contudo em imagens claras. Mas um abismo, que de repente se abria, fazia-as recuar para longe dela, a uma distância infinita.

A tempestade ia-se dissipando, e algumas gotas de água, parecendo cair uma a uma, faziam oscilar o teto da tenda.

Matho, como um homem embriagado, adormecera estendido sobre o lado e ficando com um braço para fora da cama. A

faixa de pérolas que lhe cingia a cabeça subira um pouco e deixara-lhe a fronte descoberta. O sorriso, que lhe errava nos lábios, descobria-lhe os dentes, que lhe brilhavam no meio da barba preta; e nas pálpebras, apenas meio cerradas, havia uma certa alegria silenciosa e quase ultrajante.

Salambo encarava-o, imóvel, cabisbaixa e com as mãos cruzadas.

A cabeceira da cama, via-se um punhal sobre uma mesa de acipreste; a presença daquela lâmina luzidia suscitou-lhe desejos sanguinários. Parecia-lhe ouvir vozes, ao longe, no meio das trevas, e como um coro de génios que a excitavam. Aproximou-se da mesa e lançou a mão ao punhal. Mas com o roçar do fato, entreabriu Matho os olhos, beijou-lhe as mãos e o punhal caiu.

Nisto ouviu-se grande gritaria; e através da linhagem da tenda fulgurou medonho clarão. Matho ergueu a tapeçaria que servia de porta e viu o acampamento dos líbios fechado por um círculo de chamas.

As suas cabanas de caniçados estavam ardendo e as camas, torcidas pelo fogo, estalavam no meio do fogo e voavam em fagulhas. No horizonte avermelhado viam-se muitos vultos correndo como desorientados. Ouviam-se de todos os lados os clamores dos que estavam nas cabanas; e os elefantes, os bois e os cavalos saltavam por entre a multidão, esmagando-a juntamente com as bagagens e provisões que apressadamente subtraía ao incêndio. Às trombetas soavam; ouviam-se vozes chamando Matho, e à porta da tenda acumulava-se cada vez mais gente, querendo entrar.

— Não te demores! — gritavam todos. — Foi Amílcar que incendiou o acampamento de Autharite.

Matho deu um salto para fora da tenda. Salambo achou-se só.

Então examinou o “zaimph”; e, depois de o ter contemplado detidamente, ficou em extremo surpreendida por não sentir a felicidade que outrora imaginava. Ficou melancólica na presença do seu desejo consumado.

De repente, ergueu-se a linhagem da tenda, rente ao solo, e deixou ver uma figura monstruosa.

No primeiro momento, Salambo não distinguiu senão dois olhos e uma barba que chegava ao chão, porque o resto do corpo, embaraçado nos farrapos de uma vestimenta parda, arrastava-se pelo solo; e a cada movimento que fazia para avançar, metia nas barbas as duas mãos, que logo tornavam a cair. Arrastando-se por este modo, chegou junto de Salambo, que logo reconheceu a voz de Giscon.

Com efeito, os mercenários, para impedirem os cativos de fugir, haviam-lhes quebrado as pernas com pancadas de barra de ferro, deixando-os apodrecer todos em confusão, dentro de uma cova cheia de imundícies. Os mais resolutos, quando ouviam o ruído das gamelas, erguiam-se conforme podiam. Fora deste modo que Giscon lobrigara Salambo. Pelas bolinhas de sandastrum, que lhes batiam nos coturnos, adivinhara logo no primeiro momento uma cartaginesa, e, com o pressentimento de um mistério considerável, ajudado pelos seus companheiros, conseguira sair da cova. Depois, apoiando-se nos cotovelos e nas mãos, arrastara-se na distância de uns vinte passos, até à tenda de Matho. Chegado ali, distinguira duas vozes; aplicara o ouvido da parte de fora e ouvira tudo.

— És tu! — exclamou, enfim, Salambo, quase espantada.

Giscon, apoiando-se nas mãos, respondeu:

— Sim! Sou eu! Julgam-me morto, não é verdade? — Salambo curvou a cabeça. Giscon prosseguiu: — Ah! Porque não me têm os Baais concedido já esse benefício?! — E, aproximando-se mais dela, acrescentou: — Ter-me-iam poupado ao dissabor de te amaldiçoar!

Salambo recuou precipitadamente, tal era o medo que lhe inspirava aquele ente imundo, hediondo como uma larva e terrível como um fantasma.

— Tenho quase cem anos de idade — disse ele. — Vi Agathocles; vi Régulus e as águias romanas talarem os campos púnicos! Vi as batalhas mais medonhas e o mar entulhado pelos despojos das nossas frotas! Os bárbaros que eu comandava carregaram-me de grilhões como um escravo homicida! Os meus companheiros morreram sucessivamente à roda de mim; as exalações pútridas os seus cadáveres despertam-me durante a noite; espanto muitas vezes os pássaros que vêm picar-lhes os olhos. E, todavia, nunca, nem um só dia desesperei de Cartago! Ainda quando a visse acometida por todos os exércitos da

terra, e que as chamas de apertado cerco ultrapassassem a altura dos templos, não deixaria de acreditar na sua eternidade! Mas agora tudo se acabou, tudo está perdido! Os deuses oprimem-na com a sua cólera! Maldita sejas tu, que precipitaste a sua ruína, com a tua ignomínia!

Salambo abriu os lábios para replicar.

— Eu estava aqui — acudiu ele. — Ouvi-te soluçar de amor como uma prostituta; vi como ouvias a exposição dos seus desejos, como deixavas que ele te beijasse as mãos. Mas se o furor da tua impudicícia te levasse a isso, devias, ao menos, imitar as feras, que ocultam os seus amores, e não ostentar a tua vergonha diante dos olhos de teu pai!

— Como assim?! — exclamou ela.

— Ah! Não sabias que os dois entrincheiramentos estão separados por uma distância de duzentos passos apenas e que o teu Matho, por excesso de orgulho, ergueu a sua tenda mesmo em frente da de Amílcar? Teu pai está ali, por detrás de ti. Se eu pudesse trepar a rampa que conduz à plataforma, gritar-lhe-ia: “Corre! Vem ver tua filha nos braços do bárbaro! Para mais lhe agradecer ornou-se com o manto da deusa; e, abandonando o corpo, entregou, com a glória do teu nome, a majestade dos deuses, a vingança da pátria, a própria salvação de Cartago!”

O movimento da sua boca desdentada agitava-lhe toda a barba; os olhos, fitos em Salambo, pareciam devorá-la, e, arquejante e rolando-se no pó, repetia sem cessar:

— Maldita sejas, sacrílega! Maldita! Maldita!

— É deste lado, não é verdade? — perguntou ela.

— Que te importa? Afasta-te! Vai-te! Esconde antes as faces na terra. É um lugar sagrado que a tua vista mancharia!

Salambo enrolou o “zaimph” à roda da cintura, levantou do chão o véu e o manto e, saindo da tenda, desapareceu exclamando:

— Eu vou! Eu vou!

Primeiro, caminhou no meio das trevas sem encontrar ninguém, porque toda a gente corria para o lado do incêndio. O clamor era cada vez maior e as chamas iluminavam o céu; e, aterrorizada por tudo isto, parou de repente.

Então voltou-se para todos os lados, procurando ao acaso, uma escada, uma corda, uma pedra, qualquer coisa, enfim, que lhe servisse de auxílio. Tinha medo de Giscon, parecia-lhe que ouvia gritos e passos que a perseguiam. O dia começava a despontar. De repente, lobrigou um caminho praticado na espessura da trincheira. Segurou com os dentes o extremo do manto, que a estorvava, e em dois ou três saltos achou-se na plataforma.

Abaixo dela, no meio das sombras, soou um grito sonoro, o mesmo que tinha ouvido no patim da escada das galeras; e, curvando-se, reconheceu o escravo de Schahabarim segurando os dois cavalos.

O escravo tinha divagado durante toda a noite entre os dois entrincheiramentos; depois, inquieto pelo incêndio, voltara para trás, diligenciando perceber o que se passava no acampamento de Matho; e como sabia que aquele lugar era o mais próximo da sua tenda, não tinha dado nem mais um passo, esperando, imóvel, o que pudesse suceder.

Depois de reconhecido pôs-se em pé sobre um dos cavalos. Salambo deixou-se escorregar até ele, e ato contínuo fugiram a galope, contornando o acampamento púnico para acharem um porta.

Matho voltara à sua tenda. O fumoso lampadário estava quase apagado; julgou Salambo adormecida. Então apalpou delicadamente a pele de leão que cobria a cama de folhas de palmeira. Chamou Salambo; não respondeu. Inquieto, rasgou precipitadamente a linhagem da tenda para deixar entrar a claridade: o “zaimph” tinha desaparecido.

A terra tremia sobre multiplicados passos. O ar sentia-se agitado por gritos, relinchos, tinir de armas e sons de clarins, tocando à carga. Havia como que uma tempestade desencadeada em torno dele. Dominado por desordenado furor, lançou mãos das armas e correu para fora da tenda.

As extensas fileiras dos bárbaros desciam, correndo, a montanha, e os quadrados púnicos avançavam contra elas, com uma oscilação pesada e regular. O nevoeiro, rasgado pelos raios do Sol, dividira-se em pequenas nuvens, que, por instantes, baloiçavam na atmosfera como indecisas, e que, elevando-se pouco a pouco, descobriram os estandartes, os capacetes nas

pontas das lanças. Com a rapidez das evoluções havia porções de terreno que pareciam deslocar-se; então, dir-se-ia que tinham aberto os diques a diversas correntes, no meio das quais ficavam imóveis enormes massas eriçadas de espinhos.

Matho distinguia os capitães, os soldados, os arautos e até os bagageiros, que, na retaguarda, iam montando em jumentos.

Narr'Havas, em vez de conservar a sua posição para cobrir a infantaria, tomou repentinamente para a direita, como se quisesse fazer-se esmagar por Amílcar.

Os seus cavaleiros passaram além dos elefantes, que iam diminuindo a velocidade; e todos os cavaleiros, estendendo as cabeças sem freio, galopavam tão furiosamente que pareciam roçar a barriga pelo solo. Depois Narr'Havas dirigiu-se resolutamente para uma sentinela. Lançou para longe de si a espada, a lança e os dardos e desapareceu no meio dos cartagineses.

O rei dos númidas chegou à tenda de Amílcar e disse-lhe, indicando-lhe os seus soldados, parados a certa distância:

— Barca! Entrego-tos! São teus!

Em seguida, prostrou-se em sinal de homenagem; e, como prova de fidelidade, recordou toda a sua conduta, desde que tinha começado a guerra.

Em primeiro lugar, tinha obstado ao cerco de Cartago e à morte dos cativos; depois, não se tinha aproveitado da vitória contra Hannon, depois da derrota de Utica. Quanto às cidades tírias, achavam-se nas fronteiras do seu reino. Enfim, não tinha tomado parte na batalha do Macar; e até, muito de propósito, tinha-se ausentado para se esquivar à obrigação de combater o sufeta.

Narr'Havas tinha, com efeito, querido engrandecer-se, por meio de usurpações púnicas, e, segundo as probabilidades da vitória, tinha alternativamente socorrido e abandonado os mercenários. Finalmente, concluindo que o mais forte seria definitivamente Amílcar, voltara-se para ele; na sua deserção, talvez houvesse certo rancor a Matho, ou fosse por causa do comando ou por causa do seu antigo amor.

O sufeta ouviu-o sem o interromper. O homem que assim se apresentava num exército, onde lhe deviam vinganças, não era auxiliar para desprezar. Amílcar mediu rapidamente toda a utilidade de uma tal aliança para que os vastos projetos. Com os númidas desembaraçar-se-ia dos líbios. Depois, arrastaria o Ocidente à conquista de Ibéria; e, sem perguntar-lhe porque não se tinha apresentado mais cedo, não rebatendo nenhuma das suas mentiras, beijou Narr'Havas, tocando por três vezes com o seu peito no dele.

Fora por desesperação e para mais depressa acabar com tão precária situação que ele incendiara o acampamento líbio. Aquele exército era-lhe enviado pelos deuses; portanto, dissimulando a sua alegria, respondeu:

— Que os Baais te favoreçam. Ignoro o que fará por ti a República; mas Amílcar não é ingrato!

O tumulto redobrava; os capitães corriam à tenda do sufeta; este armava-se, mas sem deixar de falar.

— Vamos, volta para trás! Com os teus cavalos, apertar-lhe-ás a infantaria entre os teus e os meus elefantes! Coragem! Extermina!

Quando Narr'Havas corria a executar a ordem que recebera, apareceu Salambo.

A filha de Amílcar saltou rapidamente do cavalo. Desembuçou-se do seu amplo manto e, abrindo os braços, apresentou aos olhos de quantos a rodeavam o “zaimph”.

A tenda de couro, aberta nos ângulos, deixava ver toda a montanha coberta de soldados; e como Salambo se achava no centro era vista de todos os lados. Ergueu-se imenso clamor. Foi um prolongado grito de triunfo e de esperança. Os que iam já em marcha paravam e os moribundos erguiam-se para a abençoarem. Então, já todos os bárbaros sabiam que ela tinha readquirido o “zaimph”; viam-no de longe ou julgavam vê-lo; e outros gritos, mas de raiva e vingança, enchiam o ar, confundindo-se com os aplausos dos cartagineses. Assim tripudiavam e rugiam à volta de Salambo os cinco exércitos, estendidos pela montanha.

Amílcar, sem poder falar, agradecia com o gesto.

Fitando os olhos alternadamente nela e no “zaimph”, notou que tinha quebrada a corrente de ouro. Então, assaltado por terrível suspeita, estremeceu. Mas, reassumindo rapidamente a sua impassibilidade, olhou de revés para Narr’Havas, sem voltar para ele o rosto.

O rei dos númidas conservava-se de parte, numa atitude discreta, tendo ainda na frente restos do pó em que tocara quando se prostrara aos pés de Amílcar. Então o sufeta dirigiu-se para ele e disse-lhe com a maior gravidade:

— Narr’Havas, em recompensa dos serviços que me prestaste, dou-te minha filha. — E acrescentou: — Sê meu filho e defende teu pai!

Narr’Havas fez um gesto de surpresa; depois pegou-lhe nas mãos e cobriu-lhas de beijos.

Salambo, imóvel como uma estátua, parecia não compreender o que estava vendo. Corou e abaixou as pálpebras; as compridas pestanas faziam-lhe sombra nas faces.

Amílcar quis imediatamente uni-los por laços indissolúveis. Para isto, deu a Salambo uma lança, que ela entregou a Narr’Havas; depois, ligaram juntos os polegares de ambos com uma correia e, em seguida, lançaram-lhes sobre a cabeça uma porção de trigo, cujos bagos caíram em torno deles, ressaltando como saraiva. Feito isto, estavam unidos.

XII — O AQUEDUTO

Passadas doze horas não restava dos mercenários senão um montão de feridos, de mortos e de agonizantes.

Amílcar, saindo inesperadamente do fundo da garganta, tomara a descer a rampa ocidental fronteira a Hippo-Zaryte, e, sendo naquele lugar mais amplo o espaço, atraíra para ele os bárbaros. Então, Narr'Havas apertara-os com a sua cavalaria; o sufeta, durante este tempo, repelira-os, esmagando-os. Além disto, tinham sido vencidos antecipadamente pela perda do "zaimph"; aqueles mesmos que o olhavam com indiferença sentiam certa aflição e enfraquecimento. Enfim, Amílcar, não tendo o menor orgulho em conservar o campo de batalha, retirara-se para uma iminência que lhe ficava à esquerda e donde os dominava.

A forma dos acampamentos reconhecia-se apenas pelas suas paliçadas inclinadas. No sítio em que os líbios haviam estado fumegava ainda uma extensa acumulação de cinzas negras; o solo todo remexido apresentava ondulações como o mar, e as tendas, em farrapos, assemelhavam-se vagamente a navios perdidos no meio de escolhos. Por entre os cadáveres, viam-se espalhados inúmeras couraças, forçados, clarins, bocados de madeira, de ferro e de bronze, trigo, palha e vestidos. Num ou noutro ponto via-se uma falárica próxima a apagar-se, mas ardendo ainda junto de um montão de bagagens. A terra, em certos lugares, estava coberta de escudos; os cavalos mortos seguiam-se uns aos outros, como uma série de montículos; viam-se, dispersos, braços, pernas, cotas de malha, cabeças dentro dos capacetes, seguras pelas barbotes e rolando como bolas; muitas moitas de espinhos, cheios de cabelos; elefantes, abertos pelo ventre, e deitados com as suas torres no meio de lagos de sangue; o solo estava escorregadio e havia nele poças, apesar de não ter chovido.

Esta confusão de cadáveres cobria, de alto a baixo, toda a montanha.

Os que tinham sobrevivido não se moviam mais que os mortos. Acorados em grupos desiguais, olhavam espantados uns para os outros e não falavam. No extremo da extensa campina, resplandecia com os últimos raios de Sol o lago de Hippo-Zaryte. À direita, via-se uma grande acumulação de casas, elevando-se acima de um cinto de muralhas; depois, estendia-se indefinidamente o mar. E os bárbaros, no meio de uma nuvem de poeira, olhavam tristemente para ele, lembrando-se das suas pátrias.

Entretanto, começou a soprar a brisa da noite; então, todos os peitos se dilataram; e à medida que aumentava a frescura, podia-se ver os vermes abandonar os corpos, que iam esfriando, e correrem sobre a areia ainda quente. No alto dos rochedos, os corvos permaneciam imóveis, voltados para os agonizantes.

Apenas anoiteceu, começaram a aparecer entre os bárbaros uns cães de pelo amarelo, animais imundos, que acompanhavam o exército. Primeiro, começaram a lamber o sangue coalhado nos membros ainda tépidos; mas dentro em pouco começavam a devorar os cadáveres, encetando-os pelo ventre.

Os fugitivos reapareciam um a um, como sombras; as mulheres arriscavam-se também a voltar, porque restavam ainda muitas, sobretudo entre os líbios, apesar da medonha carnificina que os númeras nelas tinham feito.

Alguns acenderam bocados de corda, para lhes servirem de fachos. Outros faziam com os chuços uma espécie de padiolas, sobre as quais colocavam os cadáveres, para os conduzirem para outro lugar.

Os mortos estavam estendidos, em extensas linhas, deitados de costas, com a boca aberta, tendo a seu lado as lanças; ou então amontoavam-se confusamente; e, muitas vezes, para descobrirem os que faltavam, era preciso como que cavar naqueles montões. Depois, chegavam-lhes, vagarosamente, aos rostos os mortiços fachos. Hediondas armas tinham feito ferimentos complicados. Pendiam-lhes da frente como que uns farrapos esverdeados; havia-os feitos em pedaços, esmagados até à medula, azulados por efeito de incriveis estrangulações ou medonhamente rasgados pelos dentes dos elefantes. Conquanto todos tivessem morrido quase ao mesmo tempo, havia diferenças no seu estado de corrupção. Os homens do Norte apresentavam uma inchação lívida, ao passo que os africanos, mais nervosos, pareciam começar a secar, como se tivessem sido expostos ao fumeiro. Reconheciam-se os mercenários pelas pinturas que tinham nas mãos: os velhos soldados de Antíoco

tinham um machado; os que haviam servido no Egito, a cabeça de um cinocéfalos; os que tinham servido os príncipes da Ásia, um machado, uma romã ou um martelo; nas repúblicas gregas, o perfil de uma cidadela ou o nome de um arconte. Havia ainda alguns que tinham os braços inteiramente cobertos por estes símbolos, misturados com as cicatrizes e feridas novas.

Para os homens da raça latina, samnitas, etruscos, campânios e brutius, estabeleceram quatro grandes fogueiras.

Os gregos, com as suas espadas, abriram covas. Os espartanos, tirando dos ombros os seus mantos vermelhos, embrulharam neles os mortos; os atenienses deitaram-nos com os rostos voltados para o Nascente; os cântabros cobriram-nos com montões de pedras; os nasamus dobraram os corpos e amarraram-nos com correias de couro de boi, e os garamantos foram enterrar os seus compatriotas na praia, para que fossem eternamente refrescados pelas ondas. No meio de tudo, os latinos estavam desolados por não poderem recolher em umas as cinzas dos seus; os nómadas lastimavam não estar nas paragens em que o calor das areias mumifica os corpos; e os celtas, a falta de três pedras brutas, sob um céu chuvoso, no fundo de um golfo, cheio de ilhotas.

Todos soltavam, em voz alta, grande número de imprecações; depois, ficavam silenciosos. Era assim que obrigavam as almas a voltar. De vez em quando, e com intervalos regulares, renovavam obstinadamente os seus clamores.

Desculpavam-se para com os mortos por não poderem honrá-los com todas as prescrições dos ritos; por esta privação iam circular, durante períodos infinitos, através de todos os acasos e passando por todas as metamorfoses; interpelavam-nos e perguntavam-lhes o que queriam, outros carregavam-nos de injúrias por se terem deixado vencer.

O clarão das grandes fogueiras tomava mais lívidos ainda os rostos exangues prostrados de espaço a espaço, sobre despojos de armaduras; e as lágrimas excitavam as lágrimas, os soluços tomavam-se mais agudos, os reconhecimentos e os abraços mais frenéticos. Muitas mulheres estendiam-se sobre os cadáveres, boca contra boca, frente contra frente. Era necessário espancá-las para que elas se retirassem. Muitos bárbaros pintavam as faces de negro; cortavam os cabelos, sangravam-se e deixavam correr o sangue dentro das covas; e davam em si mesmos golpes à imitação das feridas que desfiguravam os mortos.

Através do motim dos pandeiros, ouviam-se rugidos de dor.

Alguns arrancavam os amuletos que tinham no pescoço e cuspiam-lhes em cima. Os moribundos rolavam-se pela sanguinolenta lama, mordendo raivosos os punhos mutilados; e quarenta e três samnitas, número que constituía a primavera sagrada, mataram-se todos uns aos outros, como gladiadores. Dentro em pouco, faltou a lenha para as fogueiras, as chamas apagaram-se, todos os lugares estavam tomados. E, fatigados de gritar, enfraquecidos, trémulos, adormeceram ao lado dos seus irmãos mortos, os que tinham amor à vida, cheios de inquietações; os outros desejando não tornar a acordar.

Aos primeiros alvares da madrugada, apareceram, nos limites do campo dos bárbaros, muitos soldados caminhando e levando os capacetes nas pontas dos chuços. Saudando os mercenários, perguntavam-lhe se tinham alguma coisa a mandar dizer para as suas pátrias.

Outros aproximaram-se mais. Então os bárbaros reconheceram alguns dos seus antigos companheiros.

O sufeta propusera a todos os cativos o serviço nas suas fileiras. Muitos tinham-se intrepidamente recusado; e resolvido como estava a não os sustentar, nem a entregá-los ao Conselho Supremo, dera-lhes a liberdade, ordenando-lhes que não tornassem a combater contra Cartago. Quanto àqueles a quem o temor dos suplícios tornara dóceis, tinham-lhes distribuído as armas do inimigo. De sorte que se apresentavam depois aos olhos dos vencidos, menos para seduzi-los do que por um impulso de orgulho e curiosidade. Primeiro, descreveram o bom tratamento que tinham recebido do sufeta; e os bárbaros, conquanto os desprezassem, ouviam-nos com inveja. Depois, os cobardes, às primeiras palavras de exprobração que ouviram, mostraram-se encolerizados, expondo, de longe, aos bárbaros as suas próprias espadas e couraças, e convidando-os a que fossem buscá-las. Os bárbaros pegaram em pedras e logo todos fugiram. Pouco depois, já não se via no cume da montanha, acima das paliçadas, senão as pontas das lanças.

Então, os bárbaros sentiram-se acabrunhados por uma dor mais pungente do que a produzida pela humilhação da derrota. Pensavam na inanição da sua coragem e permaneciam imóveis, com os olhos fitos e rangendo os dentes.

De repente todos tiveram a mesma ideia: precipitaram-se tumultuosamente para os cartagineses prisioneiros. Os soldados do sufeta, por acaso, não tinham descoberto o lugar em que eles se achavam e, retirando-se do campo de batalha, tinham-nos involuntariamente deixado na cova.

Os bárbaros tiraram-nos dali e colocaram-nos todos no chão, em fileira. Circundaram-nos de sentinelas e deixaram que as mulheres se aproximassem, em turnos sucessivos de quarenta a cinquenta. As mulheres, querendo aproveitar o pouco tempo que lhes davam, corriam de um para outro lado indecisas e palpitantes; depois, inclinadas sobre aqueles pobres corpos, espancavam-nos às mãos ambas, como lavadeiras batendo a roupa. Uivando os nomes de seus esposos, despedaçavam-nos com as unhas e arrancavam-lhes os olhos com as agulhas com que seguravam os cabelos. Os homens tinham a sua vez depois delas, e supliciavam-nos desde os pés, cortando-lhos nos tornozelos, até à fronte, de que lhes arrancavam a pele, para lhes servir de ornamento. Os comedores-de-coisas-imundas manifestavam atroz imaginação. Envenenavam-lhes as feridas com pó, vinagre e cacos; atrás de um, outros esperavam a sua vez; o sangue corria abundante e eles deleitavam-se à maneira dos lagareiros à roda das fumegantes dornas.

Durante este tempo, Matho permanecia sentado no chão, no mesmo lugar em que se achava quando terminou a batalha, com os cotovelos sobre os joelhos e as mãos segurando as fontes; não via nem ouvia nada. Já não pensava.

Aos rugidos de alegria da multidão levantou a cabeça. Diante dele, seguro num mastro, estava um grande farrapo, que tocava no chão e sob o qual se viam confusamente cestos, tapetes e uma pele de leão. Matho reconheceu a sua tenda; os olhos não se afastavam do solo como se a filha de Amílcar, desaparecendo, o houvesse feito pelas entranhas da terra.

O bocado de linhagem que restava ainda da tenda esvoaçava e batia com o vento de encontro ao mastro a que estava seguro. Numa destas oscilações do farrapo, notou Matho um sinal vermelho que nele havia semelhante à marca de uma mão. Era a mão de Narr'Havas: o sinal da sua aliança.

O líbio então ergueu-se. Pegou num tição, fumegante ainda, e lançou-o desdenhosamente para os despojos da sua tenda. Depois, com a ponta do coturno, chegou para a chama todos os objetos que estavam a alguma distância, para que nem um só subsistisse.

De repente, e sem que fosse possível saber donde surgia, apareceu Spendius.

O antigo escravo tinha atado a uma das coxas dois fragmentos da haste de uma lança, e caminhava coxeando e soltando sentidos queixumes.

— Tira isso daí — disse-lhe Matho —, bem sei que és um bravo. — Matho sentia-se tão oprimido pela injustiça dos deuses, que já não tinha forças para se indignar contra os homens.

Spendius fez-lhe um sinal e conduziu-o a um montículo, no qual havia uma escavação em que se tinham escondido Zarxas e Autharite.

Tinham fugido como o escravo, um apesar de ser cruel, o outro a despeito da sua bravura. — “Mas quem poderia esperar — diziam eles — a traição de Narr'Havas, o incêndio dos líbios, a perda do ‘zaimph’, o ataque inesperado de Amílcar e, sobretudo, a rapidez das suas manobras?” — Spendius não confessava o seu terror e persistia em sustentar que tinha a perna quebrada.

Enfim, os três chefes e o schalischim perguntavam uns aos outros qual a resolução que conviria adotar.

Amílcar intercetava-lhes o caminho de Cartago; achavam-se entre os seus soldados e as províncias de Narr'Havas; as cidades tírias juntar-se-iam aos vencedores; achar-se-iam, portanto, impelidos para a beira do mar e seriam esmagados por todas aquelas forças reunidas. Eis o que sucederia infalivelmente.

Deste modo, não se oferecia o menor meio de evitar a guerra. Por consequência, deviam continuá-la, a todo o transe. Mas qual o modo de fazer compreender a necessidade de uma interminável batalha a todos aqueles homens desanimados e cobertos de feridas ainda sangrentas?

— Eu os convencerei! — disse Spendius.

Passadas duas horas, trepou a montanha, apressado, um homem que vinha do lado de Hippo-Zaryte. Correndo, agitava

umas tábuas que trazia nas mãos, e como, ao mesmo tempo, gritava com toda a sua força, logo os bárbaros o rodearam.

Aquelas tábuas eram expedidas pelos soldados gregos da Sardenha, os quais recomendavam aos seus companheiros de África que vigiassem Giscon e outros cativos. Um mercador de Samos, um certo Hipponax, ido de Cartago, tinha-lhes dito que se estava organizando uma conspiração para lhes facilitar a fuga; por isto, recomendavam aos bárbaros que fossem previdentes; a República era poderosa.

O estratagema de Spendius não teve o pronto resultado que ele esperava. Aquele anúncio de um novo perigo, longe de excitar-lhes o furor, suscitou-lhes temor; e recordando a advertência de Amílcar, caindo tão inopinadamente sobre eles, temiam que lhes sucedesse alguma coisa imprevista e terrível. A noite passaram-na cheia de aflição. Muitos chegavam a desarmar-se para enternecerem o sufeta, quando ele se apresentasse.

No dia seguinte, apareceu segundo corredor, mais esfalfado ainda e coberto de poeira. O grego arrancou-lhe das mãos um rolo de papiro, coberto de caracteres fenícios.

Naquele escrito suplicava-se aos mercenários que não desanimassem. Não tardava que fossem socorridos, com valiosos reforços, pelos bravos de Tunes.

Spendius leu a missiva três vezes seguidas; e, sustido por dois capadócios, que o levavam sobre os ombros, fazia-se transportar a todos os pontos para repetir a sua leitura. Sete horas sucessivas não deixou de arengar.

Recordou aos mercenários as promessas do Conselho Supremo; aos africanos, as crueldades dos intendentess; a todos os bárbaros, a injustiça de Cartago. A doçura do sufeta era um laço para os prender. Os que caíssem nele seriam vendidos como escravos; os vencidos pereceriam no meio de suplícios. Quanto a fugirem, tinham porventura por onde? Nem um só povo queria recebê-los; ao passo que, persistindo em seus esforços, obteriam, ao mesmo tempo, liberdade, vingança e dinheiro. E não esperariam muito tempo, pois que a gente de Tunes, a Líbia inteira, se precipitava em seu auxílio. E, falando deste modo, mostrava desenrolado o papiro, dizendo:

— Olhai! Vede que não minto! Eis aqui as suas promessas.

Os cães vadiavam por um e outro lado com os focinhos negros, manchados de sangue. O Sol no zénite esquentava todas as cabeças descobertas. Os cadáveres, mal enterrados, a ponto de terem um ou outro membro fora da terra, exalavam nauseabundo fétido. Spendius invocava-os como garantia do que dizia; depois estendia os punhos fechados para o lado de Amílcar.

O grego sabia que Matho o estava observando e, com o fim de disfarçar a sua cobardia, ostentava uma cólera de que, pouco a pouco, se ia compenetrando. Vóltando-se aos deuses, acumulou maldições sobre os cartagineses. O suplício dos cativos era um brinquedo de crianças. Para quê poupá-los e arrastar, por mais tempo, após si, tão inútil manada?

— Não! É preciso acabar com eles! — acrescentou Spendius; — demais, conhecemos os seus projetos! Basta um para nos perder! Nada de piedade! Reconhecer-se-ão os bons pela velocidade das pernas e pela força do golpe.

Ato contínuo, correram novamente aos cativos. Muitos estavam agonizando. Acabaram de os matar, metendo-lhes os calcanhares na boca ou apunhalando-os com a ponta de um dardo.

Nisto lembraram-se de Giscon.

Não o achando em parte alguma, sentiram-se inquietos. Todos queriam, ao mesmo tempo, convencer-se da sua morte e tomar parte nela. Enfim, foi descoberto por três pastores samnitas à distância de uns quinze passos do sítio em que tinha sido colocada a tenda de Matho. Reconheceram-no pela comprida barba e chamaram todos os outros.

Deitado de costas, com os braços estendidos ao longo do corpo e os joelhos unidos, parecia um cadáver disposto para o sepulcro. Contudo, as emagrecidas costelas levantavam-se e abaixavam-se; e os olhos, muito abertos no lívido rosto, conservavam-se contínua e intoleravelmente fitos.

Os bárbaros contemplaram-no, no primeiro momento, cheios de espanto. Desde que tinha sido metido na cova, quase se haviam esquecido dele. Constrangidos por antigas recordações, conservavam-se a certa distância e não ousavam pôr-lhe a mão. Mas os que estavam por detrás dos primeiros murmuravam e empurravam-nos, quando, de repente, um garamante

atravessou a multidão, brandindo uma foíce; todos compreenderam o seu pensamento; os rostos incendiaram-se-lhes e, corridos de vergonha, bradaram:

— Sim! Sim!

O homem do ferro curvo aproximou-se de Giscon. Lançou-lhe a mão à cabeça e, apoiando-a sobre o joelho, serrou-lha com frenética rapidez; a cabeça rolou pelo chão e dois grossos jatos de sangue fizeram uma poça na terra. Zarxas precipitou-se sobre a cabeça decepada e, mais ligeiro que um leopardo, correu para os cartagineses.

Quando chegou ao meio da montanha, tirou debaixo da opa a cabeça de Giscon; pegou-lhe pela barba, deu ao braço violento e rápido movimento circular — e a massa, arremessada, enfim, descreveu ampla parábola e desapareceu além do entrancheiramento púnico.

Dentro em pouco apareceram cruzadas, na beira da paliçada, dois estandartes, sinal convencionado para a reclamação dos cadáveres.

Então, quatro arautos, escolhidos entre os de mais forte pulmão, empunharam grandes buzinas de bronze e declararam que entre cartagineses e bárbaros não mais haveria fé, piedade nem deuses; que se recusavam antecipadamente a toda a espécie de negociações e que os parlamentários seriam reenviados com as mãos cortadas.

Depois, Spendius foi deputado a Hippo-Zaryte, a fim de obter víveres, e a cidade tíria nessa mesma tarde lhos enviou. Os bárbaros lançaram-se a eles, avidamente. Depois, quando se sentiram confortados, juntaram rapidamente os restos das suas bagagens e armas, na maior parte quebradas. As mulheres agruparam-se-lhes no centro e, sem a menor atenção pelos feridos, que atrás deles se arrastavam chorando, afastaram-se, tomando pela beira do mar a passos rápidos, como um bando de lobos fugindo.

Marcharam sobre Hippo-Zaryte, decididos a tomá-la, porque necessitavam de uma cidade.

Amílcar, vendo-os de longe, teve um acesso de desespero, apesar do orgulho que sentia em vê-los fugir. Deveria atacá-los sem demora, com tropas frescas. Mais um dia semelhante àquele e ficaria terminada a guerra. Mas se as operações se demorassem, tornar-se-iam eles mais fortes; as cidades tírias juntar-se-lhes-iam.

A sua clemência para com os vencidos fora de todo inútil. Por fim, tomou a resolução de ser inexorável.

Naquela mesma noite, enviou ao Conselho Supremo um dromedário carregado de braceletes tirados aos mortos e, com ameaças terríveis, ordenava que expedissem outro exército.

Em Cartago, havia muito que todos o julgavam perdido; e esta persuasão estava de tal modo arreigada que, ao receberem a notícia da sua vitória, sentiram uma estupefação que era quase terror. O regresso do “zaimph”, vagamente anunciado, completava a maravilha. Assim, os deuses e a força de Cartago pareciam então pertencer ao sufeta.

Nenhum dos seus inimigos arriscou a menor queixa ou recriminação; e pelo entusiasmo de uns e pusilanimidade de outros, achou-se mobilizado um exército de cinco mil homens, antes do prazo marcado.

Este exército dirigiu-se rapidamente para Utica, a fim de apoiar a retaguarda do sufeta, enquanto três mil homens dos mais consideráveis embarcaram em várias galeras, para irem desembarcar em Hippo-Zaryte, donde repeliriam os bárbaros.

Hannon tinha aceitado o comando do exército; mas confiou-o ao seu imediato Magdassan, a fim de poder, pessoalmente, conduzir as tropas de desembarque, e porque não podia já suportar os solavancos da liteira. A sua doença, roendo-lhe os lábios e as ventas, tinha-lhe aberto no rosto um grande buraco. A dez passos de distância via-se-lhe a garganta, e era tal a convicção da sua hediondez, que passou a usar um véu, com que tapava o rosto, como as mulheres.

Hippo-Zaryte não deu atenção às suas intimações, nem tão-pouco às dos bárbaros; mas todas as manhãs os habitantes forneciam a estes últimos grande porção de víveres, que lhes desciam em grandes cestas pelas muralhas; e, gritando do alto das torres, desculpavam-se com as exigências da República, conjurando-os a que se afastassem. Aos cartagineses, que estacionavam no mar, diligenciavam dizer o mesmo por meio de sinais.

Hannon contentava-se em bloquear o porto, sem arriscar um ataque. Contudo, convenceu os juizes de Hippo-Zaryte a receber trezentos soldados. Depois, dirigiu-se para o Cabo das Uvas, e fez um grande rodeio para cercar os bárbaros,

operação intempestiva e até perigosa. A sua inveja impedia-o de socorrer o sufeta; suspendia os seus espiões, transtornava-lhe todos os planos, comprometia sem cessar a empresa.

Por fim, Amílcar escreveu ao Conselho Supremo, exigindo que o desembarçassem de Hannon, que voltou para Cartago, furioso contra a baixeza dos Anciãos e contra a loucura do seu colega. Assim, depois de tantas esperanças, achava-se a situação mais deplorável ainda; mas trataram de não pensar nem falar em semelhante assunto.

Como se não fossem bastantes os infortúnios, chegou a Cartago a notícia de que os mercenários da Sardenha tinham crucificado o seu general, tomado as praças fortes e por toda a parte degolado os homens de raça cananeia. Logo em seguida foi a República ameaçada pelo povo romano de imediatas hostilidades, se não lhe desse mil e duzentos talentos, juntamente com toda a ilha da Sardenha. O Senado romano tinha aceitado a aliança dos bárbaros e expediu-lhes muitas embarcações carregadas de farinhas e carnes secas. Os cartagineses deram-lhes caça e aprisionaram quinhentos homens; mas daí a três dias soçobrou numa terrível tempestade uma frota que vinha de Bisocena, carregada de víveres para Cartago. Evidentemente, os deuses declaravam-se contra a República.

A este tempo, os cidadãos de Hippo-Zaryte, pretextando um alarme, fizeram com que os trezentos homens de Hannon subissem às muralhas. Depois, correndo atrás deles, pegaram-lhes pelas pernas e arremessaram-nos inopinadamente por cima dos parapeitos. Os que não morreram com a queda foram perseguidos até ao mar, onde pereceram todos afogados.

Utica suportava igualmente uma porção de soldados, porque Magdassan tinha feito como Hannon, e, cumprindo as suas ordens, rodeava a cidade, mostrando-se surdo às súplicas de Amílcar. A estes deram vinho com mandrágora, e degolaram-nos depois durante o sono. Ao mesmo tempo chegaram os bárbaros; Magdassan fugiu, as portas abriram-se e, desde então, as duas cidades tírias mostraram arreigada dedicação aos seus novos amigos e inconcebível ódio pelos seus antigos aliados.

Este abandono da causa púnica era um conselho, um exemplo. As esperanças de liberdade reanimaram-se. As populações, vacilantes ainda, puseram de parte a sua hesitação. O abalo tornou-se geral.

O sufeta soube-o e deixou de esperar o menor socorro. Então julgou-se irremediavelmente perdido.

Sem mais demora, mandou retirar Narr'Havas, que devia guardar as fronteiras do seu reino. Quanto a ele, resolveu regressar a Cartago, para aí reorganizar o seu exército e recomeçar a guerra.

Os bárbaros estabelecidos em Hippo-Zaryte avistaram o seu exército quando descia a montanha.

Para onde se dirigiam os cartagineses? A fome apertava-os, decerto; e, aguilhoados pelos seus sofrimentos, iam, apesar da sua fraqueza, dar-lhes batalha. Mas de repente tomaram para a direita: fugiam. Era possível alcançá-los e esmagá-los até ao último homem. Os bárbaros precipitaram-se em sua perseguição.

Os cartagineses tiveram o passo cortado pelo rio, que naquela ocasião ia muito cheio. Uns atravessaram-no a nado, e outros sobre os escudos. Depois prosseguiram a sua marcha. Entretanto anoiteceu. Deixaram de ser vistos.

Os bárbaros não pararam e caminharam mais pela beira do rio para encontrar um ponto mais estreito. Os habitantes de Tunes correram em seu auxílio, arrastando consigo os de Utica. O seu número aumentava a cada passo; e os cartagineses, deitando-se no chão, ouviam, no meio das trevas, o ruído dos seus passos. De distância em distância, Barca mandava disparar para a retaguarda nuvens de flechas para lhes entorpecer a marcha, conseguindo deste modo matar muitos. Quando nasceu o dia estavam nas montanhas de Ariana, num ponto em que o caminho formava um cotovelo.

Então, Matho, que marchava na sua frente, julgou distinguir no horizonte o que quer que era verdejante, ao cimo de uma iminência. Depois, à proporção que o terreno se tornava mais baixo, foram aparecendo os obeliscos, cúpulas e casas: era Cartago. O líbio encostou-se a uma árvore para não cair, tal era o modo por que sentia palpitar o coração.

Lembrava-se de tudo o que se tinha passado na sua existência, desde a última vez que por ali andara. Era uma surpresa infinita o que sentia; um atordoamento. Depois, foi tudo suplantado pela ideia de tornar a ver Salambo. As razões que tinha para detestá-la vieram-lhe novamente à memória, mas repeliu-as apressadamente. Fremente e com os olhos fixos, contemplava, para além de Eschmoun, o elevado terraço de um palácio rodeado de palmeiras. De repente, iluminou-lhe o rosto um sorriso de êxtase, como se nele se houvera refletido alguma brilhante luz; e nisto abriu os braços e murmurou: —

“Vem! Vem!” — e prolongado suspiro se lhe escapou do peito e duas grossas lágrimas lhe correram pelas faces.

— Que te detém? — exclamou Spendius. — Não te demores! A caminho, ou o sufeta nos escapará! Mas os teus joelhos dobram-se e olhas para mim como um homem embriagado! — E, batendo os pés, impaciente, instigava Matho, piscando os olhos, como dando a entender que se achavam próximos de um fim há muito tempo desejado. — Até que chegámos! Não nos escaparão!

E mostrava um ar tão convicto e triunfante, que Matho, surpreendido no meio do seu torpor, sentiu-se arrastado.

Estas palavras chegaram-lhe aos ouvidos no mais forte do seu desespero, impelindo-o à vingança, mostrando um pasto para a sua cólera. Sem mais demora, saltou para cima de um dos seus camelos que iam nas bagagens e tirou-lhe o cabresto; com a comprida corda, começou a fustigar, às mãos ambas, os soldados ronceiros, e não cessava de correr, alternativamente, para a direita e para a esquerda, como um cão de pastor juntando o seu rebanho. Ao som da sua voz estridente, as fileiras cerravam-se cada vez mais; os próprios coxos apressaram o passo; no meio do istmo, diminuiu o intervalo. A frente dos bárbaros caminhava na poeira levantada pelos cartagineses. Os dois exércitos aproximavam-se cada vez mais, tocavam-se quase. Mas a porta de Malqua, a porta de Tagaste e a grande de Khamon abriram os seus batentes. As forças púnicas dividiram-se em três colunas e começaram a desaparecer como turbilhões debaixo dos elevados corredores. Dentro em pouco, a massa, demasiadamente cerrada sobre si mesma, a custo avançava; as lanças erguidas cruzavam-se umas sobre as outras e as flechas dos bárbaros quebravam-se de encontro às muralhas.

No limiar da porta de Khamon, os bárbaros avistaram Amílcar, o qual, voltando-se de repente para trás, gritou aos seus soldados que se afastassem. Ato contínuo, apeou-se do seu cavalo e, com a espada que tinha na mão, picou-o na garupa e soltou-o sobre os bárbaros.

Era um garanhão oringe, sustentado com bolinhas de farinha, e que dobrava os joelhos para que o seu dono o montasse. Por que razão o impeliria ele para os bárbaros? Seria um sacrifício?

O formidável cavalo galopava por entre as lanças, derrubava os soldados e, embaraçadas as patas nas suas entranhas, caía e tornava a levantar-se, dando saltos furiosos; e, enquanto os bárbaros se afastavam, tentavam segurá-lo ou olhavam para ele pasmados, os cartagineses acabaram de transpor as portas, que imediatamente se fecharam, produzindo enorme estampido.

Os bárbaros esbarraram nelas; e, durante alguns minutos, em toda a espessura do exército operou-se uma oscilação que, partindo das primeiras filas, foi enfraquecendo, pouco a pouco, até às últimas, onde enfim, cessou.

Os cartagineses tinham postado soldados sobre o aqueduto, donde começaram a arremessar sobre os bárbaros pedras, barras de ferro e traves.

Spendius fez ver que era inútil a obstinação. Pouco depois, foram acampar a certa distância, resolvidos a porem cerco a Cartago.

Entretanto, a notícia da guerra tinha ultrapassado os confins do império púnico; e, desde as colunas de Hércules até para além de Cirene, sonhavam nela os pastores guardando os seus rebanhos; e durante a noite era o assunto das conversações das caravanas, à claridade das estrelas.

Aquela grande Cartago, dominadora dos mares, esplêndida como o Sol e assustadora como um deus, achava homens que ousavam atacá-la. Mais de uma vez tinha havido quem afirmasse a sua queda; e todos tinham acreditado nela, porque todos a desejavam: as populações submetidas, as aldeias tributárias, as províncias aliadas, as hordas independentes, os que a detestavam pela sua tirania e os que lhe cobijavam a riquezas. Os mais bravos tinham-se juntado, sem hesitação, aos mercenários; a derrota do Macar tinha feito parar todos os outros. Por fim, animados por nova confiança, tinham avançado pouco a pouco, aproximando-se. De sorte que os homens das regiões orientais achavam-se de atalaia nas dunas de Clipeia, além do golfo, donde se mostraram apenas avistaram os bárbaros.

Não eram os líbios dos arredores de Cartago — esses compunham, havia muito, o terceiro exército —, mas sim nómadas da planura de Barca, bandidos do Cabo Fiscos e do promontório de Derné; os de Fazânia e da Marmárica. Atravessaram todos o deserto, bebendo nos poços salobros, feitos com ossadas de camelos: os zuaeces, cobertos com penas

de avestruz, tinham vindo em quadrigas; os garamantes, mascarados com véus pretos, assentados nas suas éguas pintadas; outros em jumentos, em onagros, em zebras ou em búfalos. Alguns traziam após si, juntamente com suas famílias e ídolos, o teto da sua cabana, com a forma de uma chalupa. Havia entre eles amonianos, com os braços encarquilhados pelas águas quentes das fontes; Atarantas, que amaldiçoavam o Sol; trogloditas, que sepultavam, rindo, os seus mortos debaixo de ramos de árvores; os hediondos Auseanos, que comiam gafanhotos; os Aquirmaquidas, que comiam piolhos, e os Gisantos, com os corpos pintados de vermelhão e que comiam macacos.

Tinham formado todos, uma extensa linha, à beira do mar. Depois avançaram como turbilhões de areia levantada pelo vento. No meio do istmo, como os mercenários estavam acampados na sua frente, próximos das muralhas, e não queriam mudar de posição, pararam.

Pouco depois, do lado da Ariana, apareceram os homens do Ocidente, o povo nómida. Com efeito, Narr'Havas não governava senão os Massilianos; e demais, como um velho costume lhe permitia, depois dos reveses, abandonar o rei, tinham-se juntado próximo do Zaire, e, ao primeiro movimento de Amílcar, tinham-no atravessado. Na frente iam os caçadores de Malethut-Baal e de Garafos, vestidos com peles de leão e tocando com as hastes dos seus chuços uns cavalos muito pequenos, mas de crinas muito compridas; depois, seguiam-se os Getúlios, com as suas couraças de peles de serpente; depois, os Farusianos, levando na cabeça elevadas coroas feitas de cera e resina; e os Canes, os Mácaros, os Tilabaros, armados de dardos e de escudos circulares feitos de couro de hipopótamo.

Na base das catacumbas, à beira da lagoa, pararam.

Quando os líbios mudaram de lugar, avistou-se no sítio que eles ocupavam, e como uma nuvem ao rés do solo, a multidão dos Negros. Estes negros tinham vindo de Harousch branco, do Harousch preto, do deserto de Augilas e até do grande território de Agazimba, situado ao sul dos Garamantes. Na distância de quatro ou mais meses de jornada. Apesar dos seus adornos de madeira vermelha, a porcaria, que lhe formava escamas sobre a negra pele, fazia-os assemelhar-se a amoras que por muito tempo houvessem rojado pelo pó. Tinham uma espécie de calções de fios de piteira e túnicas de ervas secas; na cabeça, focinhos de animais bravios, e, uivando como lobos, agitavam uns triângulos guarnecidos de anéis e brandiam uns paus, em cujos extremos tinham presos rabos de vacas, à maneira de estandartes.

Atrás dos Númidas, dos Maurusianos e dos Getúlios agrupavam-se os homens amarelos espalhados além de Taggir, nas florestas de cedros. Traziam às costas aljavas de pele de gato e conduziam atrelados enormes cães, tão altos como jumentos e que não ladravam.

Enfim, como se a África não se tivesse suficientemente despovoado, e que, para amontoar mais furores, houvesse sido necessário recorrer às raças mais baixas, viam-se, atrás de todos os outros, homens com perfis de animais e rindo com um riso de idiotas — miseráveis, transtornados por doenças hediondas, pigmeus disformes, mulatos de sexo duvidoso e albinos cujos olhos não podiam suportar os raios do Sol; todos balbuciando sons ininteligíveis e pondo um dedo na boca para dizerem que tinham fome.

A confusão das armas não era menor que a dos vestidos e dos povos. Não havia uma invenção de morte que não se achasse ali, desde os punhais de madeira, os machados de pedra e os tridentes de marfim até às compridas espadas, dentadas como serras, delgadas e feitas de uma lâmina de cobre, que se dobrava à mais pequena resistência. Empunhavam cutelos, que se bifurcavam em muitos ramos, semelhantes aos chavelhos dos antílopes, arpões presos no extremo de cordas, triângulos, maçãs e barras de ferro. Os etíopes do Bambotus ocultavam nos cabelos pequeninos dardos envenenados. Muitos traziam sacos cheios de calhaus; e outros, enfim, sem armas de espécie alguma, demonstravam o seu furor rangendo os dentes.

Esta imensa multidão agitava-se como contínua mareta. Os dromedários, todos untados de alcatrão, derrubavam as mulheres, que conduziam os filhos sobre os quadris. As alcofas em que iam os comestíveis entornavam-se e todos pisavam grandes pedaços de sal, pacotes de goma, tâmaras podres e nozes de cola; e muitas vezes, sobre peitos cobertos de piolhos, pendiam um diamante digno de sátrapas ou alguma pedra quase fabulosa e que seria suficiente para comprar um império. Mas a maior parte daqueles homens nem sabia o que desejava.

Eram impelidos por uma certa fascinação, sentiam-se arrastados pela curiosidade. Os nómadas, que nunca tinham visto uma cidade, sentiam-se assustados pelas sombras das muralhas.

O istmo estava coberto por grande número de homens, e a extensa superfície, onde as tendas pareciam cabanas no meio de uma inundação, estendia-se até às primeiras linhas dos outros bárbaros, todos cobertos de ferro e simetricamente dispostos nos dois flancos do aqueduto.

Os cartagineses não tinham serenado ainda o susto da sua entrada na cidade, quando avistaram, vindos direitos a eles, como monstros e como edifícios, com seus mastros, seus braços, suas cordas e articulações, seus capitéis e coberturas, as máquinas de cerco, enviadas pelas cidades tírias: sessenta carrobalistas, oitenta onagros, trinta escorpiões, cinquenta tolenones, doze aríetes e três agigantadas catapultas, que arremessavam pedaços de rocha do peso de quinze talentos. Estas máquinas eram impelidas por grande massas de homens, que as empurravam pelas bases. Deste modo foram conduzidas até à frente das muralhas.

Mas eram precisos ainda muitos dias para concluírem os preparativos do cerco. Os mercenários, instruídos pelas derrotas que haviam sofrido, não queriam arriscar-se a conflitos inúteis; e, tanto de uma como da outra parte, não tinham a menor pressa, sabendo que seria terrível a ação que ia começar e que dela resultaria ou uma vitória ou um aniquilamento completo.

Cartago podia resistir por muito tempo; as suas longas muralhas apresentavam longa série de ângulos reentrantes e salientes, disposição esta muito vantajosa para repelir os assaltos.

Contudo, do lado das catacumbas, havia uma porção de muralha desmoronada; e nas noites escuras, por entre as pedras desunidas, avistavam-se luzes nas pocilgas de Malqua. Estas pocilgas dominavam em certo ponto a altura das trincheiras. Era ali que viviam, com os seus novos esposos, as mulheres dos mercenários expulsas por Matho. As mulheres, tornando a ver os seus antigos companheiros, não puderam mais conter-se. Faziam-lhes de longe sinais, com fachos; depois, vinham, abrigadas pelas trevas, conversar com os soldados pelas fendas das muralhas, até que numa manhã recebeu o Conselho Supremo participação de que tinham fugido todas. Umhas tinham passado por entre as pedras; outras, as mais intrépidas, tinham descido por meio das cordas.

Spendius resolveu-se, enfim, a executar o seu projeto.

Afastado até ali pela guerra, não pudera nunca realizá-lo; e depois, achando-se novamente na frente de Cartago, parecia-lhe que todos os habitantes lhe descobriam o segredo da sua empresa. Os cartagineses em breve diminuiriam o número de sentinelas do aqueduto. Não lhes sobravam os soldados para a defesa das muralhas.

O antigo escravo exercitou-se durante muitos dias a atirar flechas aos fenicópteros do lago. Depois, numa noite em que havia luar, pediu a Matho que acendesse uma grande fogueira de palha, ao passo que todos os seus soldados soltariam altos gritos; e, levando consigo Zarxas, tomou a direção de Tunes, pela beira do golfo.

Na altura dos últimos arcos, voltaram de repente direitos ao aqueduto; o local era descoberto; avançaram de rastos até à base dos pilares. As sentinelas da plataforma passeavam tranquilamente.

De repente, avistaram-se formidáveis chamas; ouviu-se o som dos clarins, e os soldados das vedetas, julgando que seria um assalto, precipitaram-se para o lado de Cartago.

Só um homem tinha ficado; o seu vulto negro destacava-se no fundo do céu. O luar dava-lhe pelas costas e a sua sombra, desmedidamente prolongada, projetava na planície como que um obelisco móvel.

Spendius e Zarxas esperaram que ele se achasse colocado bem na sua frente. Zarxas pegou na funda, mas Spendius, por prudência ou ferocidade, deteve-o, dizendo:

— Não! A bala causaria ruído!

Ato contínuo, retesou o arco com todas as suas forças, apoiando-o pela parte inferior no artelho do pé esquerdo, firmou a pontaria e a flecha partiu.

O homem não caiu; desapareceu.

— Se só ficasse ferido, ouvi-lo-íamos — disse Spendius; e subiu rapidamente de andar em andar, como já tinha feito uma vez, ajudando-se com uma corda e um arpão. Quando chegou lá acima, junto ao cadáver, deixou cair o extremo da corda. O balear amarrou-lhe um chuço e um maço e retirou-se.

As trombetas tinham cessado de soar. Tudo estava tranquilo. Spendius tinha já levantado uma laje, entrando na água e tornando logo a fechá-la sobre si.

Calculando a distância pelo número dos passos, chegou exatamente ao sítio onde tinha notado uma fenda oblíqua; e durante três horas, até amanhecer, trabalhou sem descanso, furiosamente, respirando apenas pelos interstícios das lajes superiores, assaltado por terríveis agonias e tendo-se julgado vinte vezes perto da morte.

Por fim, ouviu-se um estrondo extraordinário; uma pedra enorme, saltando de ricochete sobre os arcos inferiores, foi rolando até ao solo e, de repente, uma catarata, um rio inteiro, que parecia vir do céu, se despejou na planície. O aqueduto, cortado pelo meio, vazou todo o seu líquido.

Era a morte de Cartago e a vitória para os bárbaros.

Os cartagineses, num momento despertos, acumularam-se sobre as muralhas, sobre os terraços, sobre os templos. Os bárbaros corriam todos na mesma direção, soltando altos gritos; dançavam delirantemente em volta de uma queda d'água e, na extravagância da sua alegria, comprimiam-se e acotovelavam-se para molhar nela a cabeça.

Então, a turbamulta avistou no alto do aqueduto um homem com uma túnica parda despedaçada. Com as duas mãos nos quadris, olhava para baixo, como admirado da sua obra.

Depois percorreu todo o horizonte com um olhar soberbo, que parecia dizer: “Agora tudo isto é meu!” Os aplausos dos bárbaros romperam frenéticos e os cartagineses, compreendendo enfim o seu desastre, começaram a rugir de cólera. Então Spendius, porque era ele, começou a correr de um para o outro extremo da plataforma, e, desvairado de orgulho, abriu os braços, como um condutor de carro triunfante nos jogos olímpicos.

XIII — MOLOCH

Os bárbaros não necessitavam de trincheiras do lado da África, que lhe pertencia. Mas, para tornar mais fácil a aproximação das muralhas, demoliram a trincheira que orlava o fosso.

Matho dividiu, depois disto, o exército em grandes semicírculos, de modo a envolver mais prontamente a cidade. Os hoplitas dos mercenários foram postados na frente; atrás deles os fundibulários e os cavaleiros a pé; na retaguarda de toda a força as bagagens, os carros e os cavalos; aquém desta multidão, a trezentos passos das torres, erguiam-se, medonhas, as máquinas.

Apesar da infinita variedade das suas denominações (que foram muitas vezes alteradas no decurso dos séculos), podiam resumir-se a dois sistemas, umas funcionando como fundas, outras como arcos.

As primeiras, as catapultas, compunham-se de um caixilho quadrado, com duas ombreiras verticais e uma barra horizontal. Na sua parte anterior tinham um cilindro, guarnecido de cabos, o qual segurava um grosso timão em que havia uma colher para receber os projecteis; o extremo deste timão era seguro por muitas cordas; quando se largavam das cordas, o timão ia bater de encontro à barra horizontal, a qual, parando-lhe inopinamente a pancada, lhe multiplicava o vigor.

O mecanismo das segundas era mais complicado.

Sobre uma pequena coluna, era fixa pelo meio uma travessa, na qual terminava em ângulo reto, uma espécie de calha; nas extremidades da travessa elevavam-se dois capitéis, em que estavam enrolados uns cabos de crinas; destes dois capitéis partiam duas vigas, a que se prendiam os extremos de uma corda, que, chegando à base da calha, abraçava uma grossa lâmina de bronze. Movia-se por meio de uma mola e, escorregando por uns entalhes, impelia flechas.

As catapultas tinham também a denominação de onagros, em virtude de os asnos selvagens arrojarem, com as patas, pedras a grande distância; assim como chamavam escorpiões às balistas, por causa de um gancho que tinham sobre a prancha metálica, e que, abaixando-se com um soco, soltava a mola que produzia o tiro.

A construção destas máquinas exigia muitos cálculos; as madeiras deviam ser das mais espessas, as engrenagens, todas de bronze; eram armadas por meio de alavancas, de talhas, de cabrestantes ou de enormes tambores. Para a variação do tiro, giravam em fortes eixos; para caminhar, rodavam sobre cilindros; e as mais consideráveis só eram armadas em frente do inimigo.

Spendius assentou as três grandes catapultas contra os três ângulos principais; na frente de cada porta colocou um aríete, diante de cada torre, uma balista; os carrobalistas deviam circular pela parte de trás. Mas era preciso garanti-las contra o fogo dos assediados e entulhar, primeiro que tudo, o fosso que as separava das muralhas.

Fizeram avançar para esses fossos uma espécie de andaimes de juncos verdes, sustidos por pranchas de carvalho e semelhantes a enormes escudos, girando sobre três rodas. Sobre estes andaimes, havia pequenas cabanas cobertas de peles frescas e como que estofadas com espessa camada de limos, nas quais se abrigavam os trabalhadores; ao passo que as catapultas e as balistas foram defendidas por grandes redes de cordas, antecipadamente embebidas em vinagre, para se tornarem incombustíveis. As mulheres e as crianças eram empregadas em irem à praia buscar calhaus e em juntar terra com as mãos, para a levarem aos soldados que trabalhavam na faxina.

Os cartagineses, pela sua parte, não se descuidavam. Amílcar tinha-os prontamente tranquilizado, assegurando-lhes que havia água nas cisternas para cento e vinte e três dias. Esta afirmativa, a sua presença no meio deles e, sobretudo, a posse do “zaimph” alimentou-lhes novamente a esperança. Carcago restabeleceu-se do abatimento em que se achava; aqueles dos seus habitantes que não eram de raça cananea foram arrastados pela paixão dos outros.

Armaram os escravos e despejaram os arsenais. Os cidadãos tiveram todos o seu posto e o seu emprego. Mil e duzentos dos trânsfugas, que tinham sobrevivido, foram nomeados capitães pelo sufeta, e os carpinteiros, armeiros, forjadores e ourives foram todos empregados no trabalho das máquinas. Os cartagineses, apesar das condições de paz romanas, tinham conservado

algumas, que foram, sem demora, consertadas por aqueles operários, que eram mais ou menos entendidos naquele género de obras.

Os dois lados, setentrional e oriental, defendidos pelo mar e pelo golfo eram inacessíveis. Sobre a muralha que fazia frente aos bárbaros, colocaram muitos troncos de árvores, mós de moinho, vasos cheios de enxofre e dornas de azeite, e, a par de tudo isto, construíram grandes fornalhas. Nas plataformas das torres, acumularam prodigiosa quantidade de pedras; e as casas, imediatamente contíguas às trincheiras, foram entulhadas com areia, para assim se tornarem mais fortes, aumentando-lhes a espessura.

A irritação dos bárbaros, presenciando todas aquelas disposições, não conheceu limites. Quiseram começar desde logo o combate; mas o peso que puseram nas catapultas foi de tal modo exorbitante que quebrou os timões e atrasou o ataque.

Por fim, ao nascer do Sol de décimo terceiro dia do mês de Schabar, a porta de Khamon suportou extraordinária pancada.

Setenta e cinco soldados puxaram as cordas presas ao extremo de uma agigantada viga, pendurada horizontalmente por correntes de ferro numa espécie de forca e terminada no extremo oposto por uma cabeça de carneiro, toda de bronze. A viga tinha sido percintada com couros de boi, presos com braçadeiras de ferro, colocadas de espaço a espaço; a sua grossura era três vezes superior à do corpo de um homem e tinha cento e vinte palmos de comprimento. Posta em movimento por aquela multidão de braços nus, avançava e recuava com uma oscilação muito regular.

Os outros aríetes, que estavam colocados na frente das portas restantes, começaram a mover-se. Nas rodas ocas dos tambores, viam-se homens subindo sem cessar, de degrau em degrau, como ainda hoje sucede em alguns guindastes de madeira, muito antigos. As roldanas e os cadernais rangeram, as redes de corda caíram e deram passagem ao mesmo tempo a nuvens de pedras e de flechas; todos os fundibulários que se achavam espalhados se reuniram. Alguns aproximaram-se das trincheiras, ocultando debaixo dos escudos vasos de resina inflamada, que arremessavam para elas à força de braços. Aquela saraivada de pedras, de dardos e de fogos passava por cima das primeiras filas, e descrevendo uma curva, caía além das muralhas. Mas sobre elas começaram a erguer-se grandes cábreas de desmastrear navios, das quais desceram outras tantas daquelas pinças enormes que terminavam por dois semicírculos, dentados interiormente, e que, sem muito trabalho, mordiam os aríetes. Os soldados, pendurando-se no extremo das vigas, puxavam-nos para trás; os cartagineses elavam-nos para cima, e deste modo prolongou-se a luta até à noite.

Quando os bárbaros, no dia seguinte, continuaram a sua tarefa, viram o cimo das muralhas inteiramente coberto de fardos de algodão, de peças de diferentes tecidos e de grande número de almofadas; as ameias estavam tapadas com esteiras; e sobre as trincheiras, entre as cábreas, viam-se alinhados inúmeros forcados e cutelos, encavados em compridos paus. Assim, tornou-se furiosa a resistência.

Enormes troncos de árvores, seguros por grossas cordas, caíam sobre os aríetes e tornavam imediatamente a subir para as muralhas; arpéus arremessados por balistas arrancavam os tetos das cabanas e, das plataformas das torres, corriam verdadeiras torrentes de pedras e de entulho.

Por fim, os aríetes arrombaram as portas de Khamon e de Tagaste, mas os cartagineses tinham amontoado atrás delas uma tal quantidade de materiais que não deixavam abrir os batentes e os conservavam em pé.

Então, começaram a avançar contra as muralhas grandes trados, os quais, penetrando nas juntas das pedras, deviam deslocá-las. As máquinas foram então mais prudentemente governadas, sendo os seus serventes divididos por esquadras; de sorte que funcionaram desde manhã até à noite, sem interrupção e com a monótona exatidão de um tear.

Spendius não se fustigava em vigiar a eficácia dos esforços empregados por elas. Era ele próprio quem dispunha as cordas que determinavam os tiros das balistas. Para que houvesse em suas tensões identidade completa, retesavam-lhes as cordas, batendo alternativamente nas da direita e nas da esquerda, até ao momento em que ambos os lados produziam um som igual. Spendius trepava-lhe ao arcabouço e, com a ponta do pé, tocava-as brandamente e aplicava o ouvido, como um músico afinando uma lira. Depois, quando o timão da catapulta se erguia, quando a coluna da balista estremecia com o repelão dado

pela mola e as pedras eram arremessadas como raios e os dardos corriam como nuvens, inclinava todo o corpo para diante e estendia os braços, como que para os seguir.

Os soldados, admirados da sua destreza, obedeciam-lhe cegamente. Trabalhavam tão alegremente, que não cessavam de gracejar acerca dos nomes das máquinas. Assim, como às tenazes de prender os aríetes, chamavam *lobos*, às galerias cobertas, *latadas*; se eram cordeiros, *iam fazer a vindima*; e, armando as peças dos ornagros, diziam: “Vamos, escoiceia!”, e aos escorpiões: “Atravessa-os até ao coração”. Estas facécias, sempre as mesmas, alimentavam-lhes a coragem.

Contudo, as máquinas não conseguiam demolir a trincheira, que era formada por dois parapeitos, cujo intervalo era preenchido com terra; o mais que o conseguiam era esboroá-lo no cimo. Mas os assediados reparavam-nas incessantemente.

Matho ordenou a construção de torres de madeira que fossem tão altas como as torres de pedra. No fosso lançaram mato, estacas, pedras e até carros, para mais rapidamente ser entulhado; e, antes de o estar, ondulou na planície, com um só movimento, a multidão dos bárbaros, e precipitou-se até à base das muralhas, como um mar que tivesse trasbordado.

Lançaram à muralha escadas de corda e de madeira e sambucos, isto é, dois mastros, dos quais descia, por meio de talhas, uma espécie de bambus, que terminavam num ponto móvel. Estas diversas escadas formavam extensa linha encostada à muralha, e os mercenários, subindo enfileirados e de armas em punho, passaram dois terços da trincheira sem lobrigarem um só cartaginês. De repente, abriram-se as ameias e vomitaram, como goelas de dragão, fogo e fumo; a areia introduzia-se pelas juntas das armaduras dos assaltantes; o petróleo pegava-se-lhes às vestes; o chumbo derretido ressaltava sobre os capacetes e abria fundos buracos nas carnes. Uma prodigiosa chuva de fagulhas salpicava os rostos e muitas órbitas sem olhos pareciam chorar lágrimas, volumosas como amêndoas. Muitos soldados., todos amarelados pelo óleo, sentiam, desesperados, arder-lhes os cabelos; deitavam a correr e inflamavam aqueles por quem passavam. Por fim, apagavam-lhes o fogo que os perseguia, atirando-lhes de longe com mantos ensopados em sangue. Alguns, que não estavam feridos, permaneciam imóveis, hirtos como estacas, com os braços estendidos e boquiabertos.

O assalto continuou durante muitos dias seguidos, sem que os mercenários perdessem a esperança de triunfar por um excesso de força e de audácia.

De espaço a espaço, um homem trepado aos ombros de outro cravava um arpão entre as pedras; depois servia-se dele como que um degrau, para subir a maior altura; cravava, do mesmo modo, segundo e terceiro; e, protegido pelo rebordo das ameias, ia-se elevando, pouco a pouco; mas sempre que chegava a certa altura, caía. O fosso trasbordava de cadáveres; sob os pés dos vivos estavam amontoados em confusão feridos, mortos e moribundos. No meio das entranhas abertas, dos cérebros esmagados e dos charcos de sangue, faziam como que umas nódoas negras os troncos calcinados; e dos montões de corpos viam-se sair, hirtos, braços e pernas, como estacas de um vinhedo incendiado. Como as estacas eram insuficientes empregaram os tolenones, instrumentos compostos de uma comprida viga colocada transversalmente sobre outra e sustendo na extremidade um cesto quadrangular, em que se acomodavam trinta soldados com as suas armas.

Matho quis subir no primeiro que se achou pronto, Spendius deteve-o.

Muitos se curvaram sobre um molinete; a grande viga ergueu-se, tomou-se horizontal, levantou-se quase verticalmente, e, em demasia carregada no extremo, vergava como um enorme junco. Os soldados, ocultos até aos queixos, quase não deixavam ver mais que as plumas dos capacetes. Enfim, quando o extremo da vigia atingiu a altura de uns cinquenta côvados, operou um repetido e rápido movimento da direita para a esquerda, abaixando-se depois; e como um braço de gigante que levasse na mão uma coorte de pigmeus, depôs sobre a muralha o seu imenso cesto cheio de homens, que saltaram para o meio da multidão e não mais se viram. Todos os seus tolenones se acharam rapidamente preparados; mas seriam necessários cem vezes mais para tomarem a cidade. Foram, contudo, aproveitados, de um modo muito mortífero; os archeiros colocavam-se nos cestos, os quais, suspensos no ar, lhes permitiam incessantes descargas de flechas envenenadas. Os cinquenta tolenones, dominando as ameias, circundavam Cartago como monstruosos abutres; e os negros que os guarneciam, vendo as convulsões atrozes com que os guardas morriam nas trincheiras, soltavam risadas ferozes.

Amílcar mandou para a muralha hoplitas, aos quais fazia beber todas as manhãs o suco de certas plantas, que tinha a

virtude de preservá-los do veneno.

Uma noite, bastante escura, o sufeta embarcou os melhores dos seus soldados em baterias e jangadas e, voltando à direita do porto, foi desembarcar na Ténia.

Depois, avançando até às primeiras linhas dos bárbaros, atacou-os pelo flanco e fez neles medonha carnificina. Durante a noite, desciam da muralha, presos a cordas, muitos homens munidos de fochos, que incendiavam as obras dos mercenários e eram logo içados para a trincheira.

Matho estava encarniçado; a sua cólera exacerbava-se com os obstáculos; chegava a recorrer a coisas terríveis e extravagantes. Convocou mentalmente Salambo para uma entrevista; depois, esperou. Salambo não lhe apareceu. Este procedimento pareceu-lhe uma nova traição. Daí em diante passou a detestá-la; se visse o seu cadáver, retirar-se-ia decerto. Duplicou os postos avançados, arvorou grande número de forcados na base da trincheira, cobriu a terra de abrolhos e ordenou aos líbios que lhe trouxessem uma floresta inteira para lançar fogo a Cartago, como a um covil de raposas.

Spendius obstinava-se em prolongar o cerco e não tratava senão de inventar máquinas espantosas, como nunca tinham sido construídas.

Os outros bárbaros, acampados ao longe, no istmo, não podiam compreender tão prolongada demora; os seus murmúrios tornaram-se tão repetidos que, por fim, largaram-nos contra o inimigo. Então, precipitaram-se para as portas da cidade, com os seus cutelos e dardos; mas como a nudez de seus corpos facilitava os ferimentos, os cartagineses fizeram neles espantosa matança, o que não deixou de agradar aos mercenários, sem dúvida pela inveja que antecipadamente os ralava da parte que teriam um saque. Resultou disto disputas e combates entre eles. Depois, devastados os campos, em breve começaram a disputar-se os víveres. Pouco a pouco, foi-os invadindo o desânimo. Começaram a retirar-se numerosas hordas; mas a multidão era tão extraordinária que não se sentia a falta.

Os mais atrevidos tentaram abrir minas; o terreno, mal sustido, desabou. Recomeçaram noutros lugares; mas Amílcar adivinhava-lhes sempre a direção, aplicando o ouvido a um escudo em contacto com o solo. Abriu contraminas sob o caminho que as torres deviam percorrer; quando os bárbaros se puseram em movimento, enterraram-se em fundas escavações subterrâneas.

Enfim, todos reconheceram ser inexpugnável a cidade enquanto não elevassem à altura das muralhas um comprido terraço, que permitisse o combate no mesmo nível; sobre esse terraço seriam assentes as máquinas. Então seria impossível a Cartago resistir por mais tempo.

A sede começou a oprimir a cidade. A água, que no princípio do cerco valia dois kesitah cada bat, vendia-se então por um shekel de prata; os depósitos de trigo e de carne iam-se também acabando; temia-se a fome; e havia já quem falasse em bocas inúteis, o que assustava toda a gente.

Desde a praça de Khamon até ao templo de Melkarth as ruas estavam atulhadas de cadáveres; e como era o fim do verão, enormes moscas negras perseguiam sem cessar os combatentes. Os velhos transportavam de um para outro lado os feridos e a gente devota continuava os funerais simulados dos seus parentes e amigos, mortos nos diferentes lugares devastados pela guerra. Nos limiares das portas viam-se grandes estátuas de cera, com cabelos e vestidos, as quais se fundiam ao calor dos fochos que ardiam junto delas; as tintas com que eram pintadas corriam-lhe sobre os ombros, e abundantes lágrimas sulcavam as faces dos vivos, que, a seu lado, salmodiavam cânticos lúgubres. Durante este tempo, precipitava-se a multidão de um para o outro lado; os bandos armados percorriam as ruas; os capitães não cessavam de dar ordens; e, no meio de tudo isto, não deixavam de se ouvir os aríetes batendo na trincheira.

A temperatura tornou-se tão pesada que os corpos, inchando demasiadamente, não cabiam nos ataúdes. Por este motivo, tomaram o expediente de os queimarem no meio dos pátios. Mas as fogueiras, feitas em espaços muito limitados, comunicaram as chamas às paredes vizinhas, de sorte que das casas saíam medonhas labaredas, como sangue correndo de uma artéria.

Assim, era Moloch quem se apoderara de Cartago: pesava sobre as trincheiras, girava pelas ruas, devorava até os cadáveres.

Muitos homens, cobertos com mantos, como sinal de desespero, feitos de farrapos apanhados pelas ruas, colocavam-se nas encruzilhadas e ali declamavam contra os Anciãos e contra Amílcar, prediziam ao povo uma ruína completa e excitavam-no a que destruísse tudo, provando-lhe que tudo era permitido. Os mais perigosos eram os bebedores de meimendo, os quais, no meio das suas crises, se julgavam feras e saltavam sobre os transeuntes, despedaçando-os. O povo agrupava-se à roda deles e esquecia-se da defesa de Cartago. O sufeta, para sustentar a sua política, imaginou assoldadar daqueles homens para o seu serviço.

A fim de segurar e deter na cidade o génio dos deuses, tinham carregado de grillhões os seus simulacros. Lançaram véus pretos sobre os Pateques e cingiram os altares com cilícios. Depois diligenciaram excitar o ciúme dos Baais, dizendo-lhes aos ouvidos: “Deixas-te vencer porque os outros são, talvez, mais fortes! Mostra-te, ajuda-nos, para que os povos não digam: Onde estão os teus deuses?” Nos colégios dos pontífices era permanente a agitação. Os da Rabetna, sobretudo, tremiam de medo; a recuperação do “zaimph” de nada servira. Permaneciam encerrados no terceiro recinto, inexpugnável como uma fortaleza. Só um deles se arriscava a sair: era o supremo sacerdote Schahabarim.

Dirigia-se ao aposento de Salambo; mas ali permanecia silencioso, contemplando-a com olhar fixo, ou então prodigalizava-lhe palavras de exprobração, mais ásperas que nunca. Por uma inconcebível contradição, não perdoava à jovem o ter executado as suas ordens — Schahabarim adivinhara tudo — e esta ideia avivava-lhe os furores da sua impotência. Acusava-a de ser a causa da guerra. Matho, no seu dizer, não cercava Cartago senão para readquirir o “zaimph”; e vomitava intermináveis imprecações contra o bárbaro, que pretendia possuir as coisas santas. Contudo, não era isto o que o sacerdote queria dizer.

Mas Salambo já não sentia então por ele o menor terror. As aflições, que outrora a oprimiam, tinham-na abandonado, sendo substituídas por singular tranquilidade.

No seu olhar, menos errante, brilhava uma chama límpida.

Entretanto, o Pitão tornara a adoecer; e, como Salambo, parecia, pelo contrário, restabelecer-se, a velha Taanach sentia grande alegria, convencida de que a serpente se definhava por ter tomado a si o enfraquecimento da sua dona.

Numa manhã achou-se atrás do leito de correias, toda enrolada sobre si mesma, mais fria que mármore e com a cabeça coberta de vermes. Aos gritos da escrava, acudiu Salambo, que começou voltando a serpente de um lado para o outro com a ponta da sandália, deixando a sua velha ama espantada diante de tão grande insensibilidade.

A filha de Amílcar já não prolongava os seus jejuns com tanto fervor. Passava dias inteiros no seu terraço, encostada à balaustrada, divertindo-se em ver o que se passava ao longe. O cimo das muralhas, no extremo da cidade, parecia recortado no céu em ziguezagues desiguais, nos quais as lanças das sentinelas figuravam como que uma franja de espinhos. Além das muralhas, ela via, por entre as torres, as manobras dos bárbaros; e nos dias em que o ataque se interrompia chegava até distinguir os diversos trabalhos em que se ocupavam.

Uns reparavam as suas armaduras, outros engorduravam abundantemente os cabelos ou lavavam no mar os braços ensangüentados; as tendas estavam fechadas; as bestas de carga pastavam raras ervinhas e, ao longe, as foices com que eram armados os carros dispostos todos em semicírculo formavam como que um alfinete de prata, deitado no chão, na base dos montes. Então, ocorriam à sua memória as falas de Schahabarim. Chamava intimamente o seu noivo Narr'Havas. Mas desejava, apesar do ódio que lhe tinha, tornar a ver Matho. Em toda a cidade de Cartago era ela, talvez, a única pessoa que lhe teria falado sem receio.

Muitas vezes, seu pai dirigia-se ao seu aposento, e, assentando-se arquejante sobre almofadas, contemplava-a com ar quase enternecido, como se achasse, assim, alívio para as suas fadigas. Todavia, interrogava-a por vezes acerca da sua viagem ao acampamento dos mercenários. Perguntava-lhe até se tinha havido alguém que a impelisse a dar aquele passo; mas Salambo respondia sempre com um gesto negativo, tão altiva se sentia por ter salvo o “zaimph”. Mas o sufeta, sob pretexto de obter informações militares, voltava sempre a falar de Matho. Não compreendia o modo por que sua filha tinha empregado as horas passadas na tenda. Com efeito, Salambo não falava em Giscon, por isso que, tendo as palavras por si mesmas um poder

efetivo, podiam as maldições lançadas sobre uma pessoa cair sobre outra. Calava-se também sobre o desejo de assassinio que a tinha assaltado, temendo ser censurada por não ter cedido a ele. Dizia que o schalischim lhe tinha parecido furioso e que havia vociferado muito, adormecendo logo a seguir. Salambo não contava mais nada, talvez por vergonha ou, então, por um excesso de candura, que a impelia a não dar importância aos beijos do soldado. Tudo isto, no fim de contas, lhe flutuava no cérebro de um modo melancólico e nubloso, como a recordação de um sonho fatigante; não sabia de que modo poderia explicar o que sentia.

Uma noite em que assim estavam em face um do outro, apresentou-se-lhe Taanach, em cuja fisionomia se liam todos os indícios do susto, e anunciou que estava num dos pátios um velho com uma criança, o qual desejava falar ao sufeta.

Amílcar empalideceu, mas respondeu logo, com vivacidade:

— Manda-o subir!

Pouco depois, entrou Iddibal e não se prostrou. Conduzia pela mão um rapazinho coberto com um manto de pele de bode; apenas chegou junto do sufeta, ergueu o capuz que lhe ocultava o rosto, dizendo:

— Aqui o tens, senhor! Entrego-te!

Então, o sufeta afastou-se com o escravo para um canto do quarto.

A criança ficou em pé, no meio do vasto recinto, e, com olhar mais investigador do que admirado, começou a examinar o teto, os móveis, os colares de pérolas espalhados sobre as almofadas de púrpura e a majestosa mulher inclinada para ele.

O rapazinho tinha, talvez, dez anos e não era mais alto do que uma espada romana. Os cabelos, em extremo crespos, sombreavam-lhe a elevada fronte. Dir-se-ia que as suas pupilas buscavam espaços desconhecidos. As narinas palpitavam-lhe incessantemente e em toda a sua pessoa havia o indefinível esplendor dos predestinados para grandes empresas.

Depois de se desembaraçar do seu manto, demasiadamente pesado, ficou-lhe apenas coberto o corpo com uma pele de lince, presa na cintura, assentando então, com firmeza, no pavimento os pezinhos, brancos de poeira. Sem dúvida adivinhou que se tratava de coisas importantes, porque se conservou imóvel, com uma das mãos atrás das costas, cabisbaixo, e com o dedo pousado nos lábios.

Enfim, Amílcar fez um sinal a Salambo para que se aproximasse, e disse-lhe em voz baixa:

— Conservá-lo-ás junto de ti, compreendes? É preciso que ninguém, mesmo de casa, tenha conhecimento da sua existência!

Depois, atrás da porta, tornou a perguntar a Iddibal se tinha a certeza de não ter sido visto por alguém.

— Não! — disse o escravo. — As ruas estavam desertas.

Como a guerra trazia em perigosa efervescência todas as províncias, temera pelo filho do seu senhor. Então, não sabendo onde ocultá-lo, arriscou-se a costear a terra numa chalupa. Durante três dias, bordejara pelo golfo, observando as trincheiras. Finalmente, naquela noite, parecendo-lhe desertos os arredores de Khamon, transpôs rapidamente o canal e desembarcou próximo do arsenal, cujo porto estava livre.

Pouco depois, os bárbaros postaram uma imensa jangada na frente dele, para obstar à saída dos cartagineses, e, ao mesmo tempo, aumentaram a altura das torres de madeira; mas os cartagineses, imitando-os, levantaram também, sobre os antigos, novos parapeitos.

Intercetadas assim com as comunicações com o exterior, começou a manifestar-se na cidade intolerável fome. Mataram todos os cães, todas as muaras, todos os jumentos e, depois, os quinze elefantes que tinham acompanhado o sufeta. Os leões do templo estavam enfurecidos a ponto de os hierodulos não ousarem aproximar-se-lhes. Nos primeiros dias de fome, alimentaram-nos com os bárbaros feridos; depois, lançaram-lhes cadáveres tépidos ainda, mas os leões não lhes pegaram e morreram todos. A hora do crepúsculo, viam-se grupos esfaimados, errando ao longo das velhas muralhas, colhendo entre as pedras ervas e flores, que depois coziavam em vinho; o vinho era menos caro que a água. Outros arriscavam-se a ir de rastos até aos postos avançados do inimigo, para penetrar nas tendas e roubar alimentos; muitas vezes os bárbaros, estupefactos por semelhante atrevimento, deixavam-nos retirar em paz.

Um dia os Anciãos resolveram, entre si, matar os cavalos de Eschmoun, animais sagrados, cujas crinas eram ornadas pelos pontífices com fitas de ouro e que significavam, pela sua existência, o movimento do Sol, a ideia do fogo na sua forma mais elevada. A sua carne, dividida em porções iguais, foi escondida atrás do altar; e os Anciãos, todas as noites, alegando devoções particulares, iam ao templo, regalavam-se a ocultas e saíam trazendo debaixo das túnicas quinhões para os seus filhos.

Os habitantes menos miseráveis dos bairros mais afastados das muralhas tinham-se entrincheirado cuidadosamente, com medo dos famintos.

As pedras das catapultas e o entulho das demolições atulhavam as ruas. As horas mais tranquilas, surgiam de todos os lados grandes massas de povo, soltando gritos de desespero, e, no alto da Acrópole, os incêndios produziam o efeito de grandes farrapos de púrpura estendidos no terraços e agitados violentamente pelo vento.

As três grandes catapultas, apesar de todos os outros trabalhos, não descansavam um instante; os estragos que produziam eram extraordinários. Assim, foi vista a cabeça de um ir bater de encontro ao frontão das Syssitas; e na rua de Kinisdo, foi esmagada por um penedo uma mulher que estava a dar à luz uma criança, e esta, juntamente com a cama de púrpura, arrojada até à encruzilhada de Cynasim, onde foi achada a coberta da cama.

Mas nada havia mais irritante do que as balas dos fundibulários, que iam cair sobre os telhados, nos jardins e no meio dos pátios, ferindo as famílias que, sufocadas pelos soluços de aflição, devoravam a magra refeição que ainda tinham podido obter. Aqueles atrozes projecteis tinham gravadas letras, que as imprimiam nas carnes; de sorte que em muitos cadáveres liam-se distintamente injúrias, tais como *porco*, *chacal*, *verme*; e noutros, gracejos como *segura-a!* ou *bem a mereci!*

A parte das trincheiras que se estendia do ângulo dos portos até à altura das cisternas foi entulhada. Então, achavam-se os habitantes de Malqua presos entre a velha muralha de Birsá, pela parte de trás, e os bárbaros, pela frente. Mas o único intento era tornar a muralha mais espessa o mais alta possível, sem que houvesse a menor atenção por aqueles habitantes, que foram abandonados; pouco a pouco morreram todos, e, conquanto fossem geralmente odiados, nem por isso o procedimento de Amílcar deixou de inspirar o maior horror.

No dia seguinte, o sufeta mandou abrir as covas em que tinha escondido o trigo, e ordenou aos intendentes que o distribuíssem pelo povo. Durante três dias, toda a gente se saciou.

Entretanto, a sede tornava-se cada vez mais intolerável, e todos tinham diante dos olhos a grande cascata produzida pela cristalina água que se precipitava do aqueduto roto. Através dos raios do Sol, viam todos erguer-se da sua base um vapor muito diáfano, que por vezes produzia um íris; e toda aquela água, formando um regato, que serpenteava por toda a extensão da planície, se ia despejar no golfo.

Amílcar não esmorecia. Contava com algum acontecimento imprevisto, com algum incidente decisivo e extraordinário.

Os seus próprios escravos arrancaram as chapas de prata do templo de Melkarth e tiraram do porto quatro compridas embarcações; por meio de cabrestantes, conduziram-nas até à base das Mapales e furaram a muralha que dava para a praia para lhes darem saída. Depois, dirigiram-se às Gálias, a fim de angariar ali, fosse por que preço fosse, a maior porção de mercenários.

Contudo, Amílcar estava desolado por não poder comunicar com o rei dos númidas, que ele bem sabia achar-se na retaguarda dos bárbaros, pronto a cair sobre eles.

Mas Narr'Havas, demasiadamente fraco, não queria arriscar-se só. O sufeta, entretanto, mandou levantar a trincheira mais doze palmos, amontoar na Acrópole todo o material de guerra que estava nos arsenais, e reparar novamente as máquinas.

Para os arrosos das catapultas, deviam servir-se de tendões tirados dos cachaços dos touros ou dos jarretes dos veados; mas em Cartago não havia touros nem veados.

Então, Amílcar exigiu que os Anciãos lhe entregassem o cabelo de suas mulheres; todos os sacrificaram, mas a quantidade não foi suficiente. Nas Syssitas existiam mil e duzentas escravas núbeis, das que eram destinadas à prostituição na Grécia e na Itália, e cujos cabelos, tomados muito elásticos pelo uso das pomadas, serviam magnificamente para o uso das

máquinas; mas, cortados eles, seria mais tarde extraordinária a perda. Assim, foi resolvido que se escolhessem, entre as esposas dos plebeus, as que tivessem melhores cabelos; mas elas, sem o menor zelo pela salvação da pátria, soltaram gritos de desesperação quando os escravos dos Cem se lhes apresentaram munidos de tesouras para lhes cortarem.

Entretanto, o furor dos bárbaros redobrava. Os cartagineses viam-nos, ao longe, tirar aos cadáveres a gordura, para com ela untarem as máquinas; outros, que lhes arrancavam as unhas, para depois as coser umas às outras e fazer couraças. Num dia, lembraram-se de colocar nas catapultas vasos cheios de serpentes, trazidas pelos negros. Arremessados para a cidade aqueles vasos, caíam nos lajedos, quebravam-se e as serpentes fugiam para todos os lados, não produzindo senão espanto, pela sua grande quantidade. Os bárbaros, descontentes com a invenção, aperfeiçoaram-na e começaram a arremessar pelo mesmo meio toda a espécie de imundícies, excrementos humanos, esqueletos e cadáveres ainda palpitantes. Pouco depois, reapareceu a peste na cidade.

Os cartagineses sentiam cair-lhes os dentes; e tinham todos as gengivas descoradas como as dos camelos, depois das viagens mais longas.

As máquinas foram armadas sobre o aterro, conquanto ele ainda não igualasse a altura da trincheira. Diante de vinte e três torres das fortificações, erguiam-se outras tantas torres de madeira.

Todas as cegonhas tinham sido novamente montadas no centro delas, e um pouco mais atrás, erguia-se a formidável helépole de Demetrius Poliorcete, que Spendius, enfim, conseguira reconstruir.

Piramidal como o farol da Alexandria, tinha cento e trinta côvados de altura, vinte e três de largura, nove andares, diminuindo de diâmetro à proporção que se aproximavam do ápice, defendidos todos por chapas de bronze, com grande número de portas e cheios de soldados; na plataforma superior, erguia-se uma catapulta flanqueada por duas balistas.

Então, Amílcar mandou arvorar grande número de cruzeiros por todos os que falassem em se render; as próprias mulheres foram obrigadas a pegar em armas. A população vivia toda nas ruas, nas praças e no alto das muralhas.

Numa manhã, pouco antes de nascer o Sol (era o sétimo dia do mês de Nyssan), ouviram os cartagineses um formidável grito, solto por todos os bárbaros ao mesmo tempo; as trombetas com tubos de chumbo roncavam e os grandes chavelhos paflagonianos mugiam como touros.

Num momento, tudo se precipitou para a trincheira.

Na sua base, via-se eriçada uma floresta de lanças, de chuços e de espadas, que se arremessavam contra as muralhas, e estas apareceram rapidamente cobertas de escadas, e logo nas ameias surgiram cabeças de bárbaros.

Ao mesmo tempo, batiam de encontro às portas enormes vigas, movidas por extensas fileiras de homens; e, nos sítios a que não chegava o aterro, acumulavam-se os mercenários em coortes cerradas para demolirem a muralha, indo a primeira fileira quase de rastos, a segunda de joelhos, e as outras erguendo-se sucessivamente até às últimas, que se conservavam em pé; noutros pontos, para trepar às trincheiras, avançavam na frente os mais altos, seguidos pelos mais baixos e todos apoiando com o braço esquerdo os escudos sobre os capacetes, e tão estreitamente unidos uns contra os outros, que se diria ser uma reunião de enormes tartarugas. Sobre aquelas superfícies convexas, resvalavam todos os projécteis.

Os cartagineses arrojavam do alto das muralhas mós de moinho, pilões, tinas, tonéis, móveis, tudo, em suma, que, tendo grande peso e volume, pudesse produzir grande estrago. Alguns, ocultos quando podiam nas ameias, espreitava quando algum bárbaro se aproximava e, então, lançavam-lhe uma rede de pesca pela cabeça, em cujas malhas se debatia como um peixe. Eles próprios demoliam as ameias; derrubavam grandes panos de muros, os quais, caindo, levantavam nuvens de poeira; as catapultas do aterro, disparando-se, arrojavam as pedras de umas contra as outras, fazendo-as cair sobre os habitantes numa chuvada de pequenas lascas.

Dentro em pouco, as duas multidões não formavam mais do que uma só cadeia de corpos humanos, trasbordando dos intervalos do aterro e rolando sobre si mesma, sem avançar. Os combatentes abraçavam-se corpo a corpo, como os lutadores. Esmagavam-se uns contra os outros. As mulheres, debruçadas nas ameias, soltavam incessantes rugidos; seguravam-se pelos véus e, a cada passo, via-se brilhar a alvura de um seio entre os braços de um negro que, furioso, lhe cravava um punhal.

Os cadáveres, demasiadamente apertados entre a multidão, não caíam; mas, sustidos pelos ombros dos seus companheiros, eram levados durante alguns minutos na onda, em pé, com os olhos fixos. Alguns, com as duas fontes atravessadas por um dardo, baloiçavam a cabeça, como ursos. Muitas bocas abertas para soltar gritos de desespero ficavam de repente escancaradas e sem movimento; por todos os lados voavam as mãos decepadas; houve, enfim, golpes terríveis, de que por muito tempo falaram aqueles que lhes sobreviveram.

Entretanto, no alto das torres de madeira, como das de pedra, choviam as flechas. As cegonhas moviam-se com nova rapidez furiosa, e como os bárbaros haviam saqueado nas catacumbas o velho cemitério dos autóctones, arremessavam aos cartagineses as pedras dos túmulos. Mas com o peso demasiado de muitos dos cestos, os cabos quebravam-se algumas vezes e grandes massas de homens, todos de braços abertos, caíam dos ares, em horrível confusão.

Até ao meio do dia, tinham-se encarniçado os veteranos das hoplitas contra a Ténia, para penetrarem no porto e destruírem a frota.

Amílcar mandou acender sobre o teto de Khamon uma fogueira de palha húmida; o fumo cegava-os e eles, não podendo já suportá-lo, retiraram-se para a esquerda e foram aumentar a turba acumulada junto de Malqua. As portas tinham sido arrombadas por sintagmas, compostas de homens robustos, mas da parte de dentro foram detidos por trincheiras feitas com pranchas guarnecidas de pregos. Por fim, um dos pranchões cedeu; passaram além, mas caíram num fosso eriçado de pontas de ferro. Autharite e a sua gente demoliram, no ângulo sudoeste, a trincheira cuja abertura estava tapada com tijolos. O terreno, pela parte de trás, elevava-se em rampa muito íngreme; subiram-na rapidamente, mas deparou-se-lhes no topo segunda muralha, feita de pedras soltas e de grossas vigas, que, de distância em distância, alternavam com elas, como peças de um xadrez. Era um sistema gaulês, adotado pelo sufeta, no meio das dificuldades da situação. Os gauleses julgavam-se diante de uma cidade do seu país. Atacaram com pouca energia, mas foram repelidos.

Desde a rua de Khamon até ao mercado da erva, todo o caminho da ronda pertencia já aos bárbaros; nele, os samnitas acabavam os moribundos com as suas barras de ferro ou, então, com um pé sobre o parapeito, contemplavam abaixo de si as ruínas fumegantes e, ao longe, a batalha, que a todos os momentos recomeçava.

Os fundibulários, distribuídos por toda a retaguarda, não deixavam descansar as fundas um só momento. Mas muitas, principalmente as acarnanianas, tinham-se quebrado à força do uso, vendo-se depois muitos pastores atirando pedras à mão; outros arremessavam bolas de chumbo com o cabo de um chicote. Zarxas, cobertos os ombros com os compridos cabelos pretos, não descansava um instante, arrastando após si todos os baleares. Tinha pendurados na cintura dois sacos, nos quais metia continuamente a mão esquerda, e o seu braço direito girava como a roda de um carro.

Matho, de começo, abster-se de combater, para melhor poder comandar todos os bárbaros ao mesmo tempo. Tinham-no visto ao longo do golfo com os mercenários, junto da laguna com os nómadas, na beira do lago com os negros, e no fundo da planície, impelindo as massas de soldados que marchavam incessantemente contra a linha das fortificações.

Pouco a pouco, aproximara-se, e o cheiro do sangue, o espetáculo da carnificina e o estridor dos clarins tinham acabado por lhe fazer saltar o coração.

Então, entrando na sua tenda e desembaraçando-se da couraça, cobrira-se com a pele de leão, mais cómoda para a batalha. O focinho adaptara-se-lhe sobre a cabeça, orlando-lhe o rosto com um círculo de dentes; as duas patas dianteiras cruzavam-se-lhe no peito, e as traseiras estendiam-lhe as garras até abaixo dos joelhos.

Conservara o seu forte cinturão, onde reluzia um machado de dois gumes; e com a enorme espada em ambas as mãos, precipitara-se impetuosamente para a brecha.

Matho, como um podador cortando ramos de salgueiro e diligenciando cortar o maior número possível, a fim de obter melhor soldada, derrubava em torno de si os cartagineses: os que tentavam segurá-lo pelos lados, prostrava-os ele com os copos da espada; quando o atacavam de frente, virava-os; se fugiam, fendia-os com terríveis cutiladas.

De repente, saltaram-lhe ao mesmo tempo sobre as costas dois homens; recuou repentinamente contra uma porta e esmagou-os. A sua espada erguia-se e abaixava-se incessantemente; enfim, quedou-se na esquina de um muro. Então, lançou

mão do pesado machado e começou a talhar cartagineses como se fossem um bando de ovelhas.

Entretanto, os cartagineses, afastaram-se cada vez mais, de sorte que Matho chegou só à frente da segunda trincheira, na base de Acrópole. Os materiais arrojados do alto entulhavam os degraus e trasbordavam por cima do parapeito. Matho, no meio das ruínas, voltou-se para chamar os seus companheiros.

Nesta ocasião avistou-lhes os cocares espalhados por entre a multidão, que mais e mais os apertava; pareciam inevitavelmente.

Matho correu para eles. Então, cerrando-se a vasta coroa de penas vermelhas, em breve se reuniram e o rodearam. Mas as ruas laterais vomitavam enorme multidão. Matho sentiu-se erguido nos braços da turba e arrastado para fora da trincheira, para um sítio em que o terreno era mais alto.

Soltou então uma voz de comando. Todos os escudos foram colocados horizontalmente, cobrindo os capacetes. Saltou sobre eles, com a ideia de achar um ponto a que pudesse lançar mão para tomar a entrar em Cartago, e, brandindo sempre o terrível machado, corria por sobre os escudos, semelhantes a vagas de bronze, como um deus marinho pisando as ondas e manejando o tridente.

A este tempo, girava no alto da trincheira um homem de manto branco, impassível e indiferente à morte que o rodeava. Por vezes, colocava a mão sobre os olhos, à maneira de pala, como se diligenciasse avistar alguém.

Nisto passou Matho por debaixo do sítio em que ele se achava. De repente, as suas pupilas cintilaram, as lívidas faces enrugaram-se-lhe e, estendendo os dois braços enegrecidos, soltou, furioso, uma espécie de injúrias e imprecações.

Matho não o ouviu, mas sentiu penetrar-lhe no coração um olhar tão cruel e feroz que soltou um rugido. Endireitou-se e arremessou contra o homem do manto branco o seu terrível machado; logo correu muita gente em socorro de Schahabarim e Matho, deixando de o ver, caiu para trás, exausto.

Ao mesmo tempo ouviu-se um espantoso ranger, que se aproximava pouco a pouco e que se confundia com o ritmo de muitas vozes roufenhas, cantando em coro.

Era a grande helépole, rodeada por uma multidão de soldados. Puxavam-na todos, empregando quanta força tinham, ando-a com grossas cordas e empurrando-a com os ombros, porque o talude que subia da planície para o aterro, conquanto fosse em extremo suave, era quase impraticável para máquinas de tão prodigioso peso. Contudo, tinha oito rodas, cobertas de ferro, e, desde o amanhecer, avançava daquele modo, vagarosamente e semelhante a uma montanha que houvesse subido para cima da outra.

Da sua base saía um imenso aríete; nas três faces que olhavam para a cidade abriram-se todas as portas e deixaram ver no interior do monstro, como colunas de ferro, soldados couraçados. Via-se distintamente, de fora, os que subiam e desciam as escadas, passando de uns para outros andares. Alguns esperavam, para se arrojarem, que os arpéus das portas tocassem a muralha; no meio da plataforma superior esticavam as cordas das balistas e o grande timão da catapulta abaixava-se para, quando de novo se erguesse, arremessar sobre o inimigo uma nuvem de penedos.

Amílcar estava naquele momento sobre o telhado de Melkarth. Supusera que caminharia direita a ele, contra o ponto da muralha mais invulnerável, e, por isso mesmo, mais desguarnecido. Havia já muito tempo que os seus escravos não cessavam de conduzir grandes quantidades de odres, pelo caminho de ronda, no qual tinham erguido com barro duas paredes transversais, formando assim uma espécie de tanque. A água corria insensivelmente pela base do aterro, e Amílcar, coisa extraordinária, não mostrava por isso a menor inquietação.

Mas, quando a helépole estava distante apenas uns trinta passos, mandou assentar pranchas sobre as ruas, á maneira de pontes, desde as cisternas até às trincheiras; depois, sobre as pranchas, mandou postar uma extensa fileira de homens, os quais passavam, de mão em mão, capacetes e ânforas cheios de água que incessantemente vazavam junto da trincheira. Entretanto, crescia a indignação dos cartagineses por tão grande perda de água. O aríete demolia a muralha. De repente, brotou de entre as pedras deslocadas uma torrente. Então, o elevado edifício de nove andares, que continha e empregava mais de três mil soldados, começou a oscilar brandamente como um navio. Com efeito, a água, penetrando o aterro, fizera abater o terreno

debaixo da enorme máquina; as rodas ficaram completamente atoladas; no primeiro andar, por entre umas cortinas de couro, via-se aparecer a cabeça de Spendius, o qual não cessava de soprar com toda a força do seu alento numa buzina de marfim. A máquina, parecendo erguer-se convulsivamente, avançou talvez uns dez passos; mas como o aterro estava cada vez mais encharcado, chegou-lhe a lama aos eixos das rodas, fazendo com que, passados poucos minutos, a helépole parasse, tombando medonhamente para um lado. A catapulta resvalou até ao parapeito da plataforma e, impelida pelo peso do seu timão, precipitou-se daquela imensa altura, despedaçando com o seu peso os andares inferiores. Os soldados, em pé sobre as portas, resvalaram para o abismo; ou então, segurando-se na extremidade das compridas vigas, aumentavam com o seu peso a inclinação da helépole, que se desconjuntava, estalando por todos os lados.

Os outros bárbaros, correndo em socorro dos seus companheiros, amontoaram-se tumultuosamente e formaram uma massa tão compacta que os cartagineses, descendo das trincheiras e assaltando-os pela retaguarda, fizeram neles, e muito a seu cómodo, a mais horrível carnificina. Nisto acudiram os carros guarnecidos de foices. A multidão dos cartagineses, apertada pelos carros, tornou a subir a trincheira. Entretanto, anoiteceu, e os bárbaros foram pouco a pouco retirando. Não se via já na planície senão um formigar de objetos negros, desde o golfo azulado até à lagoa esbranquiçada; e o lago, para onde corra o sangue, estendia-se ao longo como um charco de púrpura.

O aterro estava de tal modo coberto de cadáveres que se julgaria construído com corpos humanos. No centro deles erguia-se a helépole coberta de armaduras, e, de espaço a espaço, desprendiam-se dela enormes fragmentos, como pedras de uma pirâmide que se desmorona. Nas muralhas distinguíam-se largos listões metálicos, que denunciavam os leitos de rios de chumbo derretido. Num e outro lado, via-se por terra alguma das torres de madeira, presa das chamas; e as casas da cidade avistavam-se vagamente como degraus de um anfiteatro arruinado, de entre os quais se elevavam turbilhões de fumo e de faíscas, que se perdiam no meio da escuridão.

Durante este tempo, os cartagineses, que se sentiam devorados pela sede, tinham corrido tumultuosamente para as cisternas. Arrombaram-lhes as portas, mas só lhes viam no fundo pequenos charcos lodosos.

O que deviam fazer? Os bárbaros eram inumeráveis e, passada que fosse a fadiga, recomeçariam o ataque.

O povo conservou-se toda a noite em grupos, nas esquinas das ruas, discutindo acaloradamente. Uns eram de opinião que se tornava indispensável mandar sair da cidade as mulheres, os velhos e os doentes; outros propunham que se abandonasse a cidade e que se fossem estabelecer mais longe, numa das colónias. Mas para isso faltavam navios. E o Sol nasceu sem que tivessem decidido coisa alguma.

Naquele dia não houve combate. Tanto de um como de outro lado, tudo se achava vencido pela fadiga. Os que dormiam pareciam cadáveres.

Então os cartagineses, refletindo sobre a causa dos desastres, recordaram-se de que não tinham enviado à Fenícia a oferta anual devida a Melkarth-Tiro, e sentiram-se assaltados por um imenso terror.

Os deuses, indignados já contra a República, prosseguiam sem dúvida a sua vingança.

Os deuses eram considerados como senhores cruéis, que se apaziguavam como súplicas e que se deixavam corromper à força de presentes. Todos eram fracos em relação a Moloch, o devorador. A existência, a própria carne dos homens, pertencia-lhe. Assim, para a salvarem, costumavam os cartagineses oferecer-lhe uma porção dela, que fosse suficiente para lhe acalmar o furor. Queimavam as crianças na frente ou na nuca, com fogachos de lã; e como este modo de satisfazer o Baal produzia grande somas para os sacerdotes, nunca eles se cansavam de o recomendar, como sendo o mais fácil e mais suave.

Mas então tratava-se da própria República. Ora como todo o proveito deve ser comprado por uma perda qualquer, regulando-se toda a transação segundo a necessidade do mais fraco e a exigência do mais forte, não havia dor que o deus julgasse demasiadamente considerável, por isso que se deleitava com as mais horríveis e todas se achavam à sua disposição. Era, pois, necessário saciá-lo completamente. Sobravam os exemplos que provavam ser aquele um meio infalível de vencer o flagelo. Além disso, todos tinham a convicção de que uma imolação pelo fogo purificaria Cartago. A ferocidade do povo achava-se antecipadamente excitada. E, demais, a escolha devia recair toda sobre as famílias de maior jerarquia.

Os Anciãos reuniram-se e tiveram prolongada sessão. Hannon não deixou de comparecer; mas como já não podia sentar-se, conservou-se deitado junto da porta e meio oculto pelas franjas da tapeçaria.

Quando o pontífice de Moloch lhes perguntou se de bom grado entregariam seus filhos, ouviu-se a voz de Hannon sair da sombra, como um rugido de leão do fundo de uma caverna. Lastimava — dizia ele — não os poder dar do seu próprio sangue. E encarava Amílcar, que ocupava o extremo oposto do templo. O sufeta sentiu-se de tal modo impressionado por semelhantes olhos que, involuntariamente, baixou os seus. Todos aplaudiram as palavras de Hannon, curvando sucessivamente as cabeças. E, segundo os ritos, teve o sufeta de responder ao supremo sacerdote: “Sim! Assim seja!” Então, os Anciãos decretaram o sacrificio por meio de uma perífrase tradicional, pois há coisas mais custosas de dizer do que de executar.

A decisão foi quase imediatamente conhecida em toda a parte; e desde logo começaram por todos os lados as mais pungentes lamentações. Em toda a parte se encontravam mulheres chorando lágrimas de desespero e seus esposos consolando-as ou invetivando-as com ásperas repreensões.

Passadas três horas, espalhou-se uma notícia mais extraordinária ainda: o sufeta tinha descoberto nascentes de água na base da penedia. Todos para ali correram. Cavavam na areia e logo aparecia água; e muitos, deitados de bruços, só cuidavam em matar a sede que os devorava.

O próprio Amílcar não sabia se obrava por conselho dos deuses, se impellido pela vaga recomendação que seu pai outrora lhe fizera. Mas ao sair do Conselho dos Anciãos descera à praia e, com os seus escravos, começara a fazer escavações na areia.

Fez uma distribuição de vestes, de sandálias e de vinho; distribuiu igualmente todo o resto de trigo que tinha nos seus celeiros; deixou entrar a multidão no seu palácio e mandou abrir-lhe as cozinhas, os armazéns e todos os aposentos, à exceção dos de Salambo. Depois disto anunciou a próxima chegada de seis mil mercenários gauleses e que o rei da Macedónia lhe ia também enviar soldados.

Mas logo ao segundo dia diminuiu a água das fontes e, ao terceiro, secaram completamente. Então, principiou de novo a circular em todos os lábios o decreto dos Anciãos e os sacerdotes de Moloch começaram a sua tarefa.

Apresentavam-se em muitas casas homens cobertos com mantos pretos. Os moradores de muitas delas abandonavam-nas antecipadamente, sob o pretexto de tratar de um negócio ou de comprar este ou aquele objeto. Então, os servos de Moloch entravam e arrebatavam as crianças. Outros entregavam-nas nas suas mãos, estupidamente.

Aquelas crianças eram conduzidas para o templo de Tanit, onde as sacerdotisas eram encarregadas de as divertir e alimentar, até ao dia solene.

Os servos do medonho deus, prosseguindo no desempenho do seu terrível encargo, apresentaram-se inopinadamente no palácio de Amílcar, a quem encontraram a passear nos jardins.

— Barca! Vimos para o que sabes... Teu filho!... — E acrescentaram que havia quem o tivesse visto numa noite da lua anterior, nas Malapes, conduzido por um velho.

O sufeta, no primeiro momento, quase se sentiu sufocado. Mas, dentro em pouco, compreendo que seria inútil qualquer recusa, inclinou-se e conduziu-os para a Casa do Comércio. Muitos escravos, que tinham corrido obedecendo a um sinal, ficaram desde logo vigiando todas as avenidas.

Amílcar entrou no aposento de Salambo, completamente desorientado. Lançou a mão a Aníbal, arrancou o cordão de uma cortina, prendeu-lhe os pés e as mãos, passou-lhe a extremidade na boca, à maneira de freio, para lhe servir de mordança, e escondeu-o debaixo do leito de couro, cobrindo-o depois todo, até ao chão, com amplas roupagens.

Feito isto, começou a passear agitadamente, de um para o outro lado, erguendo os braços, volteando sobre si mesmo e mordendo os lábios. Depois, esteve um momento com o olhar fito no espaço, e arquejante, como se estivesse próximo a morrer. De repente, bateu três palmadas, e apareceu logo Giddenem.

— Ouve! — disse-lhe ele. — Vai escolher entre os filhos dos escravos uma criança macho, que tenha nove ou dez anos, cabelos pretos e fronte elevada. Corre! Traz-ma sem demora!

Passado muito pouco tempo, voltou Giddenem conduzindo um rapazinho.

Era uma pobre criança, ao mesmo tempo magra e opada. A sua pele parecia tão parda como o infeto farrapo que lhe cingia os rins; encolhia a cabeça entre os ombros e, com as costas das mãos, esfregava os olhos, orlados de vermelho.

Como poderia ser confundido com Aníbal!? Mas faltava o tempo para escolher outro. Amílcar olhou para Giddenem e sentiu desejos de o esmagar.

— Vai-te! — gritou ele, e o chefe dos escravos fugiu, sem se atrever a olhar para trás.

Deste modo, Amílcar viu sobreviver a desgraça que por tanto tempo temera; mas fazia esforços inauditos para achar o modo de escapar-lhe.

De repente, ouviu à porta a voz de Abdalonim. Havia quem perguntasse pelo sufeta. Os servos de Moloch começavam a impacientar-se.

Amílcar conteve um grito, como soltaria se se sentisse queimado por um ferro em brasa, e recomeçou o seu passeio pelo quarto, parecendo insensato. Numa das suas voltas sentou-se na beira da balaustrada, com os cotovelos sobre os joelhos e apertando a fronte com ambas as mãos.

A bacia de pórfiro continha ainda uma porção de água cristalina para as abluções de Salambo. O sufeta, a despeito da sua repugnância e de todo o seu orgulho, meteu a criança, que o chefe dos escravos lhe apresentara, dentro da bacia, e, como um vendedor de escravos, começou a lavá-la e esfregá-la com strigilos de barro vermelho. Depois, tirou de uma das aberturas que havia nas paredes dois quadrados de púrpura, colocou-lhe um sobre as costas, outro sobre o peito e reuniu-os nas clavículas por dois alamares de diamantes. A seguir derramou-lhe vários perfumes sobre a cabeça, lançou-lhe ao pescoço um colar de eletro e calçou-lhe umas sandálias com tacões guarnecidos de pérolas: as próprias sandálias de sua filha. Mas, ao mesmo tempo, a irritação, que a vergonha lhe produzia, fazia-o bater o pé, e Salambo, que o servia silenciosa, estava tão pálida como ele. O rapazinho, deslumbrado por tanto esplendor, sorria-se e, animando-se cada vez mais, já começava a pular, batendo palmas, quando Amílcar o conduziu para fora do quarto.

O sufeta levava o rapazinho tão fortemente seguro por um braço como se ainda receasse perdê-lo, e a criança, a quem ele fazia doer o braço, choramingava, correndo a seu lado.

Junto do ergástulo, saiu de baixo de uma palmeira uma voz lastimosa e suplicante, murmurando:

— Senhor! Senhor!

Amílcar voltou-se e viu quase ao pé de si um homem de aparência abjeta, um dos miseráveis que viviam ao acaso no seu palácio.

— Que queres? — disse o sufeta.

E o escravo, que tremia como varas verdes, balbuciou:

— Sou seu pai!

Amílcar continuou a caminhar; mas o pobre, o miserável, seguiu-lhe os passos, curvado e com o pescoço estendido. O rosto contraía-se-lhe com indefinível e convulsa aflição, e os soluços, que comprimia, quase o sufocavam, tal era o desejo que sentia, ao mesmo tempo, de interrogá-lo e de pedir-lhe graça. Por fim, ousou tocar-lhe ligeiramente com um dedo no cotovelo.

— Irás acaso levá-lo...? — Não teve força para terminar a pergunta; e Amílcar parou, cheio de pasmo, na presença de semelhante dor.

O sufeta jamais pensara, tão fundo era o abismo que os separava um do outro, que pudesse haver alguma coisa de comum entre ambos. Aquela mesma pergunta pareceu-lhe uma espécie de ultraje e uma usurpação dos seus privilégios. Respondeu-lhe, portanto, com um olhar mais frio e mais pesado que o cutelo de um algoz. O escravo perdeu os sentidos e caiu redondamente a seus pés. Amílcar passou-lhe por cima.

Os três homens de mantos pretos esperavam-no na grande sala, em pé e encostados ao disco de pedra. O sufeta, apenas os viu, despedaçou às vestes e rojou-se pelo lajedo soltando agudos gritos:

— Ah! Meu pobre Aníbal! Meu filho! Minha consolação! Minha esperança! Minha vida! Matai-me também! Levai-me

convosco! Oh! desgraça, desgraça! — E feria as faces com as unhas, arrancava os cabelos, gemia como as carpideiras nos funerais e não cessava de dizer: — Levai-o! Não me façais sofrer mais! Ide-vos ou matai-me também!

Os servos de Moloch admiravam-se de que o grande Amílcar tivesse tão fraco o coração. Sentiam-se quase enternecidos.

Nisto, ouviram-se passos de pés descalços, acompanhados de soluços entrecortados, semelhantes à respiração de um animal feroz; e à entrada da terceira galeria, entre as ombreiras formadas pelos dentes de marfim, apareceu um homem lívido, terrível, com os braços estendidos, exclamando:

— Meu filho! Meu filho!

Amílcar, com um pulo, lançou-se ao escravo, e tapando-lhe a boca com a mão, gritou ainda mais alto:

— É o velho que o educou, e que lhe chama seu filho! Ide-vos, ide-vos ou far-lhes-ei perder a razão! — E empurrando quase os três sacerdotes e a vítima, saiu com eles, fechando atrás de si a porta violentamente.

Amílcar aplicou o ouvido, ainda por alguns instantes, receando vê-los voltar. Nos primeiros momentos, pensou em desfazer-se do escravo, para ficar bem certo de que não falaria. Mas o perigo não tinha ainda desaparecido completamente e aquela morte, se os deuses se irritassem, poderia voltar-se contra seu filho. Então, mudando de ideia, enviou-lhe por Taanach as melhores coisas das suas cozinhas: um quarto de bode, favas e conservas de romãs. O escravo, que não comia havia muito tempo, precipitou-se para os inesperados manjares, sobre os quais derramava abundantes lágrimas.

Amílcar, voltando por fim para junto de Salambo, soltou Aníbal. A criança, exasperada, mordeu-o na mão, ao ponto de fazer-lhe sangue. O pai afastou-o com uma carícia.

Salambo, para conseguir que Aníbal estivesse sossegado, quis intimidá-lo com Lâmia, a bruxa de Cirena.

— Onde está ela? — perguntou Aníbal.

Disseram-lhe que viriam os salteadores para o prenderem e ele respondeu:

— Pois venham! Matá-los-ei!

Amílcar revelou-lhe, então, toda a terrível verdade; mas Aníbal encolerizou-se contra seu pai, pretendendo que ele podia muito bem aniquilar todo o povo, visto que era senhor de Cartago.

Por fim, exausto de esforços e de cólera, adormeceu com um sono inquieto. Falava alto, sonhando, encostado a uma almofada de púrpura. A cabeça pendia-lhe um tanto para trás e o braço direito, afastado do corpo, conservava-se direito, numa atitude imperiosa.

Depois de ser completamente noite, tomou-o Amílcar docemente nos braços e desceu, sem facho, a escada das galerias.

Passando pela Casa do Comércio, pegou numa ânfora de água pura.

A criança só despertou diante da estátua de Aletes, no subterrâneo das pedrarias; e, como a outra, sorria-se nos braços de seu pai, ao clarão dos pontos brilhantes que o rodeavam. Então, Amílcar teve a certeza de que não poderiam arrebatá-lo seu filho. Era um esconderijo impenetrável, que comunicava com a praia por um subterrâneo que só ele conhecia. De sorte que, olhando à roda de si, aspirou o ar com toda a força dos pulmões. Depois, colocou-o sobre um escabelo, junto dos escudos de ouro.

Então, convicto de que ninguém poderia vê-lo, sentiu-se aliviado. Como uma mãe que torna a achar o seu primogénito perdido, abraçou estreitamente o filho, apertou-o contra o peito, rindo e chorando ao mesmo tempo, dando-lhe os nomes mais ternos e cobrindo-o de beijos, e o pequeno Ambal, assustado por tão terrível ternura, conservava-se calado.

Amílcar voltou pelo mesmo caminho, apalpando as paredes à roda de si, para se não enganar, até chegar à grande sala, onde o luar penetrava por uma das fendas da cúpula. No centro, estava estendido no lajedo e profundamente adormecido o saciado escravo. Amílcar olhou para ele e sentiu-se comovido. Com a ponta do coturno, chegou-lhe um tapete para debaixo da cabeça. Depois ergueu os olhos e contemplou Tanit, cujo delgado crescente brilhava no céu, e sentiu-se mais forte que os Baais e cheio de desprezo por eles.

A este tempo, as disposições para o sacrifício já tinham começado.

Para tirarem do templo o ídolo, sem tocar nas cinzas do altar, deitaram abaixo uma parede. Feito isto, e apenas nasceu o Sol, começaram os hierodulos a empurrá-lo para a praça de Khamon.

O ídolo avançava, recuando, escorregando sobre cilindros; os ombros ultrapassavam a altura das muralhas; e os cartagineses, de mais longe que o avistavam, deitavam a fugir, porque não podiam contemplar impunemente o Baal senão no exercício da sua cólera.

O fumo de inúmeros aromas enchia todas as ruas. Todos os templos acabavam de ser abertos ao mesmo tempo; e de todos saíam tabernáculos, conduzidos pelos pontífices, em carros ou liteiras. Em seus ângulos baloiçavam-se grandes penachos de plumas, e as suas cúpulas, que terminavam em esferas de cristal, de ouro, de prata ou de cobre, despediam raios.

Eram os Baalins cananeus, derivações do Baal supremo, que voltavam para o seu princípio, para se humilharem perante a sua força e serem aniquilados pelo seu esplendor.

O pavilhão de Melkarth, de fina púrpura, abrigava uma chama de petróleo; sobre o de Khamon, cor de jacinto, erguia-se um Falos de marfim, rodeado de pedrarias; entre as cortinas de Eschmoun, azuis como o éter, via-se enroscada e adormecida uma pitão; e os deuses Pateques, sustentados pelos braços dos seus sacerdotes, assemelhavam-se a grandes crianças envolvidas nas suas faixas, cujos calcanhares arrastavam pelo chão.

Depois seguiam-se todas as formas inferiores da divindade: Baal-Samin, deus dos espaços celestes; Baal-Peor, deus dos montes sagrados; Baal-Zuboud, deus da corrupção; e os dos países vizinhos e raças congêneres: o Iarbal, da Líbia, o Adrammelech, da Caldeia, o Kijum, dos sírios. Dérceto, com rosto de virgem, arrastava-se sobre as suas badanas, e o cadáver de Tammouz era conduzido num catafalco, rodeado de fochos e de cabeleiras. Para sujeitar ao Sol os reis do firmamento, e impedir que o incomodassem com as suas influências particulares, brandiam no extremo de varas compridas estrelas de metal diversamente coloridas; e achavam-se todos ali, desde o negro Nebo, génio de Mercúrio, até ao hediondo Rahab, que é a constelação do crocodilo. Os Abadires, pedras caídas da Lua, volteavam em fundas de fios de prata; os sacerdotes de Ceres conduziam açafates com pequenos pães, representando o sexo da mulher; outros levavam feitiços, amuletos e ídolos já esquecidos. Tinham até tirado dos navios os seus símbolos místicos, como se Cartago quisesse concentrar-se toda num pensamento de morte e desolação.

Diante de cada um dos tabernáculos ia um homem, conservando em equilíbrio, sobre a cabeça, um largo vaso em que ardia incenso. As nuvens de fumo pairavam por um e outro lado e, através da sua espessura, distinguiam-se os pingentes e bordados dos pavilhões sagrados, os quais avançavam muito vagarosamente, por causa do seu enorme peso. Os eixos dos carros prendiam-se nas paredes das ruas mais estreitas. Então os devotos aproveitavam a ocasião para tocar nos Ballins com o fato, que depois guardavam cuidadosamente como coisas santas.

A estátua do grande ídolo continuava a caminhar para a praça de Khamon, ao passo que os ricos, empunhando cetros com cabos de esmeralda, avançavam do lado de Megara; os Anciãos, ornados com os seus diademas, tinham-se reunido em Kiniso, e os chefes das províncias, os negociantes, os soldados, os marinheiros e a numerosa horda empregada nos funerais, com as insígnias da sua magistratura ou instrumentos do seu mister, dirigiam-se para os tabernáculos que desciam da Acrópole, rodeados pelos colégios dos pontífices.

Por deferência para com Moloch, tinham-se ornado com as suas joias mais esplêndidas. As suas vestes pretas iam cobertas de diamantes, que resplandeciam; mas os anéis, demasiadamente largos, caíam-lhes das mãos emagrecidas; e nada era tão lúgubre como aquela multidão silenciosa, em que os pingentes das orelhas batiam em fâces descarnadas, em que as tiaras de ouro cingiam frentes enrugadas por um desespero atroz.

Enfim, Baal chegou ao centro da praça. Os seus pontífices fecharam, com rítulas, em torno dele, uma porção de terreno que não devia ser invadido pela multidão e conservaram-se a seus pés.

Os sacerdotes de Khamon, com túnicas de lã parda, alinharam-se na frente do seu templo, debaixo das colunas do pórtico; os de Eschmoun, com mantos de linho, colares de cabeças de coucoufa e tiaras pontiagudas, colocaram-se nos degraus da Acrópole; os sacerdotes de Melkarth, de túnicas roxas, tomaram para si o lado do Ocidente; os dos Abadires, envoltos em

faixas de estofos frígios, tomaram o lado do Oriente; e do lado do meio-dia enfileiraram-se, juntamente com os nigromantes, todos cobertos de pinturas, os berradores com seus mantos remendados, os servos dos Pateques e os Ydomins, que, para conhecer o futuro, metiam na boca um osso humano. Os sacerdotes de Ceres, cujas túnicas eram azuis, tinham parado discretamente na rua da Satheb, e salmodiavam, em voz baixa, um tesmoforion em dialeto megariano.

De vez em quando chegavam fileiras de homens completamente nus, com os braços abertos e segurando-se uns aos outros pelos ombros. Estes homens arrancavam das profundezas do peito uma entonação rouca e cavernosa; com os olhos fitos no colosso, brilhando no meio da poeira, baloiçavam o corpo, todos a um tempo, como se obedecessem ao mesmo impulso; mostravam-se tão furiosos que os hierodulos, para manterem a ordem, obrigavam-nos com pauladas a deitarem-se de bruços com os rostos colados às grades que circundavam o ídolo.

Então, do extremo da praça, viram todos avançar um homem de manto branco. Atravessou vagorosamente por entre a multidão e logo todos reconheceram Schahabarim, o supremo sacerdote de Tanit. Desde logo, romperam os ares altos clamores, porque em todas as consciências dominava o princípio viril, e a própria deusa era de tal modo esquecida que ninguém tinha notado a ausência dos seus pontífices. Mas o pasmo da multidão redobrou quando viu Schahabarim abrir nas grades uma das portas destinadas aos que quisessem entrar para oferecer vítimas. Os sacerdotes de Moloch julgaram que era um ultraje que ele ia fazer ao seu deus, e tentaram repeli-lo, soltando grandes gritos. Nutridos pelas carnes dos holocaustos, vestidos de púrpura como os reis e cingindo tríplexes coroas, escarneciam o pálido eunuco extenuado pelas macerações; e o riso colérico sacudia-lhes, sobre o peito, as negras e espessas barbas.

Schahabarim, sem responder, continuava a caminhar; e, atravessando vagorosamente todo o recinto reservado, chegou junto das pernas do colosso, abriu os braços e tocou-lhe em ambos os lados, o que era uma fórmula solene de adoração. Havia muito tempo que a Rabbet o torturava; e, por efeito de desesperação ou, talvez, por lhe faltar um deus que lhe satisfizesse completamente o pensamento, decidira-se, então, por aquele.

Então, a turba, espantada por tão inesperada apostasia, soltou prolongado murmúrio; todos sentiram quebrar-se o último laço que prendia as almas a uma divindade clemente.

Mas Schahabarim, por causa da sua mutilação, não podia tomar parte no culto do Baal. Os homens de manto vermelho excluíram-no do recinto; depois, da parte de fora, girou sucessivamente em volta de todos os colégios e, sacerdote que já não tinha deus, desapareceu no meio da multidão, que voluntariamente lhe abria caminho quando ele se aproximava.

Entretanto, sob as pernas do colosso ardia uma fogueira de aloés e de louro. As pontas das suas compridas asas desapareciam no meio das chamas e as pomadas de que estava untado corriam-lhe como suor pelos metálicos membros. Em volta da laje redonda que lhe servia de base estavam as crianças, cobertas com véus pretos, formando um círculo imóvel; e os seus braços, desmedidamente compridos, quase lhes tocavam com as mãos, como querendo pegar-lhes para os conduzir ao céu.

Os ricos, os Anciãos, as mulheres, toda a multidão se acumulava cerradamente atrás dos sacerdotes e sobre os terraços das casas. As grandes estrelas pintadas tinham cessado de girar; os tabernáculos estavam pousados no chão; as nuvens de fumo dos turíbulos elevavam-se perpendicularmente na atmosfera, quais azulados ramos de agigantadas árvores.

Muitos dos espectadores desfaleceram; outros permaneciam inertes e petrificados no seu êxtase. Infinita aflição oprimia todos os peitos. Os clamores foram-se extinguindo, pouco a pouco, e o povo de Cartago arquejava, absorto no desejo que tanto o aterrorizava.

Enfim, o supremo sacerdote de Moloch meteu a mão por baixo dos véus que cobriam as crianças, arrancou-lhes da frente uma porção de cabelos e lançou-os nas chamas. Então, entoaram os homens de manto vermelho o hino sagrado:

— Homenagem a ti, ó Sol! Rei das duas zonas, criador que a si próprio se gera: pai e mãe, pai e filho, deus e deusa, deusa e deus!

E suas vozes perdiam-se na explosão dos instrumentos, soando todos ao mesmo tempo, para abafar os gritos das vítimas. Os scheminith com oito cordas, os kinor com dez, e os náblios, que tinham doze, quase faziam ensurdecer todos os ouvidos. A

par destes instrumentos, havia enormes odres cheios de tubos e que soltavam sons atroadores, e tamboris em que batiam incessantemente às mãos ambas; e, a despeito do furor dos clarins, ouvia-se o zumbido dos salsalim, semelhante ao que os gafanhotos produzem com as asas. Os hierodulos, com compridos ganchos, abriram os sete compartimentos em que era dividido o corpo do Baal. No mais alto, introduziram farinha; no segundo, duas rolas; no terceiro, um macaco; no quarto, um carneiro; no quinto, uma ovelha; e como não havia boi para o sexto, lançaram-lhe um couro curtido, trazido do santuário. O sétimo compartimento ficou escancarado.

Antes de começar o ato, era conveniente experimentar os braços do deus. Esta experiência era feita por meio de umas correntes muito delgadas, as quais, partindo-lhe dos dedos, passavam-lhe sobre os ombros e caíam-lhe pelas costas até ao chão, onde estavam uns homens que puxavam com elos, fazendo-lhe assim subir até à altura dos cotovelos as duas mãos abertas, as quais, aproximando-se, se lhe encostavam ao ventre. Depois de feita a experiência, calaram-se os instrumentos. A fogueira crepitava.

Os pontífices de Moloch passeavam sobre a grande laje, examinando a multidão.

Tornava-se necessário um sacrificio individual, uma oblação voluntária e que era considerada como a que devia arrastar as outras. Mas, até então, ninguém se tinha apresentado, e as sete áleas que conduziavam das portas da grade até ao colosso conservavam-se vazias. Então, os sacerdotes, para animarem o povo, tiraram dos cintos uns punções e começaram a ferir-se no rosto. Logo depois, mandaram entrar no recinto fechado os *dedicados*, que estavam deitados no chão, da parte de fora. Depois, deram-lhes um montão de horríveis ferramentas, entre as quais escolheu cada um a sua tortura. Cravaram agulhas nos peitos; retalharam as faces; coroaram-se com coroas de espinhos; depois, todos enlaçaram os braços e, rodeando as crianças, formaram um círculo, que ora se contraía, ora se alargava. Chegavam à balaustrada, recuavam a tomavam a avançar, atraindo a si a multidão pela vertigem daquele movimento, todo cheio de sangue e de gritos.

Pouco a pouco, foi entrando gente até ao extremo das áleas e, chegando junto da fogueira, lançava na chama pérolas, vasos de ouro, taças, fâchos, todas as riquezas. As ofertas tornavam-se cada vez mais esplêndidas e numerosas. Por fim, um homem que cambaleava, um homem pálido e hediondo de terror, empurrou diante de si uma criança; depois percebeu-se nas mãos do colosso uma pequena massa negra, que desapareceu na tenebrosa abertura que tinha no peito. Os sacerdotes inclinaram-se na beira da grande laje e entoaram um novo cântico celebrando as alegrias da morte e o renascimento na eternidade.

As crianças eram levantadas do chão vagarosamente e como o fumo se elevava em espessos turbilhões, de longe pareciam desaparecer numa nuvem.

Nenhuma delas fazia o menor movimento. Tinham amarrados os pulsos e os tornozelos; e os sombrios vénus que as cobriam impediam-nas tanto de ver coisa alguma como de serem reconhecidas.

Amílcar, de manto vermelho como os sacerdotes de Moloch, conservava-se junto do Baal, em pé, diante do artelho do seu pé direito.

Quando chegou a vez à décima quarta criança, toda a gente pôde notar no sufeta pronunciado gesto de horror; mas logo, reassumindo a sua atitude, cruzou os braços e fitou os olhos no chão. Do outro lado da estátua, permanecia, imóvel como ele, o supremo pontífice. Baixando a cabeça, curvada ao peso de uma mitra assíria, observava no peito a lâmina de ouro coberta de pedras fatídicas, onde a chama se refletia, produzindo todas as cores de íris. Desorientado, empalidecia. Amílcar curvava a fronte. Estavam ambos tão perto da fogueira, que por vezes a chama quase lhes chegava aos mantos.

Os braços férreos moviam-se ligeiros; não descansavam. De cada vez que empolgavam uma criança, os sacerdotes de Moloch estendiam as mãos para lançarem sobre a vítima todos os crimes do povo, vociferando ao mesmo tempo:

— Não são homens, são bois! — E toda a multidão repetia:

— São bois, são bois!

Os mais devotos bradavam:

— Come-os, senhor! — E os sacerdotes de Prosérpina, conformando-se pelo terror com a necessidade de Cartago,

murmuravam a forma eleusíaca: — Derrama chuva! Gera!

As vítimas, apenas chegavam à entrada da abertura, desapareciam como gotas de água sobre uma lâmina candente, no meio de uma espessa nuvem de fumo esbranquiçado.

Contudo, o apetite do deus não diminuía; não se saciava de crianças. Para lhas oferecerem em maior número, empilhavam-nas sobre as mãos, segurando-as com uma corrente que lhes passava por cima. De começo, os devotos tinham querido contá-las, para verem se o seu número correspondia aos dias do ano solar; mas, por fim, tornou-se-lhes impossível distingui-las no meio do movimento vertiginoso dos horríveis braços. Durou isto, quase indefinidamente, até à noite. Por fim, apresentavam as paredes interiores do ídolo um aspeto mais sombrio. Então, todos viram carne que ardia; houve até quem reconhecesse cabelos, membros e corpos inteiros.

Anoiteceu. Por cima do Baal tinham-se acumulado muitas nuvens. A fogueira, já sem chamas, estava reduzida a uma pirâmide de carvões, que chegava aos joelhos do ídolo, o qual, completamente rubro como um gigante todo coberto de sangue, parecia, com a enorme cabeça curvada, cambaleiar com o peso da embriaguez.

A proporção que os sacerdotes desenvolviam maior atividade, aumentava o frenesi do povo; como o número das vítimas diminuía, uns queriam que as poupassem, outros, que eram precisas mais. Dir-se-ia que as muralhas, carregadas de povo, estavam próximo a desmoronar-se com a violência dos clamores de espanto e de voluptuosidade mística. Depois, começaram a entrar para dentro do recinto fechado vários fiéis, arrastando seus filhos, que se agarravam a eles com toda a força que o medo lhes dava; os pais batiam-lhes, então, para os obrigar a largá-los e poderem entregá-los aos homens vermelhos. Os que tocavam os instrumentos já referidos paravam de vez em quando, já exaustos. Nesses intervalos ouviam-se os gritos das mães e o chiar da gordura que pingava no braseiro. Os bebedores de meimandro, andando com as mãos pelo chão, volteavam à roda do colosso e rugiam como tigres; os Yidonins vaticinavam; os *dedicados* cantavam com os seus lábios fendidos; as grades tinham sido lançadas por terra; todos queriam tomar parte no sacrificio. E os pais cujos filhos já tinham morrido havia tempo lançaram no fogo as suas efigies, os seus brinquedos, as suas ossadas, cuidadosamente conservadas. Alguns, que estavam munidos de facas, precipitaram-se sobre os que as não tinham. Começaram, então, a matar-se uns aos outros. Os hierodulos tomaram numas pás de bronze as cinzas que se espalhavam sobre a base do ídolo e lançaram-nas no ar, a fim de que o sacrificio se espalhasse pela cidade e pela região das estrelas.

Tão grande clarão e motim tinham atraído os bárbaros ao pé das muralhas; e, empoleirando-se, para verem melhor as ruínas da helépole, olhavam para tudo aquilo embasbacados e cheios de horror.

XIV — O DESFILADEIRO DO MACHADO

Os cartagineses não se tinham recolhido ainda para suas casas e as nuvens tomavam-se cada vez mais espessas; os que ergueram os olhos para o colosso sentiram na frente grossas gotas de água. Começava a chover.

Choveu durante toda a noite abundantemente e os trovões ribombavam de espaço a espaço. Era a voz de Moloch que tinha vencido Tanit, e esta, já fecundada, abria do alto do céu o seu vasto seio. De vez em quando apercebiam-na numa espécie de clareira luminosa, deitada em coxins de seda. Depois, as trevas tornavam a ocultá-la, como se, fatigada ainda, quisesse tornar a adormecer. E os cartagineses, crendo todos que a água era gerada pela Lua, soltavam altos gritos para facilitarem o seu trabalho.

A chuva trasbordava dos terraços, formava lagos nos pátios, cascatas nas escadarias e turbilhões nas esquinas das ruas. A água caía como pesadas massas tépidas; dos ângulos de todos os edifícios saltavam grossos jatos espumosos; nas paredes parecia haver como que umas toalhas, vagamente suspensas; e os telhados dos templos, lavados, brilhavam em negro à luz dos relâmpagos. Da Acrópole desciam as torrentes por mil caminhos; muitas casas abatiam inopinadamente, de sorte que se viam vigas, pedaços de tabiques e móveis levados pelas enxurradas, que corriam impetuosamente pelos lajedos.

Tinham exposto à chuva grande quantidade de ânforas e de vasos de toda a espécie. Mas como neste trabalho se apagavam os fochos, todos corriam a tirar tições da fogueira do Baal. Muitos cartagineses colocavam-se no meio das ruas, com a cabeça inclinada para trás e a boca aberta, tão grande era a sede que os devorava. Outros, à beira de lodosos charcos, mergulhavam neles os braços até aos sovacos e saciavam-se tão abundantemente de água que a vomitavam, como búfalos. A frescura espalhou-se, pouco a pouco, por toda a parte. Todos aspiravam o ar húmido, agitando ao mesmo tempo os membros entorpecidos, e no meio da felicidade daquela embriaguez em breve surgiu imensa esperança. Foram esquecidas todas as misérias. A pátria renascia ainda mais uma vez.

Os cartagineses sentiam a necessidade de lançar sobre outros o excesso do furor que não tinham podido empregar contra si mesmos. Um tal sacrificio não devia ser inútil; conquanto não experimentassem o menor remorso, sentiam-se dominados pelo frenesi produzido pela cumplicidade dos crimes irreparáveis.

Os bárbaros tinham suportado a tempestade nas suas tendas mal fechadas; e todos transidos, ainda ao amanhecer patinhavam no meio da lama, procurando as suas munições e armas.

Amílcar foi pessoalmente procurar Hannon e, usando dos seus plenos poderes, confiou-lhe o comando. O velho sufeta hesitou durante alguns minutos entre o seu rancor e o apetite da autoridade. Por fim, aceitou. Depois disto, Amílcar mandou sair uma galera armada com uma catapulta em cada extremo, para que fosse colocada em frente da jangada. A seguir, embarcou em navios disponíveis as suas tropas mais robustas. O sufeta parecia fugir; e, seguindo para o Norte, desapareceu no meio da cerração.

Mas passados três dias — ia recomeçar o ataque — chegaram tumultuosamente a Cartago numerosos habitantes da costa líbica. Barca fora ter com eles e continuara percorrendo o país, obtendo em toda a parte grande quantidade de víveres.

Então, os bárbaros sentiram-se indignados, como se o sufeta os houvesse atraído. Os que mais se enfastiavam com o cerco, os gauleses, sobretudo, não hesitaram em abandonar as muralhas, para irem juntar-se-lhes.

Spendius queria reconstruir a helépole; Matho tinha traçado uma linha ideal desde a sua tenda até Megara, e jurara a si mesmo segui-la; mas nenhum dos seus homens se moveu. Os outros, comandados por Autharite, retiraram-se, abandonando a parte ocidental da trincheira. A incúria era tal que ninguém pensou em substituí-los.

Narr'Havas observava-os de longe, nas montanhas. Durante a noite, fez passar toda a sua gente para o lado exterior da lagoa, pela beira-mar, e entrou em Cartago. Apresentou-se ali como um salvador, com seis mil homens, conduzindo todos avultada porção de farinha debaixo dos mantos, e quarenta elefantes carregados de forragens e de carnes secas. Foi grande a acumulação de gente à roda dos animais, que logo receberam os nomes por que deviam ser conhecidos. A chegada de um tal

auxílio alegrava ainda menos os cartagineses do que a presença dos fortes animais consagrados ao Baal: eram um penhor da sua ternura, uma prova de que ia, finalmente, para os defender, para tomar parte na guerra.

Narr'Havas recebeu as felicitações dos Anciãos; depois dirigiu-se ao palácio de Salambo.

Não tomara a vê-la depois daquela vez em que, na tenda de Amílcar, no meio dos cinco exércitos, sentira a sua mãozinha, fria e macia, ligada à sua; a filha de Amílcar tinha partido para Cartago logo depois dos esponsais. O amor do núbido, distraído por outras ambições, reivindicava os seus direitos. Então, Narr'Havas contava gozar o que lhe pertencia, esposá-la, apoderar-se dela.

Salambo não compreendia como aquele mancebo poderia tomar-se seu senhor.

Conquanto implorasse todos os dias a Tanit a morte de Matho, o seu horror pelo líbio diminuía a olhos vistos. Sentia confusamente que o ódio com que ele a tinha perseguido era uma coisa religiosa, e desejava ver na pessoa de Narr'Havas como que um reflexo daquela violência que a deslumbrava ainda. Desejava conhecê-lo mais de perto. Contudo, sentir-se-ia embaraçada na sua presença. Mandou pois dizer-lhe que não devia recebê-lo.

Além disto, Amílcar tinha proibido aos seus servos que admittissem a entrada do rei dos núbidos nos aposentos de sua filha. Adiando para o termo da guerra uma tal recompensa, esperava alimentar a sua dedicação; e Narr'Havas, temendo o sufeta, retirou-se e não insistiu.

Mas, desde então, mostrou-se altivo para com os Cem. Alterou todas as suas disposições. Exigiu prerrogativas para os seus soldados e confiou-lhes importantes postos. Os bárbaros não cessavam de arregalar os olhos, vendo núbidos sobre as torres de Cartago.

A surpresa dos cartagineses foi maior ainda, quando viram chegar, numa velha trirreme púnica, quatrocentos dos seus que tinham sido aprisionados durante a guerra da Sicília.

Com efeito, Amílcar tinha reenviado secretamente aos quirites as equipagens e os navios latinos, tomados antes da deserção das cidades tírias; e Roma, como troca de bons serviços, restituiu-lhe os seus cativos. A par disto, desprezou as propostas dos mercenários da Sardenha e negou-se a reconhecer como súbditos os habitantes de Utica.

Híeron, que governava a Sicília, fora arrastado por este exemplo. Era-lhe preciso, para conservar os seus Estados, um equilíbrio entre os dois povos: interessava-se, pois, pela vitória dos cananeus; portanto, declarou-se seu amigo e enviou-lhe mil e duzentos bois e cinquenta e três mil nebel de excelente farinha.

Havia ainda uma razão mais forte para que Cartago fosse socorrida. Era geral a convicção de que, se os mercenários vencessem, todos se insurgiriam, desde o soldado até ao miserável que lavava as escudelas, e que nenhum governo ou casa poderia resistir-lhes.

Amílcar, durante este tempo, percorria os campos orientais. Cortou a retaguarda aos bárbaros, que, pela sua parte, se viram também cercados. Então começou a atacá-los. Ora avançava sobre eles, ora retirava. E, renovando sem cessar esta manobra, foi pouco a pouco obrigando-os a abandonar os seus acampamentos. Spendius viu-se obrigado a seguir o movimento geral. Matho, por fim, cedeu como ele.

Contudo, não ultrapassou Tunes; encerrou-se nos seus muros. Esta obstinação era cheia de prudência, porque, dentro em pouco, viram Narr'Havas saindo pela porta de Khamon com os seus elefantes e soldados, para acudir ao chamamento de Amílcar. A este tempo, já os outros bárbaros divagavam pelas províncias perseguindo o sufeta.

Amílcar tinha recebido em Clipeia três mil gauleses. Mandou buscar cavalos à Cirenaica, armaduras ao Brutium e recomeçou a guerra.

Jamais o seu génio se mostrara tão impetuoso e fértil. Durante cinco Luas arrastou os bárbaros atrás de si. Havia um termo onde queria conduzi-los.

Em princípio, os bárbaros tinham intentado cercá-los com pequenos destacamentos, mas o sufeta escapava-se-lhes sempre. Não tornaram a dividir-se. O seu exército estava forte de quarenta mil homens, aproximadamente, e muitas vezes tiveram o prazer de ver recuar os cartagineses.

O que mais os atormentava eram os cavaleiros de Narr'Havas! Muitas vezes, às horas de mais ardente Sol, quando avançavam por planícies, dormitando sob o peso das armas, elevava-se de repente, no horizonte, uma espessa e extensa nuvem de poeira; depois, sentiam aproximar-se o galope de muitos cavalos e, do meio de uma nuvem, através da qual brilhavam flamejantes pupilas, precipitava-se contra eles uma chuva de dardos. Os núbidas, cobertos com mantos brancos, soltavam altos gritos, erguiam os braços, apertavam com os joelhos os seus valentes garanhões e, fazendo-os voltar com incrível rapidez, desapareciam instantaneamente. A pequenas distâncias, achavam sempre, sobre dromedários, fornecimento de dardos, e logo davam outra carga, mais terrível ainda, uivando como lobos e fugindo como abutres. Os bárbaros, que formavam os extremos das fileiras, iam caindo um a um, e assim continuavam até à noite, em que entravam nas montanhas, para se abrigar.

Conquanto as montanhas fossem perigosas para os elefantes, não deixou Amílcar de se aventurar nelas, seguindo a extensa cordilheira que se estende desde o promontório Hermeu até aos cumes do Zagouan. Era este, acreditavam os bárbaros, um meio de ocultar a insuficiência das suas tropas. Mas a incerteza contínua em que Amílcar os conservava acabava por exasperá-los mais do que uma derrota.

Contudo, não desanimavam e continuavam marchando atrás dele.

Finalmente, uma tarde, entre a Montanha de Prata e a Montanha de Chumbo, no meio de grandes rochedos, surpreenderam um corpo de velitas na entrada de um desfiladeiro. O exército estava, decerto, todo na frente deles, porque se ouvia distintamente o ruído dos passos e dos clarins. Os velitas, apenas viram os bárbaros, fugiram pelo desfiladeiro.

Este desfiladeiro desembocava numa planície, que tinha a forma de um ferro de machado e que era rodeada por altas penedias. Os bárbaros, para alcançarem os velitas, seguiram-nos pelo desfiladeiro até entrarem na planície. Ali viram, ao longe, entre muitos bois que se afastavam em grande corrida, outros cartagineses fugindo também, mas tumultuosamente. Entre eles aperceberam um homem de manto vermelho: era o sufeta. E, apontando-o uns aos outros, sentiam redobrar-se-lhes o furor e a alegria. Muitos, fosse por preguiça ou por prudência, tinham ficado na entrada do desfiladeiro. Mas de repente saiu do meio do mato um troço de cavalaria, que, com as espadas e lanças, os obrigaram a segui-lo, achando-se dentro em pouco todos os bárbaros na planície.

Depois, aquela grande massa de homens oscilou um instante e parou. Mas não descobriu saída alguma.

Os que estavam mais perto do desfiladeiro voltaram para trás, mas a passagem tinha desaparecido completamente. Os que iam na retaguarda gritavam aos que iam na frente, para os fazerem continuar; estes esbarravam com a montanha, vociferando ao mesmo tempo contra os seus companheiros, que não sabiam achar novamente o caminho.

Com efeito, apenas os bárbaros desceram, surgiram detrás dos penedos muitos homens que ali se achavam acorados e, com a ajuda de grossas traves, deslocaram-nos; e as enormes moles, rolando pela rampa, em extremo íngreme, fecharam completamente a pequena entrada do desfiladeiro.

No extremo oposto da planície abria-se um extenso corredor, cheio todo de grandes fendas e que conduzia a um barranco, que comunicava com a planície superior, ocupada pelo exército púnico. Naquele corredor, e encostadas à penedia, tinham antecipadamente colocado escadas; e os velitas, protegidos pelos rebordos das fendas, tinham conseguido chegar a elas e subir, antes de serem alcançados pelos bárbaros. Muitos avançaram até ao fundo do barranco, donde foram tirados com cordas, porque o solo, naquele sítio, era formado por areia movediça, e tinha tão grande inclinação que, mesmo de joelhos, era impossível trepar. Quase ao mesmo tempo, chegaram ali os bárbaros. Mas então, abaixou-se repentinamente diante deles, como uma trincheira caída do céu, uma grade com quarenta pés de altura e feita exclusivamente à medida do intervalo.

As combinações do sufeta tinham obtido o melhor resultado. Nenhum dos mercenários conhecia a montanha e, marchando na frente das colunas, tinham arrastado após si todos os outros bárbaros. Os penedos, um tanto delgados na base, tinham sido facilmente deslocados. Amílcar podia perder os seus velitas; mas teria sacrificado vinte vezes mais para obter o bom êxito de semelhante empresa.

Os bárbaros andaram, até ao amanhecer, percorrendo em massas compactas a planície, de um a outro extremo, palpando a montanha, diligenciando achar uma saída.

Amanheceu, enfim. Foi então que só viram à roda de si como que uma muralha esbranquiçada. E nem um único meio de salvação, nem uma esperança. As duas saídas naturais daquele beco estavam fechadas pela grade e pelo montão de penedos.

Espantados, todos olharam uns para os outros sem proferir uma única palavra. Vergavam-se-lhes as pernas, sentiam um frio de neve nos rins e nas pálpebras um peso extraordinário.

Depois, impelidos por um acesso de furor, arremessaram-se contra os penedos. Mas os mais baixos, sustentando o peso dos outros, eram inabaláveis. Desejaram escalá-los, mas a sua superfície convexa repelia todas as diligências nesse sentido. Quiseram abrir caminho pelos dois lados da garganta: os seus instrumentos quebraram-se. Com os mastros das tendas fizeram uma grande fogueira; mas o fogo não podia queimar a montanha. Voltaram-se depois para a grade; esta era guarnecida de compridos pregos, grossos como estacas, agudos como as cerdas de um porco espinho, cerrados como as barbas de uma escova. Mas a raiva dominava-os por tal modo, que se precipitaram sobre ela. Os primeiros cravaram-se até à espinha, os segundos refluíram sobre eles, e por fim todos caíram, deixando naqueles horríveis ramos farrapos humanos e cabeleiras ensanguentadas.

Quando o desânimo deu lugar a uma tal ou qual tranquilidade, examinaram qual a porção de víveres que possuíam. Os mercenários, que haviam perdido as bagagens, tinham apenas alimentos para dois dias; todos os outros não possuíam coisa alguma, porque esperavam um comboio prometido pelas aldeias do Sul.

Entretanto, os touros que os cartagineses tinham deixado à entrada do desfiladeiro para atraírem os bárbaros vagueavam pela planície. Os mercenários mataram-nos às lançadas; todos comeram e, depois de cheios os estômagos, os seus pensamentos foram menos lúgubres.

No dia seguinte degolaram todas as muares, quarenta, aproximadamente; depois raspam as peles, cozeram as entranhas, pisaram os ossos e, com tudo isto, conseguiram ainda não desesperar. O exército de Tunes, prevenido decerto, devia chegar de um momento para o outro.

Na tarde do quinto dia redobrou a fome; muitos vociferavam. Comeram os boldriés das espadas e as pequenas esponjas que orlavam o fundo dos capacetes.

Aqueles quarenta mil homens estavam como empilhados na espécie de hipódromo formado em torno deles pela montanha. Uns permaneciam diante da grade ou juntos da base dos rochedos; os outros cobriam confusamente a planície. Os fortes evitavam encontrar-se, os tímidos procuravam os bravos, que, contudo, não podiam salvá-los.

Para evitar a infeção tinham enterrado rapidamente os cadáveres dos poucos velitas que haviam perecido: já não se conhecia qual era o lugar das covas.

O enfraquecimento prostrara quase todos os bárbaros; não cessavam de lançar maldições contra os cartagineses, contra Amílcar e contra Matho, conquanto este estivesse inocente daquele desastre. Mas parecia-lhes que seriam menores as suas dores se ele as houvesse partilhado. Depois gemiam, e alguns choravam como crianças.

Dirigiam-se aos capitães e pediam-lhes que lhes dessem o meio de minorarem os seus sofrimentos. Aqueles não lhes respondiam, ou, então, acometidos de furor, apanhavam pedras e atiravam-lhas ao rosto.

Muitos conservavam cuidadosamente, em pequenas covas feitas na terra, uma reserva de alimentos, isto é, alguns punhados de tâmaras e um pouco de farinha, que comiam durante a noite, com o manto deitado pela cabeça.

Os que tinham espadas conservavam-nas sempre em punho; os mais desconfiados permaneciam continuamente em pé, encostados à montanha.

Todos acusavam os chefes e ameaçavam-nos. Mas Autharite não receava mostrar-se. Com a obstinação do bárbaro, que coisa alguma é capaz de descoroçoar, dirigia-se vinte vezes por dia ao ponto em que tinham sido precipitados os penedos, esperando de cada uma das vezes achá-los, talvez, removidos; e, baloiçando os seus largos ombros cobertos de peles, fazia lembrar aos seus companheiros o urso que, durante a primavera, sai da sua caverna para observar se o gelo já está derretido.

Spendius, rodeado pelos gregos, ocultara-se numa das fendas da penedia. Como tinha medo, fez espalhar o boato da sua morte.

A magreza dos bárbaros era já hedionda; a pele de muitos começava a apresentar manchas azuladas. Na noite do nono dia, morreram três iberos.

Os seus companheiros, assustados, mudaram de lugar. Despiram os três mortos e deixaram sobre a areia, expostos ao Sol, os seus corpos nus.

Então, os garamantes começaram a girar sorratamente em volta dos cadáveres. Eram homens habituados à existência das solidões e que não respeitavam nenhum deus. Por fim, o mais velho do bando fez um sinal, e logo, curvando-se sobre os corpos dos três iberos, cortaram-lhes com as facas algumas tiras de carne, que em seguida comeram, acorados sobre os calcanhares. Os outros observavam-nos de longe e soltavam gritos de horror; contudo, muitos havia que, do íntimo da alma, lhes invejavam a coragem.

Depois, no meio da noite, começaram alguns daqueles a aproximar-se, e, dissimulando o seu desejo, pediam que lhes dessem um bocadinho, unicamente para experimentarem, diziam eles. Atrás dos primeiros, seguiram outros mais atrevidos; o número aumentou: dentro em pouco era uma multidão. Mas quase todos, sentindo nos lábios aquela carne fria, deixavam-na cair da mão; outros, pelo contrário, saboreavam-na com o prazer próprio de canibais.

Para serem arrastados pelo exemplo, excitavam-se mutuamente. Os que a principio se tinham recusado a ir ter com os garamantes iam e não tornavam a afastar-se deles. Assavam grandes pedaços de carne nas pontas das espadas, salgavam-nos com pó e disputavam os melhores. Quando já não restava nada dos três cadáveres, lançaram os olhos pela planície para acharem outros. Mas não tinham eles em seu poder vinte cartagineses, aprisionados no último conflito e dos quais, até então, nenhum se tinha lembrado? Em pouco tempo desapareceram os vinte prisioneiros; demais, era uma vingança. Depois, como era preciso viver, como se tinha desenvolvido o gosto por aquela espécie de alimento, mataram os aguadeiros, os palafreiros, todos os servos dos mercenários. Não se passava um dia sem que não se fizessem mortes. Alguns, que comiam muito, tinham readquirido forças e já não estavam tristes.

Este recurso em breve veio a faltar. Então, a avidez voltou-se para os feridos e para os doentes. Uma vez que não podiam restabelecer-se, era melhor livrá-los dos seus sofrimentos; e, apenas um homem cambaleava, todos os mais exclamavam que estava perdido e que devia servir para os outros. Para lhes acelerar a morte usavam de astúcias; roubavam-lhes o resto do seu imundo quinhão; como por descuido, caminhavam sobre os que já não podiam erguer-se; os agonizantes, para fazerem acreditar no seu vigor, diligenciavam estender os braços, levantar-se e rir. Os que desfaleciam voltavam a si ao contacto de uma lâmina dentada, com que um ou outro diligenciava serrar-lhe um membro; e matavam ainda, por ferocidade, sem precisão, para darem largas ao furor que os dominava.

No décimo quarto dia caiu sobre o exército um nevoeiro espesso e tépido, como é vulgar suceder naquelas regiões, no fim do inverno. Esta mudança de temperatura produziu numerosas mortes, e a corrupção desenvolveu-se com medonha rapidez, por efeito da tépida humidade detida pelas paredes das montanhas. A neblina que caía sobre os cadáveres, amolecendo-os, tornou em pouco tempo a planície numa vasta podridão. Acima dos cadáveres flutuavam vapores esbranquiçados, que picavam as narinas, penetravam a pele e perturbavam a vista; os bárbaros julgavam ouvir suspiros e entrever as almas dos seus companheiros. O esmorecimento tomou-se geral. Já não queriam comer mais: preferiam morrer.

Passados dois dias, tornou a atmosfera a mostrar-se pura. A fome voltou a atormentá-los. Parecia-lhes, por vezes, que lhes arrancavam as entranhas com tenazes. Então, espojavam-se no chão, enchiam a boca de terra, mordiam os braços e soltavam risadas frenéticas.

A sede era ainda o seu maior tormento; não tinham uma gota de água; desde o nono dia que os odres estavam completamente vazios. Para iludirem a sede colocavam sobre a língua as chapas metálicas dos cinturões, os cabos de marfim, as folhas das espadas. Os antigos condutores de caravanas comprimiam o ventre com cordas. Outros metiam na boca um calhau. Havia-os até que bebiam urina, resfriada em capacetes de bronze.

E continuavam a esperar o exército de Tunes. Segundo as suas conjeturas, era a própria demora o que justificava a próxima chegada. Além disto, Matho, que era um bravo, não os abandonaria: “Chegam decerto amanhã”, diziam eles. O dia

seguinte passava e o exército não aparecia. Nos primeiros dias tinham orado, feito promessas, praticado toda a espécie de encantamentos. Depois, já não sentiam pelas suas divindades senão ódio, e, para se vingarem, diligenciavam não ter nelas a menor crença.

Os homens de caráter violento foram os primeiros que pereceram. Os africanos resistiram mais que os gauleses. Zarxas, no meio dos baleares, permanecia estendido ao comprido e inerte. Spendius achou uma planta de folhas muito largas e suculentas; e, depois de declará-la venenosa, para afastar todos os apetites, começou a alimentar-se com ela.

Todos estavam muito fracos para que pudessem matar, à pedrada, os abutres que pairavam sobre eles. Algumas vezes, quando um gipaeto, pousado sobre um cadáver, o despedaçava já há muito tempo, um outro bárbaro caminhava para ele, de rastos, levando um dardo seguro com os dentes. Apoiava-se numa das mãos e, depois de ter firmado bem a pontaria, arremessava a arma.

A ave de brancas penas, perturbada pelo ruído, interrompia-se, olhava à roda de si com ar tranquilo, como um corvo-marinho sobre um escolho; depois, tornava a mergulhar no cadáver o seu hediondo bico amarelo, e o homem, desesperado, tomava a cair de bruços sobre o pó. Alguns chegavam a descobrir camaleões e serpentes. Mas o que lhes conservava a vida era o desejo de viver. Seguravam a alma com esta ideia, exclusivamente, e agarravam-se à existência com um esforço de vontade que a prolongava.

Os mais estoicos conservavam-se juntos uns dos outros, sentados em roda, no centro da planície ou em qualquer lado, no meio dos mortos, e, embrulhados nos mantos, abandonavam-se silenciosamente à sua tristeza.

Os que tinham nascido em cidades recordavam-se das suas mas, cheias de vida e movimento, das tabernas, dos teatros, dos banhos e das lojas dos barbeiros, onde ouviam contar histórias. Outros julgavam tornar a ver os campos, ao pôr do sol, quando os trigos doirados ondulavam indolentemente e os bois subiam as colinas, retirando-se do trabalho. Os viajantes sonhavam com cisternas no meio do deserto, os caçadores pensavam nas suas florestas, os veteranos recordavam-se das suas batalhas; e, no meio da sonolência que os entorpecia, os seus pensamentos entrechocavam-se com todo o arrebatamento e clareza dos sonhos. Eram acometidos de súbitas alucinações. Procuravam na montanha uma porta para fugir e queriam passar através dela. Havia alguns que, julgando navegar no meio de uma tempestade, comandavam, em altos gritos, a manobra de algum navio, ou então recuavam espavoridos apercebendo, no meio das nuvens, numerosos batalhões púnicos. Não era raro vê-los cantar alegremente, julgando-se num festim.

Muitos, por efeito de estranha mania, repetiam a mesma palavra ou faziam continuamente o mesmo gesto. Depois, quando erguiam os olhos e se encaravam, desatavam a chorar, vendo o horrível estado dos seus rostos. Os que já se tinham tornado insensíveis ao sofrimento empregavam as horas contanto os perigos a que já tinham escapado.

A morte era infalível para todos. Quantas vezes não tinham eles tentado abrir uma passagem!?

Quanto a implorar as condições do vencedor, qual o meio? Nem sabiam onde se achava Amílcar!

O vento soprava do lado do barranco. As suas rajadas faziam correr incessantemente a areia por cima da grande cancela, parecendo uma cascata; o pó cobria os mantos e os cabelos dos bárbaros, como se fosse a própria terra que os quisesse enterrar. Nada se movia. A eterna montanha parecia-lhes, de dia para dia, mais alta.

De vez em quando, passavam, a grande altura, bandos de aves, em toda a liberdade do ar. Os bárbaros fechavam os olhos para não os ver.

Os que tinham chegado ao estado extremo sentiam primeiro um zumbido nos ouvidos, depois enegreciam-se-lhes as unhas, o peito esfriava-lhes, deitavam-se de lado e a vida extinguia-se-lhes sem soltarem um gemido.

No décimo nono dia estavam mortos dois mil asiáticos, mil e quinhentos do arquipélago, oito mil da Líbia, os mais moços dos mercenários e tribos inteiras. Ao todo, vinte mil soldados — metade do exército.

Autharite, que já não tinha senão cinquenta gauleses, dispunha-se a fazer com que o matassem, para terminar com tão grande sofrimento, quando no cume da montanha, em frente do sítio em que ele se achava, julgou ver um homem.

Este homem, por efeito da grande altura, parecia-lhe um anão. Contudo, Autharite reconheceu-lhe no braço esquerdo um

escudo com a forma da folha do trevo. Então exclamou: “Um cartaginês!” E na plataforma todos se ergueram. O soldado girava pela beira do precipício. Os bárbaros, debaixo, não tiravam dele os olhos.

Spendius pegou numa caveira de boi; depois, fazendo com dois cinturões uma espécie de diadema, colocou-o nos chavelhos e arvorou a seguir a caveira na ponta de uma vara, como prova de intenções pacíficas. O cartaginês desapareceu. Os bárbaros esperaram.

Enfim, à noite, como se fora uma pedra que se desligasse da montanha, caiu de lá de cima um boldrié. Esse boldrié era vermelho e todo coberto de bordados, com três estrelas de diamantes e tendo no centro o brasão do Conselho Supremo: um cavalo debaixo de uma palmeira. Era a resposta de Amílcar, o salvo-conduto por ele enviado.

Os bárbaros nada tinham a temer; qualquer que fosse a mudança, era-lhes sempre valiosa, contanto que pusesse termo aos seus males. Foi extrema a alegria que subitamente os animou; todos se abraçavam, todos choravam lágrimas de prazer. Spendius, Autharite e Zarxas, quatro italiotas, um negro e dois espartanos ofereceram-se voluntariamente para parlamentários e foram logo aceites, sem que ainda soubessem qual o modo por que sairiam dali para desempenharem a sua missão.

De repente, ouviram certo ruído do lado dos penedos; e depois viram o mais elevado deles oscilar sobre si mesmo e precipitar-se até abaixo. Com efeito, se do lado dos bárbaros os penedos eram inabaláveis, visto que lhes seria necessário obrigá-los a subir um plano inclinado — estando, além de tudo, amontoados pela exiguidade de espaço —, do outro, pelo contrário, bastava que os empurrassem fortemente para os deslocarem. Os cartagineses empurraram-nos e ao amanhecer estavam todos estendidos pela planície, como degraus de uma escada arruinada. Mas os bárbaros não podiam, ainda assim, trepar por eles. Deitaram-lhes escadas. Todos se precipitaram para elas, mas foram repelidos por uma descarga de catapulta. Por fim, só os dez subiram.

Passada a alegria dos primeiros momentos, começaram a sentir-se inquietos. As exigências de Amílcar deviam ser cruéis. Spendius diligenciava tranquilizar os seus companheiros.

— Serei eu quem falará! — dizia ele, gabando-se de ter muito boas razões a alegar para a salvação do exército.

A cada passo encontravam sentinelas ocultas atrás das moitas, mas todas se prostravam diante do boldrié que Spendius lançara aos ombros.

Quando chegaram ao campo púnico, aglomerou-se-lhes em torno grande multidão e ouviram distintamente os soldados segredando uns com os outros, acompanhando o que diziam com risadas mal comprimidas. De repente, abriu-se a porta de uma tenda.

Ao fundo estava Amílcar, sentado num escabelo, junto de uma mesa baixa, onde brilhava uma espada nua. A roda dele estavam muitos capitães em pé.

Amílcar, vendo os parlamentários, fez um movimento como para recuar; depois, curvou-se um pouco para melhor os examinar do lugar onde estava.

Os bárbaros tinham as pupilas extraordinariamente dilatadas e um grande círculo negro em volta dos olhos, o qual se prolongava até à parte inferior das orelhas; os narizes, afilados, saíam-lhes em extremo adelgaçados entre as faces cavadas e sulcadas por fundas rugas; a pele dos seus corpos, demasiadamente larga para conter-lhes os músculos, estava toda coberta por um pó cor de ardósia; os lábios colavam-se-lhes aos dentes amarelos; o cheiro que exalavam era infeto. Julgar-se-iam túmulos entreabertos, sepulcros vivos.

No meio da tenda, estava sobre uma esteira em que os capitães deviam assentar-se um prato cheio de abóbora exalando muito agradável aroma. Os bárbaros, tremendo como varas verdes, e com os olhos arrasados de água, não os tiravam do prato. Contudo, continham-se.

Nisto, Amílcar voltou-se para falar com alguém. Então, os bárbaros precipitaram-se sobre a abóbora, como lobos. Quase mergulhavam os rostos na gordura, e deixavam ouvir, de mistura com o ruído da deglutição, soluços de alegria. Sem dúvida, mais por espanto do que por compaixão, deixaram-nos despejar a gamela. Depois de todos se erguerem, Amílcar ordenou, com um gesto, ao homem que levava o boldrié que falasse. Mas Spendius, tomado de susto, apenas balbuciava.

Amílcar, ouvindo-o, fazia girar em torno do dedo um grosso anel de ouro; o mesmo que servira para imprimir no boldrié o selo de Cartago. Com este movimento, deixou cair no chão o anel. Spendius curvou-se imediatamente e apanhou-o.

Na presença do senhor, prevaleciam nele os hábitos do escravo.

Os seus companheiros estremeceram, vendo-o praticar tão grande baixeza.

Mas o grego ergueu a voz e, enumerando os crimes de Hannon, que ele sabia ser inimigo de Barca, diligenciado comovê-lo com a descrição das suas misérias e a recordação da sua dedicação, falou durante muito tempo, de um modo rápido, insidioso e até violento; por fim, arrastado pelo calor do seu discurso, quase se ia esquecendo de chegar à conclusão.

Amílcar replicou que aceitava as suas desculpas. Assim, ia concluir-se a paz, que seria, enfim, definitiva. Mas para isso exigia que lhe fossem entregues dez dos mercenários que ele escolhesse, sem armas nem túnicas.

Os emissários não esperavam tão grande clemência. Spendius exclamou:

— Vinte, se tu quiseres, senhor!

— Não! Bastam-me dez! — respondeu muito compassadamente Amílcar.

Depois disto, fizeram-nos sair da tenda, para que pudessem deliberar. Apenas se acharam sós, reclamou Autharite a favor dos companheiros sacrificados. Zarxas disse a Spendius:

— Porque não o mataste? Tiveste a sua espada ao alcance da mão.

— Matá-lo, a ele? — exclamou Spendius; e repetia muitas vezes: “A ele? A ele?”, como se fora coisa impossível e Amílcar algum imortal.

A fadiga que os acabrunhava era tal que se deitaram de costas, no chão, sem saberem qual a resolução que deveriam tomar.

Spendius tanto os instigou a que aquiescessem, que por fim cederam e tornaram a entrar na tenda.

Então, o sufeta pegou sucessivamente nas mãos dos dez bárbaros, apertando-lhes os pulsos. Depois esfregou a sua mão pelo fato, porque a pele viscosa dos bárbaros produzia, ao mais leve contacto, uma impressão rude, desagradável, horripilante. Ato contínuo, disse-lhes:

— Sois todos chefes dos bárbaros e jurastes por eles?

— Sim — responderam os emissários.

— Sem constrangimento, do fundo da alma e com intenção de cumprirdes as vossas promessas?

Todos asseguraram que voltavam para junto dos outros, para as cumprirem.

— Bem! — tornou o sufeta. — Segundo a convenção feita por mim, Barca, e os embaixadores dos mercenários, sois vós que eu escolho. Portanto, ficais em meu poder.

Spendius caiu desfalecido sobre a esteira. Os nove bárbaros, como que abandonando-o, chegaram-se para os outros; e não soltaram um só queixume, uma única palavra.

Os seus companheiros, que, ansiosos, os esperavam, não os vendo voltar, julgaram-se atraídoados. Os parlamentários tinham-se, sem dúvida, entregado ao sufeta.

Esperaram ainda dois dias; na manhã do terceiro tomaram uma resolução. Com cordas, chuços e flechas dispostos como degraus entre farrapos de vários tecidos, conseguiram escalar os rochedos, deixando atrás de si os mais fracos, três mil aproximadamente, e meteram-se ao caminho, para se reunirem ao exército de Tunes.

No fim da estreita garganta estendia-se uma campina em que havia, espalhados, muitos arbustos; os bárbaros devoravam-lhes todos os rebentos. Pouco mais distante acharam um faval, e logo tudo desapareceu como se por ali tivesse passado uma praga de gafanhotos. Depois de caminharem três horas, chegaram a uma segunda planície, orlada por um cinto de verdejantes colinas.

Entre as ondulações destes montículos, brilhavam, distanciados uns dos outros, como que uns grupos de prateada vegetação. Os bárbaros, deslumbrados pelo Sol, só muito confusamente apercebiam, na sua parte inferior, umas grandes massas negras que a suportavam. Aqueles feixes de objetos prateados ergueram-se de repente. Eram lanças que saíam de

torres colocadas sobre elefantes, medonhamente armados.

Além do esporão do peitoril, dos punções que lhes tinham adicionado aos dentes, das chapas de bronze que lhes cobriam os flancos e dos punhais que lhes eriçavam as joelheiras, cada um tinha no extremo da tromba, preso com uma correia, um largo cutelo. E estes terríveis animais, partindo todos ao mesmo tempo do fundo da planura, avançavam pelos lados dela, em duas linhas paralelas.

Então, os bárbaros sentiram-se gelados por um terror sem nome. Nem sequer tentaram fugir. Num momento viram-se cercados.

Os elefantes penetraram desapiedadamente naquela massa de homens; os esporões que tinham nos peitoris dividiram-na, e as lanças que lhes prolongavam os dentes revolviam-nas como relhas de charruas; com os cutelos que levavam nas trombas cortavam, talhavam por todos os lados; as torres, vomitando faláricas, pareciam vulcões móveis. Não se distinguia em toda a planície senão um prodigioso montão de objetos, onde a carne humana produzia manchas brancas, os pedaços de bronze, nódoas pardas, e o sangue grandes rastilhos vermelhos. Os horríveis animais, passando através de tudo isto, abriam sulcos negros.

O mais furioso era conduzido por um númida coroadado com uma diadema de penas, que arremessava dardos com medonha rapidez e destreza, soltando de vez em quando agudos assobios. E os enormes animais, dóceis como cães, mesmo no meio de carnificina, voltavam a cabeça para o lado, como querendo olhar para ele.

O diâmetro do círculo foi pouco a pouco diminuindo; os bárbaros, enfraquecidos, não resistiam. Dentro em pouco, os elefantes acharam-se juntos no centro da planura. Faltava-lhes o espaço; esbarravam uns com os outros e os dentes embaraçavam-se reciprocamente. Então, Narr'Havas começou a afagá-los e logo os fez voltar a trote para junto das colinas.

Entretanto, duas sintagmas tinham-se refugiado à direita, numa depressão do terreno, e, arrojando para longe de si as armas, imploravam graça, de joelhos e estendendo os braços para as tendas púnicas.

Os cartagineses amarraram-nos de pés e mãos; depois, quando acabaram de estender todos no chão, conduziram sobre eles os elefantes.

Os peitos rangiam como cofres violentamente arrombados; cada passo dos elefantes esmagava dois ao mesmo tempo; as suas grandes patas assentavam sobre os corpos com um movimento de espáduas que parecia fazê-los coxear. E continuavam assim caminhando até ao fim.

O nível da planura tornou-se imóvel.

A este tempo tinha já anoitecido. Amílcar deleitava-se diante do espetáculo da sua vingança, mas subitamente estremeceu. Acabava de ver, assim como todos os que o rodeavam, na distância de uns seiscentos passos, á esquerda, numa encosta, mais bárbaros ainda.

Com efeito, quatro mil dos mais robustos, mercenários, etruscos, líbios e espartanos, logo no começo tinham alcançado os pontos mais elevados, onde se haviam conservado indecisos. Depois da carnificina feita nos seus companheiros, resolveram atravessar por entre os cartagineses, e para isso desciam já para a planície, em colunas cerradas, com um aspeto maravilhoso e formidável.

Imediatamente, foi-lhes enviado um arauto. O sufeta necessitava de soldados; portanto, recebia-os sem condições, tal era o modo por que ele lhes admirava a bravura. Podiam, acrescentou o homem de Cartago, aproximar-se de um sítio, que lhes designou, onde achariam víveres.

Os bárbaros dirigiram-se para o ponto indicado e passaram a noite a comer. Então os cartagineses prorromperam em clamores contra a manifesta parcialidade dos sufetas pelos mercenários.

Cederia ele às expansões de uma raiva insaciável ou seria guiado por um requinte de perfídia?

No dia seguinte foi ele, pessoalmente, sem espada e de cabeça descoberta, no meio de uma escolta, ao encontro dos bárbaros, e declarou-lhes que tendo muita gente a sustentar, não tinha intenção de os conservar consigo. Todavia, como necessitava de homens e não sabia qual o meio de escolher entre eles os melhores, combater-se-iam eles, uns aos outros, a

todo o transe. Depois, admitiria os vencedores na sua guarda particular. “Esta morte valia bem qualquer outra”; e então, afastando os soldados da escolta que o tinha acompanhado — porque os estandartes púnicos fechavam aos mercenários o horizonte —, mostrou-lhes os cento e noventa e dois elefantes de Narr’Havas, formando uma só linha, e cujas trombas brandiam largos ferros, semelhantes a braços de gigantes, erguendo acima das suas cabeças ameaçadores machados.

Os bárbaros entreolharam-se silenciosamente. Não era a morte que os fazia empalidecer, mas sim o constrangimento a que se viam reduzidos.

A comunidade da sua existência estabelecera entre aqueles homens profundas unidades. O acampamento, para a maior parte, substituía a pátria. Vivendo sem família, dispensavam com um companheiro toda a sua ternura e dormiam juntos, cobertos com o mesmo manto, à claridade das estrelas. Depois, naquela vagabundagem perpétua, através de inúmeros países, de toda a espécie de desastres e aventuras, tinham-se formado estranhos amores — uniões obscenas, tão sérias como casamentos em que o mais forte protegia o mais fraco, no meio das batalhas, ajudava-o a saltar os precipícios, enxugava-lhe na frente o suor das febres e roubava para ele o alimento; e o mais fraco, ordinariamente uma criança apanhada na beira de um caminho, e tornada depois mercenário, pagava aquela dedicação com mil cuidados delicados e com as complacências de esposa.

Os bárbaros trocaram uns com os outros os colares e os brincos, objetos com que outrora se tinham presenteado, depois de um grande perigo e em horas de embriaguez. Todos queriam morrer e nenhum queria ferir. Via-se a cada passo um jovem, dizendo a outro cuja barba era já grisalha: “Não, não! Tu és mais robusto!” E o homem de barba grisalha respondia: “Já me restam poucos anos de vida! Fere no coração e não penses mais nisso!” Os irmãos contemplavam-se de mãos dadas, e o amante dava ao seu amante o adeus eterno, em pé e chorando sobre o seu rosto.

A seguir tiraram as couraças para que as pontas das espadas penetrassem mais rapidamente as carnes. Então, apareceram, a descoberto, as cicatrizes das grandes feridas que tinham recebido em defesa de Cartago; dir-se-iam inscrições gravadas em colunas.

Depois disto formaram-se em quatro fileiras, à maneira dos gladiadores, e começaram a luta, mas muito frouxamente. Alguns tinham até vendado os olhos, de sorte que brandiam as espadas no espaço, vagarosamente, como bordões de cegos. Os cartagineses apuparam-nos, chamando-lhes cobardes. Os bárbaros animaram-se e, dentro em pouco, tornou-se geral o combate, precipitado e terrível.

Por vezes estacavam, juntos um do outro, dois homens, todos cobertos de sangue, abraçavam-se e expiravam beijando-se. Nem um só recuava. Precipitavam-se a peito descoberto contra as lanças enristadas. O seu delírio era tão furioso, que os cartagineses, mesmo de longe, se sentiam amedrontados.

Enfim, cessaram de combater. Soltavam do peito um ruído rouco e a custo se lhes apercebiam as pupilas entre os compridos cabelos, que lhes pendiam vermelhos sobre o rosto, como se todos houvessem saído de um banho de púrpura. Muitos volteavam sobre si mesmos, rapidamente, quais panteras feridas na cabeça. Outros permaneciam imóveis, considerando um cadáver estendido a seus pés; depois começavam de repente a arrancar os cabelos, a rasgar as faces com as unhas, até que, por fim, empunhavam com ambas as mãos a espada e mergulhavam-na no ventre.

Restavam ainda uns sessenta, que pediram de beber. Os cartagineses gritaram-lhes que largassem as armas; e depois de eles as largarem, levaram-lhes água.

Enquanto bebiam, com os rostos metidos quase dentro dos vasos, precipitaram-se sobre eles os cartagineses e mataram-nos todos, cravando-lhes punhais nas costas.

Amílcar fez isto para comprazer aos instintos do seu exército e ligá-lo à sua pessoa por meio de uma tal traição.

Assim, pois, estava terminada a guerra; pelo menos, o sufeta assim o acreditava. Matho não resistiria e Amílcar, no meio da sua impaciência, ordenou desde logo a partida.

Nisto, recolheu a força que fora à descoberta, participando-lhe que tinha avistado um troço caminhando na direção da Montanha de Chumbo.

Amílcar não se inquietou com a notícia. Uma vez aniquilados os mercenários, deixariam os nómadas de o embarçar. O mais importante era tomar Tunes, para onde se dirigiram a marchas forçadas.

Antes de partir, enviara Narr'Havas a Cartago; e o rei dos nómidas, ensoberbecido pelos seus feitos, apresentou-se nos aposentos de Salambo.

A filha de Amílcar recebeu-o no seu jardim, debaixo de um grande sicómoro, entre almofadas de couro amarelo e tendo Taanach a seu lado.

Tinha o rosto coberto com um véu branco, que, passando-lhe sobre a boca e sobre a fronte, lhe deixava descobertos os olhos, mas os lábios brilhavam-lhe na transparência do tecido, como as pedrarias que lhe ornavam os dedos, porque Salambo tinha as mãos envolvidas por um ténue tecido e não fez o menor gesto durante todo o tempo que durou a entrevista.

Narr'Havas anunciou-lhe a derrota dos bárbaros.

Salambo agradeceu-lhe com uma bênção os serviços que ele prestara a seu pai. O nómida passou, então, a descrever-lhe toda a campanha.

Sobre as palmeiras que os rodeavam arrulhavam suavemente muitas pombas e por entre a folhagem esvoaçavam muitas outras aves, tais como galinhas de colar, codornizes de Tartesso e galinhas púnicas. A vegetação do jardim, por muito tempo descuidado, tinha atingido extraordinárias proporções; as coloquintides trepavam pela ramagem da canafístula, os canteiros de rosas estavam cheios de asclépias; via-se, em suma, entrelaçada toda a espécie de vegetação, formando como que uns grandes berços; e os raios do Sol, caindo sobre os jardins obliquamente, projetavam na terra, por um e outro lado, como nos bosques, a sombra de uma folhinha. Os animais domésticos, que se haviam tornado novamente selvagens, fugiam ao menor ruído. Por vezes avistava-se uma gazela, levando presas nos seus pequeninos cascos pretos penas de pavão, das muitas que estavam espalhadas pela relva. Os clamores da cidade confundiam-se ao longe com o murmúrio das ondas. O céu estava azul e nem uma vela aparecia na superfície do mar.

Narr'Havas já não falava; e Salambo contemplava-o sem lhe responder.

O nómida trajava uma túnica de linho, coberta de flores pintadas e orlada com franjas de ouro; os cabelos entrançados eram presos atrás das orelhas por duas pequenas flechas de prata; e apoiava-se com a mão direita à haste de um pique, ornado com argolas de eletro e tufos de pelo.

Salambo, contemplando-o, sentia-se assaltada por uma multidão de pensamentos vagos. Aquele mancebo de voz meiga e aspeto feminino cativava-lhe os olhos com as graças da sua pessoa e parecia-lhe ser como que uma irmã mais velha que os Baais lhe enviassem para a proteger. De repente apoderou-se dela a lembrança de Matho; não pôde resistir à necessidade de ter notícias dele.

Narr'Havas disse-lhe que os cartagineses avançavam sobre Tunes, a fim de a tomarem. A medida que o nómida enumerava as probabilidades que os cartagineses tinham de obter bom êxito e descrevia a fraqueza de Matho, Salambo sentia-se regozijar com uma esperança extraordinária; quando ele lhe prometeu matá-lo pela sua mão, a filha de Amílcar exclamou:

— Oh! Sim! Mata-o! Assim é preciso!

O nómida replicou que desejava ardentemente aquela morte, porque, terminada a guerra, devia ser seu esposo.

Então, Salambo estremeceu e baixou a fronte.

Narr'Havas, prosseguindo, comparou os seus desejos às flores que murcham pela falta de chuva, a viajantes perdidos, que esperam ansiosos o dia. Disse-lhe ainda que era mais bela que a Lua, melhor que a brisa da madrugada e que o rosto do hóspede. Mandaria vir para ela, do país dos negros, coisas como não havia iguais em Cartago; o pavimento dos seus quartos seria coberto com pó de ouro.

A tarde ia declinando, os diferentes bálsamos exalavam os seus aromas.

Por muito tempo olharam-se em silêncio, e os olhos de Salambo, no meio das suas alvas roupagens, pareciam duas estrelas mostrando-se pela abertura de uma nuvem. Antes do sol-posto, Narr'Havas retirou-se.

Os Anciãos sentiram-se aliviados de uma grande inquietação quando viram o nómida sair de Cartago. O povo tinha-o

recebido com aclamações mais entusiásticas ainda que da primeira vez. Se Amílcar e o rei dos nômadas triunfassem sozinhos dos mercenários, seria impossível resistir-lhes. Assim, para enfraquecer Barca, resolveram fazer tomar parte na libertação da República aquele que eles muito prezavam, o velho Hannon.

Hannon, pois, dirigiu-se imediatamente para as províncias ocidentais, a fim de se vingar, nos próprios lugares que tinham presenciado a sua vergonha. Mas os habitantes, assim como os bárbaros, ou estavam mortos ou tinham fugido.

Então, a cólera do sufeta descarregou-se toda sobre os campos. Incendiou as ruínas das ruínas, não deixou em pé uma árvore, uma só erva; as crianças e os enfermos que encontrava eram logo supliciados; dava aos soldados as mulheres, para que as violassem antes de as matarem, e as mais belas eram lançadas na sua liteira, posto que a sua atroz doença inflamava-o com desejos impetuosos, que ele saciava com todo o furor de um homem desesperado.

Muitas vezes, no cimo das colinas, viam-se tendas negras caírem por terra, como derrubadas pelo vento, e grandes discos de orlas brilhantes, que logo se reconhecia serem rodas de carros a rodarem das alturas, produzindo um som queixoso e pouco a pouco desapareceram no fundo dos vales. As tribos que tinham abandonado o cerco de Cartago divagaram assim pelas províncias, esperando uma ocasião, alguma vitória dos mercenários para entrarem em campanha. Mas, ou fosse por terror ou fome, tomaram todos o caminho das suas localidades e desapareceram.

Amílcar não se mostrou cioso dos feitos de Hannon. Contudo, tinha pressa de acabar, e por isso ordenou-lhe que marchasse sobre Tunes, e Hannon, que amava a sua pátria, achou-se no dia prefixo, com o seu exército, diante dos muros da cidade.

Tunes tinha para se defender a sua população de autóctones, doze mil mercenários, depois todos os comedores-de-coisas-ímundas, que estavam, como Matho, presos ao horizonte de Cartago; e a plebe e o schalischim contemplavam, de longe, as suas altas muralhas, entrevedo além delas infinitos gozos. Este acordo de ódios organizou rapidamente a resistência. Lançaram mão de grande número de odres para fazerem capacetes, cortaram todas as palmeiras dos jardins, para terem lanças; abriram cisternas; e, quanto a víveres, pescavam na beira do lago grandes peixes brancos, nutridos de cadáveres e de imundícies. As trincheiras, mantidas em ruínas, pelos ciúmes de Cartago, eram tão fracas que se desmoronariam com o mais pequeno esforço. Matho mandou tapar-lhes as brechas com pedras arrancadas das casas. Era a derradeira luta; não tinha esperança alguma de vitória; todavia, dizia consigo mesmo que a fortuna era por vezes caprichosa.

Os cartagineses, aproximando-se, notaram sobre a trincheira um homem de tão elevada estatura que se lhe via a cintura acima das seteiras. As flechas, como que chovendo à roda dele, não pareciam assustá-lo mais que um bando de andorinhas. Nem uma só lhe tocou.

Amílcar estabeleceu o seu acampamento ao meio-dia da cidade; Narr'Havas, à sua direita, ocupava a planície de Rhades; Hannon, à beira do lago. Os três generais deviam conservar as suas posições respectivas para, todos ao mesmo tempo, atacarem as trincheiras.

Amílcar, querendo primeiro mostrar aos mercenários que os castigaria como escravos, mandou crucificar os dez embaixadores, uns ao pé dos outros, sobre um montículo, em frente da cidade.

Os sitiados, presenciando este espetáculo, abandonaram as trincheiras.

Matho lembrava-se de que, se pudesse passar entre as trincheiras e as tendas de Narr'Havas, tão rapidamente que não desse aos nômadas tempo de saírem, cairia sobre a retaguarda da infantaria cartaginesa, que assim se acharia encurralada entre a sua divisão e as do interior da praça. Seguido por todos os veteranos, correu a executar este projeto.

Narr'Havas lobrigou-o. Imediatamente atravessou a plaga do lago e foi dizer a Hannon que expedisse forças em socorro de Amílcar. Julgaria ele Barca tão fraco que não pudesse resistir aos mercenários? Seria uma perfídia ou uma tolice? Ninguém pôde jamais sabê-lo.

Hannon, pelo desejo de humilhar o seu rival, não hesitou um instante. Mandou tocar as trombetas e todo o seu exército se precipitou sobre os bárbaros. Estes voltaram atrás e correram ao encontro dos cartagineses, aos quais derrubaram, pisaram aos pés e repeliram até à tenda de Hannon, que estava então em pé, no meio de uns trinta cartagineses, que eram os mais

ilustres dos Anciãos.

Estupefacto na presença de tanta audácia, chamava os seus capitães. Os bárbaros chegavam-lhe ao rosto os punhos fechados, vociferando, ao mesmo tempo, terríveis injúrias. A multidão tornava-se cada vez mais compacta, de sorte que os que lhe tinham lançado a mão a custo se sustinham. Entretanto, o sufeta dizia-lhes ao ouvido: “Dar-te-ei tudo o que quiseses! Sou rico! Salva-me!”

Os bárbaros tiraram-no do meio do tumulto; e, embora pesado como era, não tocava o chão com os pés. Os Anciãos tinham já sido arrastados. O terror do sufeta redobrou, fazendo-o exclamar:

— Vencestes-me! Sou vosso cativo! Mas posso resgatar-me! Escutai-me, meus amigos!

E levado por todos aqueles ombros que o apertavam pelos lados, repetia:

— Que fazeis? O que quereis vós? Bem vedes que não me obstino! Sempre fui bom!

A porta da tenda estava arvorada uma agigantada cruz. Os bárbaros gritaram: “Aqui! Aqui!” Mas o sufeta, erguendo ainda mais a voz, suplicou-lhes que o conduzissem à presença do schalischim, porque tinha a fazer-lhe revelações de que dependeria a sua salvação.

Alguns dos bárbaros disseram, então, que seria talvez prudente chamar Matho, e logo partiram alguns em busca dele.

Hannon caiu sobre a erva. A roda de si via ainda outras cruces, como se o suplício de que ia perecer se tivesse antecipadamente multiplicado. Nesta situação, fazia esforços para se convencer de que estava iludido, de que não havia ali mais do que uma, e até de que nem havia nenhuma. Finalmente, levantaram-no do chão.

— Fala! — disse Matho.

Hannon ofereceu-se, então, para entregar Amílcar, depois do que entrariam em Cartago, onde seriam ambos reis.

Matho afastou-se, fazendo sinal aos seus para que se apressassem. Era — pensava ele — um ardil do sufeta para ganhar tempo.

O bárbaro enganava-se. Hannon achava-se num desses extremos em que não se calcula nada, além de que odiava de tal modo Amílcar que o teria sacrificado e aos seus soldados, em troca da mais pequena esperança de salvação.

Na base das trinta cruces, jaziam, esmorecidos, os Anciãos, que já tinham as cordas passadas pelos sovacos. Então, o velho sufeta, compreendendo que ia morrer, desatou a chorar.

Os bárbaros despojaram-no do resto das suas vestes, e expuseram a todos os olhos o estado horroroso do seu corpo. Inúmeras úlceras cobriam aquela massa sem nome; o pus das pernas encobria-lhe as unhas dos pés; dos dedos pendiam-lhe como que uns farrapos esverdeados; e as lágrimas que lhe corriam por entre os tubérculos das faces davam-lhe ao rosto o que quer que era de medonhamente triste, parecendo ocupar maior espaço do que sobre outro qualquer rosto humano.

A sua faixa real, meia solta, arrastava-se pelo pó juntamente com os seus cabelos brancos.

Os mercenários julgaram não ter cordas bastante fortes para o içarem até ao alto da cruz, de sorte que o pregaram nela antes de o arvorearem, ao uso púnico.

Então, a dor despertou todo o orgulho de Hannon, que começou a cobrir de injúrias os seus algozes. Escumava e estorcia-se como um monstro marinho próximo a ser morto numa praia, predizendo-lhes que acabariam todos mais horrivelmente ainda e que seria vingado.

Com efeito, já o estava.

Do outro lado da cidade, donde então se elevavam na atmosfera medonhas chamas, envoltas em turbilhões de fumo, estavam agonizando os embaixadores dos mercenários.

Alguns, que, em princípio, tinham desfalecido, acabavam de reanimar-se com a frescura do vento; mas, apesar disso, permaneciam com os rostos pendidos para o peito; os corpos descaíam-lhe um pouco, apesar de os cravos das mãos serem pregados muito acima das cabeças; dos calcanhares e das mãos caíam-lhes grossas gotas de sangue, muito espaçadamente, como dos ramos de uma árvore caem frutos maduros; e Cartago, o golfo, as montanhas e as planícies, tudo lhes parecia mover-se em contínua rotação. Por vezes envolviam-nos em seus turbilhões as nuvens de poeira que se erguiam do solo. A sede que

os devorava era insuportável, a língua voltava-se-lhes na boca, sentiam correr-lhes por todo o corpo em suor glacial e esperançavam a todos os momentos ser abandonados pelas almas.

Contudo, entreviam, numa profundidade infinita, muitas ruas, soldados marchando e o contínuo cintilar de espadas. O tumulto da batalha chegavam-lhes vagamente aos ouvidos, como o ruído das ondas chega aos dos náufragos, agonizando agarrados aos mastros de um navio. Os italiotas, mais robustos que os outros, gritavam ainda; os lacedemónios permaneciam silenciosos e com os olhos fechados; Zarxas, outrora vigoroso, pendia como um caniço quebrado; o etíope, que estava ao lado dele, tinha a cabeça inclinada para trás e sobre os braços em cruz; Autharite, imóvel, volteava as pupilas de um para o outro lado, e a sua grande cabeleira, presa numa fenda do madeiro, conservava-se-lhe perpendicular à frente, e os suspiros que soltava pareciam rugidos de cólera: Quanto a Spendius, sobreviera-lhe estranha coragem; desprezava já a vida pela certeza que tinha de uma emancipação quase imediata e eterna, e esperava, impassível, a morte.

Já no meio do seu desfalecimento, estremecia de vez em quando, ao sentir-lhe passar junto da boca certo roçar de penas. Em volta deles baloiçavam vagas sombras, sustidas por grandes asas, o ar sentia-se agitado por surdas grasnadas; e como a cruz de Spendius era a mais alta, foi sobre ela que pousou o primeiro abutre. Então o grego voltou o rosto para Autharite e disse-lhe:

— Lembras-te dos leões, na estrada de Sicca?

— Eram nossos irmãos! —olveu o gaulês, expirando.

O sufeta, durante este tempo, abria brechas na trincheira e chegara à cidadela. Com uma rajada de vento, dissiparam-se os turbilhões de fumo, descobrindo o horizonte até aos muros de Cartago. Amílcar julgou até distinguir muita gente sobre a plataforma de Eschmoun. Depois, olhando à roda de si, avistou à esquerda, à beira do lago, trinta cruces de tamanho desmedido.

Com efeito, os bárbaros, para torná-las mais medonhas, tinham-nas construído com os mastros das tendas, amarrados uns aos outros. Os trinta cadáveres dos Anciãos estavam, pois, crucificados, numa altura imensa.

De longe, viam-se-lhe nos peitos como que umas borboletas brancas; eram as barbas das flechas que, de baixo, tinham disparado contra eles.

No topo da mais agigantada das cruces brilhava uma larga fita de ouro, que pendia sobre o ombro da vítima, de um dos lados em que lhe faltava um braço.

Amílcar a custo reconheceu Hannon. Como os seus ossos esponjosos não tinham força para resistir aos cravos, haviam-se-lhe separado do corpo várias porções dos membros. Na cruz só restavam informes despojos, que faziam lembrar os fragmentos de animais pendurados às portas dos caçadores.

O sufeta não tinha podido saber coisa alguma: a cidade, situada na sua frente, mascarava tudo o que se passava do lado oposto; e os capitães, enviados sucessivamente aos dois generais, não tinham voltado. Nisto, começaram a chegar fugitivos, que deram notícia da derrota; o exército púnico parou. Esta catástrofe, caindo de improviso no meio da sua vitória, encheu-os de espanto, a tal ponto que já não atendiam as ordens de Amílcar.

Matho aproveitava o tempo para continuar a sua devastação nos númidas.

Depois de destruir o acampamento de Hannon, voltava sobre eles. Então, saíram os elefantes; mas os mercenários, com brandões arrancados das trincheiras, avançaram pela planície agitando as chamas, e os enormes animais, assustados, correram a precipitar-se no golfo, onde os que não se afogaram sob o peso das suas armaduras se mataram uns aos outros, debatendo-se com as águas. Narr'Havas tinha já mandado sair a sua cavalaria. Mas os bárbaros deitaram-se todos de bruços, e quando os cavalos só distavam deles três passos, precipitaram-se-lhes sob os ventres, que logo rasgavam com compridos punhais.

Quando Barca chegou, já tinham morrido metade dos númidas.

Os mercenários, exaustos, não podiam fazer frente às suas tropas. E retiraram-se em boa ordem até à montanha das Águas Quentes.

O sufeta teve a prudência de não os seguir, mas dirigiu-se imediatamente para a embocadura do Macar.

Tunes pertencia-lhe, mas não era mais do que um montão de ruínas fumegantes. O entulho dos desmoronamentos saía pelas aberturas das muralhas e espalhava-se pela campina. Ao fundo, corriam nas águas do golfo os cadáveres dos elefantes, esbarrando uns nos outros como um arquipélago de rochedos negros, flutuando caprichosamente.

Narr'Havas, para sustentar aquela guerra, tinha despovoado de elefantes as suas florestas, lançando mão tanto dos novos como dos velhos, dos machos como das fêmeas. E por isso a força militar do seu reino não tornou a restaurar-se. O povo de Cartago, que, de longe, os vira perecer, ficou desolado; e os homens lamentavam-se pelas ruas, chamando-os pelos seus nomes, como se fossem amigos defuntos: “O Invencível! A Vitória! O Fulminante! A Andorinha!”

No primeiro dia, até falaram mais dos elefantes que dos cidadãos que tinham perecido. No dia seguinte, a população de Cartago viu aparecerem as tendas dos mercenários na montanha das Águas Quentes. Então, o desespero foi tão profundo que muita gente, sobretudo as mulheres, precipitou-se de cabeça para baixo, das alturas da Acrópole.

No exército todos ignoravam os desígnios de Amílcar. O sufeta vivia isolado na sua tenda, não tendo junto de si senão um rapazinho, e nunca ninguém comia na sua companhia, nem mesmo Narr'Havas. Contudo, ostentava para com ele as mais extraordinárias atenções, desde a derrota de Hannon; mas o rei dos númidas tinha demasiado interesse em vir a ser seu filho, para que não desconfiasse de tal procedimento.

Esta inércia ocultava manobras muito hábeis. Amílcar seduziu todos os chefes das aldeias, com toda a espécie de artificios; e os mercenários foram expulsos, repelidos, perseguidos como animais ferozes.

Apenas entravam num bosque, começavam as árvores a arder em torno deles. Quando bebiam nas fontes, achavam as águas envenenadas, quando se recolhiam nas cabanas para dormir, achavam-nas muradas ao despertar. As populações que os tinham até ali defendido e que eram suas antigas cúmplices passaram a persegui-los ferozmente; mas os bárbaros distinguiam sempre, entre aqueles bandos hostis, armaduras cartaginesas.

Muitos dos mercenários tinham nos rostos grandes impingens vermelhas, que, segundo eles pensavam, haviam adquirido com o contacto de Hannon; outros supunham que era o resultado de terem comido os peixes de Salambo, e, longe de se arrependerem, imaginavam os sacrilégios mais abomináveis, para que a humilhação dos deuses púnicos fosse ainda maior. O seu maior desejo era exterminá-los.

Deste modo, arrastaram-se durante três meses ao longo da costa oriental; depois, por detrás da montanha de Selloum, até às primeiras areias do deserto, em busca de um ponto que lhe servisse de refúgio, qualquer que fosse. Só Utica e Hippo-Zaryte os não tinham atraído; mas as duas cidades estavam rodeadas pelas tropas de Amílcar. Por fim, seguiram para o Norte, ao acaso, sem ao menos conhecerem os caminhos. A força de miséria, o cérebro começava a perturbar-se-lhes.

Já não tinham senão o sentimento de uma desesperação, que se desenvolvia cada vez mais. Num dia, tomaram a achar-se nas gargantas de Cobas: mais uma vez em frente de Cartago!

Então multiplicaram-se os conflitos. A fortuna manteve-se no começo igual. Mas tanto uns como outros estavam de tal modo excitados que desejavam, em vez daquelas escaramuças, uma batalha geral, contanto que fosse a última.

Matho sentia desejo de ir pessoalmente propô-la ao sufeta. Um dos seus líbios ofereceu-se para emissário. Todos, ao vê-lo partir, tinham a convicção de que não o veriam voltar.

Contra a expectativa geral, voltou naquela mesma noite.

Amílcar aceitava o seu desafio. Encontrar-se-iam no dia seguinte, ao nascer do Sol, na planície de Rhades.

Os mercenários quiseram saber se o sufeta não dissera nada mais e o líbio acrescentou:

— Como eu continuasse a demorar-me diante dele, perguntou-me o que esperava. Eu respondi: “Que me matem!” Então,

Amílcar replicou: “Não! Vai-te! Amanhã morrerás juntamente com os outros!”

Esta generosidade espantou os bárbaros. Alguns sentiram-se até aterrorizados. Matho lamentou que o parlamentar não houvesse sido morto.

Restavam-lhe ainda três mil africanos, mil e duzentos gregos, mil e quinhentos campânios, duzentos iberos, quatrocentos etruscos, quinhentos samnitas, quarenta gauleses e um bando de nafures, bandidos nómadas, encontrados na região das

tâmaras: ao todo, sete mil duzentos e dezanove soldados, mas nem uma só sintagma completa. Tinham tapado os buracos das couraças com omoplatas de quadrúpedes e substituído os coturnos de bronze por sandálias rotas. Os vestuários haviam-se-lhe tornado muito pesados pelas chapas de cobre que os cobriam; as suas cotas de malha pendiam em torno deles todas despedaçadas e, por entre os cabelos que lhe cobriam os braços e nos rostos distinguiram-se-lhes, como fios de púrpura, enormes gilvazes. Mas a cólera dos seus companheiros mortos preenchia-lhes as almas e redobrava-lhes o vigor. Sentiam confusamente que serviam um deus que guardava o coração dos oprimidos e julgaram ser uma espécie de pontífices da vingança universal! Depois, não só os exasperava a dor causada por uma injustiça exorbitante, como, sobretudo, a vista de Cartago no horizonte.

Por fim, juraram todos combater uns pelos outros, até morrerem. A seguir mataram as bestas de carga e comeram o que puderam, a fim de adquirirem forças; logo após, deitaram-se a dormir. Alguns oraram voltados para diferentes constelações.

Os cartagineses chegaram à planície antes deles.

Untaram os escudos com gordura para que as flechas resvalassem neles muito facilmente. Os peões, que tinham os cabelos compridos, cortaram os que lhes caíam sobre a fronte, por prudência; e Amílcar, logo à quinta hora, mandou despejar todas as gamelas, por saber quanto era desvantajoso combater com o estômago demasiadamente cheio. O seu exército estava forte, com catorze mil homens: o dobro do exército bárbaro.

Contudo, nunca Amílcar experimentara tão grande inquietação. Se sucumbisse, era o aniquilamento da República e pereceria crucificado. Ao contrário, se triunfasse, alcançaria a Itália pelos Pirenéus, pelas Gálias e pelos Alpes, e o império dos Barcas tomar-se-ia etemo.

Durante a noite ergueu-se mais de vinte vezes, para vigiar pessoalmente até os mais insignificantes pormenores. Quanto aos cartagineses, estavam furiosos pelas suas prolongadas fadigas.

Narr'Havas duvidava da fidelidade dos seus númidas. Além disso, era possível que os bárbaros vencessem. O seu espírito fora invadido por estranha fadiga; de instante a instante bebia grandes golos de água.

Mas um homem que ele não conhecia abriu inesperadamente a sua tenda e depôs no chão uma coroa de sal-gema, ornada de desenhos hieráticos, feitos com enxofre e bocadinhos de nacrite. Sucedia por vezes um noivo receber assim a sua coroa de casamento. Era uma prova de amor, uma espécie de convite.

Todavia, a filha de Amílcar não amava Narr'Havas.

A recordação de Matho constrangia-a de um modo intolerável. Parecia-lhe que a sua morte faria com que deixasse de pensar nele, como a mordedura da víbora se cura esmagando outra sobre a ferida.

O rei dos númidas estava na sua dependência; esperava impaciente o momento das núpcias e, como elas não deviam efetuar-se senão depois da vitória, Salambo fizera-lhe aquele presente, com o fim de excitar-lhe a coragem.

Desde aquele momento desapareceu o abatimento de Narr'Havas, que não pensou mais senão na ventura de possuir uma mulher tão bela.

Matho fora assaltado pela mesma visão, mas logo a repeliu; e o amor que ele recalrava no fundo do coração espalhou-se pelos seus companheiros de armas. Queria-lhes como a porções da sua própria pessoa, do seu ódio. Sentia o espírito mais elevado e o braço mais robusto; e viu claramente diante dos olhos tudo o que tinha a executar. Se alguma vez soltava um suspiro, era porque se lembrava de Spendius.

Chegado o momento, formou os bárbaros em seis linhas iguais. No centro colocou os etruscos, todos presos uns aos outros por uma corrente de bronze; os atiradores cobriam a retaguarda e nos flancos colocou os náfures, montados em camelos de pelo curto, cobertos de penas de avestruz.

O sufeta dispôs os cartagineses de igual modo. Separados da infantaria, perto dos velitas e além dos númidas, colocou os clinabaras. Quando nasceu o dia, estavam assim alinhados na frente uns dos outros. Todos, de longe, se contemplavam, com os olhares ferozes. No primeiro momento, houve em ambos os lados certa hesitação. Depois, os dois exércitos começaram a mover-se.

Os bárbaros avançavam vagarosamente, para se não fatigar e assentando fortemente os pés.

O centro do exército púnico apresentava uma curva convexa. Depois, ouviu-se um embate terrível, semelhante ao ranger de duas frotas abalroando uma com a outra. A primeira linha dos bárbaros tinha-se entreaberto rapidamente, e os atiradores que estavam na retaguarda arremessaram sobre o inimigo uma chuva de flechas, de dardos e de balas de barro.

Entretanto, a curva dos cartagineses foi diminuindo a sua convexidade, chegou ao estado de linha reta e passou a formar uma curva reentrante. Então, aproximaram-se paralelamente as duas secções dos velitas, à maneira das pontas de um compasso, fechando-se. Os bárbaros, encarniçados contra a falange, entravam já na grande curva e perdiam-se. Matho deteve-os, e, ao passo que as alas cartaginesas continuavam a avançar, mandou abrir aos lados as três fileiras da sua linha. Dentro em pouco, ultrapassaram-lhes os flancos, apresentando-se o seu exército com triplicada extensão. Mas os bárbaros, colocados nos dois extremos da linha, eram os mais fracos; os da esquerda, sobretudo, que tinham as aljavas despejadas. Foi sobre estes que os velitas carregaram, causando-lhes extraordinário dano.

Matho retirou-os para a retaguarda.

A sua direita era composta de campânios armados de machados. Ele impeliu-os, sem demora, contra a esquerda cartaginesa. O centro atacava também o inimigo; e os do flanco esquerdo, fora de perigo, mantinham os velitas a respeitosa distância.

Então, Amílcar dividiu os seus cavaleiros em esquadrões, colocou entre eles hoplitas e mandou-os avançar sobre os mercenários.

Aquelas massas, em forma de cone, apresentavam uma frente de cavalos e os lados eriçados de lanças.

Era impossível aos bárbaros a resistência; só os peões gregos possuíam armaduras de bronze; todos os outros não tinham senão cutelos no extremo de paus, foices roçadeiras, achadas nas herdades que haviam devastado, e espadas fabricadas com o primeiro bocado de ferro que tinham obtido e que se dobravam a cada golpe que davam. E os cartagineses, enquanto eles as endireitavam com a ajuda dos calcanhares, feriam-nos por todos os lados, muito a seu cómodo.

Os etruscos, presos pela corrente, não se moviam; os que eram mortos não podiam cair, tornando-se assim outros tantos obstáculos; e a espessa linha de bronze dilatava-se e contraía-se alternadamente, flexível como uma muralha. Era por detrás dela que os bárbaros iam respirar por um minuto, para voltarem logo depois á refrega.

Muitos já não tinham armas e deitavam-se aos cartagineses mordendo-os como cães. Os gauleses, por orgulho, despiram os saíotes, deixando completamente nus os alvos e agigantados corpos; para espantar o inimigo, tornavam maior as feridas que recebiam. No meio das sintagmas púnicas ninguém ouvia a voz do pregoeiro, anunciando as ordens. Eram os estandartes, erguidos acima da poeira, que repetiam os sinais, sendo cada um arrebatado pela oscilação da grande massa que o rodeava.

Amílcar mandou avançar os númidas, mas logo os nafures lhes saíram ao encontro.

Cobertos com amplos mantos pretos, com um martinete de cavalo no alto da cabeça e abrigados por escudos de couro de rinoceronte, manejavam um ferro sem cabo, preso a uma corda; e os camelos em que iam montados, cobertos todos de penas, soltavam sem cessar uma espécie de prolongados e roucos cacarejos. As lâminas de ferro, arremessadas a um ponto determinado, eram de novo puxadas rapidamente por meio da corda a que estavam presas, levando de cada vez o fragmento de um membro. Os camelos galopavam, furiosos, através das sintagmas. Alguns, com as pernas quebradas, avançavam aos saltinhos, como avestruzes feridas.

A infantaria púnica deu nova e terrível carga sobre os bárbaros, causando-lhes incríveis prejuízos. As suas manipulas manobravam, distanciadas umas das outras.

As armas dos cartagineses, muito brilhantes, pareciam cobri-los de estrelas de ouro; os seus movimentos eram rápidos, a agitação extrema; e os raios do Sol, caindo perpendiculares sobre eles, faziam-lhes cintilar as espadas de um modo deslumbrante.

Contudo, havia estendidas no campo fileiras completas de clinabaros.

Os mercenários despojaram-nos das amaduras, revestiam-se com elas e voltavam ao combate. Os cartagineses, iludidos

pela sua aparência, achavam-se no meio deles, que então os derrubavam desapiedadamente.

Surpreendidos deste modo, ficavam num estado estúpido, que parecia privá-los do movimento, ao passo que os bárbaros atroavam o ar com triunfantes clamores.

Amílcar sentia-se chegado ao auge da desesperação, vendo o modo por que o génio de Matho e a coragem dos mercenários lhe inutilizavam todos os esforços.

De repente, começaram a ouvir, ao longe, um grande ruído de tambores e instrumentos idênticos.

Era uma multidão de velhos, de doentes, de crianças e até de mulheres, que, não podendo resistir à aflição que os oprimia, tinham partido de Cartago, levando consigo, para se sentirem protegidos sob alguma coisa formidável, o único elefante que existia nos pátios de Amílcar e que era também o único que a República então possuía, aquele a quem os bárbaros tinham decepado a tromba.

Pareceu então aos cartagineses que a Pátria, abandonando as suas muralhas, lhes ia ordenar que morressem por ela. O seu furor redobrou e os númidas arrastaram após si todos os outros.

Os bárbaros, no meio da planície, haviam-se encostado a um montículo. Não tinham a menor probabilidade de vencer, nem ainda de sobreviver; mas eram os melhores, os mais intrépidos e corajosos.

A gente que tinha vindo de Cartago arremessava ao inimigo, por cima dos númidas, espetos, martelos e muito outros objetos. Aqueles que os cônsules haviam temido pereciam com as pancadas de toros de madeira arremessados por mulheres: era a plebe púnica quem exterminava os mercenários.

Os que restavam tinham-se postado no alto da colina. O seu círculo fechava-se novamente, depois de cada nova brecha. Por duas vezes desceram mas foram repelidos

Os cartagineses, todos em confusão, estendiam os braços, alongavam os chuços por entre os companheiros que tinham na frente e procuravam, ao acaso, algum inimigo a quem ferir. A cada passo, escorregavam no sangue; o declive do terreno era muito rápido; os cadáveres rolavam até à planície. O elefante, diligenciando trepar pela íngreme rampa, sentia-se embaraçado pelos mortos, que lhe chegavam quase até ao ventre. Dir-se-ia que sentia prazer em pisá-los. De vez em quando, erguia o coto que lhe restava na tromba, muito largo na extremidade e que de longe parecia uma enorme sanguessuga.

De repente, todos pararam.

Os cartagineses, rangendo os dentes, contemplavam o topo da colina, onde os bárbaros, reduzidos a um punhado, se mantinham ameaçadores ainda.

Então arrojaram-se subitamente contra eles e a refrega recomeçou. Por vezes, os mercenários, gritando que queriam render-se, deixavam-nos aproximar-se e, depois, derrubavam-nos de um só golpe, acompanhados de medonhas risadas. A medida que uns caíam, os outros faziam deles degraus para continuarem a avançar. Era uma espécie de pirâmide, que se ia elevando a pouco e pouco.

Já não restavam senão cinquenta bárbaros. Depois vinte, dez, três e finalmente dois: um samnita armado com um machado e Matho, que tinha ainda a sua espada.

O samnita, firme nos seus músculos de aço, brandia o machado, ora para a direita, ora para a esquerda, advertindo ao mesmo tempo Matho dos golpes que lhe atiravam.

Matho perdera os espaldares, o capacete e a couraça. Estava completamente nu — mais pálido que os mortos, com os cabelos hirtos e os cantos da boca cheios de espuma. A sua espada girava tão rapidamente que, por momentos, não se via. Uma pedra, arremessada com grande força, partiu-lhe o cabo. O samnita estava já morto, e a onda dos cartagineses subiu a ponto de quase o alcançar.

Então, Matho ergueu para o céu as duas mãos vazias, fechou os olhos e, abrindo os braços, como se do alto de um promontório se lançasse ao mar, precipitou-se sobre as pontas dos chuços.

As armas afastaram-se todas. Ele correu repetidas vezes para os cartagineses, mas eles recuavam sempre, diligenciando não o ferir.

Matho tropeçou numa escada e quis lançar-lhe a mão, mas sentiu-se laçado pelos joelhos e caiu.

Fora Narr'Havas, que lhe seguira os passos, munido de um laço, com que o prendeu na ocasião em que o viu abaixar-se para pegar na espada.

Depois, amarraram-no sobre o elefante, com os quatro membros em cruz; e, escolado por todos os que não estavam feridos, foi conduzido para Cartago, no meio de grande tumulto.

A notícia da vitória — coisa inexplicável — era ali sabida desde a terceira hora da noite; a clepsidra Khamon tinha vazado a quinta, quando os vencedores chegaram a Malqua. Então Matho tornou a abrir os olhos. Eram tantas as luzes nas casas que a cidade parecia estar toda em chamas.

Deitado de costas, olhava as estrelas; vagos clamores lhe chegavam aos ouvidos. Depois sentiu fecharem uma porta e achou-se imerso em trevas.

No dia seguinte, à mesma hora, expirava o último dos homens que tinham deixado no desfiladeiro do Machado.

No dia em que os seus companheiros tinham partido, havia recebido alguns alimentos de uma tribo de zuaeces que passou junto deles, indo a caminho da sua terra.

Os bárbaros esperavam a todos os instantes ver aparecer Matho. Os zuaeces tinham-lhes aberto o caminho, mas eles não queriam abandonar a montanha, por falta de ânimo, pelo enfraquecimento em que se achavam, por essa obstinação com que os enfermos se recusam a mudar de lugar. Por fim, os víveres dados pelos zuaeces acabaram-se. Os cartagineses sabiam que eles eram apenas mil e trezentos e não necessitavam de empregar soldados para acabar com eles.

Durante os três anos que durara a guerra, tinham-se multiplicado os animais ferozes, sobretudo os leões.

Narr'Havas fizera uma grande montaria e, correndo sobre eles depois de ter amarrado cabras, de distância em distância, impelira-os para o desfiladeiro do Machado. De sorte que, quando ali chegou o homem enviado pelos Anciãos, para saber o que era feito dos bárbaros, todos os leões viviam ali no meio da maior comodidade.

Em toda a extensão da planície se viam deitados leões e cadáveres; e era extraordinária a confusão de corpos, vestidos e armaduras. A quase todos faltava o rosto ou algum braço; alguns pareciam ainda intactos; outros estavam completamente dissecados, e carcomidos crânios enchiam os capacetes. De muitas cnémides saíam pés que já não tinham carne; havia mantos cobrindo esqueletos, e ossadas limpas pelo Sol, que produziam manchas luzentes no meio da areia.

Os leões repousavam tranquilamente, com o peito sobre o solo, o focinho pousado sobre as mãos estendidas e piscando os olhos, por efeito do esplendor da luz, exagerada ainda pela reverberação das rochas alvacentas. Outros, assentados, olhavam fixamente para diante de si; ou então, por assim dizer, perdidos em suas vastas jubas, dormiam, tomados quase bolas; mas apresentando todos o aspeto da saciedade, do cansaço e do aborrecimento. Conservavam-se imóveis como a montanha e os mortos.

A noite aproximava-se. No céu, a Ocidente, já não havia senão algumas ténues faixas avermelhadas.

De um dos montões informes, que formavam como que irregulares corcovos na planície, ergueu-se o que era mais vago que um espectro.

Então, um dos leões deu alguns passos, projetando na esbranquiçada montanha a negra sombra das monstruosas formas, aproximou-se do homem e derrubou-o com o simples movimento de uma pata. Depois, deitando-se-lhe em cima, abriu-lhe vagorosamente as entranhas com as aguçadas garras. Em seguida escancarou a medonha goela e soltou um prolongado rugido, que os ecos da montanha repetiram e que se perdeu, por fim, nas profundezas da solidão.

De repente, desceu das alturas um bando de abutres. Ao mesmo tempo, foi o silêncio interrompido pelo ruído de muitos passos precipitados; e do lado da grade, da banda da garganta traiçoeira, apareceram alguns focinhos pontiagudos, com as orelhas hirtas e as pupilas brilhando de um modo sinistro.

Eram os chacais, que corriam apressados para devorarem os restos.

Então, o cartaginês, que do alto do precipício observava esta cena, resolveu-se a partir, para ir dar conta do que vira.

Cartago nadava em alegria profunda, universal, frenética; as ruínas das muralhas tinham sido reparadas, as estátuas dos deuses, pintadas de novo; as ruas, juncadas de flores; o incenso ardia em todas as encruzilhadas, e a multidão, acumulada sobre os terraços, apresentava a mais extraordinária perspectiva, com as variadas cores do vestuário.

O contínuo murmúrio das vozes era dominado pelos gritos dos aguadeiros, que andavam regando os lajedos; os escravos de Amílcar ofereciam ao povo, em nome do seu senhor, cevada torrada e pedaços de carne crua. Todos se abraçavam, todos derramavam lágrimas de contentamento. As cidades tírias estavam submetidas, os nómadas dispersos, todos os bárbaros aniquilados. A Acrópole desaparecia sobre os velários de resplandecentes cores; os esporões dos trirremes, alinhados em frente do molhe, brilhavam como um dique de diamantes; por toda a parte se achava restabelecida a ordem, tudo denotava o começo de uma nova existência, a felicidade desenhava-se em todos os rostos. Era o dia do casamento de Salambo com o rei dos nómadas.

No terraço de Khamon, vergavam com o peso de agigantados vasos de ouro e de toda a espécie de ornatos de incalculável valor três extensas bancadas, onde iam sucessivamente tomar assento os sacerdotes, os Anciãos e os ricos.

Superior a estas, havia uma quarta bancada, para Amílcar, Narr'Havas e Salambo; porque o povo, salvo por ela, pela restituição do “zaimph”, fazia das suas núpcias uma festa nacional, e, reunido na vasta praça, aguardava impaciente que ela aparecesse no elevado trono que lhe havia erguido.

Mas a sua impaciência irritava-se ainda com um outro desejo, mais áspero ainda: fora-lhe prometida, para abrilhantar a cerimónia, a morte de Matho.

Tinha havido propostas para que fosse esfolado vivo, para que lhe lançassem nas entranhas chumbo derretido e para que o deixassem morrer de fome; deveria ser amarrado a uma árvore, tendo atrás de si um macaco, que incessantemente lhe batesse com uma pedra na cabeça. Ofendera Tanit, que seria assim vingada pelos seus cinocéfalos. Outros eram de opinião que o passassem amarrado sobre um dromedário, levando em muitas partes do corpo torcidas de linho embebidas em azeite e acesas; e compraziam-se antecipadamente com a ideia de verem o animal divagando pelas ruas, conduzindo o bárbaro, que se estorcia sobre os muitos lumes, como um candelabro agitado pelo vento.

Mas quais deveriam ser os cidadãos encarregados de executar o suplício?

O que se desejava era um género de morte para o qual a cidade contribuisse; e que todas as mãos, todas as armas, todas as coisas cartaginesas, as pedras das ruas e as águas do golfo, pudessem despedaçá-lo, esmagá-lo, aniquilá-lo. Assim, pois, decidiram os Anciãos que o bárbaro sairia da sua prisão para a praça de Khamon, sem a menor escolta e com as mãos atrás das costas, sendo proibido feri-lo no coração, para que vivesse mais tempo, tirar-lhe os olhos, para que tivesse vista até ao fim da sua tortura, arremessar contra ele qualquer objeto ou rasgá-lo mais que três dedos num só golpe.

Conquanto ele não devesse aparecer senão no fim do dia, a multidão julgava, por vezes, apercebê-lo; e então precipitava-se para a Acrópole e deixava as ruas desertas, para logo depois refluir para elas, no meio de grande murmúrio. Havia muita gente que, desde a véspera, se conservava em pé no mesmo lugar, para não o perder. Muitos mostravam as unhas, que tinham deixado crescer, para poderem cravá-las nas carnes da vítima; outros passeavam muito agitados de um lado para o outro. Alguns apresentavam-se tão pálidos como se estivessem esperando a sua própria execução.

De repente, do lado das Mapales, começaram a aparecer, superiores a todas as cabeças, enormes leques de penas. Era Salambo que saía do seu palácio.

Todos os peitos soltaram um suspiro de alívio.

O cortejo, caminhando muito vagarosamente, gastou muito tempo para chegar à bancada.

Na frente iam os sacerdotes dos Pateques, depois os de Eschmoun, os de Melkarth e, sucessivamente, todos os outros colégios, com as mesmas insígnias e pela mesma ordem observada pela ocasião do sacrifício.

Os pontífices de Moloch passaram cabisbaixos, e a multidão, por uma espécie de remorso, afastava-se deles. Mas os sacerdotes de Rabetna caminhavam arrogantes, empunhando as liras; as sacerdotisas seguiam-nos, com os seus vestidos transparentes, amarelos ou pretos, soltando gritos de aves e estorcendo-se como víboras; ou então, ao som das flautas, volteavam com movimentos de valsa, para imitarem a dança das estrelas, espalhando em torno os voluptuosos aromas de que tinham impregnadas as vestes.

Entre estas mulheres, eram especialmente aplaudidos os kedeschim, com as pálpebras pintadas, simbolizando o hermafroditismo da divindade, perfumados, vestidos como elas e assemelhando-se-lhes, apesar dos peitos chatos e de pouca saliência dos quadris.

Naquele dia era o princípio fêmea que dominava e confundia tudo. O ar estava saturado de uma lascívia mística; na espessura dos bosques estavam já acessos muitos fachos. Durante a noite devia haver ali extraordinária prostituição; tinham chegado três navios carregados de cortesãs da Sicília, além das que tinham vindo do deserto.

Os colégios, à proporção que chegavam, iam tomando lugar no pátio do templo, nas galerias exteriores e nas duplas escadarias que subiam a muralha e que, partindo de ambos os lados do templo, se juntavam no topo. Entre as colunatas, viam-se fileiras de túnicas brancas. Toda a arquitetura se povoava de estátuas humanas, tão imóveis como pedra.

Depois, vieram os chefes das finanças, os governadores das províncias e todos os ricos.

De repente, levantou-se da praça prolongado murmúrio. As ruas circunvizinhas despejavam, sem cessar, torrentes de povo, que os hierodulos repeliam à paulada. E rodeada pelos Anciãos, todos com as suas tiaras de ouro, recostada numa liteira coberta com um dossel de púrpura, apareceu Salambo.

Então, a turba soltou imenso grito. Os saltérios e os crótalos soaram com mais força; os tambores atroaram os ouvidos e o dossel de púrpura foi, pouco a pouco, desaparecendo entre os dois pilones.

Pouco depois, tornou a aparecer no primeiro patim.

Salambo apeara-se da liteira, mas continuava a caminhar sob o dossel, muito vagarosamente. Depois atravessou o terraço para ir assentar-se no fundo, numa espécie de trono, feito de uma casca de tartaruga. Depois de estar assentada, chegaram-lhe para debaixo dos pés um escabelo de marfim, com três degraus; na beira do primeiro, ajoelharam duas crianças negras, em cujas cabeças ela apoiava, de vez em quando, os braços carregados de anéis demasiadamente pesados.

Desde os tornozelos até aos quadris, estava envolvida numa rede de malhas muito pequenas, imitando as escamas de um peixe, e que luziam como nácar; o corpo era-lhe cingido por uma faixa azul, na qual, por duas aberturas em forma de crescente, se lhe viam os seios, de cujas pontas pendiam grandes pingentes de carbúnculos. Na cabeça tinha um tocado de penas de pavão, quase cobertas de pedrarias; dos ombros pendia-lhe até ao chão, onde formava comprida cauda, um manto alvo como a neve; e, com os cotovelos unidos ao corpo, os joelhos juntos e os antebraços cobertos de braceletes de diamantes, permanecia direita e imóvel, numa atitude hierática.

Em dois assentos mais baixos estavam seu pai e seu esposo; Narr'Havas, vestido com uma simarra loura, tinha na cabeça a sua coroa de sal-gema, da qual saíam duas tranças de cabelos, torcidas e imitando os chavelhos de Ámon; e Amílcar, com uma túnica roxa, ornada com parras de ouro, conservava ao lado uma espada de batalha.

No recinto fechado pelas bancadas, estava deitado no chão, num charco de óleo, o Pitão do templo de Eschmoun, mordendo a cauda e descrevendo assim um grande círculo negro.

No centro do recinto, elevava-se uma coluna de cobre, sustentando um grande ovo de cristal, o qual, por efeito do Sol, despedia para todos os lados fulgurantes raios.

Por detrás de Salambo colocaram-se os sacerdotes de Tanit, com túnicas de linho; à sua direita, formavam os Anciãos, com suas tiaras, um círculo de ouro, e, do outro lado, os ricos, com os seus cetros de esmeralda, uma extensa linha verde; ao passo que ao fundo, onde se achavam os sacerdotes de Moloch, dir-se-ia haver uma muralha de púrpura. Os outros colégios ocupavam os terraços inferiores.

As ruas estavam atulhadas pela multidão, que se estendia até ao alto da Acrópole.

Salambo, tendo assim o povo a seus pés, acima da cabeça somente o firmamento, em tomo de si a imensidade do mar, o golfo, as montanhas e as perspectivas das províncias, confundia-se resplandecente com Tanit e parecia ser o próprio gênio de Cartago, a sua alma personalizada.

O festim devia durar toda a noite e sobre os tapetes de lã pintada, que rodeavam as mesas, muito baixas, estava distribuída grande confusão de lampadários, simulando árvores. Na frente das grandes fileiras de pratos, orlados de pérolas, viam-se grandes vasos de eletro, ânforas de vidro azul, colares de tartaruga e grande número de pãezinhos redondos. De grandes cestos de marfim, parecendo tirso, pendiam formosos cachos de uvas; em amplos tabuleiros de ébano ostentavam-se grandes blocos de neve e, em elevadas penhas de prata, de caprichosos feitios, amontoavam-se indistintamente os limões, as romãs, as abóboras e as melancias; os javalis, de goela aberta, pareciam espojar-se no pó das especiarias; as lebres, com suas peles, pareciam saltar entre as flores; as enormes peças de diferentes carnes mal cabiam nas grandes conchas em que haviam sido colocadas; no centro de cada mesa, erguiam-se grandes peças de confeitaria com formas simbólicas; e, finalmente, era extraordinária a quantidade de vasos, dos quais voavam inúmeras pombas, apenas lhes levantavam as tampas.

Entretanto, os escravos, com as túnicas arregaçadas, circulavam por entre as mesas, nas pontas dos pés. De vez em quando, ouvia-se um hino tocado nas liras ou um coro de vozes. O rumor do povo, contínuo como o ruído do mar, fluuava vagamente em tomo do festim, parecendo embalá-lo com uma harmonia ilimitada.

Muitos homens do povo recordavam-se do banquete dos mercenários e abandonavam-se a sonhos de prazer. A este tempo já o Sol começava a baixar, e na parte oposta do céu aparecia já o crescente da Lua.

De súbito, Salambo voltou a cabeça, como se alguém a tivesse chamado; e o povo, que não afastava dela a vista, seguiu-lhe a direção dos olhos. No alto da Acrópole acabava de ser aberta a porta do cárcere talhado na rocha; e no limiar do escuro buraco aparecera, de pé, um homem.

Para sair do cárcere dobrou-se quase ao meio, apresentando o ar espantado dos animais bravios, que se acham repentinamente fora da jaula.

Deslumbrado pela claridade, ficou alguns instantes imóvel. Todos o tinham reconhecido, todos continham a respiração, contemplando-o.

O corpo daquela vítima era para os cartagineses uma coisa muito especial e revestida com um esplendor quase religioso.

Todos se punham nos bicos dos pés, para vê-lo melhor, sobretudo as mulheres.

Estas ansiavam por contemplar aquele que ocasionara a morte de seus filhos e de seus esposos; e, a seu pesar, surgia-lhe do fundo da alma uma infame curiosidade, o desejo de o conhecer completamente, vontade esta a que se aliava o remorso e que se transformava em acréscimo de execração.

Apenas o homem deu alguns passos, desvaneceu-se o entorpecimento produzido pela surpresa. Foi tal a quantidade de braços que se levantaram para ele, que não mais se viu.

A escada da Acrópole tinha sessenta degraus.

Matho descera-os como se fora arrastado por uma torrente, do alto de uma montanha. Por três vezes, todos o viram dando enormes saltos, até, que, por fim, caiu em baixo sobre os calcanhares.

Dos ombros escorria-lhe sangue, o peito arquejava-lhe violentamente; e ele empregava tais esforços para despedaçar as cordas que o ligavam, que os braços, cruzados sobre os quadris nus, inchavam prodigiosamente, parecendo troços de uma serpente.

Do sítio em que ele se achava, partiam diferentes ruas. Em cada uma delas, estendia-se paralelamente uma tríplice corrente de bronze, presa nos pedestais dos deuses Pateques, que guardavam os extremos das ruas. A multidão estava amontoada entre estas correntes e as casas, e pelo centro da rua giravam os servos dos Anciãos, armados de grandes azorragues.

Um deles fustigou o paciente com uma forte chicotada; Matho continuou a caminhar.

O povo estendia os braços por cima das correntes, gritando que tinham deixado o caminho demasiadamente largo; de sorte que Matho, ao passo que avançava, ia sendo apalpado, picado, arranhado por todas aquelas mãos. Quando chegava ao extremo de uma rua, tinha logo de entrar noutra de igual aspeto. Muitas vezes investia para morder; todos recuavam rapidamente; as correntes não o deixavam avançar, e depois era muito perseguido pela apupada e risadas da turba.

Uma criança rasgou-lhe uma orelha; uma rapariga, escondendo na manga a ponta de um fuso, cravou-lho na face; uns arrancavam-lhe punhados de cabelos e pedaços de carne; outros, com esponjas embebidas em imundices e atadas em paus, esfregavam-lhe o rosto. Do lado direito do pescoço saiu-lhe de repente um jorro de sangue, e então começou o delírio.

Aquele último bárbaro representava aos olhos dos cartagineses todos os bárbaros, todo o exército. Vingavam-se nele dos desastres, dos terrores, dos opróbrios por que tinham passado.

O ódio do povo, quanto mais se cevava, mais se desenvolvia; as correntes que o continham ameaçaram quebrar-se. Os mais furiosos não sentiam as chicotadas que os escravos dos Anciãos descarregavam sobre eles, para que se acomodassem; muitos trepavam às saliências das casas; todas as aberturas das paredes estavam tapadas com cabeças, e o mal que não podiam fazer enunciavam-no com medonhos gritos.

Eram injúrias atrozias, imundas, excitações irónicas e imprecações; e como não se satisfaziam com o sofrimento presente da vítima, anunciavam-lhe outros mais terríveis, ainda por toda a eternidade.

Aquele vasto latido enchia Cartago, com estúpida continuidade.

Muitas vezes, uma única sílaba, uma entonação rouca, profunda, frenética, era repetida, durante muito tempo, pelo povo inteiro. Estes gritos faziam vibrar o ar desde a base até ao cimo das muralhas, e Matho julgava ver em toda aquela multidão só dois imensos braços, que o levantavam do solo e o afogavam no ar.

Contudo, recordava-se de ter outrora passado por um lance semelhante. Então, havia a mesma multidão sobre os terraços, os mesmos olhares, a mesma cólera. Mas ele caminhava livre, todos se afastavam, protegia-o uma divindade. E esta recordação, tornando-se cada vez mais clara no espírito, produzia-lhe pungente tristeza. Via agitarem-se-lhe diante dos olhos medonhas sombras. O sangue corria-lhe abundantemente por uma ferida que tinha num quadril; sentia-se agonizar. Pouco a pouco, foi-lhe faltando a força das pernas, até que, enfim, caiu vagarosamente no lajedo.

Um furioso dirigiu-se então ao peristilo do templo de Melkarth, pegou num ferro em brasa, e, passando-o por baixo da primeira corrente, aplicou-o sobre a ferida que Matho tinha no quadril. Todos viram fumegar a carne. O desditoso pôs-se em pé, de um salto, mas a apupada do povo sufocou-lhe os gritos de dor.

Deu mais seis passos e tornou a cair, segunda, terceira e quarta vez. E de todas elas era obrigado a levantar-se com um novo suplício. Por meio de compridos tubos, sopravam sobre ele grossas gotas de azeite fervente; lançavam-lhe no caminho vidros quebrados e ele continuava a caminhar. Mas, ao chegar à esquina da rua de Sateb, encostou-se ao mostrador de uma loja e não deu mais um passo.

Então, os escravos do Conselho descarregaram sobre ele tão furiosas chicotadas com os seus azorragues de couro de hipopótamo, e por tanto tempo, que as túnicas se lhes pegavam ao corpo com o suor.

Matho parecia insensível. Depois, inesperadamente, desatou a correr, ao acaso, batendo com os dentes uns nos outros, como uma pessoa transida de frio. Deste modo, percorreu as ruas de Boudes e de Soepo, atravessou a praça onde era o mercado da erva e desembocou, por fim, na praça de Khamon.

Nesse momento, já não pertencia senão aos padres; os escravos tinham acabado de afastar o povo; o espaço ali era maior. Matho olhou à roda de si, ergueu a vista e deparou-se-lhe Salambo.

Logo ao primeiro passo que ele dera, erguera-se do seu trono. Depois, involuntariamente, Salambo avançara, pouco a pouco, até à beira do terraço, e dentro em pouco, apagando-se-lhe no espírito a imagem de todas as coisas exteriores, não viu mais senão Matho.

Na sua alma estabeleceu-se como que um profundo silêncio. Tornara-se-lhe como um desses abismos onde o mundo inteiro desaparece sob a pressão de um único pensamento, de uma recordação ou de um olhar.

Aquele homem, que caminhava para ela, parecia atraí-la.

Matho, salvo os olhos, já não tinha aparência humana. Não era mais do que um objeto informe, completamente vermelho. As cordas que lhe haviam prendido os braços, quebradas já, pendiam-lhe ao longo das pernas; mas custava a distingui-las dos tendões dos pulsos, de todo descarnados; a boca parecia desmedidamente aberta; das órbitas parecia saírem-lhes duas chamas, que dir-se-ia subirem até aos cabelos.

E o miserável continuava a caminhar.

Por fim, chegou à base do terraço.

Salambo estava debruçada do parapeito. Aquelas medonhas pupilas contemplavam-na; e fizeram surgir na sua consciência a recordação de quanto ele sofrera por sua causa.

Conquanto ele estivesse agonizante, parecia tornar a vê-lo na sua tenda, de joelhos, cingindo-a com os braços e balbuciando meigas e ternas palavras. Desejaria tornar a ouvi-las, não queria que ele morresse!

Naquele momento, todo o corpo de Matho se agitou com violência e rápida convulsão: Salambo a custo manteve um grito: o desgraçado caiu redondamente no chão e não mais se moveu.

Salambo, quase desfalecida, foi reconduzida para o seu trono pelos sacerdotes, que logo a rodearam. Todos a felicitavam: era a sua obra.

O povo tripudiava e soltava rugidos de alegria, pronunciando o seu nome.

Nisto correu um homem para o cadáver. Conquanto não tivesse barba, pendia-lhe dos ombros o manto dos sacerdotes de Moloch e da cintura a espécie de faca que lhe servia para retalhar as carnes sagradas e cujo cabo terminava numa espátula de ouro. Com um só golpe abriu o peito de Matho, arrancou-lhe o coração, e Schahabarim — porque era ele —, erguendo o braço, ofereceu-o ao Sol, que já ia desaparecendo nas ondas e cujos últimos raios batiam como flechas naquele sangrento coração.

O astro ia mergulhando nas águas, à proporção que diminuía as pulsações do coração do líbio. A última palpitação, desapareceu de todo.

Então, desde o golfo até à lagoa, do istmo até ao farol, em todos os templos, em todas as casas, em todas as ruas, parecia não se erguer senão um único grito: de vez em quando, interrompia-se; logo depois, recomeçava. Dir-se-ia que os edifícios estremeciam.

Cartago parecia agitar-se nas convulsões de uma alegria titânica, nos espasmos de uma esperança ilimitada.

Narr'Havas, cheio de orgulho, cingiu com o braço esquerdo o corpo de Salambo, em sinal de posse, e, pegando com a mão direita numa pátera de ouro, fez um brinde ao génio de Cartago.

Salambo ergueu-se como seu esposo, empunhando uma taça para corresponder ao brinde. Mas tornou a cair sobre o trono, lívida, inteiriçada, os lábios entreabertos e deixando pender até ao chão os cabelos, que se lhe haviam desprendido.

Assim morreu a filha de Amílcar, por haver tocado no manto de Tanit.